

O Golem
Gustav Meyrink

Sono

O luar recai sobre os pés de minha cama e lá repousa como uma pedra pesada, redonda, lisa. Quando o disco começa a encolher e um de seus lados a afundar – como um rosto que envelhece, primeiro mostrando rugas nas bochechas e emagrecendo apenas de um lado –, então, a essa hora da noite, uma inquietação sombria e torturante se apodera de mim.

Nem dormindo nem em vigília, mas num meio sonho, tudo o que vivi mistura-se em minha alma com tudo o que li e ouvi, como correntezas variadas confluindo em cores e transparências.

Antes de me deitar, li sobre a vida de Buda Gautama, e na minha mente continua a se repetir de mil formas, sem cessar, a seguinte frase:

“Um corvo voou até uma pedra que parecia um grande toucinho e pensou: talvez aqui haja algo de bom para comer. Mas, como não encontrou nada de bom ali, voou para longe. Como o corvo que se aproxima da pedra, nós, os tentadores, abandonamos o asceta Gautama, pois perdemos o prazer que tínhamos em sua companhia.”

E a imagem da pedra que parecia um grande toucinho cresce monstruosamente em meu cérebro:

Estou atravessando o leito seco de um rio, apanhando seixos lisos.

São cinza-azulados, recobertos de poeira brilhante, e não sei o que fazer com eles, apesar de pensar muito nisso – então eles ficam negros com manchas amarelo-enzofre, como estatuazinhas de salamandras gordas e sarapintadas feitas por mãos de crianças.

E quero jogar para longe de mim esses seixos, mas eles sempre caem da minha mão, e não consigo tirá-los da minha vista.

Todas as pedras que já tiveram algum papel na minha vida surgem ao meu redor.

Muitas se esforçam penosamente para sair da terra e alcançar a luz – como grandes caranguejos cor de ardósia quando a maré avança –, como se quisessem fazer o possível para atrair minha atenção, para me dizer coisas de infinita importância.

Outras – exaustas – despençam de volta em seus buracos, desistindo de me transmitir sua mensagem.

Às vezes, começo a emergir da penumbra desses quase sonhos e de novo vislumbro, por um momento, o luar que jaz na barra de meu cobertor amontoado como uma pedra pesada, redonda e lisa, e tato novamente minha consciência oscilante, buscando inquieto aquela pedra que me tortura – a que se oculta em algum lugar nos escombros das minhas lembranças e parece um grande toucinho.

Imagino que, no passado, uma calha de escoamento da chuva devia desembocar ao lado dela, sobre a terra – torta em um ângulo levemente curvado para fora, com as beiradas corroídas pela ferrugem –, e tento me obrigar teimosamente, em espírito, a me apegar a tal imagem para ludibriar minha mente perturbada e embalá-la no sono.

Não consigo.

De novo e de novo, com uma obstinação estúpida, uma voz teimosa se repete no meu íntimo – incansável como uma janela que o vento faz bater a intervalos regulares contra a parede: isso é muito diferente, não é a pedra que parece um toucinho.

É impossível me livrar da voz.

Quando retruco pela centésima vez que tudo isso era totalmente secundário, ela se cala por um breve instante, mas em seguida começa a despertar, sem que eu perceba, e recomeça com sua teimosia: ora, ora, muito bem, mas não é a pedra que parece um pedaço de toucinho...

Aos poucos, uma sensação insuportável de desespero começa a se apoderar de mim.

Não sei o que aconteceu em seguida. Abandonei voluntariamente qualquer resistência ou eles, meus pensamentos, me dominaram e me amordaçaram?

Sei apenas que meu corpo ainda jaz na cama, adormecido, e meus sentidos não estão mais ligados a ele.

De repente, quero perguntar “quem sou eu”, mas me dou conta de que não tenho mais nenhum órgão que me permita fazer perguntas; em seguida, temo que a voz idiota desperte novamente e recomece o interrogatório eterno sobre a pedra e o toucinho.

Então eu me afasto.

Dia

De repente, lá estava eu, em um pátio lúgubre, olhando, através de uma arcada avermelhada – do lado oposto do beco estreito e sujo –, um adeleiro judeu recostado a um arco abobadado, de cujas paredes pendiam pedaços de ferro, ferramentas quebradas, estribos e patins de gelo enferrujados e todo tipo de coisas mortas.

E essa imagem trazia em si a monotonia torturante própria a todas as impressões que ultrapassam o umbral de nossa percepção frequentemente, dia após dia, como caixeiros-viajantes, e não provocou em mim nem curiosidade nem surpresa.

Eu me dei conta de que aquele quadro me era muito familiar.

Essa sensação, apesar do contraste com aquilo que eu havia percebido pouco antes e como eu havia chegado ali, não me causou nenhuma impressão mais profunda.

De repente, me ocorreu que eu devia ter lido alguma vez sobre uma comparação esquisita entre uma pedra e um toucinho: essa ideia surgiu enquanto eu subia os degraus gastos até meus aposentos e me perdi em pensamentos fugidios com a aparência encardida das soleiras de pedra.

Então ouvi passos no andar de cima e, quando cheguei à minha porta, vi que era Rosina, a ruiva de 14 anos do adeleiro Aaron Wassertrum.

Tive de me espremer para passar por ela, e ela, parada de costas para o corrimão, curvou o corpo voluptuosamente.

Havia pousado as mãos sujas sobre o corrimão de ferro – para se segurar –, e eu vi como seu braço nu se destacava na penumbra em sua palidez.

Evitei seu olhar.

Enojava-me aquela risada inoportuna no rosto ceroso de cavalinho de brinquedo.

Tive a impressão de que sua carne branca e esponjosa tinha a textura do axolote que eu vira antes na gaiola da salamandra, na loja do vendedor de pássaros.

Os cílios dos ruivos me causam repugnância como os cílios de um coelho.

Abri minha porta e a bati rapidamente atrás de mim.

Da minha janela eu podia ver o adeleiro Aaron Wassertrum parado diante de sua loja.

Encostado no batente daquele lugar escuro, com um alicate cutucava as unhas das mãos, com gestos enviesados. A ruiva Rosina era sua filha ou sua sobrinha? Ela não se parecia com ele. Entre os rostos judeus que diariamente vejo surgir no Beco do Galo, consigo diferenciar claramente as diversas tribos, que pouco se deixam macular pelos laços estreitos de parentesco entre eles, como o óleo não se mistura com a água. Se é impossível dizer que aqueles são irmãos ou pai e filho, dá para determinar quem pertence a tal tribo e quem, àquela outra; e isso é tudo que se pode ler nas feições do rosto.

Portanto, ainda que Rosina se parecesse com o adeleiro, isso nada provaria.

Essas tribos alimentam umas pelas outras um nojo e uma repugnância que rompem até mesmo as barreiras do estreito laço sanguíneo, mas sabem escondê-los do mundo exterior, como quem protege um segredo perigoso.

Nenhuma deixa transparecer, e nesse acordo tácito se assemelham a cegos cheios de ódio que se agarram a uma corda impregnada de imundícies: um se agarra com as duas mãos, outro a contragosto, outro ainda apenas com um dedo, mas todos tomados pelo pavor supersticioso de que podem despencar no abismo assim que abrirem mão do apoio em comum e se separarem dos demais.

Rosina é daquela tribo cujo tipo ruivo torna ainda mais repulsivo que os outros. Os homens têm peito estreito e pescoço comprido e galináceo, com o pomo de adão saliente. Tudo neles é coberto de sardas, e durante toda a vida sofrem tormentos fogosos e lutam secretamente contra seus desejos, uma batalha ininterrupta e vã, aterrorizados por um medo sempiterno e repugnante por sua saúde.

Eu não via muito claramente como eu podia considerar uma ligação de parentesco entre Rosina e o adeleiro Wassertrum. Eu nunca a via perto do velho, nem notei se alguma vez haviam trocado alguma palavra.

Mas ela andava sempre em nosso pátio ou se esgueirava nos cantos e corredores escuros de nosso prédio.

O que é certo é que todos os meus vizinhos a consideravam uma parente próxima ou ao menos uma protegida do adeleiro, e ainda assim estou convencido de que ninguém poderia apresentar uma prova para tais suposições.

Querendo afastar meus pensamentos de Rosina, me pus a observar o Beco do Galo através da janela aberta de meu quarto.

Como se sentisse meu olhar, Aaron Wassertrum de repente virou o rosto para mim – um rosto rígido e horrendo, com olhos redondos de peixe e a boca deformada pelo lábio leporino entreaberto.

Ele me fez pensar em uma aranha humana que percebe o mais ínfimo movimento de sua teia, por mais indiferente que finja parecer. E de que ele vive? O que ele pensa e quais são seus propósitos? Eu não sabia.

Nas paredes de sua loja pendiam, invariáveis, dia após dia, ano após ano, as mesmas coisas mortas e sem valor.

Eu poderia desenhá-las de olhos fechados: aqui, o trompete de latão branco, amassado e sem pistões; ali, a pintura em papel amarelado, com soldados em um agrupamento estranho. Em seguida, uma guirlanda de esporas de cavaleiro enferrujadas, enfiada em uma faixa de couro mofada, e mais um punhado de quinquilharias emboloradas.

E à frente, no chão, empilhadas de tal modo que ninguém conseguia cruzar a soleira da entrada, chapas de fogão redondas de ferro.

Todas essas coisas permaneciam ali, sem que sua quantidade aumentasse ou diminuísse, e, quando um transeunte de vez em quando se detinha e perguntava pelo preço de uma coisa ou outra, o adeleiro era tomado por uma agitação frenética.

De um jeito pavoroso, esgarçava o lábio leporino e, irritado, resmungava qualquer coisa incompreensível em um tom grave tão gorgolejante e gago que o comprador perdia a vontade de perguntar e tomava seu rumo, aterrorizado.

Rápido como um lampejo, o olhar de Aaron Wassertrum desviara-se do meu e agora pousava com interesse tenso em uma parede desnuda do prédio vizinho, que dava para minha janela. O que ele podia estar vendo ali?

A construção ficava de costas para o Beco do Galo, e todas as suas janelas davam para o pátio! Todas, menos uma.

Nesse momento, me pareceu que havia gente entrando nos cômodos que ficavam na mesma altura que os meus no prédio ao lado – acho que pertencem a um ateliê minúsculo –, pois através da parede pude ouvir uma voz masculina e uma feminina conversando.

No entanto, era impossível que o adeleiro lá embaixo tivesse ouvido!

Alguém se moveu diante da minha porta, e adivinhei Rosina, sempre lá fora, na escuridão, esperando ansiosa que eu talvez a convidasse para entrar.

E, meio andar abaixo, Loisa, aquele duende com rosto imberbe marcado de varíola, na escadaria e contendo a respiração, espreita se a porta se abrirá, e eu sinto, como se fosse palpável, o sopro de seu ódio e a espuma da inveja subindo até mim.

Loisa teme se aproximar e ser percebido por Rosina. Sabe que depende dela como um lobo faminto de seu cuidador e ainda assim preferiria dar o bote e, sem pensar, soltar as rédeas de sua fúria!

Sentei-me à escrivaninha e busquei minhas pinças e meu buril, mas não consegui terminar nada – minha mão não estava tranquila o bastante para restaurar as finas gravuras japonesas.

A atmosfera tenebrosa e sombria que rodeia este prédio perturba meu ânimo, e as antigas imagens não cessam de surgir dentro de mim.

Loisa e seu irmão gêmeo, Jaromir, não são mais que um ano mais velhos que Rosina.

Quase já não consigo me lembrar do pai deles, um padeiro que assava hóstias, e agora acho que quem cuida deles é uma velha. Só que não sei dizer qual delas, entre as muitas que moram escondidas no prédio, como sapos em suas tocas.

Ela cuida dos dois rapazes; quer dizer, ela os abriga, e em troca eles precisam entregar a ela o que eventualmente conseguem roubando ou mendigando.

Se ela também lhes dá algo de comer? Não acho provável, pois a velha só vem para casa tarde da noite.

Seu trabalho é lavar cadáveres.

Quando ainda eram crianças, eu via Loisa, Jaromir e Rosina brincando inocentemente no pátio.

Mas esse tempo já passou há muito.

Agora, Loisa passa o dia inteiro atrás da garota judia ruiva.

Às vezes, ele a procura por muito tempo e em vão, e, quando não consegue encontrá-la em lugar nenhum, esgueira-se até a minha porta e espera com rosto transfigurado até que ela chegue na ponta dos pés.

Então, enquanto trabalho, eu o imagino lá fora, à espreita no corredor estreito, a cabeça inclinada para a frente, ouvindo, estendendo o pescoço macilento.

Às vezes, um ruído louco rompe de repente o silêncio.

Jaromir, que é surdo-mudo, e cuja existência se resume a desejar Rosina contínua e loucamente, erra como um animal ao redor do prédio, e seu rosnado inarticulado, como um uivo que ele

emite, inconscientemente, de ciúme e raiva, soa tão aterrador que o sangue de quem o ouve parece gelar nas veias.

Ele busca os dois, sempre supõe que estão juntos – escondidos em algum dos milhares recônditos imundos –, em fúria cega, sempre fustigado por pensamentos de que precisa estar nos calcanhares do irmão para que nada aconteça com Rosina sem que ele saiba.

E exatamente essa tortura incessante do aleijado, creio eu, é o estímulo que incita Rosina a sempre estar envolvida com o outro. Quando a boa vontade ou disposição da garota enfraquece, Loisa sempre pensa em alguma atrocidade especial para atizar novamente a ânsia de Rosina.

Então os dois fingem que são flagrados ou realmente se deixam flagrar pelo surdo-mudo e atraem o louco insidiosamente atrás deles pelas passagens escuras, onde montam armadilhas maldosas feitas com aros de barris enferrujados que voam nas alturas quando se pisa neles e rastelos de ferro – com os dentes virados para cima –, nos quais ele há de pisar e cair sangrando.

De vez em quando, Rosina articula sozinha uma ideia diabólica para dar máxima intensidade a seus suplícios.

De modo brusco, ela muda de atitude para com Jaromir e finge que, de uma hora para outra, passou a gostar dele. Com expressão sempre sorridente, ela logo compartilha com o aleijado coisas que o põem em uma excitação quase louca, e, para tanto, criou uma língua de sinais secreta de aparência misteriosa, que pode ser apenas parcialmente compreendida e envolve o surdo-mudo de forma indefensável em uma rede indelével de incerteza e esperanças intensas.

Um dia eu o vi no pátio diante dela, e ela falava com ele usando movimentos labiais e gestos tão violentos que pensei que ele sucumbiria a qualquer momento a uma crise nervosa.

O suor corria pelo rosto do rapaz pelo esforço sobre-humano de desvendar o sentido da mensagem deliberadamente tão apressada

e tão ininteligível.

E, durante o dia seguinte inteiro, ele ficou, em espera febril, nas escadarias escuras de uma casa em ruínas, que ficava na continuação do estreito e sujo Beco do Galo – até que perdeu a hora de mendigar algumas moedas nas esquinas.

E quando, tarde da noite, ele quis voltar para casa, meio morto de fome e excitação, a velha já trancara a porta havia muito tempo.

*

Uma risada alegre de mulher atravessou as paredes do ateliê contíguo e chegou até mim.

Uma risada? Nessas casas, uma risada alegre? Em todo o gueto, não vive ninguém capaz de rir alegremente. Lembrei então que Zwakh, o velho marionetista, havia me confidenciado uns dias antes que um rapaz distinto havia alugado o ateliê dele por um bom valor – seguramente para poder encontrar-se com a escolhida de seu coração sem ser observado.

Pouco a pouco os móveis luxuosos do novo inquilino subiam secretamente, à noite, para que ninguém no prédio os notasse.

O bom velho esfregava as mãos de contentamento enquanto me contava e se alegrava de um jeito infantil pelo modo astuto como conseguira tudo aquilo: nenhum dos vizinhos fazia ideia da existência daquele par romântico.

Era possível chegar ao ateliê discretamente por três apartamentos diferentes. Havia até um acesso por meio de um alçapão!

Sim, abrindo a porta de ferro que ficava no assoalho do quarto – e lá de cima era muito fácil fazê-lo –, era possível chegar às escadas do nosso prédio, passando pela minha porta e usando-a como saída...

Novamente ressoa a risada alegre e faz emergir em mim a vaga lembrança de um apartamento luxuoso e de uma família nobre, que

sempre me convocava para realizar pequenas melhorias em valiosas antiguidades.

De repente, ouço ao lado um grito agudo. Assustado, espreito.

O alçapão de ferro range com força e, no momento seguinte, uma dama irrompe em meu quarto, com os cabelos desgrenhados, pálida como uma parede, um tecido brocado dourado jogado sobre os ombros nus.

– Mestre Pernath, pelo amor de Deus, esconda-me! Não faça perguntas, esconda-me aqui!

Antes que eu pudesse perguntar, minha porta foi escancarada de novo e outra vez fechada com estrépito.

Por um segundo, o rosto do adeleiro Aaron Wassertrum, como uma máscara pavorosa, sorriu para nós.

*

Uma mancha redonda e clara aparece diante de mim, e à luz do luar reconheço novamente os pés de minha cama.

O sono ainda me oprime como um pesado casaco de lã, e o nome Pernath está gravado em letras douradas na minha memória.

Onde eu li aquele nome? Athanasius Pernath?

Acho, acho que há muito, muito tempo, em algum lugar, troquei meu chapéu pelo de outra pessoa e, à época, me surpreendi, pois ele me servia à perfeição, mesmo tendo eu um formato de cabeça extremamente peculiar.

E olhei para dentro do chapéu desconhecido – sim, sim –, lá estava em letras douradas bordadas no forro branco:

ATHANASIVS PERNATH

Eu tive muito medo daquele chapéu, sem saber por quê.

Então a voz que eu havia esquecido e sempre me pergunta onde está a pedra que se parece com toucinho de repente vem até mim como uma flecha.

Rapidamente imagino o perfil anguloso e de doçura sorridente da ruiva Rosina, e dessa forma consigo desviar a flecha, que imediatamente se perde na escuridão.

Sim, o rosto de Rosina! É ainda mais forte que aquela voz estúpida que nunca para de falar; e assim, contanto que eu esteja novamente escondido em meus aposentos no Beco do Galo, posso ficar completamente tranquilo.

I

Se meus sentidos não me enganam, alguém está subindo a escada atrás de mim, a certa distância, sempre constante, com a intenção de me visitar; então, neste momento, ele deve estar mais ou menos no último lance da escada. Agora ele faz a curva onde fica o apartamento do arquivista Schemajah Hillel e segue pelas lajotas de pedra gastas do corredor até chegar ao andar superior, revestido de ladrilhos vermelhos.

Segue tateando pela parede e agora, exatamente agora, precisa ler meu nome na placa da porta, na penumbra, soletrando-o com esforço.

E eu me pus em pé, no meio do cômodo, e olhei para a entrada. A porta abriu-se e ele entrou.

Não deu mais que alguns passos na minha direção, não tirou o chapéu, nem disse nenhuma palavra de cortesia.

Tive a impressão de que ele se comportava como se estivesse na própria casa, e considerei totalmente natural que ele agisse dessa forma e não de outra. Levou a mão ao bolso e tirou dali um livro.

Em seguida, folheou-o demoradamente.

A sobrecapa do livro era de metal, com gravações em forma de rosetas e selos em baixo-relevo, preenchidos com esmalte colorido e pedrinhas.

Por fim, encontrou a passagem que buscava e me mostrou o livro.

Decifrei o título do capítulo: “Ibbur: A fecundação das almas”.

A grande capitular “I”, em vermelho e dourado, que involuntariamente percorri com os olhos, tomava quase a metade da página e tinha sua margem deteriorada.

Eu deveria restaurá-la.

A inicial não estava colada no pergaminho, como eu costumava ver em livros antigos, mas parecia ser composta de duas folhas finas de ouro soldadas no meio e presas com as pontas ao redor das margens do pergaminho.

Então o pergaminho tinha sido cortado no lugar da letra?

Se esse fosse o caso, o “I” deveria aparecer invertido na página seguinte. Virei a página e confirmei minha suposição.

Involuntariamente também li essa página e a seguinte.

E continuei lendo, lendo.

O livro falava comigo, como o sonho fala, apenas mais claro e com muito mais nitidez. E aquilo tocou meu coração como uma pergunta.

Palavras fluíam de uma boca invisível, criavam vida e chegavam até mim. Giravam e rodopiavam sobre si mesmas à minha frente como escravas em roupas coloridas, então mergulhavam no chão ou desapareciam como vapor reluzente no ar e abriam espaço para as seguintes. Cada uma esperava um momento até que eu as escolhesse e renunciasse a olhar as vindouras.

Muitas delas passavam pavoneando-se em vestes suntuosas, a passos lentos e medidos. Muitas, como rainhas, ainda que velhas e exaustas, de pálpebras pintadas – com lábios de meretriz e as rugas cobertas por uma horrenda maquiagem.

Correu os olhos pelas que passavam e pelas seguintes, e meu olhar deslizava pelas longas fileiras de figuras cinzentas com rostos tão comuns e inexpressivos que parecia impossível firmá-los na memória.

Em seguida, passaram carregando uma mulher absolutamente nua e gigantesca como um colosso de bronze.

Por um segundo, a mulher se deteve na minha frente, inclinándose numa grande reverência.

Seus cílios eram tão longos quanto meu corpo inteiro, e ela apontou, sem dizer uma palavra, para seu pulso esquerdo.

Ele pulsava como um terremoto, e eu senti que dentro dela estava a vida de um mundo inteiro.

De longe, vinha a toda velocidade um cortejo de coribantes.

Um homem e uma mulher abraçavam-se. Eu os vi se aproximando de longe, e o cortejo se acercava cada vez mais, em grande alarde.

Nesse momento, ouvi o canto reverberante dos extáticos bem perto de mim, e meus olhos buscaram o casal abraçado, mas ele havia se transformado em uma única figura, metade masculina, metade feminina – hermafrodita –, que se sentara em um trono de madrepérola.

E a coroa do hermafrodita era arrematada por uma placa de madeira vermelha, na qual o verme da destruição havia roído misteriosas runas.

Em meio a uma nuvem de poeira, um rebanho de pequenas ovelhas cegas trotou às pressas: animais que a gigantesca figura andrógina levava em seu séquito como alimento para manter viva sua horda de coribantes.

Às vezes, entre as figuras que saíam em torrentes da boca invisível, algumas saíam de túmulos – com véus cobrindo o rosto.

E paravam diante de mim, deixavam cair os véus e encaravam meu coração com olhos predadores e tamanha fome que um pavor gélido correu até meu cérebro e fez meu sangue parar como um riacho impedido por blocos de pedra que repentinamente caíssem do céu no meio de seu leito.

Uma mulher passou diante de mim, leve como uma nuvem. Não vi seu rosto, ela se virou de costas, e seu manto era feito de lágrimas que corriam.

Procissões de máscaras passaram dançando, rindo, e não se preocuparam comigo.

Somente um pierrô se vira, lançando-me um olhar pensativo, e recua. Planta-se diante de mim e me olha nos olhos, como se eu fosse um espelho.

Ele faz caretas tão estranhas, ergue e move os braços, ora hesitante, ora veloz como um raio, que se apodera de mim um desejo fantasmagórico de imitá-lo, piscar os olhos como ele, erguer os ombros e retorcer os cantos da boca.

Então as outras figuras o empurram com impaciência para o lado, pois todas querem passar diante de meus olhos.

Mas nenhum dos seres tem consistência.

São pérolas enfileiradas que deslizam em um fio de seda, notas separadas de uma melodia que saem da boca invisível.

Não era mais um livro que falava comigo. Era uma voz. Uma voz que queria me dizer algo que eu não compreendia, por mais que eu me esforçasse. Que me torturava com perguntas candentes e incompreensíveis.

No entanto, a voz que pronunciava essas palavras visíveis era morta e não tinha ressonância.

Todo ruído que soa no mundo do presente tem muitos ecos, como qualquer coisa tem uma sombra grande e muitas sombras pequenas, mas aquela voz não tinha mais ecos – havia muito, muito tempo que tinham sido levados pelo vento e desvanecido.

E li o livro até o fim e ainda o mantinha nas mãos quando percebi que era como se eu folheasse meu cérebro, e não um livro!

Tudo o que a voz me dissera eu carreguei dentro de mim durante a minha vida toda, só estava escondido, esquecido e mantido oculto em meu pensamento até aquele dia.

*

Ergui os olhos.

Onde estava o homem que havia me trazido o livro?

Partira?!

Virá buscá-lo quando estiver pronto?

Ou devo levá-lo até ele?

Mas era impossível me lembrar de ele ter dito onde morava.

Quis recordar sua aparência, mas sem sucesso.

Como ele estava vestido? Era velho, era jovem? E qual a cor de seus cabelos e de sua barba?

Nada, eu não conseguia me lembrar de absolutamente nada. Todas as imagens que eu evocava dele se diluíam antes mesmo de eu conseguir juntá-las na mente.

Fechei os olhos e apertei a mão sobre as pálpebras para evocar uma parte, mesmo que mínima, de sua aparência.

Nada, nada.

Fui até o centro do quarto e olhei para a porta, como eu fizera antes de ele entrar, e imaginei: agora ele faz a curva, em seguida passa pelo chão de ladrilhos, lê lá fora a placa da minha porta com o nome "Athanasius Pernath" e entra. Em vão.

Não me veio à tona nem o mínimo traço de uma lembrança de como ele era.

Olhei o livro que jazia sobre a mesa e desejei, na mente, ver a mão que o tirou do bolso e o entregou a mim.

Não consegui sequer lembrar se a mão estava enluvada ou nua, se era jovem ou enrugada, se estava adornada com anéis ou não.

Então me ocorreu uma ideia estranha. Como uma intuição à qual eu não ousaria resistir. Vesti meu casaco, pus meu chapéu, saí pelo corredor e descí as escadas. Depois, comecei a voltar lentamente para o meu quarto.

Devagar, bem devagar, como ele quando chegou ali. E, quando abri a porta, vi que meu aposento estava em completa penumbra. Ainda não era dia claro quando saí?

Quanto tempo eu devia ter ruminado aquelas ideias a ponto de não ter percebido o quanto era tarde! Tentei imitar o desconhecido

no caminhar e na expressão, e ainda assim não consegui me lembrar de nada.

A propósito, como seria possível para mim imitá-lo se não tinha mais nenhum parâmetro para saber qual aspecto ele tinha.

As coisas aconteceram de outra forma. De uma forma bem diferente do que eu pensara.

Minha pele, meus músculos, meu corpo, lembraram-se de repente, sem revelar nada ao cérebro. Eles fizeram movimentos que eu não desejava nem pretendia. Como se meus membros não me pertencessem mais!

Ao dar alguns passos dentro do quarto, me dei conta, de um segundo a outro, de que meu caminhar ficou pesado e hesitante, estranho.

Eu disse a mim mesmo que era o caminhar de uma pessoa que está o tempo todo a ponto de cair para a frente.

Sim, sim, sim, era desse modo que ele andava!

Eu soube de forma muito clara: ele é assim.

Eu carregava um rosto estranho, imberbe, com maçãs do rosto protuberantes, e observava através de olhos oblíquos.

Eu sentia isso e não conseguia me enxergar.

Horrorizado, eu quis gritar que aquele não era meu rosto, quis tocá-lo, mas minha mão não obedecia à minha vontade, e se enfiou no bolso e tirou um livro.

Exatamente como ele fizera.

Então eu me sento de novo, sem chapéu, sem casaco, à mesa, e sou eu. Eu, eu.

Athanasius Pernath.

O horror e a consternação abalaram-me, meu coração palpitou quase a ponto de estourar, e eu senti: dedos fantasmagóricos, que pouco tempo antes tateavam em meu cérebro, se afastaram de mim. Ainda sentia por trás da cabeça os rastros frios de seu toque.

Naquele momento, eu soube como o estranho era, e eu poderia senti-lo de novo dentro de mim – a qualquer momento –, se

quisesse; mas imaginar sua imagem, *olhá-lo* diante de mim, olho no olho, eu ainda não conseguia nem conseguiria.

Reconheci que é como um negativo, uma forma oca, invisível, cujas linhas não consigo divisar – dentro da qual preciso me esgueirar se quiser ter consciência, no meu Eu, de sua forma e de sua expressão...

Na gaveta de minha mesa havia uma caixinha de ferro; quis trancar o livro nela e tirá-lo dali e proceder para o reparo do “I” da inicial desgastada quando o estado de debilidade mental se afastasse de mim.

E peguei o livro da mesa.

E tive a impressão de que não tinha nada nas mãos. Peguei a caixa: a mesma sensação de ausência. Como se o tato precisasse percorrer um caminho longo, muito longo, de profunda escuridão antes de desembocar em minha consciência, como se as coisas estivessem anos e mais anos distantes de mim e pertencessem a um passado que já havia se distanciado muito antes!

*

A voz que me rodeia na escuridão, buscando-me para me torturar com a pedra que parece toucinho, passou por mim e não me viu. E sei que ela se origina do Reino do Sono. Mas a experiência que eu vivi, aquilo era a vida real – sinto que por isso ela não conseguiu me ver e me procura em vão.

Praga

Ao meu lado estava o estudante Charousek, com a gola do sobretudo fino e surrado erguida, e eu ouvia como seus dentes tiritavam.

Pensei comigo mesmo que ele podia acabar morrendo naquele gelo, em plena corrente de ar, e convidei-o para vir comigo até meu apartamento.

Mas ele recusou.

– Agradeço, mestre Pernath – murmurou ele, trêmulo –, infelizmente não me resta muito tempo; preciso chegar o mais rápido possível à cidade. Além disso, ficaríamos encharcados se saíssemos agora para a rua... mesmo com poucos passos! O temporal não parece estar enfraquecendo!

O aguaceiro varria os telhados e corria pela fachada das casas como uma torrente de lágrimas.

Se eu estendesse um pouco o pescoço, podia ver lá adiante, no quarto andar, minha janela lavada pela chuva, e seus vidros pareciam derreter – opacos e grumosos, como visco de peixe.

Uma enxurrada de lama amarela corria rua abaixo, e o portal se encheu de transeuntes que queriam esperar o temporal passar.

– Lá vai flutuando um buquê de noiva – disse Charousek de repente, e apontou um ramallete ressequido de murta levado pela água imunda.

Alguém atrás de nós soltou uma gargalhada.

Quando me virei, vi que tinha sido um senhor de cabelos brancos, vestido garbosamente e com o rosto inchado como o de um sapo.

Charousek também olhou para trás por um momento e murmurou algo consigo mesmo.

O velho dava uma impressão desagradável; deixei-o de lado para observar as casas de cor feiosa que, debaixo de chuva, se apoiavam uma na outra, como velhos animais rabugentos. Como todas pareciam sinistras e abandonadas!

Construídas sem muito critério, tinham um ar de erva daninha que brota do chão.

Escoravam-se em uma mureta de pedra amarela, único vestígio ainda em pé de uma antiga construção de dois, três séculos antes, sem se dar conta do entorno. Lá adiante, uma casa de fachada irregular, recuada; ao lado, se estendia outra, proeminente como um canino.

Sob o céu turvo, pareciam adormecidas, e nada se sentia da vida insidiosa e hostil que às vezes irradiava delas, quando a névoa do fim da tarde outonal pairava sobre as ruas e ajudava a ocultar a mudança leve, quase imperceptível, de sua fisionomia.

Durante toda a geração em que vivo aqui, nunca me abandonou a firme impressão de que, a certas horas da madrugada e do início da aurora, elas se reúnem em grande agitação para um conclave silencioso, secreto. E às vezes um leve tremor inexplicável passa por suas paredes, ruídos correm por seus telhados e despencam pelas calhas de chuva – e nós, desatentos, os percebemos apenas com os sentidos entorpecidos, sem ir atrás de suas causas.

Com frequência eu sonhava que espreitava essas construções em seus avanços fantasmagóricos e me dava conta, com um estupor angustiante, de que eram as reais e secretas senhoras da rua, capazes de manifestar sua vida e seus sentimentos, disfarçando-os em seguida – emprestando-os durante o dia aos moradores que aqui residiam para voltar a exigí-los na noite seguinte com juro de usurário.

E se faço desfilar na minha mente os seres estranhos que nelas vivem como espectros, como entes – não nascidos de uma mãe –,

que, em pensamento e ações, parecem formados por peças aleatórias, fico ainda mais inclinado a acreditar que esses sonhos escondem em si verdades obscuras, que, em vigília, continuam a rebrilhar em minha alma como impressões de fábulas coloridas.

É então que ressurge furtivamente em mim a lenda do Golem, aquele ser artificial que, há muito tempo, aqui no gueto, um rabino conhecedor da cabala moldou com barro, trazendo-o à vida como ser maquinal, sem pensamento, graças a uma palavra mágica que ele murmurava entre dentes.

E, do mesmo modo que o Golem voltava a ser uma figura de barro no instante em que a sílaba secreta da vida era tirada de sua boca, me parece que todos esses *seres humanos* poderiam despencar sem vida no exato momento em que se apagasse de seu cérebro qualquer conceito mínimo, uma aspiração secundária, talvez um costume sem propósito para eles, o que para outro seria apenas uma espera vaga por algo totalmente indeterminado, desprovido de consistência.

Que vigilância terrível e sempiterna a dessas criaturas!

Nunca se veem essas pessoas trabalhando e ainda assim acordam cedo, à primeira luz da manhã, espreitando com a respiração presa, como se aguardassem uma vítima que, no entanto, nunca chega.

E às vezes tem-se realmente a impressão de que, se alguém entrar em seus domínios, alguém indefeso que poderia lhes dar uma fortuna, essa pessoa é de repente tomada por um medo paralisante, encolhe-se em suas tocas e abandona, trêmula, qualquer plano.

Ninguém parece tão fraco a ponto de lhes dar coragem para dominá-lo.

– Animais de rapina degenerados e desdentados, dos quais foram tiradas a força e as armas – disse Charousek, hesitante, e olhou para mim.

Como ele pôde adivinhar em que eu estava pensando?

Sinto que às vezes os pensamentos são atirados com tanta força que conseguem passar para o cérebro de alguém que esteja ao lado, como faíscas saltitantes.

– De que devem viver? – perguntei depois de um tempo.

– Viver? De quê? Mas muitos entre eles são milionários!

Encarei Charousek. O que ele queria dizer?

O estudante, porém, ficou em silêncio, com os olhos fixos nas nuvens.

Por um momento, o murmúrio das vozes no portal cessou, e dava para ouvir apenas o tamborilar da chuva.

O que ele quis dizer com aquilo: “Muitos entre eles são milionários”?

De novo foi como se Charousek tivesse adivinhado meus pensamentos.

Ele apontou para a venda do adeleiro ao nosso lado, onde a água corrente lavava a ferrugem das ferragens, criando poças marrom-avermelhadas.

– Aaron Wassertrum, por exemplo! É milionário... Quase um terço do Bairro Judeu é de propriedade dele. Não sabia disso, mestre Pernath?!

Fiquei realmente sem fôlego.

– Aaron Wassertrum! O adeleiro Aaron Wassertrum é milionário?!

– Ah, eu o conheço muito bem – continuou Charousek, obstinado, com uma surda irritação, como se estivesse apenas esperando que eu perguntasse. – Conheci também seu filho, o dr. Wassory. O senhor nunca ouviu falar dele? Do dr. Wassory, o famoso oftalmologista? Um ano atrás, a cidade toda ainda falava dele... do grande estudioso. Ninguém sabia à época que ele trocara seu sobrenome e que antes se chamava Wassertrum... Gostava de se passar por homem cosmopolita da ciência e, quando sua origem virou notícia, respondia com meias-palavras, humildemente e com afetação que seu pai vinha do gueto, que ele se alçara com muito esforço, desde essa infância paupérrima, com tribulações de toda

sorte e preocupações indizíveis. Sim! Com tribulações e preocupações! No entanto, sob *quais* tribulações e preocupações indizíveis e com quais recursos, isso ele não comentou! Mas eu sei que relação há com o gueto!

Charousek agarrou meu braço, sacudindo-o violentamente.

– Mestre Pernath, eu sou tão pobre que mal consigo compreender tal pobreza; preciso andar seminu como um vagabundo, veja só o senhor, e sou estudante de medicina... sou uma pessoa culta!

Ele abriu seu sobretudo com um gesto brusco e, para meu espanto, vi que estava sem camisa nem colete por baixo e vestia o sobretudo sobre a pele nua.

– E eu, pobre desse jeito, fui quem provocou a queda daquele monstro, desse poderoso e bem-afamado dr. Wassory... e ainda hoje ninguém imagina que eu, eu fui o verdadeiro causador de sua derrocada. Na cidade, dizem que teria sido um certo dr. Savioli que lançou luz às suas práticas e o levou ao suicídio. Eu digo ao senhor que o dr. Savioli foi apenas minha ferramenta! Eu tramei o plano e reuni o material, apresentei as provas e, em silêncio, sem que ninguém percebesse, sacudi pedra por pedra do edifício do dr. Wassory até chegar ao ponto em que nenhum dinheiro na terra, nenhuma tramoia do gueto pudesse mais impedir o colapso – colapso que precisou apenas de um empurrão imperceptível. Saiba que foi como... como jogar xadrez. Exatamente como jogar xadrez. E ninguém sabe que fui eu! Acho que de vez em quando o adeleiro Aaron Wassertrum não consegue dormir pela terrível suspeita de que alguém que ele não sabe quem é, sempre próximo dele e que ele não consegue agarrar, outro que não o dr. Savioli, deve ter um dedo nessa história.

“Embora Wassertrum seja um daqueles cujos olhos podem ver através das paredes, não compreende que há cérebros que conseguem calcular como perfurar essas paredes com agulhas

longas, invisíveis, venenosas, passar através de silhares, de ouro e de pedras preciosas para atingir a oculta veia da vida.”

E Charousek deu um tapa na testa e riu loucamente.

– Mas logo Aaron Wassertrum saberá, exatamente no dia em que quiser voar no pescoço do dr. Savioli! Justo nesse dia! Também essa partida de xadrez eu calculei até o último lance. Dessa vez, será um gambito do rei. Não há nenhum movimento que ele possa fazer até o fim amargo contra o qual eu não saiba fazer um contra-ataque fatal. Eu lhe digo que aquele que se permitir entrar em tal gambito do rei comigo vai pairar no ar como uma marionete desamparada em fios diáfanos... Em fios que *eu* puxo, ouça-me bem, que *eu* puxo e com os quais a vontade própria acaba.

O estudante falava de um jeito febril, e eu o encarei, assustado.

– O que Wassertrum e seu filho lhe fizeram para o senhor estar tão cheio de ódio?

Charousek retrucou violentamente:

– Deixemos isso para lá... É melhor o senhor perguntar o que quebrou o pescoço do dr. Wassory! Ou o senhor gostaria de falar disso em outro momento? A chuva já parou. O senhor não gostaria de ir para casa?

Ele abaixou a voz como alguém que de repente fica muito calmo. Fiz que não com a cabeça.

– O senhor alguma vez já ouviu falar como se cura um glaucoma hoje em dia? Não? Então devo explicar ao senhor para que entenda tudo corretamente, mestre Pernath! Veja só: o “glaucoma” é uma doença horrível que ocorre dentro do olho e termina com cegueira, e há apenas um meio de impedir o avanço do mal, que é conhecido como iridectomia, ou seja, tirar da íris um pedacinho cuneiforme. A consequência inevitável disso são alucinações horrendas que perduram por toda a vida; no entanto, o processo de cegueira é evitado na maioria dos casos. O diagnóstico do glaucoma, porém, tem algumas peculiaridades. Há momentos, em especial no início da doença, em que os sintomas mais óbvios dela aparentemente

regridem, e, nesses casos, o médico, embora não possa encontrar nenhum traço do mal, não pode nunca dizer com certeza que seu predecessor, que era de outra opinião, necessariamente se enganou.

“Mas, se a iridectomia, que pode ser realizada tanto em um olho saudável como em um doente, tiver ocorrido, não será mais possível verificar se o glaucoma realmente existiu antes da operação ou não. E, com base nessas e em outras circunstâncias, o dr. Wassory tramara um plano horrendo. Incontáveis vezes, especialmente em mulheres, ele constatou o glaucoma onde havia problemas de visão sem gravidade, apenas para chegar a uma operação que não custava esforço e trazia muito dinheiro. Como, no fim das contas, tinha gente totalmente indefesa nas mãos, não precisava sequer de coragem para extorqui-las!

“Veja só, mestre Pernath, como o predador degenerado havia chegado a tais condições de vida nas quais podia lacerar sua vítima sem arma nem força. Sem arriscar nada! O senhor entende?! Sem precisar do mínimo de ousadia! O dr. Wassory, por meio de uma série de publicações indolentes em periódicos especializados, soube criar uma fama de especialista extraordinário e até mesmo enganar colegas ingênuos e decentes demais para investigá-lo. Como consequência, havia uma horda de pacientes que procuravam sua ajuda.

“Se alguém ia consultá-lo com problemas de visão mínimos e se deixava examinar, o dr. Wassory se punha imediatamente ao trabalho com uma diligência insidiosa. Começava, como de costume, ouvindo o paciente, mas de forma ardilosa anotava, para, em todos os casos, se garantir mais tarde, apenas aquelas respostas que permitiam uma indicação de glaucoma. E sondava com cuidado se não havia um diagnóstico prévio. Durante a conversa, ele mencionava de passagem que havia um chamado urgente do exterior para fins de participar de acordos científicos importantes e por isso deveria viajar já na manhã seguinte.

“No exame com feixes de luzes elétricas que ele fazia na sequência, causava o máximo de dor possível ao paciente de propósito. Tudo premeditado! Tudo premeditado! Quando a consulta terminava e, como de costume, o paciente perguntava com ansiedade se havia motivos para temer, Wassory jogava seu primeiro lance no xadrez. Sentava-se diante do paciente, deixava que um minuto passasse e, em seguida, falava com voz comedida e sonora a frase: ‘A cegueira de ambos os olhos já é, em um futuro muito próximo, inevitável!’.

“A cena que se seguia naturalmente era horrenda. Com frequência as pessoas desmaiavam, choravam, gritavam e se lançavam ao chão em desespero enlouquecido. Perder a luz dos olhos significa perder tudo. E quando chegava o momento, também inevitável, em que a pobre vítima agarrava os joelhos do dr. Wassory e suplicava se não havia nada na terra de meu Deus que pudesse ajudá-la, então o monstro executava o segundo lance do xadrez e tomava ele mesmo o papel de Deus!

“Tudo, tudo no mundo é como um jogo de xadrez, mestre Pernath! Operar o mais rápido possível, dizia o dr. Wassory, pensativo, seria a única coisa que talvez pudesse trazer salvação, e com uma vaidade insana, voraz, que de repente o tomava, ele entrava em uma torrente de palavras em descrições verborrágicas desse e daquele caso, que apresentavam todos uma semelhança gigantesca entre si – falava sobre como inúmeros doentes deviam apenas a ele a preservação da visão e tudo o mais. Ele se inebriava totalmente na sensação de ser considerado uma espécie de ser superior em cujas mãos estavam o bem-estar e a dor de seus semelhantes.

“Mas durante esse discurso a vítima indefesa ficava alquebrada diante dele, o coração cheio de perguntas candentes, o suor do medo escorrendo na testa, e não ousava interrompê-lo nenhuma vez por medo de irritar a única pessoa que ainda podia ajudá-la. E o dr. Wassory encerrava seu discurso dizendo que ele, infelizmente,

apenas poderia fazer a cirurgia dentro de alguns meses, quando voltasse de sua viagem. Sendo assim, dizia ele, era preciso apenas aguardar o melhor e esperar que não fosse tarde demais. Claro que, nesse momento, os pacientes se erguiam de um pulo, aterrorizados, dizendo que não esperariam nem mais um dia sob circunstância nenhuma, e suplicavam pela indicação de algum outro oftalmologista na cidade que pudesse ser considerado para ser o cirurgião.

“Aí chegava o momento em que o dr. Wassory dava o golpe final. Com ar profundamente pensativo, caminhava de um lado para outro, franzindo a testa com aflição, e, por fim, sussurrava preocupado que uma intervenção de *outro* médico infelizmente dependia de outro exame com luzes elétricas, e isso poderia – o paciente já sabia como era doloroso –, por causa dos feixes ofuscantes, ser quase fatal. Ou seja, outro médico não poderia realizar exames por um bom tempo, pois os nervos ópticos deviam se recuperar, para empreender uma intervenção cirúrgica, sem mencionar o fato de que muitos deles não tinham experiência necessária na iridectomia.”

Charousek cerrou os punhos.

– No xadrez, chamamos isso de *zugzwang*, querido mestre Pernath! O que seguia, por sua vez, era um *zugzwang*, uma jogada forçada atrás da outra.

“Meio enlouquecido de desespero, o paciente implorava ao dr. Wassory para que ele tivesse misericórdia e postergasse um dia apenas sua viagem, e assumisse ele mesmo a operação. Aquilo era mais que uma questão de vida ou de morte, não há nada pior que o medo torturante de perder a vista de um instante a outro.

“E, quanto mais o abominável indivíduo relutava e gemia que postergar sua viagem poderia lhe trazer danos imprevisíveis, mais alta era a quantia que os pacientes ofereciam voluntariamente.

“Quando a soma finalmente parecia alta o bastante ao dr. Wassory, ele cedia e, já no mesmo dia, antes que qualquer incidente

viesses denunciar sua manobra, causava danos incuráveis aos dois olhos saudáveis do miserável, aquela sensação duradoura da cegueira, que podia transformar a vida em uma tortura eterna, mas tratava de fazer desaparecer de uma vez por todas os rastros de sua patifaria.

“Por meio dessas operações em olhos saudáveis, o dr. Wassory amealhava não apenas sua reputação e fama como médico incomparável, que sempre conseguia interromper a cegueira iminente, mas satisfazia ao mesmo tempo sua avareza desmedida e deliciava sua vaidade, quando as vítimas inocentes e prejudicadas no corpo e no bolso o viam como seu salvador e o elogiavam como milagroso.

“Apenas uma pessoa que tivesse todas as suas raízes no gueto e em seus inúmeros, invisíveis e, por isso mesmo, insuperáveis recursos e desde a infância tivesse aprendido a ficar à espreita como uma aranha, que conhecia todos na cidade e adivinhava e compreendia até o menor detalhe de suas relações e condições pecuniárias, apenas uma pessoa assim, que quase poderia ser chamada de ‘meio-vidente’, podia empreender por anos esse tipo de atrocidade.

“E, se não fosse por mim, até hoje ele estaria em seu ofício, teria operado dessa forma até uma idade avançada, para desfrutar o ocaso da vida, por fim, como um digno patriarca com seus entes queridos ao redor, condecorado com altas honrarias, um exemplo luminoso para gerações futuras até... até que finalmente lhe sobreviesse também a indesejada das gentes.

“Mas eu também cresci no gueto, e meu sangue também está saturado com aquela atmosfera de astúcia infernal, e portanto pude levá-lo à queda – assim como as forças invisíveis levam uma pessoa à queda, como um raio cai do céu límpido.

“O dr. Savioli, um jovem médico alemão, tem o mérito de o ter desmascarado... Fui eu que o incentivei e acumulei prova atrás de

prova até que irrompeu o dia em que a Justiça estendeu a mão para apanhar o dr. Wassory.

“Então o monstro suicidou-se. Bendita seja essa hora!

“Como se meu duplo estivesse em pé ao lado dele e o levasse pela mão, ele tirou a vida com aquele frasco de nitrato de amilênio que intencionalmente, em certa oportunidade, deixei em seu consultório, quando eu mesmo o induzi a me dar um falso diagnóstico de glaucoma – intencionalmente e com o desejo ardente de que pudesse ser aquele nitrato de amilênio que lhe ceifaria a vida.

“Na cidade, correu o boato de que ele tivera um derrame cerebral. De fato, o nitrato de amilênio mata como um derrame. Mas o boato não pôde ser mantido por muito tempo.”

*

De repente, distraído, Charousek fixou o olhar, como se estivesse encarando um problema profundo. Em seguida, deu de ombros, apontando na direção da loja do adeleiro Aaron Wassertrum.

– Agora ele está sozinho – murmurou ele –, completamente sozinho com sua avareza e... e... e com o boneco de cera!

*

Meu o coração palpitava até o pescoço.

Cheio de espanto, olhei para Charousek.

Estaria louco? Provavelmente fantasias febris o fizeram inventar tais coisas.

Decerto, decerto! Ele criou tudo aquilo, é tudo imaginação!

Os horrores que ele contou sobre o oftalmologista não podem ser verdade. Ele está tuberculoso, e as febres da morte rodeiam seu cérebro.

Eu quis tranquilizá-lo com palavras jocosas, desviando seus pensamentos para uma direção mais agradável.

Mas, ainda que eu encontrasse palavras, me veio como um raio a visão do rosto de Wassertrum com o lábio leporino, como ele havia espreitado com seus olhos redondos de peixe para dentro do meu quarto através da porta aberta.

Dr. Savioli! Dr. Savioli! Sim, sim, era esse o nome do jovem que o marionetista Zwakh me confiou aos sussurros ser o elegante inquilino que alugara seu ateliê.

Dr. Savioli! Um grito explodiu dentro de mim. Uma sequência de imagens nebulosas se desdobrou na minha mente, perseguindo-me por pressentimentos temerários que me tomaram de assalto.

Quis perguntar a Charousek, contar-lhe às pressas e cheio de medo tudo o que vivi, quando ele foi tomado por um forte ataque de tosse que quase o derrubou. Pude apenas notar como ele se apoiou com muito custo com as mãos na parede, tateando pela chuva e meneando a cabeça para mim com um cumprimento fugidio.

Sim, sim, ele tem razão, não foi a febre que o fez falar – aquilo era o fantasma do crime, insondável, que se esgueira dia e noite por aquelas ruas e busca se corporificar.

Está no ar e não o vemos. De repente, domina uma alma humana – não fazemos ideia –, lá, ali, e antes que possamos perceber, ele se desincorpora, e tudo já terá passado.

E o que chega até nós são apenas palavras obscuras sobre um acontecimento terrível.

Num só golpe, compreendi em sua essência mais íntima aquelas criaturas misteriosas que viviam ao meu redor: vagam sem vontade pela existência, levadas por uma corrente magnética invisível – do mesmo modo que minutos antes o buquê da noiva passou flutuando no córrego imundo.

Eu tinha a impressão de que as casas me olhavam de cima a baixo, com rostos insidiosos cheios de maldade inominável – as portas: bocarras pretas escancaradas nas quais a língua havia

apodrecido, gargantas que a qualquer momento podiam soltar gritos agudos e cheios de ódio, que nos aterrorizariam até nosso âmago.

Afinal, o que o estudante tinha dito sobre o adeleiro? Sussurro para mim mesmo as palavras: Aaron Wassertrum estaria agora sozinho com sua avareza e... com o boneco de cera.

Ora, o que ele quis dizer com isso?

Devia ser uma metáfora – eu procurava me tranquilizar –, uma daquelas metáforas doentias que ele usava para surpreender as pessoas que não entendem e que, quando mais tarde tornam-se surpreendentemente claras, podem ser tão espantosas quanto formas inusitadas sobre as quais cai de repente uma luz forte.

Respirei fundo para me acalmar e me livrar da impressão terrível que a história de Charousek me causara.

Com mais cuidado, observei as pessoas que esperavam comigo no portão do prédio: ao meu lado estava agora o velho gordo, que antes havia rido de forma repugnante.

Vestia uma sobrecasaca preta e luvas e encarava com seus olhos saltados a porta do prédio da frente.

Seu rosto de traços grosseiros estava bem barbeado e parecia tremer de excitação.

Sem querer, segui seu olhar e percebi que eles pairavam, como que encantados, sobre a ruiva Rosina, que estava em pé lá adiante na rua, com o sorriso de sempre nos lábios.

O velho esforçava-se para lhe dar um sinal, e eu percebi que ela entendeu muito bem, mas se portou como se não tivesse visto.

Por fim, o velho não se aguentou mais, avançou na ponta dos pés até lá, saltitando sobre as poças com uma elasticidade risível, como uma grande bola preta de borracha.

Pelo tipo de comentário que se ouvia de todos os lados, o velho parecia ser conhecido. Um vagabundo atrás de mim, com um cachecol vermelho de tricô no pescoço e um quepe militar azul, o cigarro atrás da orelha, fazia, com a boca sorridente, insinuações que não entendi.

Compreendi apenas que, no Bairro Judeu, chamavam o velho de “o maçom” e, em sua língua, aquele apelido se referia a alguém que gostava de prevaricar com jovencinhas, mas que ficavam impunes por causa de suas relações íntimas com a polícia.

Então o rosto de Rosina e o do velho desapareceram lá adiante, na penumbra do corredor do prédio.

Ponche

Abrimos a janela para deixar que as torrentes de fumaça de cigarro saíssem do meu pequeno aposento. O vento frio da noite entrou, inflando os casacos surrados pendurados à porta, que balançaram levemente de um lado para outro.

– O honrado chapéu de Prokop estava com ganas de voar – disse Zwakh, apontando para o grande chapéu de aba mole do músico, cuja aba larga se movia como uma asa preta.

Josua Prokop piscou, divertindo-se.

– Ele vai voar – disse ele –, provavelmente vai...

– Quer ir ao Loisitschek, onde se dançam músicas de todos os gêneros – completou Vrieslander.

Prokop riu e se pôs a batucar a mesa com as mãos no ritmo dos sons que o leve vento invernal carregava por sobre os telhados.

Em seguida, tirou meu antigo violão quebrado da parede, fingiu que dedilhava as cordas surradas e entoou, com um falsete agudo e um tom exagerado, uma canção maravilhosa na gíria do submundo:

*An Bein-del von Ei-sen
recht alt
An Stran-zen net gar
a so kalt
Messinung, a' Räucherl
und Rohn
und immerrr nurr putz-en^[1]*

– Como ele domina com maestria a gíria dos malandros! – disse Vrieslander, gargalhando alto; em seguida, acompanhou com voz grave:

*Und stok-en sich Aufzug
und Pfiff
Und schmallern an eisernes
G'süff.
Juch...
Und Handschuhkren, Harom net san^[2]*

– Essa canção curiosa é arranhada toda noite no Loisitschek pelo louco do Nephtali Schaffranek, aquele da viseira verde, enquanto uma criatura maquiada toca sanfona e berra a letra – explicou Zwakh. – O senhor deveria ir conosco nessa taverna, mestre Pernath. Mais tarde, talvez, quando terminarmos o ponche... O que acha? Para festejar seu aniversário?

– É isso, isso, o senhor vem conosco – disse Prokop, e fechou a janela –, não pode perder uma coisa dessas.

Então cada um de nós bebeu seu ponche quente, mergulhado nos próprios pensamentos.

Vrieslander esculpia uma marionete.

– Você nos apartou completamente do mundo exterior, Josua – Zwakh interrompeu o silêncio –; foi só fechar a janela, e ninguém mais proferiu uma palavra sequer.

– Eu estava refletindo aqui, quando antes os casacos revoavam, como é estranho quando o vento movimenta coisas inanimadas – respondeu rapidamente Prokop, como se para pedir desculpas por seu silêncio. – Parece bem curioso quando objetos, que de outra forma estão ali, mortos, começam de repente a se debater. Não? Uma vez eu vi, numa praça deserta, grandes pedaços de papel girarem uns em volta dos outros, em círculos furiosos, como se tivessem se jurado de morte, sem que eu sentisse nada de vento, pois eu estava atrás de um prédio. Um instante depois parecia que tinham se acalmado, mas de repente foram tomados por uma exasperação maluca e correram com fúria insana em círculos, juntando-se em um canto para se separarem, voando, como se novamente possuídos e, por fim, desapareceram em uma esquina.

“Apenas um jornal mais grosso não conseguia acompanhá-los; permanecia sobre o calçamento e batia as folhas, cheio de ódio, para lá e para cá, como se estivesse sem fôlego e buscasse ar.

“Naquele momento, surgiu em mim uma suspeita sinistra: e se, no fim das contas, nós, seres vivos, fôssemos semelhantes àqueles pedaços de papel? Se talvez um ‘vento’ invisível, intangível, não estivesse nos levando para lá e para cá e do mesmo modo determinasse nossas ações, enquanto acreditamos, em nossa ingenuidade, estarmos em pé por vontade própria?

“E se a vida em nós não fosse nada além de um misterioso redemoinho de vento? Aquele vento do qual fala a Bíblia: não sabes de onde vem nem para onde vai?... Às vezes, não sonhamos que enfiamos a mão em águas profundas e pegamos peixes prateados, e nada mais é que uma lufada de vento frio que encontra nossas mãos?”

– Prokop, você está falando como Pernath, o que aconteceu? – perguntou Zwakh, olhando o músico com desconfiança.

– A história do Livro de Ibbur, que foi contada antes – pena que os senhores chegaram tão tarde e não a ouviram –, deixou-o assim, pensativo – esclareceu Vrieslander.

– A história de um livro?

– Na verdade, de uma pessoa com uma aparência estranha que trouxe um livro. Pernath não sabe como se chama, onde mora, o que queria, e, apesar de sua aparência ter sido muito chamativa, não é possível descrevê-lo com exatidão.

Zwakh estava ouvindo com atenção.

– É espantoso – disse ele depois de uma pausa. – E esse estranho por acaso era imberbe e tinha olhos oblíquos?

– Acho que sim – respondi. – Quer dizer, eu... eu... tenho certeza disso. O senhor o conhece?

O marionetista fez que não com a cabeça:

– É que ele me lembra um Golem.

O pintor Vrieslander deixou cair sua faca de talhar.

– Golem? Já ouvi falar muito disso. O senhor sabe alguma coisa sobre o Golem, Zwakh?

– Quem pode dizer que *sabe* alguma coisa sobre o Golem? – retrucou Zwakh, dando de ombros. – Dizem que pertence ao reino das lendas, até que um dia algo acontece nas ruas e de repente ele volta à vida. E por algum tempo todos falam dele, e os boatos crescem de um jeito monumental, e ficam tão exagerados que por fim perecem por seu próprio caráter inverossímil. Dizem que a origem da história remonta ao século XVII. Um rabino dessa época, segundo prescrições perdidas da cabala, teria criado um homem artificial, chamando-o de Golem, para que lhe servisse de empregado doméstico, tocasse os sinos da sinagoga e fizesse todo tipo de trabalho braçal.

“No entanto, ele nunca se tornou um ser humano de verdade, e ele era animado apenas por uma vida vegetativa opaca, semiconsciente. Diziam que isso acontecia apenas durante o dia e por influência de um papel mágico que lhe era enfiado por trás dos dentes e atraía as forças siderais do universo.

“Uma noite, antes da oração noturna, o rabino se esqueceu de tirar da boca do Golem o selo, e a criatura foi tomada por um acesso de fúria, correndo pelas ruas na escuridão e destruindo tudo o que surgia em seu caminho. Até o rabino se lançar sobre ele e destruir o papel.

“Nesse momento, a criatura desmoronou sem vida. Nada restou dela além de uma pequenina figura de barro, que ainda hoje é exibida na sinagoga Staranova.”

– Esse mesmo rabino foi convocado ao castelo pelo imperador para invocar os espectros dos mortos e torná-los visíveis – interveio Prokop. – Pesquisadores modernos acham que ele lançou mão de uma lanterna mágica.

– Claro, não há explicação absurda suficiente que não encontre guarida nos dias de hoje – continuou Zwakh sem se perturbar. – Uma lanterna mágica! Como se o imperador Rodolfo, que buscou

coleccionar esse tipo de coisa durante a vida inteira, não fosse desvelar uma trama tão grosseira à primeira vista!

“Claro que não sei de onde se origina a lenda do Golem, mas tenho certeza de que há algo que não pode morrer, que perambula neste bairro e tem uma espécie de relação independente. Meus antepassados têm vivido aqui há muitas gerações, e ninguém pode ter mais lembranças vividas e herdadas sobre as reaparições periódicas do Golem do que eu!”

Zwakh parou de falar de repente, e todos sentiram como seus pensamentos voltavam a tempos passados.

Vendo-o assim à mesa, com a cabeça erguida, com as bochechas vermelhas e joviais, à luz da lanterna, contrastando com os cabelos brancos, comparei involuntariamente na mente seus traços com o rosto rígido de suas marionetes, que ele me mostrava com frequência.

Estranho como elas se pareciam com o velho!

A mesma expressão e os mesmos traços!

Refleti que muitas coisas na terra não podiam ser separadas de outras e, enquanto o destino simples de Zwakh passava diante de meus olhos, de repente me pareceu insólito e terrível que um homem como ele, embora tivesse desfrutado uma educação melhor que a de seus antepassados, que devia ter sido ator, de repente pudesse voltar àquela caixa surrada de marionetes para ir atrás das feiras anuais e apresentar os mesmos bonecos, que haviam sido o meio de sobrevivência miserável de seus antepassados, fazendo seus movimentos desengonçados e vivendo histórias entediantes.

Compreendi que ele não consegue se separar deles; fazem parte de sua vida e, quando está longe dos bonecos, eles se transmutam em seus pensamentos, vivem em seu cérebro e o deixam agitado e intranquilo até que ele volte. Por isso, trata-os de forma tão amorosa e os veste orgulhosamente com roupas brilhantes.

– Zwakh, você não quer continuar nos contando? – pediu Prokop ao velho, e olhou para Vrieslander e para mim como se perguntasse

se também era nosso desejo.

– Nem sei por onde começar – disse o velho, hesitante –, pois é difícil entender a história do Golem. Como Pernath disse agora há pouco, ele sabia exatamente qual era a aparência daquele desconhecido e ainda assim não conseguia descrevê-lo. Mais ou menos a cada 33 anos um acontecimento se repete em nossa rua, que não causa nenhuma celeuma em si e ainda assim espalha um terror para o qual não basta uma explicação, tampouco uma justificativa: sempre acontece que uma pessoa totalmente estranha, imberbe, de tez amarela e compleição mongol, vinda da Rua da Escola Velha, trajada com roupas antigas e esfarrapadas, com passos regulares e estranhamente claudicantes, como se fosse cair para a frente a qualquer momento, atravessa o Bairro Judeu e de repente desaparece. Costuma virar uma esquina e então some em uma rua.

“Certa vez, dizem que ele descreveu um círculo em seu caminho e voltou ao ponto de onde havia saído: uma casa imemorial nas proximidades da sinagoga.

“Alguns exaltados, por sua vez, afirmaram que o teriam visto virar uma esquina para ir na direção deles. Embora estivesse indo claramente na direção deles, ficou cada vez menor, exatamente como alguém cuja forma se perde a distância, e... por fim desapareceu completamente.

“Há 66 anos foi especialmente profunda a impressão que ele causou, pois lembro, e eu ainda era um menininho, que à época revistaram o prédio na Rua da Escola Velha de cima a baixo. Também verificaram que nesse prédio existe um cômodo com janelas gradeadas para o qual não há nenhuma porta de acesso. Mandaram pendurar roupas em todas as janelas para se ter uma visão, a partir do beco, de quais tinham acesso, e foi dessa forma que o fato foi descoberto.

“Como não havia como entrar ali, um homem foi até o telhado e desceu por uma corda para olhar lá dentro. No entanto, mal ele se

aproximou da janela a corda se partiu, e o infeliz caiu de cabeça na calçada. E, quando mais tarde foram repetir a tentativa, as opiniões sobre a posição da janela eram tão disparatadas que acabaram desistindo.

“Eu mesmo encontrei o Golem pela primeira vez na vida há quase 33 anos. Ele veio na minha direção em uma passagem estreita, e quase trombamos. Para mim, ainda hoje é incompreensível o que aconteceu comigo naquele momento, pois, pelo amor de Deus, ninguém espera o tempo todo, dia após dia, encontrar o Golem.

“Naquele momento preciso, porém, certamente antes que eu pudesse vislumbrá-lo, soou um grito agudo dentro de mim: o Golem! E naquele instante alguém saiu aos tropeços da escuridão de um arco da passagem, e aquele desconhecido passou por mim. Um segundo depois, veio uma enxurrada de rostos pálidos e inquietos na minha direção, me perguntando se eu o havia visto.

“E enquanto eu respondia, senti que *minha língua parecia estar se recuperando de uma câimbra que eu não havia sentido antes*. Fiquei realmente admirado que eu pudesse me mover, e claramente me veio à consciência que eu, ainda que por apenas uma fração de segundo, devo ter caído em uma espécie de paralisia.

“Sempre refleti muito sobre tudo isso, e me parece que chego bem perto da verdade quando digo: às vezes, no decurso de uma geração, uma epidemia mental atinge o Bairro Judeu com a velocidade de um raio, recaindo sobre a alma dos vivos com algum objetivo que nos permanece oculto, e faz surgir, como uma miragem, o vulto de um ser característico que talvez tenha vivido aqui há centenas de anos e está sedento por assumir forma e substância.

“Talvez esteja entre nós, hora após hora, e não o percebamos, como não ouvimos o som de um diapasão vibrando antes que ele toque a madeira e a faça vibrar também. Talvez seja apenas algo como uma obra de arte espiritual, sem consciência de si... Uma

obra de arte que surge como um cristal, sempre segundo a lei imutável, do que é disforme.

“Quem sabe? Como em dias abafados a tensão elétrica aumenta até ficar insuportável e, por fim, produz o relâmpago, não seria possível também que o acúmulo constante de pensamentos imutáveis, que envenenam o ar do gueto, causasse uma descarga repentina e irregular, uma explosão anímica que, a chicotadas, levaria nossa consciência onírica à luz do dia, como um relâmpago da natureza, para criar aqui um fantasma que, em traços, passado e comportamento, em todo e qualquer símbolo da alma coletiva poderia se revelar inequivocamente, caso soubéssemos compreender a linguagem das formas corretamente?

“E, do mesmo modo que muitos sinais anunciam o estalo de um relâmpago, também há certos presságios terríveis que revelam o irromper ameaçador daquele fantasma no reino da realidade. A pintura descamada de um muro antigo assume uma forma que se assemelha a um homem caminhando; e no gelo das janelas se formam traços de um rosto estático. A areia do teto parece cair de um jeito diferente de antes e incute no observador desconfiado a suspeita de que é uma inteligência invisível, que se mantém escondida, que joga a areia para baixo e empreende tentativas misteriosas de criar todo tipo de eventos estranhos. Se os olhos pousam sobre a treliça monocromática ou as irregularidades da pele, apodera-se de nós o dom desagradável de ver em todos os cantos formas premonitórias, significativas, que crescem em nossos sonhos como gigantes. E, como um fio vermelho puxado por nós nessas tentativas espectrais dos rebanhos de pensamentos de perfurar os muros do cotidiano, está a certeza excruciante de que nosso recôndito mais íntimo está sendo sugado, de forma premeditada e contra a nossa vontade, apenas para poder dar plasticidade à forma do fantasma.

“Quando antes ouvi Pernath confirmar que encontrou uma pessoa imberbe com olhos oblíquos, lá estava o Golem à minha

frente, como eu o vi àquela época. Como houvesse brotado do solo diante de mim. E certo temor entorpecente de estar novamente próximo de algo inexplicável me tomou de assalto por um momento; o mesmo medo que senti na minha infância, quando as primeiras manifestações fantasmagóricas do Golem projetaram suas sombras.

“Aconteceu há 66 anos, numa noite na qual o noivo da minha irmã veio nos visitar, e na família queriam confirmar o dia do matrimônio. Naquela época, era costume derramar chumbo derretido na água fria para se entreter, e eu fiquei boquiaberto e não compreendi o que aquilo significava... Em minha imaginação confusa de criança, aquilo tinha relação com o Golem, do qual eu ouvia meu avô falar com frequência, e imaginei que a qualquer momento a porta seria aberta e o desconhecido entraria.

“Minha irmã, então, esvaziou a colher com o metal fluido em uma bacia de água e sorriu alegremente para mim, pois viu a minha agitação enquanto eu acompanhava. Com suas mãos enrugadas e trêmulas, meu avô pegou o pedaço reluzente de chumbo e segurou-o contra a luz. Ao mesmo tempo, surgiu uma agitação geral. Todos falavam alto entre si, mas, quando eu quis me intrometer, me afastaram.

“Muito mais tarde, quando mais velho, meu pai me explicou que, na época, o metal derretido havia formado uma cabeça de metal pequena, muito nítida – lisa e redonda, como se despejada em uma fôrma, e todos ficaram apavorados com a semelhança misteriosa com os traços do Golem.

“Com frequência eu conversava com o arquivista Schemajah Hillel, que guarda os artigos religiosos da sinagoga Staranova, inclusive a figura de barro dos tempos do imperador Rodolfo. Ele é estudioso da cabala e acha que aquele pedaço de argila com membros humanos talvez não fosse nada além de um antigo presságio, bem como, no meu caso, a cabeça de chumbo. E o desconhecido que perambulava ali devia ser a imagem fantasiosa ou mental que aquele rabino da Idade Média *imaginara viva* antes

de conseguir lhe dar forma na matéria, e que agora voltava regularmente, nas mesmas conjunções astrológicas sob as quais ela foi criada, atormentada pelo impulso da vida material.

“A falecida esposa de Hillel também viu o Golem cara a cara e se sentiu como eu: a pessoa cai em um estado cataléptico enquanto permanece nas proximidades do ser misterioso. Ela dizia estar firmemente convencida de que à época somente podia ter sido a própria alma que saíra de seu corpo, parara diante dela e a encarara com as feições de uma criatura estranha.

“Apesar de uma angústia horrível que se apoderou dela naquele instante, em nenhum momento ela foi abandonada pela certeza de que aquele outro podia ser apenas uma parte de seu próprio eu.”

*

– É inacreditável – murmurou Prokop, imerso em pensamentos.

O pintor Vrieslander também parecia absorto em rumações.

Então bateram à porta, e a velha que à noite me traz água e outras coisas de que eu possa precisar entrou, deixou o jarro de barro no chão e saiu, calada. Todos erguemos a cabeça e olhamos ao redor do quarto como que despertados, mas por um longo tempo ninguém disse palavra.

Como se tivesse se esgueirado pela porta com a velha uma nova influência com a qual era preciso primeiro se acostumar.

– Sim! A ruiva Rosina, essa também é um rosto que não se pode evitar e sempre se vê surgindo dos recônditos e das esquinas – disse de repente Zwakh, com indiferença. – Conheço aquele sorriso fixo, afetado, a minha vida inteira. Primeiro a avó, depois a mãe! E sempre o mesmo rosto, nenhum traço diferente! O mesmo nome, Rosina... Uma é sempre a ressurreição da outra.

– Rosina não é filha do adeleiro Aaron Wassertrum? – perguntei.

– É o que dizem – respondeu Zwakh. – Mas Aaron Wassertrum tem muitos filhos e muitas filhas que ninguém conhece. Nem pela

mãe de Rosina se sabe quem é o pai da menina, tampouco se sabe o que aconteceu com ela. Aos 15 anos deu à luz uma criança e, desde então, nunca mais apareceu. Seu sumiço tem relação com um assassinato, pelo que me lembro, cometido neste prédio por causa dela.

“Como a filha faz hoje em dia, ela atormentava à época a cabeça dos garotos adolescentes. Um deles ainda está vivo... Eu sempre o vejo, mas não sei o seu nome. Os outros já estão mortos, e acho que ela os levou para debaixo da terra prematuramente. Daquela época, eu me lembro apenas de breves episódios que aparecem em minhas lembranças como imagens amareladas. Então havia uma pessoa meio estúpida que à noite ia de taverna em taverna e recortava a silhueta dos clientes em papel preto por algumas moedas. E, quando lhe deixavam bêbado, ele se afundava em uma tristeza indizível e, entre lágrimas e soluços, recortava sem parar o mesmo perfil afilado de uma moça até que todo o seu estoque de papel acabasse.

“Deduzindo pelas relações, das quais me esqueci faz muito tempo, ele, quase uma criança ainda, havia amado com tanto fervor uma certa Rosina, a avó da atual, que perdera a razão.

“Se eu contar os anos, não pode ser outra que não a avó da atual Rosina.”

Zwakh calou-se e recostou-se.

Passou-me pela cabeça que o destino naquele prédio erra em círculos e volta sempre ao mesmo ponto, e uma terrível imagem que vi certa vez, a de um gato com apenas metade do cérebro, que andava cambaleando em círculos, passou diante de meus olhos.

– Então, eis a cabeça – ouvi de repente o pintor Vrieslander dizer com voz clara.

E ele pegou um pedaço redondo de madeira do bolso e começou a talhá-lo.

Um cansaço pesou sobre meus olhos, e me recostei na cadeira, saindo do foco de luz para a penumbra.

A água para o ponche fervia na chaleira, e Josua Prokop encheu novamente os copos. Os sons baixos, muito baixos da música dançante atravessavam a janela fechada, às vezes desapareciam por completo, depois voltavam a despertar um pouco, quando o vento os dispersava no caminho ou os trazia até nós, vindo da rua.

Depois de um tempo, o músico me perguntou se eu não queria brindar.

Mas não respondi: o desejo de me mover havia se perdido tão completamente que nem me passou pela cabeça abrir a boca.

A calma interior que se apoderara de mim era tamanha que pensei estar dormindo. E precisei piscar várias vezes para a faca brilhante de Vrieslander, que sem parar arrancava lascas da madeira, para ter certeza de que eu estava acordado.

Ao longe murmurava a voz de Zwakh e continuava a contar toda sorte de histórias maravilhosas sobre marionetes e fábulas confusas que havia pensado para seu teatro de bonecos.

Também vieram à baila o dr. Savioli e a dama elegante, esposa de um nobre, que vinha visitar secretamente o médico no ateliê escondido.

E, novamente, vi na mente a careta irônica e triunfante de Aaron Wassertrum.

Pensei comigo se não deveria informar a Zwakh o que havia acontecido antes, mas considerei que não valia a pena o esforço, ou que aquilo era importante. Também sabia que minha vontade falharia se eu tentasse falar naquele momento.

De repente, os três à mesa me olharam com atenção, e Prokop disse bem alto: “Ele dormiu”, tão alto que quase pareceu uma pergunta.

Continuaram conversando com voz abafada, e eu percebi que falavam de mim.

A faca de talhar de Vrieslander dançava para lá e para cá, refletindo a luz que descia da luminária, e o brilho refletido queimava em meus olhos.

Escutei uma palavra como “insano” e ouvi com atenção a conversa que entabulavam.

– Não se deve entrar em territórios como o do Golem na frente de Pernath – disse Josua Prokop em tom de reprimenda. – Quando antes ele contou sobre o Livro de Ibbur, todos ficamos quietos e não fizemos perguntas. Posso apostar que ele sonhou tudo aquilo.

Zwakh concordou com a cabeça:

– O senhor tem toda a razão. É como entrar com uma vela acesa e desprotegida em um cômodo empoeirado, com panos rasgados cobrindo teto e paredes e o chão revestido pela camada de madeira ressequida do passado; basta um toque ínfimo para que o fogo se espalhe por todos os cantos.

– Pernath não ficou um longo tempo em um manicômio? Que pena, não tem nem 40 anos – comentou Vrieslander.

– Não sei, também não tenho a mínima ideia de onde ele vem e o que fazia antes. Parece até mesmo um nobre da velha França, com sua figura esbelta e essa barbicha pontuda. Há muitos, muitos anos um velho amigo médico me pediu que tomasse conta dele e lhe arranjasse um pequeno apartamento nesta rua, onde ninguém se preocuparia com ele nem o incomodaria com perguntas de outrora – de novo, Zwakh olhou para mim, tocado. – Desde então ele vive aqui, restaura antiguidades, lapida pedras preciosas e, com isso, amealhou um pequeno patrimônio. É uma sorte ele ter esquecido tudo o que diz respeito à sua loucura. Mas, pelo amor de Deus, nunca perguntem a ele, de jeito nenhum, sobre coisas que possam despertar o passado em sua lembrança, como o velho médico me pediu em confiança: “Sabe, Zwakh, nós enclausuramos a doença dele com muito esforço, por assim dizer, como se isola o local onde houve uma grande catástrofe, pois ela tem relação com uma lembrança triste”.

As palavras do marionetista caíram sobre mim como um açougueiro sobre um animal indefeso e me esmagou o coração com mãos grosseiras, terríveis.

Desde então uma tortura vaga me corrói – uma sensação como se algo fosse tirado de mim e como se eu tivesse cruzado um longo caminho da minha vida em direção a um abismo, como um sonâmbulo. E nunca consegui desenterrar a causa.

Naquele momento, a solução do mistério estava escancarada diante de mim e me ardia de um jeito insuportável, como uma ferida em carne viva.

Minha repulsa doentia de evocar lembranças de acontecimentos passados, depois o sonho estranho e recorrente de que eu estou trancado em uma casa onde há um aposento do qual não posso escapar, a negação temerosa da minha memória diante de coisas que condenaram minha juventude, tudo encontrou de uma só vez sua explicação horrenda: eu fiquei louco e foi aplicada a hipnose – trancara o “quarto” que fazia a ligação àqueles aposentos de meu cérebro e me tornara um apátrida no meio da vida que me cerca.

E nenhuma perspectiva de jamais recuperar a lembrança perdida!

Compreendi que as molas impulsionadoras de meus pensamentos e atos estão escondidas em outra existência esquecida – nunca conseguiria reconhecê-las: sou uma planta podada, um ramo que brotou de uma raiz estranha. Se eu também conseguisse forçar a entrada naquele “quarto” trancado, não poderia cair novamente nas mãos dos fantasmas que foram encarcerados lá dentro?!

A história do Golem que Zwakh contara uma hora antes me passou pela cabeça e de repente reconheci uma relação gigantesca, misteriosa, entre o lendário cômodo sem porta de acesso, no qual aquele desconhecido supostamente morava, e meu sonho cheio de sentidos.

Sim! Também no meu caso “a corda arrebentaria” se eu tentasse olhar para dentro da janela gradeada de meu íntimo.

A estranha relação ficou cada vez mais clara para mim e me trouxe algo de indescritivelmente assustador.

Senti que lá estão – intangíveis – as coisas fundidas que correm lado a lado como cavalos cegos que não sabem aonde o caminho leva.

No gueto, é a mesma coisa: um quarto cuja entrada ninguém consegue encontrar – um ser sombrio que mora lá dentro e apenas claudica às vezes pelas ruas para levar pavor e perplexidade entre os homens!

*

Vrieslander ainda talhava a cabeça, e a madeira gemia sob a lâmina da faca.

Quase me doía ouvir, e espreitei para saber se aquilo não terminaria logo.

Como a cabeça se movia para lá e para cá na mão do pintor, era como se ela tivesse consciência e espreitasse de um lado a outro. Em seguida, seus olhos pousaram longamente sobre mim, satisfeitos por finalmente terem me encontrado.

Eu também não podia mais desviar meu olhar, e encarei fixamente o rosto de madeira.

Por um instante, a faca do pintor pareceu buscar algo de um jeito hesitante, em seguida riscou uma linha decidida, e de repente os traços da cabeça de madeira ganharam uma vida assustadora.

Reconheci o rosto amarelo do desconhecido que me trouxera o livro antes.

Depois não distingui mais nada, o olhar durou apenas um segundo, e senti que meu coração não mais batia, mas palpitava de um jeito ansioso.

Ainda assim, continuei – como antes – consciente do rosto.

Eu mesmo me transformei nele e estou sobre o colo de Vrieslander, espreitando ao redor.

Meus olhos vojavam pelo quarto, e uma mão estranha movia meu crânio.

Então percebi de súbito a expressão nervosa de Zwakh e ouvi suas palavras: “Pelo amor de Deus, é o Golem!”.

E começou uma breve luta, e quiseram arrancar com violência de Vrieslander a peça de madeira na qual trabalhava, mas ele se defendeu e gritou, rindo:

– O que vocês querem com isso? É apenas um trabalho malfeito.
– E ele se afastou, abriu a janela e lançou a cabeça lá embaixo, na rua.

Então eu perdi a consciência, mergulhando em uma penumbra profunda, cruzada por fios de ouro reluzente, e quando despertei, ao que me parecia depois de muito, muito tempo, a primeira coisa que ouvi foi a madeira caindo com estrépito sobre os paralelepípedos.

*

– Você dormiu tão pesado que nem percebeu quando nós o sacudimos – disse-me Josua Prokop. – O ponche acabou, e o senhor nem bebeu.

A dor candente provocada pelo que ouvi antes se apoderou novamente de mim, e eu quis gritar que não havia sonhado as coisas que lhes contara sobre o Livro de Ibbur – e que poderia pegá-lo da caixinha e mostrar-lhes.

Mas esses pensamentos não se transformaram em palavras e não puderam penetrar a atmosfera de debandada geral que havia tomado meus convivas.

Zwakh forçou-me a vestir o casaco e gritou:

– Venha conosco ao Loisitschek, mestre Pernath. Isso vai revigorar seu ânimo.

Noite

Sem vontade, deixei que Zwakh me conduzisse escada abaixo.

Senti o cheiro da névoa que vinha da rua e entrava em casa, ficando cada vez mais marcante. Josua Prokop e Vrieslander seguiam alguns passos à frente, e se ouvia como conversavam lá fora diante da entrada do prédio.

– Deve ter caído nas grades do bueiro. Que vá para o diabo que a carregue!

Ao sairmos para a rua, vi como Prokop se curvava procurando a marionete.

– Fico feliz por você não ter conseguido encontrar aquela cabeça idiota – rosnou Vrieslander. Ele estava apoiado no muro, e seu rosto se iluminava e voltava à escuridão em curtos intervalos – enquanto avivava a chama de um palito de fósforo com as baforadas chiadas em seu cachimbinho.

Prokop fez um movimento brusco de defesa com o braço e curvou-se ainda mais. Ele quase se ajoelhou no chão:

– Fique quieto! Não estão ouvindo?

Aproximamo-nos dele. Emudecido, apontou para as grades do bueiro e encaixou a mão na orelha, à espreita. Por um momento, ficamos imóveis e tentamos ouvir as profundezas do canal.

Nada.

– O que foi isso? – sussurrou de repente o velho marionetista, e imediatamente Prokop puxou-o pelo cotovelo.

Por um breve instante – um tempo menor que a batida de um coração – tive a impressão de ouvir baterem a mão lá embaixo, contra uma placa de ferro, quase inaudível. Quando pensei naquilo

um segundo depois, tudo terminou; apenas em meu peito continuava ressoando o eco da lembrança e, lentamente, se desfez em um sentimento indistinto de pavor.

Passos que vinham pela rua dissiparam a impressão.

– Vamos, o que estamos fazendo aqui? – ralhou Vrieslander.

Percorremos a fileira de casas.

Prokop seguia a contragosto.

– Aposto meu pescoço que alguém gritou lá embaixo em agonia mortal.

Nenhum de nós respondeu a ele, mas senti que algo parecido com o despertar de um medo mantinha nossa língua acorrentada.

Logo estávamos diante da vitrine de uma taverna, com cortinas vermelhas. Em um papelão, cujas margens estavam cobertas por fotografias desbotadas de mulheres, estava escrito:

SALÃO LOISITSCHEK

Hoje grande concerto

Antes mesmo que Zwakh pudesse botar a mão na maçaneta, a porta de entrada se abriu, e um camarada abrutalhado com cabeleira preta encaracolada, sem colarinho – uma gravata de seda verde pendia ao redor do pescoço nu, e o colete do fraque era adornado com um punhado de dentes de javali – recebeu-nos com mesuras.

– Ora, ora, ‘tão aí os meus clientes... Seu Schaffranek, rápido, uma fanfarra! – acrescentou logo depois das boas-vindas, rapidamente se dirigindo para o interior, lotado de pessoas.

A resposta foi uma espécie de galopada sonora, como se um rato corresse sobre teclas de um piano.

– Ora, ora, são os meus clientes, são os meus clientes. Veja só – murmurava o brutamontes o tempo todo enquanto nos ajudava com os casacos. – Sim, sim, hoje a honrada nobreza do país veio ter comigo – respondeu ele, triunfante, à expressão surpresa de Vrieslander, pois, ao fundo, sobre uma espécie de estrado,

separado da parte anterior da taverna por corrimões e uma escada de dois degraus, era possível ver alguns jovens senhores distintos em roupas de gala.

Sobre as mesas, pairavam nuvens de fumaça acre de cigarro, e atrás delas havia longos bancos de madeira recostados à parede, apinhados de figuras encarquilhadas: meretrizes dos redutos, desgrenhadas, sujas, descalças, os seios mal cobertos por xales encardidos, ao lado cafetões com quepes militares azuis e cigarros atrás da orelha, negociantes de cavalos com punhos peludos e dedos grosseiros que, a cada movimento, falavam a linguagem muda da malícia, garçons itinerantes com olhos sarcásticos e contínuos com calças xadrez e o rosto marcado pela varíola.

– Vou botar em volta de vossas senhorias um biombo espanhol pra que fiquem em paz – rouquejou a voz vigorosa do brutamontes, e um biombo dobrável, com uma estampa de pequenos chineses dançarinos, desceu devagar diante da mesa de canto, na qual todos nos acomodamos.

Os sons chiados de uma harpa fizeram cessar o burburinho das vozes do local.

Uma pausa rítmica de um segundo.

Silêncio mortal, como se todos tivessem contido a respiração.

De repente, com uma clareza assustadora, ouviram-se os bicos de gás cuspiendo suas chamas em formato de coração – então a música desceu sobre o chiado e o engoliu.

Como se tomassem forma naquele instante, duas figuras estranhas emergiram da fumaça de tabaco diante dos meus olhos.

Um velhote com uma longa barba de profeta, ondulada e branca, com um solidéu preto de seda, como os usados pelos antigos pais de família judeus, os olhos cegos, azuis leitosos e vítreos, fixados no teto, estava sentado ali, movendo os lábios sem dizer palavra e correndo os dedos, rígidos como garras de abutre, pelas cordas de uma harpa. Ao lado dele, em um vestido preto de tafetá ensebado, com muitos enfeites e uma cruz de azeviche no pescoço e nos

braços – símbolo da moral burguesa afetada –, estava uma mulher corpulenta com a sanfona no colo.

Um tumulto selvagem de sons saiu dos instrumentos, depois a melodia diminuiu até virar um mero acompanhamento.

O velhote abriu e fechou a boca algumas vezes e a escancarava tanto que era possível ver os tocos pretos dos dentes. Devagar, saindo do fundo do peito, acompanhada de um estranho arfar hebraico, veio uma voz grave potente:

– *Roo-n-te, blau... we Stern...*

– *Rititit* – a mulher trinava nos intervalos e logo apertava os lábios, como se tivesse falado demais.

*Roonte blaue Steern
Hörndlach ess i' ach geern.
Rititit...
Rotboart, Grienboart
Allerlaj Stern...
Rititit, rititit...^[3]*

Os casais levantaram-se para dançar.

– É a canção de *chomezigen borchu* – explicou-nos sorridente o marionetista, marcando o ritmo de leve com a colher de estanho, que estranhamente ficava presa à mesa por uma corrente. – Há mais ou menos cem anos, dois padeiros chamados Barba Vermelha e Barba Verde, na noite do Schabbes Hagodel, o sábado antes do Pessach, envenenaram os pães em forma de estrelas e croissants, para causar morte em massa no Bairro Judeu. No entanto, o *meschore*, o serviçal da comunidade, pôde intervir a tempo graças a uma iluminação divina e conseguiu entregar os dois criminosos à polícia da cidade. Para comemorar essa proteção milagrosa, os alunos de Yeshiva, tanto os iniciantes como os mais avançados, compuseram à época essa canção rara, que agora ouvimos como quadrilha de bordel.

Rititit, rititit.

– o rugido do velhote soava cada vez mais cavernoso e fanático.

De repente, a melodia ficou mais confusa e aos poucos entrou no ritmo do *schlapak* boêmio, uma dança arrastada, na qual os pares colavam as bochechas suadas.

– Muito bom. Bravo. Ei, aí! Pega, vai, vai! – gritou do estrado um cavalheiro jovem e esbelto, de fraque e monóculo, para o harpista, enfiando a mão no bolso do colete para jogar uma moeda de prata em sua direção. Ela não chegou ao seu objetivo: vi ainda como ela rebrilhou sobre os dançarinos e de repente desapareceu. Um vagabundo – o rosto me parecia tão familiar que pensei que devia ser o mesmo que pouco tempo antes estava em pé, na sarjeta, ao lado de Charousek – havia tirado a mão de debaixo do xale que cobria os seios de sua companheira de dança, onde ele a tinha pousada teimosamente, e, com um golpe de mão no ar e velocidade simiesca, sem perder nenhum passo na dança, agarrou a moeda. O rosto do rapaz nem sequer se moveu, apenas dois ou três casais ao redor deram uma risadinha.

– Provavelmente um do “batalhão”, considerando a habilidade – falou Zwakh, rindo.

– Certamente o mestre Pernath não ouviu falar nada do “batalhão” – interveio rapidamente Vrieslander, piscando discretamente ao marionetista para que eu não visse. Mas eu compreendi: foi como antes, lá em meus aposentos. Eles me consideram doente. Querem me alegrar. E Zwakh tinha de contar alguma coisa. Qualquer coisa.

Fiquei com os olhos marejados ao ver como o bom velho me olhou de um jeito compassivo. Se ele soubesse como sua compaixão me doía!

Perdi as primeiras palavras da história que o marionetista contava, sei apenas que, para mim, era como se eu sangrasse devagar. Eu me sentia cada vez mais frio, cada vez mais paralisado,

como naquele momento em que eu estava, como rosto de madeira, no colo de Vrieslander. Em seguida, de repente eu estava no meio da história, que me envolvia de um jeito estranho – engolfando-me como uma parte aborrecida de um livro infantil.

Zwakh começou:

– *A história do jurisconsulto dr. Hulbert e seu batalhão.*

“É preciso dizer que o rosto dele era cheio de verrugas, e as pernas, tortas como as de um cão salsicha. Desde joventinho não sabia fazer nada além de estudar. Estudo árido, enervante. Precisava ainda sustentar a mãe doente com aquilo que conseguia esforçadamente dando aulas. Acredito que conhecia as planícies verdes, as sebes, os montes floridos e os bosques apenas dos livros. E vocês bem sabem que a luz do sol em Praga pouco chega às ruas escuras. Diplomou-se com louvor, o que, na verdade, era óbvio.

“Com o tempo se tornou um famoso jurisconsulto. Tão famoso que todas as pessoas, juízes e velhos advogados, vinham se consultar com ele quando não sabiam de algo. Ainda assim, vivia como um mendigo em uma água-furtada cuja janela dava para a Praça de Teyn.

“Assim se passaram anos e anos, e a fama de dr. Hulbert, tido como uma luz na sua ciência, aos poucos correu o país inteiro. Ninguém acreditaria que um homem como ele poderia estar aberto a sentimentos delicados, ainda mais quando seu cabelo começou a encanecer e ninguém se lembrava de jamais tê-lo ouvido falar de outra coisa que não fosse jurisprudência. Contudo, é precisamente nesses corações fechados que o desejo queima com mais ardor.

“No dia em que o dr. Hulbert alcançou seu máximo objetivo, que almejava desde seus tempos de estudante, ou seja, ser nomeado magnífico reitor de nossa universidade por Sua Majestade, o Imperador, correu de boca em boca que ele havia noivado com uma bela e jovem senhorita de família nobre, ainda que pobre.

“E, de fato, parecia que a sorte havia se instalado na vida do dr. Hulbert. Ainda que não tivessem filhos, ele paparicava a jovem esposa, e sua maior alegria era atender a todos os desejos que pudesse ler nos olhos dela.

“No entanto, em sua alegria, não se esquecera de forma alguma, como tantos outros teriam feito, de seus conterrâneos sofredores. ‘Deus atendeu aos meus desejos’, teria dito ele certa vez, ‘ele tornou realidade um rosto com que eu sonhava, que desde a infância reluzia diante de mim: ele me deu o ser mais adorável que existe na terra. E assim quero que um lampejo dessa alegria, no que estiver ao meu alcance, também alcance outros’.

“Foi assim que ele decidiu adotar um pobre estudante como filho, provavelmente ao refletir como teria sido benéfico tal acontecimento se tivesse se passado com ele nos dias de sua juventude precária. Mas como acontece frequentemente no nosso mundo, muitos atos que parecem bons e nobres aos homens têm as mesmas consequências que os atos execráveis, pois não conseguimos diferenciar corretamente entre aquilo que traz em si sementes venenosas e aquilo que traz as benfeitorias; e foi assim que o gesto caridoso do dr. Hulbert originou para ele mesmo o sofrimento mais amargo.

“Não demorou muito até que a jovem esposa se apaixonasse secretamente pelo estudante, e o impiedoso destino quis que o reitor, ao ir para casa sem aviso para surpreendê-la com um buquê de rosas de presente de aniversário como sinal de seu amor, a encontrasse nos braços daquele que tanto se beneficiara de sua bondade.

“Dizem que os miosótis azuis perdem para sempre a cor quando sobre eles cai o brilho pálido, sulfuroso de um raio que anuncia uma chuva de granizo; certo é que a alma do velho foi cegada para sempre no dia em que sua felicidade se despedaçou. Naquela mesma noite, ele se sentou, ele, que até então não sabia o que é intemperança, aqui no Loisitschek, quase inconsciente por bebidas

de péssima qualidade, até o raiar do dia. E este antro se tornou seu lar para o resto de sua vida estraçalhada. No verão ele dormia em qualquer lugar sobre o entulho de alguma nova construção, no inverno aqui, nos bancos de madeira.

“Por um acordo tácito, mantiveram seus títulos de professor e de doutor. Ninguém teve coragem de levantar contra ele, um estudioso tão famoso, nenhuma reprimenda sobre uma tão grande metamorfose.

“Aos poucos, reuniu-se ao redor dele a bandidagem que trabalhava e andava às sombras no Bairro Judeu, e assim foi fundada aquela estranha sociedade que ainda hoje é chamada de ‘o batalhão’.

“O amplo conhecimento jurídico do dr. Hulbert servia de defesa para todos que eram vigiados estritamente pela polícia. Se algum condenado liberto estivesse prestes a morrer de fome, o dr. Hulbert o enviava totalmente desnudo até a praça da Cidade Velha – e o departamento da conhecida ‘Fischbanka’ se via obrigado a lhe entregar um terno. Se alguma meretriz sem domicílio fosse expulsa da cidade, ela rapidamente arranjava um casamento com um vagabundo que tivesse direito de residir no distrito e assim também recebia esse direito.

“O dr. Hulbert conhecia esses desvios e, perante seu aconselhamento, a polícia ficava impotente. O que esses párias da sociedade humana ‘arrecadavam’, depositavam fielmente, até o último centavo, em um caixa comunitário, com o qual se pagavam as despesas vitais necessárias. E nunca se permitiu sequer a menor trapaça. Talvez o nome ‘o batalhão’ tenha surgido por causa dessa disciplina de ferro.

“Pontualmente no dia 1º de dezembro, aniversário da desgraça que assolou o velho, era organizada à noite uma comemoração esquisita no Loitschek. Ficavam ali, cara a cara, mendigos, vagabundos, cafetões e meretrizes, bêbados e catadores de tralhas, e um silêncio absoluto reinava, como em uma missa. Então o dr.

Hulbert, sentado ali, naquele canto, onde agora estão sentados os músicos, exatamente embaixo da fotografia da coroação de Sua Majestade, o Imperador, contava a história de sua vida: como ele subiu na vida, conquistou o título de doutor e, mais tarde, se tornou magnífico reitor. No momento da história em que entrou no quarto de sua jovem mulher com a braçada de rosas para comemorar seu aniversário e, ao mesmo tempo, lembrar o dia em que ele a havia tomado nos braços pela primeira vez, desposando-a, sua voz invariavelmente falhava, e, aos prantos, afundava-se na mesa. Então às vezes alguma mulherzinha libertina se aproximava tímida e secretamente, para que ninguém a pudesse ver, e lhe punha uma flor meio murcha na mão.

“Durante um bom tempo nenhum dos ouvintes se movia. Essas pessoas são empedernidas demais para chorar, mas baixavam o olhar e, inseguras, torciam os dedos.

“Certa manhã, encontraram o dr. Hulbert morto em um banco ao lado do Rio Moldava. Acho que morreu de frio.

“Ainda hoje me lembro bem de seu enterro. O ‘batalhão’ quase ficou depauperado para que tudo fosse o mais suntuoso possível.

“À frente veio o bedel da universidade com toda a pompa: nas mãos, a almofada púrpura com a corrente dourada sobre ela e, atrás da carruagem funerária, em uma fila imensurável, o ‘batalhão’ de pés descalços, imundo, maltrapilho e desgrenhado. Um deles vendera tudo o que tinha e por isso envolveu com jornais velhos corpo, pernas e braços. Assim eles lhe prestaram a última homenagem.

“Em seu túmulo, lá no cemitério, há uma lápide branca, e nela três figuras foram cinzeladas: o Redentor crucificado entre dois ladrões. Não se sabe quem pagou por ela. Corre o boato de que a esposa do dr. Hulbert mandou fazer a tal lápide.

“No testamento do falecido jurisconsulto fora previsto um legado segundo o qual cada membro do ‘batalhão’ recebesse do Loitschek uma sopa gratuita ao meio-dia, por isso as colheres aqui

são presas à mesa com correntes, e as depressões cavadas no tampo da mesa são os pratos. Ao meio-dia, a garçonete vem e, com uma bomba grande de metal, derrama o caldo aí dentro e, se a pessoa não conseguir provar que é ‘do batalhão’, ela suga a sopa de volta com a bomba.

“Partindo dessa mesa, transformado em uma história cômica, esse costume já rodou o mundo inteiro.”

*

A impressão de um tumulto no local me despertou de minha letargia. As últimas frases que Zwakh falou foram sopradas para longe de minha consciência. Ainda vi como ele movia as mãos, simulando os movimentos de apertar e puxar do êmbolo da bomba; em seguida, as imagens que rolavam ao nosso redor passaram velozes e automáticas e mesmo assim com uma clareza tão fantasmagórica diante de meus olhos que, por momentos, me esqueci de mim mesmo e me senti uma engrenagem em um mecanismo vivo de um relógio.

O salão era como um turbilhão humano. Lá em cima do estrado, dúzias de senhores em fraques pretos, punhos brancos, anéis reluzentes. Um uniforme de dragões com galões de capitão da cavalaria. Ao fundo, um chapéu de dama com penas de avestruz.

Através das ripas do corrimão, o rosto em convulsão de Loisa olhava para cima. Vi que ele mal se aguentava em pé. Jaromir também estava ali, com os olhos fixos na mesma direção e as costas coladas, muito coladas, a uma parede lateral, como se uma mão invisível o apertasse contra ela.

Os casais pararam bruscamente de dançar: o dono da taverna gritou algo para eles que os assustara. A música continuou a tocar, mas em surdina, como se não tivesse mais confiança. Sentia-se claramente que ela tremia. Ainda assim, havia no rosto de Loitschek uma expressão de alegria louca e sardônica.

Na porta de entrada, surgiu de repente o delegado de polícia fardado. Abriu os braços para não deixar ninguém sair. Atrás dele, um policial.

– Então continuam dançando aqui? Mesmo com a proibição? Vou fechar esta espelunca. O senhor proprietário vem comigo! E quem estiver aqui, marchando para a delegacia!

Parecia um comando militar.

O brutamontes não deu resposta alguma, mas o sorriso sardônico permaneceu em seus traços.

Só havia ficado mais fixo.

A sanfona havia se calado e só assobiava.

A harpa também havia se retraído.

De repente, todos os rostos se puseram de perfil: encaravam o estrado, ansiosos.

E de lá veio uma elegante figura de preto, desceu com tranquilidade os dois degraus e, sem pressa, se aproximou do delegado.

Os olhos do policial pendiam como se enfeitiçados sobre os sapatos pretos de verniz que deslizavam diante dele.

O cavalheiro parou a um passo do policial e correu por ele seu olhar entediado de cima a baixo e, novamente, de baixo para cima.

Os outros jovens nobres no estrado estavam debruçados no corrimão e continham a risada por trás de seus lenços cinza de seda.

O capitão da cavalaria havia prendido uma moeda de ouro no olho, como um monóculo, e cuspiu a ponta de seu cigarro no cabelo de uma moça que estava apoiada numa cadeira um pouco abaixo dele.

O delegado de polícia ficou pálido e, perplexo, não tirou os olhos da pérola que o aristocrata trazia no peitilho da camisa.

Não podia suportar o olhar indiferente e sem brilho daquele rosto imóvel e imberbe com nariz aquilino.

Aquilo o tirava do sério. Esmagava-o.

O silêncio sepulcral do salão ficou cada vez mais torturante.

– Parecem aquelas estátuas de cavaleiros com as mãos cruzadas que ficam sobre as lápides nas igrejas góticas – sussurrou o pintor Vrieslander, olhando o cavaleiro.

Por fim, o aristocrata rompeu o silêncio:

– Ah... hum... – ele imitou a fala do dono do estabelecimento: – Sim, sim, são meus clientes... veja só.

Uma gargalhada retumbante explodiu na taverna, fazendo tremer os vidros; os vagabundos curvavam-se de tanto rir. Uma garrafa voou na parede e estilhaçou-se. O proprietário brutamontes solta em nossa direção um rosnado explicativo e reverente:

– Sua Alteza, príncipe Ferri Athenstädt.

O príncipe estendeu um cartão de visitas ao delegado. O coitado tomou-o, saudou-o várias vezes e bateu os saltos em continência.

De novo veio o silêncio, a multidão espreitava sem respirar o que viria a seguir.

O cavaleiro retomou a palavra:

– As senhoras e os senhores que o senhor vê aqui reunidos... ah... são meus caros convidados. – Sua Sereníssima Alteza apontou com um movimento circular para o poviléu. – O senhor desejaria, senhor delegado... hum... talvez ser apresentado?

O delegado disse que não com um sorriso forçado, tartamudeou, confuso, algo sobre o “difícil cumprimento dos deveres” e, por fim, se preparou para pronunciar a fórmula:

– Vejo que tudo está em ordem por aqui.

Essas palavras trouxeram vida ao capitão da cavalaria: ele correu até a dama com o chapéu com plumas de avestruz e, no momento seguinte, arrastou pelo braço até o meio do salão e sob os gritos alegres dos jovens nobres... Rosina.

Completamente embriagada, ela cambaleava com os olhos fechados. Afora o grande e caro chapéu caindo-lhe torto na cabeça, ela não vestia nada além de uma meia-calça rosa e um fraque masculino sobre o corpo nu.

Um sinal, e a música voltou com fúria... *Rititit... Rititit...* e abafou o grito gorgolejante que o surdo-mudo Jaromir soltou contra a parede quando viu Rosina.

Decidimos ir embora.

Zwakh chamou a garçonete.

A balbúrdia geral engoliu suas palavras.

As cenas à minha frente eram fantásticas como a embriaguez de ópio.

O capitão da cavalaria segurava Rosina seminua pelo braço e girava com ela ao ritmo da música.

Respeitosamente, a multidão abria caminho para os dois.

Em seguida, veio um murmúrio dos bancos: “O Loitschek, o Loitschek”, os pescoços se esticaram, e ao par dançante se juntou outro, ainda mais peculiar. Um rapaz de aparência afeminada com um suéter rosa, cabelos longos e loiros até os ombros, lábios e bochechas maquiados como uma rameira e os olhos semicerrados com um ar de perplexidade coquete, se recostava languidamente ao peito do príncipe Athenstädt.

Uma valsa adocicada brotou da harpa.

Um nojo violento da vida apertou-me a garganta.

Cheio de angústia, procurei a porta com o olhar: o delegado estava ali, virado para não ver nada, e sussurrava rapidamente com o policial, que embolsava algo que tilintava como algemas.

Os dois espreitam Loisa e suas marcas de varíola, que busca se esconder por um momento e então estaca, paralisado, o rosto branco como cera e retorcido de pavor.

Uma imagem contorceu-se em minhas lembranças e logo se apagou: a imagem de Prokop, como eu vira uma hora atrás, inclinado sobre o gradil do canal, enquanto um grito mortal brotava da terra.

*

Quero gritar e não consigo. Dedos frios fecham minha boca e dobram minha língua para baixo contra os dentes da frente de tal forma que preenche a cavidade bucal como um bolo, e eu não consigo dizer uma palavra.

Não consigo ver os dedos, sei que são invisíveis, e, no entanto, sinto como se fosse algo físico.

Fica claro em minha consciência: eles pertencem à mão fantasmagórica que me entregara o Livro de Ibbur em meus aposentos, no Beco do Galo.

– Água, água! – grita Zwakh ao meu lado. Seguram minha cabeça, iluminando minhas pupilas com uma vela.

– Vamos levá-lo para casa, buscar um médico... o arquivista Hillel sabe dessas coisas... vamos levá-lo para casa! – conversam eles aos murmúrios.

Então fico rígido como um cadáver sobre uma padiola, e Prokop e Vrieslander me carregam para fora.

Desperto

Zwakh subiu as escadas antes de nós, e eu ouvi como ele tentava responder às perguntas que Mirjam, a filha do arquivista Hillel, lhe fez de um jeito apavorado.

Não me custou esforço ouvir o que falavam entre si e adivinhei mais do que compreendi, nas palavras de Zwakh, como eu havia tido um ataque, e que eles tinham vindo pedir que me prestassem os primeiros socorros e me trouxessem de volta à consciência.

Ainda não conseguia mexer nenhum membro, e os dedos invisíveis seguravam minha língua; mas meu pensamento era firme e seguro, e a sensação de pavor já desaparecera. Eu sabia exatamente onde estava e o que acontecia comigo, e não me surpreendi em nada quando me carregaram como um morto sobre a padiola para dentro do quarto de Schemajah Hillel e me deixaram sozinho.

Fui tomado por uma satisfação calma, natural, como a que se sente na volta para casa de uma longa jornada.

Estava escuro no quarto, e, com contornos borrados, os caixilhos das janelas em forma de cruz se destacavam dos vapores opacos que subiam da rua.

Tudo me parecia normal, e eu continuei sem me surpreender quando Hillel entrou com um castiçal judaico de sete velas do sabá, nem quando me desejou um boa-noite sereno como a alguém cuja vinda ele já esperava.

O que eu nunca percebera como algo especial durante todo o tempo em que morei no prédio – apesar de nos encontrarmos com frequência, de três a quatro vezes por semana nas escadas – de

repente me saltou aos olhos, enquanto ele andava para lá e para cá, arrumando alguns objetos sobre a cômoda e, por fim, acendendo a vela com outro castiçal de sete velas: percebi a simetria de seu corpo e membros e os traços delicados do rosto com sua testa nobre.

Naquele momento, à luz das velas, não me parecia mais velho que eu: contava no máximo 45 anos. Depois de um tempo, ele começou a falar:

– Você chegou alguns minutos antes do previsto, do contrário eu teria acendido antes as velas. – Ele apontou para os dois castiçais, aproximou-se da padiola e voltou seus olhos escuros e profundos para alguém, ao que parecia, que estava em pé ou ajoelhado à minha cabeça, mas que eu não conseguia ver. Então moveu os lábios, pronunciando uma frase sem emitir som.

Imediatamente, os dedos invisíveis soltaram minha língua, e a catalepsia se afastou de mim. Eu me levantei e olhei para trás: não havia mais ninguém no aposento além de mim e Schemajah Hillel.

Então aquele “você” e a observação de que estava à espera tinham sido mesmo para mim?

Ainda mais desconcertante que a situação em que eu me encontrava ali era o fato de que eu não conseguia sentir a menor surpresa com tudo aquilo.

Claro que Hillel adivinhou meus pensamentos, pois sorriu amigavelmente enquanto me ajudava a me levantar da padiola e apontava para uma poltrona, dizendo:

– Não há nada de extraordinário. Apenas as coisas fantasmagóricas, os *kischuph*, que agem de um jeito apavorante sobre as pessoas; a vida arranha e arde como um cilício, mas os raios de sol do mundo espiritual são mornos e suaves.

Calei-me, pois nada me ocorreu para que lhe pudesse responder. Ele também parecia não esperar nenhuma resposta, sentou-se diante de mim e continuou com tranquilidade:

– Também um espelho de prata, se pudesse sentir alguma coisa, sofreria dores apenas quando fosse polido. Depois de liso e brilhante, reflete todas as imagens que caem sobre ele sem sofrimento nem agitação.

E acrescentou, baixinho:

– Feliz o homem que pode dizer: eu fui polido.

Ficou por um momento pensativo, e ouvi como murmurou uma frase em hebraico: “*Lichuosecho kiwisi adochoen*”^[4]. Em seguida, sua voz chegou clara aos meus ouvidos:

– Você veio até mim em sono profundo, e eu o deixei desperto. No Salmo de Davi está escrito: “Então, eu disse a mim mesmo, agora eu começo: a mão direita de Deus é aquela que causou essa mudança”.

“Quando os homens se erguem de seu leito, imaginam que se livraram do sono e não sabem que são vítimas de seus sentidos, tornando-se presas de um sono novo, muito mais profundo que aquele do qual acabaram de escapar. Há apenas uma vigília verdadeira, e é aquela da qual você se aproxima agora. Se falar disso com os homens, eles lhe dirão que você está doente, pois não conseguem entendê-lo. Por isso é inútil e terrível falar disso com eles.

“Eles avançam como uma torrente...

“E estão como adormecidos,

“Como o mato que logo murchará...

“Que será arrancado à noite e seco ficará.”

– Quem foi o estranho que me procurou em meus aposentos e me entregou o Livro de Ibbur? Quando o vi, eu estava em vigília ou sonhando? – quis perguntar, mas Hillel me respondeu antes que eu pudesse converter meu pensamento em palavras:

– Aceite que o homem que veio até você e que você chama de Golem significa o despertar da morte por meio da vida espiritual mais íntima. Cada coisa na terra não é nada além de um símbolo eterno coberto de poeira!

“Como é possível pensar com os olhos? Cada forma que você vê é um pensamento com os seus olhos. Tudo o que se cristaliza em uma forma era antes um espectro.”

Senti como se os conceitos que até então estavam ancorados em meu cérebro se soltassem e saíssem à deriva como barcos sem direção em mar aberto.

Com tranquilidade, Hillel continuou:

– Quem foi despertado não pode mais morrer. O sono e a morte são a mesma coisa.

– ... não pode mais morrer? – Uma dor surda tomou conta de mim.

– Dois caminhos seguem lado a lado: o caminho da vida e o caminho da morte. Você pegou o Livro de Ibbur e o leu. Sua alma foi fecundada pelo espírito da vida.

– Hillel, Hillel, deixe-me seguir pelo caminho que todos os seres humanos tomam: o da morte! – assim gritava tudo dentro de mim.

O rosto de Schemajah Hillel endureceu-se com seriedade.

– As pessoas não seguem por caminho nenhum, nem pelo da morte nem pelo da vida. Por isso, vagam como folhas na tempestade. Está escrito no Talmude: “Antes de Deus criar o mundo, pôs um espelho diante dos seres; eles viram nele os sofrimentos espirituais da existência e as delícias que os seguem. Por isso, alguns aceitaram os sofrimentos. Mas outros se negaram, e esses foram apagados por Deus do livro dos vivos”. Mas você *segue* por um caminho e o trilha por vontade própria... ainda que não saiba mais disso: foi invocado por você mesmo. Não se aflija: aos poucos, quando o conhecimento vier, também virá a lembrança. *Conhecimento e lembrança são a mesma coisa.*

O tom amigável, quase afetuoso, na fala de Hillel devolveu minha tranquilidade, e me senti protegido como uma criança doente que sabe que o pai está ao lado.

Ergui a cabeça e vi que de repente muitas figuras estavam no quarto em pé, em círculo: alguns com vestes mortuárias brancas,

como as dos antigos rabinos, outros com tricórnios e fivelas prateadas nos sapatos – mas Hillel passou a mão sobre meus olhos, e o aposento ficou de novo vazio.

Em seguida, ele me acompanhou até as escadas e me entregou uma vela acesa para que eu pudesse iluminar o caminho até meus aposentos.

*

Deitei-me em minha cama e quis dormir, mas o sono não veio e então entrei em um estado peculiar: não estava sonhando, não estava desperto, tampouco dormia.

Eu havia apagado a luz, mas ainda assim tudo no quarto estava tão nítido que eu conseguia identificar cada forma com exatidão. Eu estava completamente à vontade, livre da inquietação particular que tortura quando se está em condição semelhante.

Nunca na vida pude pensar de forma tão aguda e precisa quanto naquele momento. Um fluxo de saúde percorria meus nervos e ordenava meus pensamentos em fileiras como um exército que aguardava apenas meu comando.

Apenas um sinal, e eles se apresentariam diante de mim e cumpririam o que eu desejasse.

Lembrei-me de uma pedra na qual vinha tentando, sem sucesso, lapidar um camafeu nas últimas semanas, pois os muitos veios cintilantes espalhados no mineral não coincidiam com os traços do rosto que eu imaginei e, de pronto, vi a solução à minha frente e soube exatamente como eu precisava trabalhar com o buril para lidar com a estrutura da massa mineral.

Antes escravo de uma horda de impressões fantásticas e rostos oníricos, que eu muitas vezes não sabia se eram ideias ou sentimentos, naquele momento me vi de repente como senhor e rei em seu império.

A resolução de problemas aritméticos que antes eu só teria enfrentado entre gemidos e sobre o papel veio de uma vez à cabeça como se fosse uma brincadeira. Tudo com a ajuda de uma nova capacidade que despertara em mim, aquela de ver e reter precisamente aquilo do que eu precisava naquele instante: números, formas, objetos ou cores. E, quando se tratava de perguntas impossíveis de resolver com essas ferramentas – problemas filosóficos e semelhantes –, entrava em cena, no lugar da visão interna, a audição, quando a voz de Schemajah Hillel assumia o papel de orador.

Eu fiz as descobertas mais estranhas.

Coisas que milhares de vezes na vida entraram por um ouvido e saíram pelo outro, pois para mim não eram mais que palavras, de repente ficavam embebidas de valor até a fibra mais profunda do meu ser; o que aprendi “de cor”, “compreendi” de estalo como minha “capacidade”. O mistério da formação de palavras que eu nunca sequer imaginei se revelava a mim em toda a crueza.

Os ideais “nobres” de humanidade, que antes me encaravam de forma condescendente, com sua expressão honesta de conselheiro comercial, o peito coberto de medalhas do *páthos*, humildemente tiraram a máscara do rosto grotesco e se desculparam: eram apenas mendigos, mas sempre com uma muleta para um logro ainda mais insolente.

Será que eu não havia sonhado? Por exemplo, tinha mesmo falado com Hillel?

Estendi a cabeça na direção da poltrona ao lado da cama.

Justo: ali estava a vela que Schemajah me entregara; e abençoado como um juvenzinho na noite de Natal, que havia se convencido de que o maravilhoso fantoche estava vivo de verdade, afundei-me de novo nos travesseiros.

E como um cão farejador continuei avançando no bosque de enigmas espirituais que me cercava.

De início, tentei retornar ao momento da minha vida que minhas lembranças alcançavam. Somente a partir daí – acreditei eu – me poderia ser possível enxergar aquela parte da minha existência que, para mim, por um estranho golpe do destino, se mantinha envolta pela penumbra.

No entanto, por mais que eu me esforçasse, não conseguia avançar além do momento em que me via parado no pátio obscuro de nosso prédio e, mais adiante do portal, divisava a loja do adeleiro Aaron Wassertrum – como se houvesse vivido um século como lapidador de pedras preciosas naquele prédio, sempre da mesma idade e sem nunca ter sido antes uma criança!

Desesperançado, eu já estava quase desistindo da exploração dos túneis do passado quando de repente, com claridade reluzente, compreendi que a ampla via dos acontecimentos desembocava naquele portal, e não em uma porção de degraus mínimos e estreitos que acompanhavam continuamente, até então, o caminho principal, mas que, no entanto, eu não havia notado. Um grito veio aos meus ouvidos: “De onde você tirou esses conhecimentos com os quais você ganha a vida? Quem o ensinou a talhar pedras preciosas, gravá-las e todo o resto? Ler, escrever, falar – e comer – e andar, respirar, pensar e sentir?”.

De pronto me ative àquele conselho íntimo e retrocedi sistematicamente no curso da minha vida.

Obriguei-me a pensar em uma sequência invertida, mas ininterrupta: o que acabou de acontecer, como aquilo começou, o que havia antes e assim por diante.

De novo cheguei ao conhecido portal – agora! Agora! Apenas um pequeno salto no vazio, e o abismo que me separava do que fora esquecido precisava ser cruzado – então surgiu diante de mim uma imagem que eu havia ignorado no retrocesso de meus pensamentos: Schemajah Hillel correu a mão sobre os olhos – exatamente como antes, lá embaixo, em seus aposentos.

E tudo desapareceu. Até mesmo o desejo de continuar a investigação.

Somente uma coisa permaneceu como ganho permanente: o conhecimento; a sequência de acontecimentos na vida é um beco sem saída, por mais amplo e transitável que pareça. Estão aí os degraus estreitos e escondidos que retrocedem até o lar perdido: aquilo que está gravado com escrita fina, quase invisível em nosso corpo – e não as cicatrizes horrendas que o rascar da vida exterior deixa –, esconde a solução dos últimos segredos.

Da mesma forma que eu poderia reencontrar o caminho que me levava aos dias de minha juventude seguindo o alfabeto de Z até A, para alcançar o momento em que comecei a ir à escola – então entendi que também poderia entrar em outra terra distante que fica além de todo pensamento.

Um mundo de trabalho despencou sobre meus ombros. Ocorreu-me que Hércules também carregara por um período a abóbada celeste sobre a cabeça, e o significado oculto da lenda aclarou-se para mim. E como Hércules também se livrara por meio de um stratagem, quando ofereceu ao gigante Atlas: “Deixe que eu prenda um pano ao redor da cabeça para que o fardo terrível não esmague meu cérebro”, comecei a compreender que talvez houvesse um caminho obscuro para longe desse obstáculo.

De repente, um receio profundo de confiar cegamente na liderança de meus pensamentos me perseguiu. Eu já havia me deitado e cobri olhos e ouvidos com os dedos para não ser desviado pelos sentidos. Para matar todos os pensamentos.

No entanto, minha vontade estilhaçou a lei ferrenha: eu podia expulsar um pensamento apenas por meio de outro e, se um morresse, logo o próximo se alimentava de sua carne. Fugi pela corrente rumorosa de meu sangue, mas os pensamentos se mantinham em meus calcanhares; eu me escondi no palpitar de meu coração apenas por um momento, e eles me encontraram.

Ainda uma vez me veio a voz amigável de Hillel para me ajudar e disse: “Fique em seu caminho e não vacile! A chave para a arte do esquecimento pertence a nossos irmãos que deambulam pela senda da morte; mas você foi fecundado do espírito da vida”.

O Livro de Ibbur surgiu diante de mim, e duas letras flamejaram dentro dele: uma representava a mulher de bronze, com a pulsação poderosa como um terremoto; a outra infinitamente distante: o hermafrodita no trono de madrepérola, com a coroa de madeira vermelha sobre a cabeça.

Então Schemajah Hillel passou uma terceira vez a mão sobre meus olhos, e eu adormeci.

Neve

Meu querido e honrado mestre Pernath!

Escrevo esta carta ao senhor com pressa extrema e angústia imensa. Por favor, destrua-a após lê-la, ou, melhor ainda, traga-a com o envelope. De outra forma, eu não teria paz.

Não diga a viva alma que lhe escrevi. Também não comente aonde o senhor irá hoje!

Seu rosto bom e sincero “há pouco” (o senhor adivinhará quem lhe escreve por essa breve alusão a um acontecimento que o senhor testemunhou, pois eu temo assinar com meu nome no fim) me encheu de confiança, e mais, o fato de seu querido e abençoado pai ter sido meu professor na infância – tudo isso me insuflou a coragem de contatar o senhor, que talvez seja a única pessoa que possa me ajudar.

Imploro ao senhor que venha hoje, às 17h, à catedral, no Bairro do Castelo.

Uma dama conhecida pelo senhor.

Fiquei por uns bons quinze minutos parado, segurando a carta. A sensação estranha e solene que me envolvera desde a noite anterior desapareceu de repente – afastada pelo sopro de vento fresco de um novo dia terreno. Um destino novo chegava até mim, sorridente e promissor – rebento da primavera. Um coração humano buscava minha ajuda. Minha! Como meu aposento de repente parecia diferente! O armário talhado e carcomido por cupins dava a impressão de estar tão satisfeito ali, e as quatro poltronas pareciam homens velhos sentados com todo o conforto ao redor da mesa, jogando *tarok*^[5] às risadinhas.

Minhas horas foram preenchidas com um conteúdo cheio de riqueza e esplendor.

Então a árvore apodrecida ainda podia dar frutos?

Senti como se uma força vívida, que até então estava adormecida, se infiltrasse em mim; ela estava escondida nas

profundezas da minha alma, coberta pelos escombros que se acumulam no cotidiano, como uma fonte que irrompe do gelo quando o inverno termina.

E eu *sabia* com muita certeza, enquanto segurava a carta, que eu poderia ajudar, o que quer que fosse. A alegria em meu coração me dava essa segurança.

Li várias vezes a parte “e mais, o fato de seu querido e abençoado pai ter sido meu professor na infância”; isso me tirava o fôlego. Não soava como a promessa “Hoje ainda você estará comigo no paraíso”? A mesma mão que se estendia para mim em busca de ajuda me oferecia o presente: *a lembrança pela qual eu estava sedento* me revelaria o segredo, ajudaria a erguer a cortina que havia se fechado sobre meu passado!

“Seu querido e abençoado pai”, como essas palavras soavam estranhas quando eu as dizia a mim mesmo! Pai! Por um momento, vi surgir o rosto cansado de um velho de cabelos brancos na poltrona ao lado da minha arca – estranho, muito estranho, e ainda assim terrivelmente conhecido; então meus olhos voltaram ao normal, e meu coração palpitava marcando as horas palpáveis do presente.

Assustado, me ergui: perdi a hora em devaneios? Olhei para o relógio: graças a Deus, eram apenas 16h30.

Fui até o meu quarto, vesti o casaco e o chapéu e descii as escadas. Naquele dia, não me preocupei com o murmúrio dos cantos escuros, os pensamentos maldosos, tacanhos, taciturnos que sempre surgiam deles: “Não vamos largá-lo... você é nosso... não queremos que você seja feliz... felicidade nesta casa, ora, mas que ideia!”.

A poeira fina e envenenada de todos os corredores e cantos, que costumava pousar ao meu redor com mãos sufocantes, hoje desaparecia diante do sopro vívido de minha boca. Parei por um momento diante da porta de Hillel.

Deveria entrar?

Uma timidez furtiva impediu-me de bater. Tudo estava diferente naquele dia – como se eu não *pudesse* ir até ele. E logo a mão da vida me impulsionou adiante para descer as escadas.

A rua estava branca com a neve.

Acho que muitas pessoas me cumprimentaram; não sei dizer se lhes respondi. Tateava a todo momento o peito para garantir que a carta ainda estava comigo.

Daquele lugar emanava o calor.

Atravessei os arcos talhados das galerias do passeio da Cidade Velha e passei pelas fontes de bronze em cujas grades barrocas pendiam muitos sincelos, sobre a ponte de pedra com suas estátuas de santos, até mesmo a de são João Nepomuceno.

Lá embaixo, o rio espuma contra as fundações furiosamente.

Entre devaneios, meu olhar pousou sobre o arenito oco de Santa Luitgarda com “os tormentos dos condenados” dentro dele: a neve jazia sobre as pálpebras dos sofredores e as correntes em suas mãos suplicantes erguidas.

Arcos me engoliam e soltavam, palácios passavam lentamente por mim com sublimes portais talhados, nos quais cabeças de leão mordiam argolas de bronze.

A neve pousava ali também, por todos os lados. Macia, branca como a pelagem de um imenso urso-polar.

Janelas altivas, orgulhosas, com caixilhos brilhantes e congelados, se voltavam impassíveis para as nuvens.

Eu me surpreendi com a quantidade de pássaros em revoada no céu.

Enquanto subia os inúmeros degraus de granito até Hradčany, cada um com a largura de quatro homens, a cidade afundava passo a passo com seus telhados e cumeeiras diante dos meus sentidos.

O crepúsculo já se esgueirava entre as fileiras de prédios quando entrei na praça deserta, em cujo centro a catedral se erguia até o trono dos anjos.

Pegadas – com crostas de gelo ao redor – levavam à porta lateral.

No silêncio do fim da tarde, de algum lugar, vindas de uma casa distante, notas baixas, perdidas, de um órgão ressoavam como lágrimas de melancolia e escorriam na desolação.

Atrás de mim, ouvi o suspiro do batente quando passei pela porta da igreja, e parei na escuridão. O altar dourado cintilava em paz serena através do brilho verde e azul da luz moribunda que atravessava os vitrais coloridos e caía sobre os bancos. Centelhas voavam das vítreas lamparinas vermelhas.

Um cheiro fraco de cera e incenso.

Recostei-me em um banco. Meu sangue estava estranhamente calmo naquele reino de imobilidade.

Uma vida sem pulsação preenchia a sala – uma espera secreta e paciente.

Os relicários de prata jaziam em sono eterno.

Lá! De muito, muito longe chegou o ruído abafado de cascos de cavalo, quase imperceptível aos ouvidos, que se aproximou e silenciou.

Um som seco, como a porta de uma carruagem batendo.

*

O farfalhar de um vestido de seda veio na minha direção, e a mão delicada e pequena tocou meu braço.

– Por favor, por favor, vamos até lá, ao lado do órgão; me causa aversão ficar aqui perto dos oratórios para falar das coisas que preciso lhe dizer.

As imagens religiosas ao redor se desvaneciam em uma claridade austera. De repente, o dia me alcançou.

– Não sei como posso lhe agradecer, mestre Pernath, por ter percorrido o longo caminho até aqui e me encontrar com esse mau tempo.

Gaguejei algumas palavras banais.

– Mas não pensei em nenhum outro lugar onde eu estivesse segura de olhares curiosos e perigos. Aqui, na catedral, certamente ninguém vai nos seguir.

Peguei a carta e estendi-a à dama.

Ela estava quase totalmente coberta por um caro casaco de pele, mas, ao ouvir sua voz, reconheci-a como aquela que se refugiara em meus aposentos no Beco do Galo, cheia de pavor, para escapar de Wassertrum. Também não me surpreendi, pois não esperava outra pessoa.

Meus olhos pairaram sobre seu rosto, que na penumbra da alcova parecia ainda mais pálido do que podia ser. Sua beleza quase me tirou o fôlego, e fiquei estático, como enfeitiçado. Quis me ajoelhar diante dela e teria beijado seus pés por ela ter pedido minha ajuda, por ela ter me escolhido.

*

– Peço, de todo o coração, que o senhor se esqueça, ao menos enquanto estivermos aqui, da situação em que o senhor me viu antes – falou ela com urgência. – Nem sei o que o senhor pensa dessa situação...

– Já sou um velho, mas nunca em minha vida tive a presunção de me considerar juiz de meus semelhantes – foi a única coisa que consegui dizer.

– Eu lhe agradeço, mestre Pernath – disse ela com ternura e simplicidade. – E agora, me ouça com paciência e veja se poderá me ajudar em minha aflição ou ao menos me dar um conselho. – Senti algo como um medo selvagem tomando-a e ouvi sua voz falhar. – Naquele momento... no ateliê... naquele momento, tive a certeza terrível de que aquele ogro horrendo havia premeditadamente me seguido. Durante meses eu já havia percebido que, aonde quer que eu fosse, sozinha ou com meu

marido, ou com... com... com o dr. Savioli... sempre surgia, em algum lugar próximo, o rosto criminoso e horrível daquele adeleiro. Durante o sono, e também em vigília, seus olhos estreitos me perseguiram. Não há nenhum sinal visível do que ele planeja, mas por isso o medo me sufoca de um jeito mais torturante: quando ele vai passar a corda pelo meu pescoço?

“No início, o dr. Savioli quis me tranquilizar, pois um pobre adeleiro como esse tal Aaron Wassertrum não poderia fazer nada – no pior dos casos, faria uma pequena chantagem ou algo parecido, mas todas as vezes seus lábios embranqueciam quando surgia o nome de Wassertrum. Imagino que o dr. Savioli esconde algo de mim para me acalmar, algo terrível que pode custar a vida dele ou a minha.

“Então eu soube o que ele quis cuidadosamente me esconder: que o adeleiro o visitou em seus aposentos várias vezes à noite! Eu sei, eu sinto em cada fibra do meu corpo que algo está acontecendo e aos poucos nos cerca como uma serpente. O que esse assassino foi procurar lá? Por que o dr. Savioli não consegue se livrar dele? Não, não, não vou assistir a isso por muito tempo, preciso fazer alguma coisa. Qualquer coisa antes de enlouquecer.”

Quis lhe dizer algumas palavras de conforto, mas ela não permitiu que eu falasse.

– E, nos últimos dias, o pesadelo que ameaça me estrangular tomou formas cada vez mais palpáveis. De repente, o dr. Savioli adoeceu... Não consigo mais me entender com ele... Não posso visitá-lo, pois não posso ficar na expectativa de que, a qualquer momento, meu amor por ele seja descoberto... Ele está delirante, e a única coisa que consegui saber é que ele, em estado febril, acredita estar sendo perseguido por um mostro de lábio leporino. É Aaron Wassertrum!

“Sei que o dr. Savioli é corajoso, e isso é o que me horroriza ainda mais, o senhor consegue imaginar? Vê-lo agora paralisado,

em colapso diante de um perigo que eu mesma sinto como a proximidade obscura de um terrível anjo da morte.

“O senhor pode dizer que eu sou covarde e questionar por que não me declaro abertamente ao dr. Savioli e não jogo tudo para o alto se o amo tanto... Toda riqueza, honra, fama e assim por diante, mas... – ela gritava tanto que ecoava das galerias do coro – ... eu não posso! Tenho uma filha, minha querida menina loirinha! Não posso renunciar à minha filha. O senhor acredita que meu marido permitiria?! Sim, sim, pegue isso, mestre Pernath. – Ensandecida, ela tirou uma bolsinha que estava cheia de fios de pérolas e pedras preciosas. – E leve ao criminoso... sei que ele é ganancioso... Ele pode ficar com tudo o que possuo, mas deve deixar minha filha comigo. Não acha que ele vai se calar? Então, pelo amor de Jesus Cristo, diga apenas uma palavra, diga que vai me ajudar!

Custou-me o maior esforço para ao menos acalmar a mulher insana e fazê-la sentar-se em um banco.

Falei com ela tudo o que me ocorreu no momento. Frases confusas, desconexas.

Os pensamentos voavam tanto pelo meu cérebro que eu mal compreendia o que minha boca falava – ideias de um tipo fantástico que mal nasciam e se desintegravam.

Distraidamente, meu olhar pairou sobre uma estátua de um monge no nicho da parede. Eu estava falando sem parar. Aos poucos, as feições da estátua mudaram, o hábito se transformou em um sobretudo desbotado com gola erguida, e um rosto jovem com bochechas macilentas e manchas afogueadas surgiu dali.

Antes que eu pudesse compreender a visão, o monge estava de volta. Minha pulsação ficou rápida demais.

A mulher infeliz havia se curvado sobre minha mão e chorava baixinho.

Transmiti a ela a força que me sobreviera no momento em que li a carta, e assim me senti novamente poderoso e vi como ela se recuperava aos poucos.

– Quero lhe dizer por que recorri ao senhor, mestre Pernath – ela começou a falar de novo, baixinho, depois de um longo silêncio. – Foram algumas palavras que o senhor me disse certa vez... e das quais nunca me esqueci mesmo depois de muitos anos...

Muitos anos? Meu sangue congelou.

– O senhor se despediu de mim... não sei mais por que e como, eu ainda era criança... e o senhor me disse de um jeito tão amistoso e ainda assim tão triste: “Talvez esse momento nunca chegue, mas pense em mim se alguma vez na vida não souber como sair de uma situação. Talvez Deus, nosso Senhor, permita que seja eu quem poderá ajudá-la”. Na época eu virei as costas e corri, deixando minha bola cair nas fontes para que o senhor não visse minhas lágrimas. E então quis presenteá-lo com o coração de coral que levava como colar em uma fita de seda ao redor do pescoço, mas fiquei com vergonha, pois teria sido muito ridículo.

Lembrança!

Os dedos da paralisia tatearam buscando minha garganta. Um vislumbre, como de uma terra da saudade esquecida, longínqua, surgiu diante de mim, sem aviso e terrível: uma menininha de vestido branco e, ao redor, a campina escura de um jardim palaciano, rodeado por olmos. Revi essa imagem claramente diante de mim.

*

Devo ter empalidecido; percebi pela rapidez com que ela continuou:

– Sei que suas palavras à época brotaram pela atmosfera de despedida, mas sempre foram para mim um alento e... eu lhe agradeço isso.

Com toda a força, cerrei os dentes e reprimi no peito a dor ululante que me despedaçava.

Entendi que tinha sido uma mão clemente que trancafiara minha lembrança. Naquele momento, ficou inscrito com clareza em minha consciência o que um breve vislumbre dos dias passados trazia consigo: um amor que fora muito intenso para o meu coração por anos corroe meus pensamentos, e a noite da loucura à época se transformou no bálsamo para meu espírito ferido.

Aos poucos, recaiu sobre mim a tranquilidade da morte e resfriou as lágrimas por trás de minhas pálpebras. O dobrar dos sinos atravessou com solenidade e orgulho a catedral, e pude ver com alegria satisfeita os olhos que tinham vindo buscar minha ajuda.

*

Novamente ouvi o baque surdo da porta da carruagem e as batidas dos cascos.

*

Desci para a cidade em meio à neve que cintilava, azulada pela noite.

Os lampiões miravam-me surpresos com olhos piscantes, e das montanhas cobertas de abetos vinham os murmúrios de conversas sobre bugigangas, nozes prateadas e o Natal vindouro.

Na praça da Prefeitura, ao lado da Coluna da Virgem Maria, velhas mendigas com lenços cinzentos murmuravam, à luz das velas, seu rosário à mãe de Deus.

Diante da entrada escura do Bairro Judeu, apinhavam-se as barracas do mercado natalino. Entre elas, coberto com um pano vermelho esticado, fortemente iluminado pelas tochas bruxuleantes, ficava o palco aberto de um teatro de marionetes.

O polichinelo vermelho e violeta de Zwakh, com o chicote na mão e um crânio na corda, galopava um alazão de madeira sobre o tablado.

Nas fileiras, todos muito juntos, os pequenos assistiam boquiabertos – os gorros de pele puxados sobre as orelhas – e espreitavam encantados os versos do poeta de Praga, Oskar Wiener, que meu amigo Zwakh recitava de dentro da caixa:

O boneco seguia bem adiante,
Rapazote magro como poeta
E vestia trapos extravagantes
E cambaleava fazendo careta.

Virei na rua obscura e curva que desembocava na praça. Apinhada, ombro a ombro, havia uma multidão silenciosa na penumbra diante de um cartaz.

Um homem riscou um fósforo, e eu consegui ler partes de algumas linhas. Com sentidos embotados, minha consciência absorveu algumas palavras:

<p>DESAPARECIDO! <i>Recompensa de 1.000 florins</i></p> <p>Senhor mais velho..... vestido de preto..... Descrição: rosto cheio, bem barbeado..... Cabelos: brancos..... Autoridade policial.... Sala nº.....</p>
--

Continuei andando devagar pelas fileiras de prédios na escuridão, sem vontade, apático, um cadáver em vida.

Um punhado de estrelas minúsculas cintilava no caminho celeste estreito e escuro sobre as cumeeiras.

Meus pensamentos adejaram pacificamente de volta à catedral, e a tranquilidade de minha alma ficou ainda mais jubilosa e profunda. Então da praça veio com clareza cortante, como se estivesse colada ao meu ouvido, a voz do marionetista através do ar do inverno:

Onde está o coração de rubra pedra?
Ele pende de uma fita de seda,
E cintila à luz vermelha da alvorada.

Espectro

Andei inquieto de um lado para outro em meu quarto até tarde da noite, esquadrinhando o cérebro em busca de uma maneira de ajudá-la.

Várias vezes estive a ponto de ir até Schemajah Hillel para lhe contar o que me havia sido confidenciado e pedir seus conselhos, mas sempre abandonava essa decisão.

Em meu espírito, ele se postava tão gigantesco diante de mim que parecia um sacrilégio incomodá-lo com coisas que diziam respeito à vida exterior; então, de novo, vinham momentos em que me afligiam dúvidas candentes: eu vivera de fato todas aquelas situações que ficaram para trás havia pouco e ainda assim já pareciam estranhamente desbotadas se comparadas aos acontecimentos impactantes do dia anterior?

Teria eu sonhado? Poderia eu – uma pessoa com quem o inaudito havia acontecido, que havia esquecido o próprio passado –, ainda que por um segundo, aceitar como certeza aquilo que tem como única testemunha minhas próprias lembranças?

Meu olhar pousou sobre a vela de Hillel, que ainda estava na cadeira. Graças a Deus, ao menos uma coisa era certa: eu realmente me encontrara com ele!

Então eu não deveria correr até ele sem sequer pensar, abraçar seus joelhos e, de homem para homem, me queixar com ele da dor indescritível que devorava meu coração?

Eu já estava com a mão na maçaneta e a soltei, prevendo o que estava por vir: Hillel passaria as mãos com gentileza sobre meus olhos e... não, não, isso não! Eu não tinha o direito de desejar alívio.

“Ela” confiou em mim e em minha ajuda e, se o perigo que ela teme pudesse, em alguns momentos, me parecer pequeno e inútil, *e/la* certamente o sentia como algo gigantesco!

Haveria tempo para pedir conselhos a Hillel amanhã – forcei-me a pensar com frieza e sobriedade; não era possível incomodá-lo agora, no meio da noite. Apenas um louco agiria assim.

Quis acender a lamparina, em seguida desisti: o reflexo da lua caía dos telhados para dentro de meu quarto e me fornecia mais luz do que eu precisava. E temia que a noite pudesse ficar ainda mais lenta se eu acendesse a luz.

Havia tanta desesperança no pensamento de acender a lamparina somente para aguardar o dia – um medo leve me dizia que a manhã recuava a uma distância inalcançável.

Fui até a janela: como um cemitério fantasmagórico pairando no ar, as fileiras de frontões ornamentados jaziam ali – lápides com as inscrições dos anos desgastadas pelo tempo, empilhadas sobre as catacumbas escuras mofadas, essas “habitações” nas quais uma multidão de viventes havia aberto cavernas e passagens.

Por um bom tempo fiquei ali em pé, olhando para cima, até começar a me perguntar baixinho, muito baixinho, por que não hesitei quando um som de passos contidos atravessou as paredes ao meu lado e chegou claramente a meus ouvidos.

Espreitei: sem dúvida, novamente havia uma pessoa ali. O breve ranger das tábuas do piso traiu como a sola de seu calçado rastejava com hesitação.

De súbito, voltei a mim mesmo. Fui ficando cada vez menor, então tudo dentro de mim se apertou, tamanha era a vontade de ouvir. Toda a noção de tempo transformou-se em presente.

Mais um estalido rápido, que causou susto e de súbito cessou. Então, silêncio sepulcral. Aquele silêncio horrível que fica à espreita, que acusa a si mesmo e faz com que os minutos se alonguem extraordinariamente.

Fiquei imóvel, meu ouvido pressionado contra a parede, a sensação ameaçadora na garganta de que havia alguém ali, exatamente como eu, fazendo a mesma coisa.

Continuei espreitando, espreitando: nada.

A sala do ateliê ao lado parecia morta.

Silenciosamente – na ponta dos pés – me esgueirei até a cadeira ao lado da minha cama, peguei a vela de Hillel e acendi.

Em seguida, pensei: a porta de ferro do corredor que levava ao ateliê de Savioli só abria pelo lado de dentro.

Ao acaso, peguei um pedaço de arame em forma de gancho que estava sobre a mesa, embaixo de meus instrumentos de gravura: essas fechaduras se abrem facilmente, já com a primeira pressão na mola de trava!

E o que viria, então?

Imaginei que só podia ser Aaron Wassertrum ali, espionando na porta ao lado, talvez revirando caixas para conseguir novas armas e provas em mãos.

Será que teria alguma serventia eu intervir?

Não pensei por muito tempo: devia agir, não pensar! Desbaratar essa terrível espera pela manhã!

E logo eu estava em pé diante da porta de ferro, recostado nela, deslizando suavemente o gancho na fechadura e ouvindo. Certo: um rangido estridente lá dentro, no ateliê, como se alguém puxasse uma gaveta.

No momento seguinte, a trava cedeu.

Embora estivesse quase um breu e minha vela apenas me ofuscasse, pude ter um vislumbre da sala e vi quando um homem de casaco preto comprido teve um sobressalto horrorizado diante de uma escrivaninha – por um segundo indeciso sobre para onde virar –, fez um movimento como se quisesse sair em disparada na minha direção, mas arrancou o chapéu da cabeça e se apressou em cobrir o rosto.

“O que está procurando aqui?”, quis gritar, mas o homem falou antes de mim:

– Pernath! É o senhor? Pelo amor de Deus! Apague essa vela! – a voz me parecia familiar, mas não era a do adeleiro Wassertrum.

Apaguei a vela automaticamente.

O quarto permanecia na penumbra, exceto pela névoa luminosa que passava por fora do nicho da janela, mal iluminado como o meu, e precisei forçar os olhos antes de conseguir reconhecer, no rosto abatido e agitado que de repente apareceu, os traços do estudante Charousek.

“O monge!”, quase me saltou da língua, e de repente entendi a visão que tive na catedral no dia anterior! *Charousek! Esse era o homem a quem eu deveria recorrer!* – E ouvi novamente as palavras que ele dissera na chuva, sob as arcadas: “Logo Aaron Wassertrum saberá que é possível perfurar essas paredes com agulhas venenosas e invisíveis. Exatamente no dia em que quis voar no pescoço do dr. Savioli!”.

Eu tinha um aliado em Charousek? Ele sabia o que havia acontecido? Sua presença ali em uma hora tão incomum quase me levou a concluir isso, mas evitei lhe dirigir a pergunta diretamente.

Ele apressou-se até a janela e espreitou a rua por trás da cortina.

Imaginei que ele estivesse com medo de que Wassertrum tivesse percebido a luz de minha vela.

– O senhor certamente está pensando que sou um ladrão, que estou procurando alguma coisa aqui, um apartamento estranho, à noite, mestre Pernath – começou ele com voz reticente após um longo silêncio –, mas eu juro ao senhor...

Eu imediatamente o interrompi, acalmando-o.

E para lhe mostrar que eu não nutria nenhuma desconfiança contra ele, mas antes o via como aliado, contei, com algumas omissões que considereei necessárias, o que havia acontecido no ateliê e que temia que uma mulher próxima de mim estivesse, de

alguma forma, correndo risco de ser vítima dos desejos extorsivos do adeleiro.

Pela maneira educada com que ele me ouviu sem me interromper com perguntas, concluí que ele já conhecia grande parte da história, embora talvez não soubesse de detalhes.

– É verdade – disse ele, pensativo, quando eu terminei. – Então não me enganei! O camarada quer voar no pescoço de Savioli, isso é óbvio, mas pelo visto ainda não tem material suficiente. Por que mais estaria sempre rondando por essas bandas? Ontem, ao passar, digamos que por acaso, pelo Beco do Galo – explicou ele quando notou minha expressão questionadora –, notei que Wassertrum passeou de um lado para outro na frente do portão por um longo tempo, aparentemente tranquilo. Mas então, quando pensou que não estava sendo observado, entrou rápido no prédio. Fui atrás dele imediatamente e agi como se quisesse visitar o senhor, ou seja, bati à sua porta e o surpreendi, enquanto ele testava com uma chave a porta de ferro. Claro que desistiu assim que cheguei e bateu à porta do senhor como desculpa. A propósito, o senhor parecia não estar em casa, pois ninguém atendeu.

“Quando investiguei cautelosamente o Bairro Judeu, soube de alguém que, de acordo com as descrições, só poderia ser o dr. Savioli, possuía uma *garçonnière* secreta aqui. Como o dr. Savioli está gravemente doente, o restante começou a fazer sentido.

“Veja o senhor, encontrei isto aqui nas gavetas para, em todo caso, me antecipar a Wassertrum – concluiu Charousek, apontando para um maço de cartas sobre a mesa. – É tudo o que pude encontrar de correspondência. Espero que não haja mais nada disponível. Ao menos vasculhei todos os baús e armários o melhor que pude na escuridão.

Meus olhos examinaram a sala enquanto ele falava e, involuntariamente, se fixaram em um alçapão no chão. Lembrei-me, de um jeito sombrio, de que Zwakh havia me falado em algum

momento de uma passagem secreta, lá embaixo, que levava ao ateliê.

Era uma placa quadrada com uma argola presa a ela como uma alça.

– Onde devemos esconder essas cartas? – Charousek recomeçou a falar. – Pernath, o senhor provavelmente é o único em todo o gueto que parece inofensivo a Wassertrum... Já *eu*... ele tem lá suas... razões especiais... – vi que seus traços se distorceram em ódio selvagem, como se realmente mastigasse a última frase – ... e o senhor ele considera... – Charousek abafou a palavra “louco” com uma tosse rápida e falsa, mas adivinhei o que ele quis dizer, o que não me magoou; a sensação de poder ajudá-la me deixou tão feliz que toda a sensibilidade se extinguiu.

Por fim, concordamos em esconder o pacote em meus aposentos e fomos até lá.

*

Charousek já tinha ido embora muito tempo antes, mas eu ainda não conseguia me decidir a ir para a cama. Certa insatisfação interior corroía-me, impedindo-me. Eu ainda precisava fazer alguma coisa, mas o quê? O quê?

Elaborar um plano para o estudante visando o que viria a seguir?

Não podia ser apenas isso. De qualquer forma, Charousek não havia tirado os olhos do adeleiro, disso não havia dúvida. Estremeci quando pensei no ódio que suas palavras carregavam.

O que Wassertrum tinha feito a ele?

Minha estranha inquietação interior cresceu e quase me levou ao desespero. Algo invisível, do além, gritava meu nome, e eu não entendia.

Eu parecia um cavalo que está sendo adestrado, que sente o puxão das rédeas e não conhece o truque que deve fazer, que não compreende a vontade de seu senhor.

Descer para procurar Schemajah Hillel?

Cada fibra de meu corpo dizia não.

A visão do monge na catedral, sobre cujos ombros a cabeça de Charousek apareceu no dia anterior, foi como uma resposta a um pedido silencioso de aconselhamento, foi indicação suficiente para que, a partir de então, sentimentos embotados não fossem rapidamente desprezados. Era certo que forças ocultas estavam germinando dentro de mim havia algum tempo: o que eu sentia era forte demais para tentar renegá-lo.

Sentir as letras, não apenas as ler como nos livros – criar dentro de mim um intérprete que traduzisse para mim o que os instintos murmuravam sem palavras; percebi que devia estar aí a chave para eu me entender com meu íntimo em um idioma claro.

“Têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem”, essa passagem bíblica me ocorreu como explicação.

De repente, percebi que meus lábios repetiam mecanicamente “Chave, chave, chave”, enquanto meu espírito me fazia acreditar naquelas ideias estranhas.

“Chave, chave...?”, meus olhos pousaram no arame torto da minha mão, que me serviu para abrir a porta do depósito antes, e uma curiosidade ardente sobre o local aonde a porta quadrada do alçapão do ateliê poderia levar me fustigava.

E, sem pensar, fui mais uma vez ao ateliê de Savioli e puxei a maçaneta do alçapão, até finalmente conseguir levantar aquela placa.

No começo não havia nada além da escuridão.

Então vi degraus estreitos e íngremes que desciam para uma escuridão ainda mais profunda.

Desci.

Por um momento, tateei ao longo das paredes, mas elas pareciam não ter fim: nichos úmidos de mofo e bolor – voltas, cantos e recantos –, corredores adiante, à esquerda e à direita, restos de

uma porta velha de madeira, bifurcações e, em seguida, mais degraus, degraus, degraus para cima e para baixo.

Um odor sombrio, sufocante, de podridão seca e terra por toda parte.

E nem um raio de luz.

Se ao menos eu tivesse pegado a vela de Hillel!

Por fim, um caminho plano, nivelado.

Pelos estalos sob meus pés, concluí que estava andando na areia seca.

Só poderia ser uma daquelas incontáveis passagens que aparentemente levavam a esmo por baixo do gueto até o rio.

Não me surpreendi: metade da cidade fora construída, desde tempos imemoriais, sobre esses cursos subterrâneos, e os habitantes de Praga desde sempre tiveram um bom motivo para evitar a luz do dia.

A ausência de qualquer som chegando a meus ouvidos me dizia que eu ainda devia estar no território do Bairro Judeu, que à noite fica morto, embora eu já tivesse andado uma eternidade. Ruas ou locais mais animados lá em cima teriam se revelado para mim pelo rolar de coches distantes.

Por um segundo, o medo me sufocou: e se eu estivesse andando em círculos?! Se eu caísse em um buraco, me ferisse, quebrasse uma perna e não pudesse continuar?!

O que aconteceria então com as cartas *dela* no meu quarto? Seria inevitável caírem nas mãos de Wassertrum.

O pensamento em Schemajah Hillel, que eu de modo vago associava ao conceito de auxiliador e líder, me acalmou involuntariamente.

Como precaução, porém, andei mais devagar, às apalpadelas, e mantive o braço no ar para não bater acidentalmente a cabeça se o túnel ficasse mais baixo.

Logo, passei a erguer mão com mais frequência, e por fim as pedras do teto começaram a se abaixar tanto que precisei me

inclinar para passar.

De repente, entrei com o braço levantado em um espaço vazio. Estaquei e olhei para cima.

Aos poucos, me pareceu que caía do teto um brilho suave e quase imperceptível de luz.

Talvez o fosso de algum porão que desembocava ali?

Endireitei o corpo e tateei com as duas mãos na altura da cabeça: a abertura era exatamente quadrada e suas paredes eram rebocadas.

Pouco a pouco pude distinguir os contornos sombrios de uma cruz e, finalmente, consegui agarrar suas traves, me erguer contra elas e passar por elas.

Nesse momento fiquei *em pé* sobre a cruz, tentando me orientar.

Se a sensação dos meus dedos não estivesse me enganando, era claro que terminavam ali os restos de uma escada de ferro em caracol.

Por um longo tempo, indizível, precisei tatear até encontrar o segundo degrau, em seguida o escalei.

Eram oito degraus ao todo. Cada um quase na altura de um homem.

Estranhamente, a escada terminava em uma espécie de painel horizontal, que deixava a luz passar em linhas regulares e tramadas, que eu havia notado lá embaixo, no corredor!

Abaixei-me o máximo que pude para distinguir melhor de uma longa distância como as linhas se formavam e, para meu espanto, percebi que tinham exatamente a forma de uma estrela de seis pontas, como aquelas encontradas nas sinagogas.

O que poderia ser?

De repente, cheguei à conclusão: era um alçapão que deixava entrar luz pelas bordas! Um alçapão de madeira em forma de estrela.

Apoiei o ombro contra a placa, empurrei-a para cima e, no momento seguinte, estava em pé em um aposento inundado pelo

lunar brilhante.

Era bem pequeno, completamente vazio exceto por uma pilha de lixo no canto, e tinha apenas uma única janela com grades fortes.

Não consegui descobrir uma porta ou qualquer outro acesso, exceto aquele pelo qual eu acabara de passar, por mais que eu procurasse com cuidado e várias vezes nas paredes.

As barras da janela eram muito estreitas para minha cabeça passar, mas pude ver algumas coisas: o cômodo estava mais ou menos na altura do terceiro andar, pois as casas à frente tinham apenas dois andares e ficavam bem mais baixas.

A única margem da rua abaixo era quase invisível para mim, mas pela luz ofuscante da lua que brilhava em cheio sobre meu rosto, estava mergulhada em sombras profundas que tornavam impossível distinguir detalhes.

A rua devia necessariamente pertencer ao Bairro Judeu, pois as janelas ali estavam muradas por completo ou indicadas no prédio por caixilhos, e somente no gueto as casas são tão estranhamente viradas de costas umas para as outras.

Em vão me martirizei para descobrir qual poderia ser aquela construção estranha onde eu estava.

Seria uma torre lateral abandonada da igreja grega? Ou de alguma forma fazia parte da sinagoga Staranova?

Não se encaixava com o entorno.

Mais uma vez olhei ao redor do cômodo: nada que me trouxesse a menor informação. As paredes e o teto estavam vazios, o reboco e a cal haviam caído muito tempo antes, e não havia ali nem buracos de pregos nem pregos, que teriam revelado que o cômodo fora habitado antes.

O chão tinha uma camada alta de poeira, como se nenhum ser vivo entrasse nele por décadas.

Fiquei com nojo de revirar o lixo naquele canto. Estava na escuridão profunda, e eu não conseguia saber do que era feito.

Por fora parecia um bolo de trapos enrolados.

Ou eram duas malas de mão pretas e velhas?

Empurrei com o pé, e com o salto da bota consegui puxar um pedaço daquilo para perto do feixe de luz que a lua lançava para dentro do cômodo. Parecia uma faixa larga e escura que se desenrolava devagar.

Surgiu um ponto brilhante como um olho!

Um botão de metal, talvez?

Aos poucos, ficou claro para mim: uma manga de corte estranho e antiquado pendia do pacote.

E uma caixinha branca ou algo parecido estava embaixo dela, soltou-se sob meu pé e despencou em várias camadas manchadas.

Eu dei-lhe um leve empurrão: uma lâmina voou para a luz.

Uma imagem?

Eu me inclinei: um Louco?

O que parecia uma caixa branca era um maço de baralho.

Peguei-o.

Nada poderia ser mais ridículo: um jogo de baralho ali, naquele lugar assustador!

Tão estranho que precisei me forçar a sorrir. Um leve sentimento de horror tomou conta de mim.

Eu procurava uma explicação banal de como o baralho poderia ter chegado até ali e contei mecanicamente as cartas. Estava completo: 78 cartas. Mas, enquanto contava, notei algo: as lâminas eram como gelo.

Um frio paralisante emanava delas e, enquanto eu segurava o maço fechado na mão, mal conseguia soltá-lo de tão enregelados que meus dedos estavam. Mais uma vez tentei me ater a uma explicação sóbria: meu terno era fino, a longa caminhada sem casaco e chapéu nas passagens subterrâneas, a noite sombria de inverno, as paredes de pedra, o frio terrível que fluía pela janela com a luz da lua. Era estranho que eu houvesse começado a me sentir congelado apenas naquele momento. A emoção que eu sentira naquele tempo todo devia ter me ludibriado.

Um arrepio após o outro corria por minha pele. Camada a camada, eles penetravam cada vez mais fundo no meu corpo.

Senti meu esqueleto transformar-se em gelo e tomei consciência de cada osso como se fossem barras de metal frias que enregelavam minha carne.

Andar de um lado para outro não ajudava, nem bater os pés e os braços. Eu cerrava os dentes para não os ouvir bater.

É a morte, disse a mim mesmo, *que pousa as mãos frias em sua cabeça.*

E lutei como louco contra o torpor letárgico do frio, que, lanoso e sufocante, me envolvia como um manto.

As cartas nos meus aposentos – as cartas *dela!*, as palavras rugiram em mim: alguém as encontrará se eu morrer aqui. E ela depositou suas esperanças em mim! Pôs sua salvação em minhas mãos! Socorro! Socorro! Socorro!

E gritei pela janela gradeada lá para baixo, para o beco deserto para que ecoasse: Socorro, socorro, socorro!

Joguei-me no chão e me ergui aos pulos. Eu não podia morrer, não podia! Por ela, apenas por ela! Ainda que eu tivesse de provocar faíscas com meus ossos para me aquecer.

Então avistei os trapos no canto e corri na direção deles, enfiando-me neles com mãos trêmulas.

Era um terno surrado de tecido grosso e escuro de corte antiquado e estranho.

Emanava um cheiro de mofo.

Então me encolhi no canto oposto da parede e senti, pouco a pouco, minha pele ficando mais quente. Apenas o sentimento horrível de meu esqueleto gelado dentro de mim não queria ceder. Fiquei imóvel e deixei meus olhos vagarem: a primeira carta que vi – o Louco – ainda estava no meio do cômodo sob o feixe de luz.

Não conseguia mais tirar os olhos dela.

Pelo que pude ver à distância, parecia desajeitadamente pintado em aquarela pela mão de uma criança e representava a letra

hebraica *aleph*, na forma de um homem com vestes antiquadas, seu cavanhaque cinza cortado curto e o braço esquerdo erguido, enquanto o outro apontava para baixo.

Ocorreu-me uma suspeita: o rosto do homem não tinha uma estranha semelhança com o meu? A barba – ela não condizia com a de um Louco... Rastejei até a carta e joguei-a no canto junto ao amontoado de coisas para me livrar da visão atormentadora.

Agora ela estava lá, mancha indefinida, branco-acinzentada, e brilhava, lá na escuridão, em minha direção.

Forcei-me de forma violenta a considerar o que eu precisaria fazer para voltar aos meus aposentos: esperar a manhã! Chamar os transeuntes pela janela para que, usando uma escada, me levassem uma vela ou uma lâmparina! Senti com uma certeza opressora que nunca conseguiria, sem luz, me encontrar nos intermináveis corredores que se cruzavam eternamente. Ou, se a janela estivesse alta demais, alguém viria do telhado com uma corda...? Meu Deus do céu, uma ideia passou por mim como um raio, e naquele momento entendi onde eu estava: em um quarto sem acesso, apenas com uma janela gradeada, a antiga casa na Rua da Escola Velha que todos evitavam! Uma vez antes, muitos anos antes, um homem viera do telhado descendo por uma corda para espiar pela janela, e a corda se rompeu e... sim, eu estava na casa onde o fantasmagórico Golem sempre desaparecia!

Um horror profundo, contra o qual eu me defendia em vão, que eu não conseguia reprimir sequer pela lembrança das cartas dela, paralisou qualquer pensamento, e meu coração começou a se contrair.

Rapidamente, com os lábios rígidos, eu dizia a mim mesmo que era apenas o vento que soprava tão gelado no canto oposto, dizia a mim mesmo, cada vez mais rápido, com respiração ofegante – mas não adiantava nada. Ali, a mancha esbranquiçada – a carta do baralho – se enchia como um balão, avultando-se até o limiar do feixe de luar, e recuava de novo para a escuridão. Ruídos altos de

gotas que caíam... talvez imaginado, mas quase real... o ruído era no quarto, e fora, ao meu redor e ainda em outro lugar... no fundo do meu coração, e de novo no meio do quarto... surgiram outros barulhos, como se um compasso caísse e fincasse a ponta na madeira!

De novo: a mancha esbranquiçada... a mancha esbranquiçada...! É uma carta, uma carta de baralho miserável, estúpida, ridícula, gritei em meu cérebro... em vão... ainda assim, nesse momento ela havia... havia tomado forma... o Louco... se agacha no canto e olha para mim com *meu próprio rosto*.

*

Por horas e horas fiquei ali, encolhido, imóvel, no meu canto, um esqueleto congelado em roupas estranhas e mofadas! E aquele ali adiante era eu mesmo.

Mudo e imóvel.

*

Então nos encaramos... um o reflexo horrível do outro.

Será que ele também enxergava como os raios do luar deslizavam pelo chão com a lentidão de uma lesma e, como ponteiros de um relógio invisível, se arrastavam pela parede e ficavam cada vez mais pálidos?

Com firmeza, usei meu olhar para segurá-lo, e isso não evitou que ele quisesse se dissolver na luz do amanhecer que vinha a seu auxílio pela janela.

Eu o prendia.

Passo a passo, lutei com ele pela minha vida – pela vida que é minha porque não me pertence mais.

*

E à medida que se tornava cada vez menor e, no raiar do dia, se arrastava para dentro de sua lâmina de baralho, levantei-me, fui até ele e o meti no bolso – o Louco.

*

Ainda assim, a rua lá embaixo continuava deserta.

Vasculhei o canto da sala, que agora recebia a luz fraca da manhã: cacos de vidro, uma panela enferrujada, trapos apodrecidos, um gargalo de garrafa. Coisas mortas e mesmo assim tão estranhamente familiares.

De onde eu conhecia aquelas paredes, com suas rachaduras e fissuras, que iam ficando claras ali dentro?

Peguei o baralho; ocorreu-me o seguinte: não fora eu mesmo que as pintara? Quando criança? Muito, muito tempo antes?

Era um antigo baralho de *tarok*, com caracteres hebraicos. O número 12 devia ser “O Enforcado”, veio-me certa lembrança. De cabeça para baixo? Os braços presos às costas? Busquei nas cartas: pronto! Ali estava ele.

Então, novamente, entre o sonho e a certeza, uma imagem emergiu na minha frente: uma escola enegrecida, inclinada, torta, o prédio de uma bruxa mal-humorada, o ombro esquerdo erguido, o outro derribado, recostado à casa vizinha... somos vários adolescentes... um porão abandonado existe em algum lugar...

*

Então olhei para o meu corpo e me confundi mais uma vez: o traje antiquado era completamente estranho a mim.

O barulho de uma carroça balouçante assustou-me, mas, quando olhei para baixo, nenhuma viva alma. Apenas um cão enorme estava parado, pensativo, em uma esquina.

Sim! Finalmente! Vozes! Vozes humanas!

Duas senhoras vinham caminhando devagar pela rua, e eu encaixei minha cabeça na grade e gritei para elas.

Boquiabertas, elas olharam para o alto e conversaram entre si. Mas, quando me viram, soltaram um grito estridente e fugiram dali.

Imaginei que me confundiram com o Golem.

Esperei que surgisse uma multidão à qual eu pudesse me explicar, mas uma hora se passou, e apenas de vez em quando um rosto pálido me espiava com cautela para em seguida dar meia-volta e desaparecer em terror mortal.

Será que eu teria de esperar horas até que os policiais chegassem, talvez só no dia seguinte – os canalhas de patente, como Zwakh costumava chamá-los?

Não, preferi investigar mais um trecho da passagem subterrânea.

Talvez, durante o dia, um raio de luz passasse através de rachaduras na rocha.

Desci a escada, continuei pelo caminho pelo qual tinha vindo no dia anterior – passando por montes de tijolos quebrados e por porões fundos –, subi uma escada e de repente estaquei... no corredor da escola negra que tinha visto antes em sonho.

Logo fui inundado por uma torrente de lembranças: bancos salpicados de tinta de cima a baixo, cadernos de cálculos, música estridente, um garoto que solta um besouro dentro da classe, livros de leitura com sanduíches esmagados dentro deles e aroma de casca de laranja. Naquele momento, eu soube com certeza: já tinha estado ali quando menino. Mas não me dei tempo para pensar e corri para casa.

A primeira pessoa que encontrei na Rua Salniter foi um velho judeu decadente com costeletas de cachos brancos. Assim que me viu, cobriu o rosto com as mãos e uivou orações em hebraico.

O barulho fez com que muitas pessoas saíssem de suas cavernas, pois irrompeu atrás de mim um alarido indescritível. Eu me virei e vi um exército repleto de rostos mortiços e horrorizados rumando em minha direção.

Estarrecido, olhei para mim mesmo e entendi: desde a noite, eu ainda usava sobre meus trajes as roupas estranhamente medievais, e as pessoas pensavam que o Golem estava diante delas.

Corri apressadamente até virar a esquina atrás de um portão e arranquei os panos mofados do corpo.

Logo em seguida, a multidão desabalada, sacudindo porretes, gritando e babando, passou por mim.

Luz

Algumas vezes durante o dia bati à porta de Hillel; aqueles acontecimentos não me deixavam em paz, eu precisava falar com ele e perguntar o que todas essas experiências estranhas significavam; mas todas as vezes me disseram que ele ainda não estava em casa.

Pedi à sua filha que me informasse imediatamente assim que ele voltasse da Prefeitura Judaica.

A propósito, que garota peculiar, essa Mirjam!

Um tipo como eu nunca vira.

Uma beleza tão estranha que, em um primeiro momento, não se consegue compreender... Uma beleza dessas que silenciam ao primeiro olhar e desperta em quem a vê um sentimento inexplicável, algo como um desalento silencioso.

Ponderei, ao avistar seu rosto novamente em pensamento, que ele tinha sido moldado de acordo com leis de proporção perdidas milênios antes.

E pensei em qual pedra preciosa eu escolheria para capturá-la e preservar corretamente a expressão artística: fracassei já no aspecto puramente externo, pois o brilho preto-azulado dos cabelos e dos olhos superava todas aquelas que imaginei. Como capturar em um camafeu apenas a estreiteza sobrenatural do rosto em termos de correspondência e aparência, sem deparar com a estúpida imitação da canônica orientação “artística”!

Reconheci claramente que aquele problema podia ser resolvido apenas com um mosaico, mas que material escolher? Seria necessária uma vida inteira para encontrar o que fosse adequado.

Onde estava Hillel?

Sentia falta dele como de um velho amigo querido.

Era estranho como em poucos dias ele entrara em meu coração – e eu havia conversado com ele, estritamente falando, apenas uma vez na vida.

Sim, certo: as cartas – eu queria esconder melhor as cartas *dela*. Para minha tranquilidade, caso eu ficasse longe de casa por mais algum tempo.

Tirei-as do baú: ficariam guardadas com mais segurança no cofre.

Uma fotografia deslizou por entre as cartas. Não quis olhar, mas era tarde demais.

O tecido brocado jazia ao redor dos ombros nus – como eu a tinha visto pela primeira vez, quando fugiu para o meu quarto, vinda do ateliê de Savioli –, e ela encarava meus olhos.

Uma dor insana atravessou-me. Li a dedicatória na parte de baixo da fotografia, sem compreender as palavras, e o nome:

Tua Angelina.

Angelina!!!

No instante em que eu pronunciava seu nome, a cortina que escondia minha juventude de mim mesmo se descerrou.

Pensei que entraria em colapso de tristeza. Crispei os dedos no ar e chorei, mordendo a mão, implorando a Deus no céu para que devolvesse minha cegueira de antes, de modo que eu pudesse continuar vivendo numa morte aparente.

A dor subiu até minha boca. Brotou. O gosto era estranhamente doce... como sangue.

Angelina!

*

O nome circulou em minhas veias, revirando-se, como uma carícia de um fantasma, amorosa e insuportável.

Com um esforço violento, me recompus e me forcei – com os dentes cerrados – a olhar para a foto até me assenhorear novamente dela!

Assenhorear-me dela!

Como fizera à noite com a lâmina do baralho.

*

Finalmente: passos! Passos de homem.

Ele chegou!

Cheio de júbilo, corri para a porta e a escancarei.

Schemajah Hillel estava parado do lado de fora, e atrás dele – me repreendi por me decepcionar com isso –, com bochechas vermelhas e olhos redondos de criança, o velho Zwakh.

– Pelo que vejo, para minha alegria, o senhor está bem, mestre Pernath – começou Hillel.

“Senhor”? Que frieza!

Frio. Um frio cortante, mortal, pairou subitamente na sala.

Atordoado, meio distraído, ouvi o que Zwakh tagarelou para mim, sem fôlego pela agitação:

– O senhor já soube que o Golem está circulando de novo? Noutro dia conversamos sobre ele, lembra, Pernath? Todo o Bairro Judeu está atento. Vrieslander o viu, ele mesmo, o Golem. E, como sempre, começou com um assassinato.

Eu ouvi atônito: um assassinato?

Zwakh sacudiu-me:

– Sim, o senhor não está sabendo de nada, Pernath? Lá embaixo penduraram cartazes enormes da polícia nas esquinas: dizem que assassinaram o gordo Zottmann, o “maçom”... bem, quero dizer, o diretor da seguradora Zottmann. O Loisa, aqui do

prédio, já está preso. E a ruiva Rosina desapareceu sem deixar rastros. O Golem... o Golem... é de arrepiar.

Não respondi e fitei os olhos de Hillel: por que me olhava com tanta firmeza?

Um sorriso cauteloso repuxou repentinamente o canto de sua boca.

Entendi. Foi para mim.

De tanta alegria, gostaria de tê-lo arrebatado em um abraço.

Fora de mim em meu entusiasmo, corri sem rumo pelo quarto. O que pegar primeiro? Taças? Uma garrafa de vinho da Borgonha? (Eu só tinha uma.) Charutos? Finalmente encontrei palavras:

– Mas por que vocês não se sentam?

Rapidamente empurrei duas poltronas para meus dois amigos se sentarem.

Zwakh começou a se irritar:

– Por que o senhor não para de sorrir, Hillel? Não acha o Golem assustador? Está parecendo que o senhor não acredita no Golem.

– Eu não acreditaria nele mesmo que o visse aqui neste quarto diante de mim – respondeu Hillel calmamente, olhando para mim. Entendi o duplo sentido que ressoou em suas palavras.

Espantado, Zwakh parou de beber:

– O testemunho de centenas de pessoas não vale nada para o senhor, Hillel? Mas, espere, Hillel, pense em minhas palavras: acontecerão assassinatos atrás de assassinatos aqui no Bairro Judeu! Eu sei disso. O Golem traz consigo um séquito sombrio.

– O acúmulo de acontecimentos semelhantes não tem nada de miraculoso – respondeu Hillel. Falava enquanto caminhava, aproximou-se da janela e espiou pelo vidro a loja do adeleiro. – Quando o vento do degelo sopra, toca até as raízes. As boas e também as venenosas.

Zwakh lançou-me uma piscadela divertida e acenou com a cabeça para Hillel.

– Se o rabino quisesse falar, poderia nos contar coisas que deixariam qualquer um de cabelo em pé – disse ele em voz baixa.

Schemajah virou-se.

– Não sou “rabino”, mesmo tendo permissão para usar o título. Sou apenas um pobre arquivista na Prefeitura Judaica e mantenho *os registros sobre vivos e mortos*.

Senti um significado oculto em sua fala. Até o marionetista pareceu senti-lo inconscientemente... Ficou em silêncio e, por um tempo, nenhum de nós disse uma palavra.

– Veja bem, rabino... digo, me perdoe, sr. Hillel – Zwakh voltou a falar depois de um tempo, e sua voz parecia notavelmente séria: – Faz muito tempo que quero lhe perguntar uma coisa. O senhor não precisa me responder se não gostar da pergunta ou se não tiver permissão para tanto...

Schemajah aproximou-se da mesa e brincou com o copo de vinho – ele não bebia; talvez o ritual judaico o proibisse.

– Pode perguntar, sr. Zwakh.

– O senhor sabe alguma coisa sobre a doutrina secreta judaica, a cabala, Hillel?

– Só um pouco.

– Ouvi dizer que existe um documento com o qual se pode aprender a cabala: o Zohar...

– Sim, o Zohar... o Livro do Esplendor.

– Olha só, ele existe – praguejou Zwakh. – Não é uma injustiça flagrante que uma escritura, que supostamente contenha as chaves para a compreensão da Bíblia e para a felicidade...

Hillel o interrompeu:

– Apenas algumas chaves.

– Ora, ainda assim algumas! Não é injusto que essa escritura, pelo seu alto valor e sua raridade, esteja apenas acessível aos ricos? E em um único exemplar, que, além disso, está no Museu de Londres, como me contaram? E, ainda por cima, redigida em caldeu, aramaico, hebraico... ou sei lá em quê? Será que *eu*, por

exemplo, teria a oportunidade de alguma vez na vida aprender esses idiomas ou ir a Londres?

– O senhor empenhou ardentemente todos os seus desejos para atingir esse objetivo? – perguntou Hillel com um leve tom zombeteiro.

– Francamente... não – admitiu Zwakh, um pouco confuso.

– Então não deveria reclamar – disse Hillel secamente –, pois quem não busca pelo Espírito com todos os átomos de seu corpo, como alguém que sufoca busca ar, não poderá enxergar os segredos de Deus.

“Ainda assim, deveria haver um livro com todas as chaves para os enigmas do outro mundo, não apenas algumas”, passou pela minha cabeça, e minha mão brincou de forma automática com o Louco que eu ainda trazia no bolso, mas, antes que eu pudesse transformar as palavras em pergunta, Zwakh já a pronunciou.

Hillel abriu novamente um sorriso de esfinge:

– *Toda pergunta que um ser humano consegue fazer é respondida quando ele a faz mentalmente.*

– O senhor entende o que ele quis dizer com isso? – Zwakh virou-se para mim.

Não respondi e prendi a respiração para não perder uma palavra da fala de Hillel.

Schemajah continuou:

– A vida toda não é *nada* além de perguntas que tomam forma, que trazem em si a semente da resposta... e respostas emprenhadas de perguntas. Quem vê qualquer outra coisa aí é louco.

Zwakh bateu com o punho na mesa:

– Isso mesmo, perguntas que são diferentes a cada vez e respostas que cada um entende de forma diferente.

– É exatamente isso – disse Hillel com gentileza. – Tratar todas as pessoas de um só jeito é prerrogativa exclusiva dos médicos. Quem pergunta recebe a resposta de que necessita: caso contrário,

a criatura não seguiria o caminho de seu anseio. O senhor acha que nossos escritos judaicos são grafados arbitrariamente apenas com consoantes? Cada pessoa *precisa* encontrar sozinha as vogais secretas que lhe abrirão o significado único, determinado apenas para ela... Não se deve enrijecer a palavra viva transformando-a em dogma morto.

O marionetista retrucou com firmeza:

– São *palavras*, rabino, *palavras*! Quero ser o último dos loucos se eu conseguir tirar algo daí.

Louco! A palavra me atingiu como um raio. Quase caí da cadeira, horrorizado.

Hillel evitou fitar meus olhos.

– Último Louco? Quem sabe se o senhor não é exatamente isso, sr. Zwakh! – A fala de Hillel chegava aos meus ouvidos como se viesse de longe. – Nunca se deve ter tanta certeza de nada. A propósito, já que estamos justamente falando de cartas, sr. Zwakh, o senhor joga *tarok*?

– *Tarok*? Claro. Desde a infância.

– Então eu me pergunto por que o senhor pede um livro com toda a cabala se já o teve milhares de vezes na mão.

– Eu? Na mão? Eu? – Zwakh levou as mãos à cabeça.

– Sim, *o senhor!* O senhor nunca reparou que o jogo de *tarok* tem 22 lâminas, exatamente o número de letras do alfabeto hebraico? Nossas cartas boêmias não mostram muitas figuras que obviamente são símbolos: o Louco, a Morte, o Diabo, o Julgamento? Querido amigo, a que altura a vida precisa lhe gritar as respostas nos ouvidos? O que o senhor não precisa saber, no entanto, é que “*tarok*” tem o mesmo significado da palavra hebraica “Torá”, ou seja, a Lei; ou do antigo egípcio “*tarut*”, ou seja, “aquela que é questionada”, e, na antiquíssima língua avéstica, a palavra “*tarisk*”, que significa “exijo a resposta”. Mas os estudiosos deveriam saber disso antes de afirmar que *tarok* remonta à época de Carlos VI. E, assim como Louco é a primeira carta do jogo, o homem é o primeiro

personagem em seu próprio livro de imagens, seu próprio duplo: a letra hebraica *aleph*, que, construída à imagem do homem, com uma das mãos apontando para o céu e a outra para baixo, quer dizer: “Da mesma forma que é em cima também é embaixo, da mesma forma que é embaixo também é em cima”. Por isso, eu disse antes: quem sabe se o senhor se chama mesmo Zwakh, e não Louco. Mas não o invoque. – Hillel olhava para mim com firmeza, e eu suspeitei que sob suas palavras se abrisse um abismo de novos significados. – Não o invoque, sr. Zwakh! *O senhor pode entrar em alguns corredores escuros* dos quais ninguém conseguiu voltar, a menos que... *carregue um talismã*. A tradição conta que certa vez três homens desceram ao reino das trevas; um ficou louco, o segundo, cego, e apenas o terceiro, o rabino Ben Akiba, voltou para casa em segurança e disse que havia se encontrado. O senhor dirá que muitos se encontraram – Goethe, por exemplo –, geralmente em uma ponte ou outro caminho que leva da margem de um rio à outra... Ele próprio se olhou nos olhos e *não* ficou louco. Mas então foi apenas um reflexo da própria consciência e não o verdadeiro duplo: não aquilo que chamamos de “Habal Garmin”, ou “sopro dos ossos”, do qual se diz: *“Assim como entrou na gruta incorruptível, ressuscitará no dia do juízo final”*. – O olhar de Hillel penetrava cada vez mais fundo em meus olhos. – Nossas avós dizem dele: *“Ele vive bem acima da terra, em um quarto sem portas, com apenas uma janela*, a partir do qual a comunicação com os seres humanos é impossível. Quem souber atraí-lo e aprimorá-lo se tornará bom amigo de si mesmo. No que diz respeito ao *tarok*, o senhor sabe tão bem quanto eu: as cartas são diferentes para cada jogador, mas, se o senhor usar os trunfos corretamente, vencerá o jogo... Mas agora venha, sr. Zwakh! Vamos, senão o senhor vai beber todo o vinho do mestre Pernath, não vai sobrar mais nada para ele.

Aflicção

Uma batalha de flocos de neve se travava diante da minha janela. As estrelas de gelo avançavam como um regimento, minúsculos soldados em pequenos mantos brancos e revoltos, perseguindo-se diante do vidro, durante minutos, sempre na mesma direção, como numa fuga coletiva de um inimigo especialmente maligno. Então, de repente, ficavam exaustos de fugir, pareciam ter um acesso de raiva por razões enigmáticas e voltavam correndo, até que novos exércitos inimigos viessem em seus flancos por cima e por baixo, e tudo se desintegrava em um vórtice terrível.

Parecia que tinham se passado meses desde os acontecimentos estranhos que eu vivenciara havia tão pouco tempo e, se não fossem os novos boatos confusos que chegavam diariamente sobre o Golem, que traziam tudo de novo à tona, eu poderia ser acometido por um momento de dúvida de ter sido vítima de um estado de obscuridade anímica.

Dos arabescos coloridos tecidos ao meu redor pelos eventos, destacavam-se as cores berrantes com que Zwakh pintara o assassinato ainda não resolvido do chamado “maçom”.

Não me convencia de que a associação de Loisa, o rapaz marcado pela varíola, com esse caso fizesse sentido, embora eu não conseguisse afastar uma suspeita sombria: quase imediatamente depois que Prokop ouvira um barulho estranho naquela noite, vindo da grade do esgoto, vimos o rapaz no Loitschek. No entanto, não havia motivo para interpretar o clamor que veio de debaixo da terra, que, além disso, poderia ter sido uma alucinação, como o grito de ajuda de um ser humano...

A tempestade de neve diante de meus olhos me cegou, e comecei a ver tudo em faixas dançantes. Voltei minha atenção às gemas diante de mim. O modelo de cera do rosto de Mirjam que eu havia criado tinha de ser transferido de forma admirável para a pedra da lua azulada. Fiquei satisfeito: foi uma coincidência agradável ter encontrado algo tão adequado no meu estoque de pedras. A matriz preta profunda de horneblenda deu à pedra a luz certa, e os contornos se encaixaram tão bem que era como se a natureza a tivesse criado especialmente para que se tornasse um retrato duradouro do belo perfil de Mirjam.

Inicialmente, minha intenção era fazer um camafeu representando o deus egípcio Osíris, e a visão do hermafrodita do Livro de Ibbur, que eu conseguia recordar a qualquer momento com uma clareza impressionante, me influenciou muito artisticamente; aos poucos, porém, após os primeiros cortes, descobri tamanha semelhança com a filha de Schemajah Hillel que anulei meu plano.

O Livro de Ibbur!

Tremendo, larguei o buril de aço. Inacreditável o que havia entrado na minha vida em um breve espaço de tempo!

Como alguém que de repente se vê transportado para um deserto de areia inexplicável, de súbito tomei consciência da profunda e vasta solidão que me separava de meus semelhantes.

Eu poderia falar com um amigo – que não fosse Hillel – sobre o que estava acontecendo?

Certamente, nas horas tranquilas das noites que passaram, havia retornado para mim a lembrança de que em todos os meus anos de juventude – desde a infância – uma sede indescritível por maravilhas, por aquilo que estava além da mortalidade, até a agonia da morte me torturou, mas a satisfação do meu anseio veio como uma tempestade e sufocou o grito de alegria de minha alma com sua força.

Eu tremia ante o momento em que eu voltaria a mim mesmo e aceitaria tudo que aconteceu, em toda a sua vivacidade plena que

fervilhava até a medula, como o *presente*.

Só que eu ainda não deveria voltar! Primeiro queria desfrutar, contemplar o indizível em todo o seu fulgor.

Aquilo estava em meu poder! Só precisava ir aos meus aposentos e destrancar o cofre onde estava o Livro de Ibbur, o presente do invisível!

Como parecia remoto o passado em que minha mão o tocara, quando tranquei ali as cartas de Angelina!

*

De vez em quando, ouvia-se do lado de fora um estrondo abafado, como o do vento que derrubava as massas de neve acumuladas dos telhados. Depois, havia longas pausas de profundo silêncio, pois a camada de neve engolia todos os sons na calçada.

Queria continuar trabalhando, quando de repente estalidos agudos de cascos passaram pela rua de tal forma que se podia ver as faíscas voando.

Era impossível abrir a janela e olhar lá fora: tendões de gelo ligavam os caixilhos à alvenaria, e as vidraças estavam cobertas de branco até a metade. Vi apenas que Charousek estava aparentemente tranquilo ao lado do adeleiro Wassertrum – deviam ter encerrado uma conversa naquele momento –, vi como cresceu a perplexidade que atingiu a expressão dos dois e como eles encararam de forma ostensiva a carruagem que havia escapado ao meu olhar.

Passou pela minha cabeça que podia ser o marido de Angelina. Não podia ser ela mesma! Passar com sua carruagem por aqui – pelo Beco do Galo! –, diante dos olhos de toda a gente! Teria sido loucura. Mas, se fosse o marido, o que eu deveria dizer a ele, caso tivesse vindo me fazer perguntas diretas?

Negar, obviamente negar.

Rapidamente me preparei para as possibilidades: só podia ser o marido dela. Ele recebeu uma carta anônima – de Wassertrum – dizendo que ela mantinha seus encontros aqui, e ela havia usado uma desculpa, provavelmente que me encomendara uma pedra preciosa ou algo assim. Então alguém bate furiosamente na minha porta e... Angelina estava diante de mim.

Ela não conseguiu pronunciar nenhuma palavra, mas a expressão em seu rosto me disse tudo: ela não precisava mais se esconder. O mistério havia terminado.

Algo em mim, porém, se recusava a acreditar. A certeza de poder ajudá-la era tão profunda que não podia ter me enganado.

Conduzi-a até minha poltrona. Acariciei seus cabelos em silêncio; e, cansada como uma criança, ela escondeu a cabeça no meu peito.

Ouvimos o crepitar da lenha em chamas na fornalha e vimos como a luz vermelha corria pelas tábuas do assoalho, incendiando-se e se apagando... incendiando-se e se apagando... incendiando-se e se apagando...

“Onde fica o coração de pedra vermelha”, ressoava em meu íntimo. Então disse a mim mesmo: onde estou? Há quanto tempo ela está sentada aqui?

Comecei a lhe fazer perguntas – com cuidado, baixinho, muito baixinho para que ela não despertasse, e eu não tocasse a ferida dolorosa.

Soube por fragmentos o que eu precisava saber e reuni os fatos como se fossem partes de um mosaico:

- Seu marido sabe?
- Ainda não, está viajando.

Portanto, estávamos falando da vida do dr. Savioli; Charousek adivinhou corretamente. E como se tratava da vida de Savioli, não mais da dela, ela estava aqui. Percebi que ela não deseja mais esconder nada.

Wassertrum estivera novamente com o dr. Savioli. Com ameaças e violência, abriu caminho até o leito do enfermo.

E mais! Mais! O que queria dele?

O que queria? Em parte ela adivinhou, em parte ela soube: ele queria que... que... ele queria que o dr. Savioli... atentasse contra a própria vida.

Àquela altura, ela já sabia os motivos do ódio selvagem e insensato de Wassertrum: o dr. Savioli levou seu filho, o oftalmologista Wassory, à morte.

Imediatamente um pensamento me atingiu como um raio: descer correndo, revelar tudo ao adeleiro: que fora *Charousek* que desferira o golpe na emboscada, e não Savioli, que fora apenas a ferramenta... “Traição! Traição!”, ressoava em meu cérebro. “Então você quer entregar o pobre e tísico Charousek, que quis ajudar você e a ela, à vingança daquele patife?” E esse pensamento me partiu em duas metades sangrentas. Em seguida, um pensamento pronunciou com calma e frieza a solução: “Louco! Está em suas mãos! Só precisa pegar a lima afiada sobre a mesa, descer até lá e atravessá-la pela garganta do adeleiro até que a ponta saia pela nuca”.

Meu coração gritou a Deus, agradecido.

*

Continuei perguntando:

– E o dr. Savioli?

Não havia dúvidas de que ele se mataria se ela não o salvasse.

As enfermeiras não tiravam os olhos dele, entorpeceram-no com morfina, mas talvez ele acordasse de repente – talvez agora mesmo – e... e... não, não, ela precisava ir embora, não podia perder nenhum segundo – ela queria escrever para o marido e confessar-lhe tudo, ele tiraria a filha dela, mas Savioli estaria a salvo, pois ela teria arrancado das mãos de Wassertrum a única arma que ele tinha e com a qual ameaçava.

Ela mesma queria revelar o segredo antes que ele pudesse revelá-lo.

– Você *não* vai fazer isso, Angelina! – gritei, pensando na lima, e a voz me faltou pela alegria exultante sobre o meu poder.

Angelina quis se afastar; eu a segurei firme.

– Só mais uma coisa: acha que seu marido acreditará tão facilmente no adeleiro?

– Mas Wassertrum tem provas, obviamente minhas cartas, talvez também uma foto minha... Tudo o que estava escondido aqui ao lado, na escrivaninha do ateliê.

Cartas? Foto? Escrivaninha? Eu não sabia mais o que estava fazendo: puxei Angelina para junto de meu peito e a beijei. Na boca, na testa, nos olhos.

Seus cabelos loiros eram como um véu dourado diante do meu rosto.

Então segurei suas mãos finas e lhe disse com palavras afobadas que o inimigo mortal de Wassertrum – um pobre estudante boêmio – havia trazido as cartas e tudo o mais para guardá-los em segurança e que tudo estava em minha posse e bem guardado.

E ela agarrou meu pescoço e riu e chorou de uma vez. Beijou-me. Correu até a porta. Voltou e me beijou novamente.

Então ela desapareceu.

Fiquei parado, como se entorpecido, sentindo ainda o hálito de sua boca em meu rosto.

Ouvi como as rodas do coche trovejavam pela rua calçada e o galope acelerado dos cascos ressoavam. Um minuto depois, tudo ficou em silêncio. Como um túmulo.

Inclusive dentro de mim.

*

De repente, a porta rangeu suavemente atrás de mim, e Charousek apareceu no quarto:

– Perdoe-me, mestre Pernath, estou há tempos batendo à porta, mas parece que o senhor não ouviu.

Eu apenas assenti em silêncio.

– Espero que o senhor não ache que eu me reconciliei com Wassertrum por ter me visto conversar com ele mais cedo. – O sorriso zombeteiro de Charousek me disse que ele estava apenas brincando. – O senhor deve saber que a sorte é boa para mim; o canalha lá embaixo já começa a gostar de mim, mestre Pernath. Essa coisa de voz do sangue é estranha – acrescentou suavemente, meio que para si mesmo.

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo e presumi que tivesse perdido alguma coisa. A emoção pela qual havia passado ainda me fazia tremer por dentro.

– Ele quis me dar um casaco – continuou Charousek em voz alta. – Claro que recusei, agradecido. Minha pele já queima o suficiente. E então ele insistiu para que eu aceitasse o dinheiro dele.

“O senhor aceitou?!” foi a pergunta que queria sair de mim, mas rapidamente controlei a língua.

As bochechas do aluno ficaram vermelhas com manchas circulares:

– Claro que aceitei o dinheiro.

Minha cabeça ficou muito confusa!

– A-aceitou? – gaguejei.

– Nunca pensaria que alguém na face da terra pudesse sentir uma alegria tão pura! – Charousek fez uma pausa por um momento e fez uma careta. – Não é um sentimento edificante ver os dedos da “providência maternal” atuarem em sabedoria e prudência sobre a economia da natureza?! – Ele falava como um pastor, fazendo o dinheiro tilintar no bolso. – Realmente, sinto como um dever sublime um dia destinar ao objetivo mais nobre de todos até o último centavo do tesouro que me foi confiado por mão gentil.

Ele estava bêbado? Ou louco?

De repente, Charousek mudou o tom:

– É uma comédia diabólica o fato de o próprio Wassertrum pagar pelo... remédio. O senhor não acha?

Uma ideia ocorreu-me sobre o que estava por trás do discurso de Charousek, e fiquei temeroso diante de seus olhos febris.

– A propósito, deixemos isso de lado agora, mestre Pernath. Vamos terminar o assunto do momento. Mais cedo, a senhora, era *ela* mesma? O que lhe deu na cabeça para vir até aqui, em público?

Contei a Charousek o que havia acontecido.

– Wassertrum certamente não tem as provas em mãos – interrompeu ele alegremente –, caso contrário, não teria revistado o ateliê de novo esta manhã. Estranho que o senhor não tenha ouvido. Ficou lá por uma hora.

Fiquei surpreso de como ele sabia de tudo aquilo com tamanha exatidão.

– Posso? – como uma declaração, ele pegou um cigarro da mesa, acendeu-o e explicou: – Veja, se o senhor abrir a porta agora, a corrente de ar que entra da escadaria levará a fumaça de tabaco nessa direção. Talvez seja a única lei da natureza que o sr.

Wassertrum conhece muito bem, e, de qualquer forma, ele mandou abrir um pequeno nicho escondido na parede do ateliê que dá para a rua (como o senhor sabe, o prédio lhe pertence); uma espécie de ventilação, e diante dele havia uma bandeirinha vermelha. Se alguém entra ou sai da sala, ou seja, quando se abre a porta, Wassertrum percebe pelo tremular forte da bandeirinha. Ao menos eu também sei – acrescentou Charousek secamente – quando preciso fazer alguma coisa, e posso observar com exatidão a partir do buraco do porão, no qual o destino misericordioso me permitiu graciosamente morar. A piada engraçadinha com a ventilação foi criada pelo digno proprietário, mas já me é familiar há anos.

– Que ódio sobre-humano o senhor deve ter contra ele para espreitar cada passo dele. E ainda há tanto tempo, como o senhor diz! – comentei.

– Ódio? – Charousek contorceu os lábios em um sorrisinho. – Ódio? Ódio não me parece adequado. A palavra que poderia designar meus sentimentos contra ele ainda está para ser criada. Na verdade, não o odeio nem um pouco. Odeio o sangue dele. O senhor entende isso? Farejo-o como uma fera selvagem, ainda que apenas uma gota de seu sangue flua nas veias da pessoa... e... – ele cerrou os dentes – ... isso acontece às vezes aqui no gueto. – Incapaz de continuar falando de tanta agitação, ele correu até a janela e olhou para fora. Ouvi como ele reprimiu a respiração ofegante. Ficamos em silêncio por um tempo.

– Ei, o que está acontecendo? – ele falou de repente, acenando para mim de forma apressada: – Rápido, rápido! O senhor não tem um binóculo de ópera ou algo assim?

Espiamos cautelosamente as cortinas: o surdo-mudo Jaromir estava na entrada da loja do adeleiro e tentava vender a Wassertrum, até onde pudemos imaginar pela linguagem de sinais, um pequeno objeto brilhante que ele escondia na mão. Wassertrum então avançou como um abutre no objeto e se retirou para sua caverna.

Logo em seguida, ele voou para fora – pálido como um defunto – e agarrou Jaromir pelo colarinho. Uma luta feroz se seguiu. De repente, Wassertrum se soltou e pareceu refletir. Mordiscou furiosamente o lábio superior fendido. Lançou um olhar pensativo para nós e, em seguida, arrastou Jaromir pelo braço pacificamente para dentro de sua loja.

Esperamos uns bons quinze minutos: parecia que não estavam conseguindo fechar negócio.

Por fim, o surdo-mudo saiu com uma expressão satisfeita e seguiu seu caminho.

– O que o senhor acha disso? – perguntei. – Não parece ser nada importante? Provavelmente o pobre rapaz passou nos cobres algum produto da mendicância.

O estudante não respondeu e silenciosamente se sentou à mesa.

Aparentemente, ele também não atribuiu importância ao incidente, pois continuou, após um intervalo, de onde havia parado:

– Bem. Então, como eu disse, odeio o sangue dele. Interrompame, mestre Pernath, se eu ficar violento novamente. Quero ficar frio. Não posso desperdiçar meus melhores sentimentos. Caso contrário, isso me causará desilusão mais tarde. Uma pessoa com sentimento de vergonha deve falar com palavras frias, não com a paixão de uma prostituta ou... ou de um poeta. Desde que o mundo é mundo, ninguém pensaria em “retorcer as mãos” pela paixão, a não ser que os atores tenham imaginado esse gesto como especialmente “plástico”.

Entendi que ele falava intencionalmente a esmo para alcançar a paz interna.

Mas sem sucesso. Nervoso, caminhou de um lado para outro pela sala, pegando todos os objetos possíveis e pondo-os de volta em seu lugar.

Então, com um solavanco, voltou ao cerne de seu tema:

– Esse sangue se revela para mim a partir dos menores movimentos involuntários de uma pessoa. Conheço crianças que se parecem com ele e são *consideradas* dele, mas não são da mesma tribo... Ninguém consegue me enganar. Durante anos eu não soube que o dr. Wassory era seu filho, mas eu o farejei, por assim dizer.

“Já quando eu era garotinho, quando ainda não conseguia saber quais relações teria com Wassertrum – seu olhar perscrutador pousou por um momento sobre mim –, eu tinha esse dom. As pessoas me chutaram, me bateram tanto, que não há nenhum lugar no corpo que não saiba o que é dor lancinante, me deixaram faminto e sedento até eu chegar às raias da loucura, a ponto de ter comido terra molhada, mas nunca consegui odiar aqueles que me atormentaram. Eu simplesmente não *conseguia*. Não havia mais espaço dentro de mim para o ódio. O senhor me entende? E ainda assim meu ser inteiro estava embebido dele.

“Wassertrum nunca me causou o mínimo prejuízo... Com isso quero dizer que ele nunca me bateu ou me vituperou, nem sequer me xingou quando eu andava lá embaixo como um menino de rua: eu sei disso muito bem... E, no entanto, tudo que fervilha de vingança e fúria dentro de mim está voltado contra ele. Somente contra ele!

“Estranhamente, nunca preguei uma peça nele quando criança. Quando os outros o faziam, imediatamente me retirava. Mas, por horas, eu conseguia ficar no portão e, escondendo-me atrás da porta da frente do prédio, encarava o rosto dele através do aramado do portão sem vacilar, até meu inexplicável sentimento de ódio fazer minha visão se turvar.

“Naquela época, creio eu, estabeleci as bases da clarividência que desperta dentro de mim sempre que entro em contato com seres, e até mesmo com coisas, relacionados a ele. Sem ter consciência, devo ter aprendido *de cor* cada um de seus movimentos: seu jeito de vestir o casaco e como ele toca as coisas, tosse e bebe, e todos esses mil detalhes, até que isso corroa a minha alma, até que eu possa reconhecer à primeira vista e com certeza infalível esses traços como herdados dele.

“Mais tarde, se transformou quase em uma mania: jogava fora objetos inofensivos para mim, somente porque havia ficado atormentado com o pensamento de que a mão dele poderia ter tocado neles... Outros haviam se tornado queridos novamente, como se fossem amigos que também lhe desejavam o mal.”

Charousek ficou em silêncio por um momento. Eu vi como ele olhava distraído para o nada. Seus dedos acariciavam mecanicamente a lima sobre a mesa.

– Mais tarde, alguns professores compassivos se juntaram para pagar meus estudos de filosofia e medicina. Foi assim que aprendi a pensar por mim mesmo, e lentamente comecei a reconhecer o que é ódio, e que só é possível odiar tão profundamente algo que faça parte de nós mesmos.

“Quando descobri mais tarde, e aos poucos eu soube de tudo: o que minha mãe era, e que ainda deve ser, se ela ainda estiver viva, e que meu próprio corpo... – ele se virou de modo que eu não pudesse mais ver seu rosto – está cheio do sangue dele... Isso mesmo, Pernath, caso você não saiba: *Ele é meu pai!*... ficou claro para mim onde estava a raiz. Às vezes, até me parece uma conexão misteriosa, o fato de eu ser acometido pela consumpção e precisar cuspir sangue: meu corpo se defende contra tudo o que é ‘dele’ e o rejeita.

“Muitas vezes meu ódio me acompanhava em sonho e tentava me consolar com as imagens de todas as torturas imagináveis que eu podia infligir a ele, mas eu mesmo sempre as afugentava, porque deixavam para trás o gosto pálido da insatisfação.

“Quando penso em mim mesmo e imagino por que não há ninguém e nada no mundo que eu odeie, nem pelo que ou por quem eu tenha condições de sentir sequer antipatia, exceto por ‘ele’ e sua tribo, me invade com frequência uma sensação de repugnância: eu poderia ser o que se costuma chamar de uma ‘boa pessoa’. Mas, por sorte, não é assim. Como eu já lhe disse: não há mais espaço em mim.

“E não pense que um destino triste tenha me amargurado. (Aliás, eu apenas soube o que ele fizera com minha mãe anos depois.) Eu vivi *um* dia de alegria que eclipsa o que em geral é concedido a um mero mortal. Não sei se o senhor conhece o que é devoção íntima, genuína e fervorosa; eu não conhecia até então. Mas, no dia em que Wassory tirou a própria vida, quando fiquei lá embaixo da loja e vi como ele recebeu a notícia, completamente aniquilado, precisando acreditar nela, como um leigo que não conhece o verdadeiro palco da vida, aceitando-a, e ficou parado por uma boa hora alheio, o lábio leporino vermelho-sangue apenas um pouco mais repuxado sobre os dentes do que antes, e o olhar tão... tão estranhamente voltado para dentro de si... Ali eu senti o aroma de incenso das asas do arcanjo. O senhor conhece a imagem piedosa

da Virgem Negra da igreja de Týn? Ali eu me prostrei, e a escuridão do paraíso envolveu a minha alma.”

Quando vi Charousek parado ali, com seus grandes olhos sonhadores cheios de lágrimas, me ocorreram as palavras de Hillel sobre a incompreensibilidade do caminho sombrio pelo qual seguem os irmãos da morte.

Charousek continuou:

– Talvez não lhe interessem as circunstâncias externas que possam justificar meu ódio ou torná-lo compreensível ao cérebro de juízes oficialmente assalariados: os fatos parecem marcos e, no entanto, são apenas cascas de ovos vazias. São o estouro intrusivo de rolhas de champanhe nas mesas dos ricos, que apenas o imbecil considera a essência de um banquete. Wassertrum forçou minha mãe, com todos os meios infernais que ele costuma adotar, a se dispor a lhe fazer as vontades, se não foi ainda pior. E então... bem... e então ele a... vendeu para um bordel... Não é difícil quando se tem delegados como parceiros de negócios. Mas não porque estivesse cansado dela, ah, não! Conheço os recônditos de seu coração: no dia em que ele a vendeu, ele tomou ciência, cheio de horror, do quanto, na realidade, era ardente seu amor por ela. Gente como ele age aparentemente de forma paradoxal, mas sempre da mesma forma. A qualidade gananciosa de sua essência guincha exatamente como alguém que chega e compra dele qualquer coisa de sua loja por um bom dinheiro: ele sente apenas a pulsão de “precisar ceder”. Ele gostaria de devorar e absorver o conceito de “ter” e, se pudesse conceber um ideal, seria aquele que um dia se dissolvesse no conceito abstrato de “posse”.

“Naquela época, começou a crescer nele, de forma gigantesca, uma montanha de medo: não ter mais certeza de si mesmo... Não: *querer* dar algo por amor, em vez de *precisar* dar. Supor a presença de algo invisível *em si*, que aferrou secretamente seu querer ou aquilo de que ele gostava, que deveria ser seu desejo. Esse foi o começo. O que aconteceu depois foi automático. Como o peixe

precisa morder mecanicamente, quer queira, quer não, quando um objeto brilhante passa no momento oportuno.

“A venda de minha mãe por uma ninharia foi para Wassertrum uma consequência natural, pois satisfiz o restante das características adormecidas dentro dele: a ganância por ouro e o prazer perverso pela própria mortificação. Perdoe-me, mestre Pernath – a voz de Charousek de repente pareceu tão severa e sóbria que me surpreendi –, perdoe-me por falar de forma tão judiciosa, mas, quando se está na universidade, cai nas mãos uma porção de livros imbecis que sem querer cria nas pessoas um jeito estúpido de se expressar...”

Esforcei-me para agradar-lhe; no meu íntimo, compreendi que ele estava lutando contra o choro. Pensei que eu precisava ajudá-lo de alguma forma, ao menos para tentar aliviar sua mais amarga miséria, tanto quanto estivesse ao meu alcance. Discretamente tirei da gaveta da cômoda a nota de 100 florins que eu ainda tinha em casa e a enfiei no bolso.

– Mais tarde, quando o senhor chegar a um ambiente melhor e praticar sua profissão de médico, a paz o abraçará, sr. Charousek – disse eu, a fim de dar à conversa um rumo conciliatório. – Quando o senhor se formará?

– Logo. Devo isso aos meus benfeitores. Nem há mais objetivo, pois meus dias estão contados.

Quis protestar, dizendo que ele é pessimista demais, mas ele fez um aceno de rechaço, sorrindo:

– Será melhor assim. Além disso, não traz nenhum prazer imitar os curandeiros e, por fim, obter um título de nobreza como envenenador de fontes diplomado... Por outro lado... – ele acrescentou com seu humor brusco – infelizmente, para mim, qualquer outra influência benéfica aqui neste gueto será interrompida de uma vez por todas. – Ele pegou o chapéu. – Agora não quero mais incomodar. Ou ainda há alguma coisa a ser discutida sobre o caso Savioli? Acho que não. Ao menos me avise

se o senhor souber de algo novo. É melhor pendurar um espelho aqui na janela como sinal de que devo visitá-lo. O senhor não deve me procurar no porão de jeito nenhum: Wassertrum suspeitaria imediatamente que estamos nos unindo. Aliás, estou muito curioso sobre o que ele fará agora, ao ter visto que a dama veio até o senhor. Diga apenas que ela lhe trouxe uma joia para reparar e, se ele insistir, finja que está furioso.

Não houve nenhuma oportunidade adequada de entregar a nota a Charousek; por isso, peguei a cera de modelar do parapeito da janela e disse:

– Vamos lá, vou acompanhá-lo por um trecho das escadas. Hillel está me esperando – menti.

Ele hesitou:

– O senhor tem relações com ele?

– Alguma. O senhor o conhece? Ou talvez também – tive de sorrir involuntariamente – desconfie dele?

– Deus me livre!

– Por que diz isso assim, tão sério?

Charousek titubeou e refletiu:

– Nem sei por quê. Deve ser algo inconsciente: sempre que o encontro na rua, tenho vontade de descer da calçada e ficar de joelhos como se estivesse diante de um padre que carrega a hóstia. Veja, mestre Pernath, o senhor tem um homem que é o oposto de Wassertrum em cada átomo. Por exemplo, entre os cristãos aqui do bairro, que, como sempre, também são mal informados nesse caso, é considerado avaro e um milionário secreto, embora seja indizivelmente pobre.

Comentei, horrorizado:

– Pobre?

– Sim, talvez até mais pobre que eu. A palavra “receber”, creio eu, ele conhece apenas com relação aos livros; mas, quando sai da “prefeitura” no primeiro dia do mês, os mendigos judeus correm todos para ele, pois sabem que ele vai entregar a maior parte de

seu mísero salário nas mãos deles e, alguns dias depois, passará fome com a filha. Se é verdade, como afirma uma antiga lenda talmúdica, que dez das doze tribos judaicas são amaldiçoadas e duas são santas, ele personifica as duas santas, e Wassertrum todas as outras dez juntas. O senhor nunca reparou como Wassertrum fica de todas as cores quando Hillel passa por ele? É interessante, eu digo ao senhor! Veja, sangues como esses não podem se misturar, pois da mistura resultariam natimortos, se as mães não morressem antes de pavor. Aliás, Hillel é a única pessoa de quem Wassertrum não se aproxima; ele evita-o como o fogo. Possivelmente porque Hillel significa para ele o incompreensível, o completamente indecifrável. Talvez também fareje o cabalista nele.

Já estávamos descendo as escadas.

– O senhor acredita que ainda existam cabalistas hoje... que a cabala poderia realmente existir? – perguntei, ansioso para ver o que ele responderia, mas ele parecia não ter ouvido.

Repeti minha pergunta.

Apressadamente ele se virou e apontou para uma porta da escada, que havia sido coberta com tampas de caixas:

– O senhor tem novos vizinhos, uma família judia, mas pobre: o músico louco Nephtali Schaffranek com filha, genro e netos. Quando escurece e ele fica sozinho com as garotinhas, a loucura o toma: então ele as amarra pelo polegar para que não fujam dele, as força para dentro da velha gaiola de galinhas e lhes dá aulas de “canto”, como ele chama, para que elas possam ganhar a vida mais tarde, ou seja, ele lhes ensina canções das mais insanas que há, letras em alemão, fragmentos que ele capturou em algum lugar e, no crepúsculo de seu estado anímico, o que considera hinos de batalha prussianos ou coisas assim.

Realmente uma música estranha vinha soando baixinho pelo corredor. O arco de violino arranhava terrível e continuamente alto os contornos de uma melodia popular, e a voz ínfima de duas crianças acompanhava:

Dona Pick,
Dona Hock,
Dona Kle-pe-tarsch,
estão sempre juntinhas
e não param de falar...

Era absurdo e cômico ao mesmo tempo, e precisei gargalhar alto, mesmo contra vontade.

– O genro de Schaffranek, cuja esposa vende garrafinhas de suco de pepino para os jovens alunos no mercado de ovos, perambula o dia inteiro pelos escritórios – continuou Charousek, sombrio – implorando por selos usados. Então ele os separa e, quando encontra entre eles aqueles que por acaso foram carimbados apenas à margem, ele os sobrepõe a outros e os corta. Cola com as metades não marcadas e os vende como novos. A princípio, os negócios floresceram e às vezes rendiam quase 1 florim por dia, mas, por fim, os grandes industriais judeus de Praga foram atrás disso, e agora eles mesmos fazem o procedimento. Garantiram para si a melhor fatia do bolo.

– O *senhor* não aliviaria a aflição alheia, Charousek, se tivesse dinheiro sobrando? – perguntei, apressado. Estávamos diante da porta de Hillel, à qual eu bati.

– Acha que sou tão ruim a ponto de acreditar que eu não o faria? – perguntou ele, perplexo.

Os passos de Mirjam aproximaram-se, e eu esperei que ela abaixasse a maçaneta, então enfiei rapidamente a nota no bolso dele.

– Não, sr. Charousek, acho que não, mas o senhor *deveria* me considerar avaro se eu deixasse de fazê-lo.

Antes que ele pudesse retrucar, apertei sua mão, entrei e fechei a porta com tudo. Enquanto Mirjam me cumprimentava, fiquei à espreita para saber o que ele faria.

Ele ficou parado por um tempo, em seguida chorou baixinho e desceu devagar as escadas com passos hesitantes, como alguém

que precisasse segurar o corrimão.

*

Era a primeira vez que visitava o apartamento de Hillel.

Parecia vazio como uma cela. O chão estava metodicamente limpo e polvilhado com areia branca. Nada de móveis além de duas cadeiras, uma mesa e uma cômoda. Pedestais de madeira ficavam à esquerda e à direita, recostados à parede...

Mirjam sentou-se diante de mim à janela, e eu trabalhava na minha cera de modelagem.

– É preciso ter o rosto *diante de si* para se alcançar a semelhança? – perguntou ela com timidez, apenas para interromper o silêncio.

Evitamos timidamente o olhar um do outro. Ela não sabia aonde voltar os olhos em sua angústia e vergonha pelo quarto deplorável, e minhas bochechas ardiam com o reproche íntimo por fazer tanto tempo que eu não me importava com as condições de vida dela e de seu pai.

Mas eu precisava responder alguma coisa!

– Nem tanto para alcançar a semelhança, mas para comparar se enxergamos corretamente a sensação interior. – Senti, ainda enquanto falava, como o que eu havia dito estava completamente errado.

Durante anos segui o princípio equivocado dos pintores, segundo o qual é preciso estudar o aspecto físico para poder criar artisticamente, criando de um modo maquinal; foi só depois que Hillel me despertou naquela noite que a visão interior me ocorreu: a verdadeira visão por trás das pálpebras fechadas, que desaparece imediatamente quando alguém abre os olhos – o dom que todos acreditam ter e ainda assim apenas uma pessoa em milhões realmente o possui.

Como eu poderia simplesmente comentar também a *possibilidade* de querer verificar a diretriz infalível da visão espiritual diante dos meios grosseiros da visão física!

Mirjam parecia ter uma opinião semelhante, considerando a surpresa em sua expressão.

– A senhorita não deve me interpretar de forma tão literal – desculpei-me.

Cheia de atenção, ela observou enquanto eu acentuava os traços com o buril.

– Deve ser infinitamente difícil transferir tudo com exatidão para a pedra, não?

– É apenas um trabalho mecânico. Ao menos em partes.

Silêncio.

– Poderei ver a pedra quando ela estiver terminada? – perguntou ela.

– Ela será sua, Mirjam.

– Não, não... Isso não seria... – Vi como suas mãos se moviam com nervosismo.

– Não quer aceitar nem essa ninharia vinda de mim? – eu a interrompi rapidamente. – Eu gostaria de poder fazer mais pela senhorita.

Apressadamente, ela virou o rosto.

O que eu acabei de dizer! Devo tê-la magoado profundamente. Pareceu que eu quis fazer alguma alusão à pobreza deles.

Como eu poderia melhorar isso? A emenda não sairia pior que o soneto?

Resolvi tentar:

– Simplesmente me ouça, Mirjam! Eu lhe peço. Devo muito a seu pai... Você não conseguiria sequer medir o quanto...

Incerta, ela olhou para mim, obviamente sem entender.

– Sim, sim, infinitamente muito. Mais que minha vida.

– Por ele ficar ao seu lado quando o senhor desmaiou? Mas era o óbvio a fazer.

Senti que ela não sabia qual laço me ligava a seu pai. Com cuidado, sondei até onde eu poderia ir sem revelar o que ele não lhe dissera.

– Muito mais que uma ajuda externa, acredito, é prestar uma ajuda interior. Quero dizer, aquela que emana influência espiritual de uma pessoa sobre a outra. A senhorita entende o que quero dizer, Mirjam? Que é possível curar alguém mentalmente, não apenas fisicamente, Mirjam.

– E meu pai...?

– Sim, foi isso o que seu pai fez por mim! – Eu segurei sua mão.
– Entende agora que é um desejo do meu coração dar alegria, se não a ele, a alguém que esteja tão perto dele quanto você? Tenha um pouquinho de confiança em mim que seja! Não há nenhum desejo da senhorita que eu possa satisfazer?

Ela fez que não com a cabeça.

– O senhor acha que me sinto infeliz aqui?

– Com certeza não. Mas talvez às vezes a senhorita tenha preocupações que eu possa aliviar. A senhorita tem o dever, ouça bem, tem o dever de compartilhá-las comigo! Por que morariam aqui, nesta rua escura e triste, se não precisassem? A senhorita ainda é tão jovem, Mirjam, e...

– Mas o senhor mesmo mora aqui, mestre Pernath – me interrompeu sorrindo. – O que o prende a este prédio?

Hesitei. Sim. Sim, a pergunta foi certa. Por que eu vivia ali? Não conseguia explicar a mim mesmo o que me ligava àquele prédio, repeti, distraidamente. Não conseguia encontrar uma explicação e, por um momento, esqueci onde estava. Então, de repente, fui arrebatado a um lugar alto... a um jardim... onde sentia o perfume encantador das flores do sabugueiro... Olhava o bairro do alto...

– Toquei numa ferida? Magoei o senhor? – A voz de Mirjam chegou de longe, muito longe até mim.

Ela se inclinou na minha direção e olhou para o meu rosto de um jeito ansioso e questionador.

Devo ter ficado por um bom tempo ali sentado, olhando o nada, para que ela ficasse tão preocupada.

Por um momento, tudo oscilou dentro de mim, e de repente, irrompendo violentamente pelo caminho, aqueles pensamentos me inundaram, e eu despejei tudo que havia no meu coração sobre Mirjam.

Falei com ela como se fala com um velho amigo querido, com quem se passara a vida inteira junto e para quem não se tem segredos; contei como estava minha situação e de que jeito eu soube, a partir de uma história de Zwakh, que, na juventude, eu havia enlouquecido e que as lembranças do meu passado haviam sido roubadas... Como nos últimos tempos se avivavam dentro de mim imagens que deviam ter suas raízes naqueles dias, com uma frequência cada vez maior, e que eu tremia de ansiedade pelo momento em que tudo me seria revelado e novamente arrancado de mim.

Bem, calei-me apenas quanto ao que me relacionava a seu pai: minhas experiências nos caminhos subterrâneos e tudo o que viera em seguida.

Ela havia se aproximado muito de mim e ouvia com uma simpatia profunda e ofegante que me fez um bem indescritível.

Até que enfim eu encontrara uma pessoa com quem eu poderia conversar quando minha solidão mental ficasse muito grave. Certamente Hillel ainda estava lá, mas, para mim, como uma criatura que era elevada demais, que surgia e desaparecia como uma luz que eu não conseguia abordar quando sentia necessidade.

Eu lhe contei isso, e ela me entendeu. Ela também o via dessa forma, mesmo ele sendo seu pai.

Ele tinha por ela um amor infinito, e ela por ele, “e ainda assim me vejo apartada dele como se houvesse uma parede de vidro que não posso estilhaçar”, ela me confidenciou. “Desde que me entendo

por gente foi assim. Quando criança, eu o via em um sonho em pé, ao lado da minha cama, ele sempre usava o manto do sumo sacerdote: a tábua dourada de Moisés com as doze pedras na altura do peito e raios azuis e radiantes emanando das têmporas. Acho que o amor dele é do tipo que vai além do túmulo, é grande demais para que possamos entender. Minha mãe sempre dizia isso também quando conversávamos sobre ele em segredo.” De repente, ela sentiu um arrepio, e seu corpo tremeu inteiro. Eu quis me levantar de pronto, mas ela me segurou:

– Fique tranquilo, não é nada. Apenas uma lembrança. Quando minha mãe morreu... Só eu sei como ele a amava, mesmo sendo apenas uma garotinha na época... Pensei que ele sufocaria de dor e corri até ele, agarrei-me a seu casaco e quis gritar, mas não consegui, pois tudo estava paralisado dentro mim... e... e... sinto um frio percorrer de novo minhas costas quando penso nisso... Ele olhou para mim com um sorriso, beijou minha testa e passou a mão sobre meus olhos... E desde aquele momento até os dias de hoje todo sofrimento pela perda da minha mãe se extinguiu dentro de mim. Não consegui derramar nenhuma lágrima quando ela foi enterrada; vi o sol como a mão brilhante de Deus no céu e me perguntei por que as pessoas estavam chorando. Meu pai seguia atrás do caixão, perto de mim, e, sempre que eu erguia os olhos para ele, ele sempre sorria com suavidade, e eu sentia como o pavor atravessava a multidão quando viam isso acontecer.

– E a senhorita é feliz, Mirjam? Realmente feliz? Não lhe parece, ao mesmo tempo, terrível o pensamento de que a senhorita tem como pai um ser que superou toda a humanidade? – perguntei em voz baixa.

Com alegria, Mirjam fez que não com a cabeça:

– Vivo como se estivesse em um sono feliz. Quando me perguntou antes, mestre Pernath, se eu não estava preocupada e por que moramos aqui, quase dei risada. A natureza não é linda? As árvores são verdes e o céu, azul, e consigo imaginar tudo muito

melhor quando fecho os olhos. Para vê-la é preciso sentar-se em um prado? E o pouco de aflição e... e... e a fome? Isso é mil vezes compensado pela esperança e pela espera.

– Espera? – perguntei, surpreso.

– A espera por um milagre. O senhor não conhece? Não? Ora, o senhor é uma pessoa muito, muito pobre. Como é possível que não conheça isso? Veja, é por isso que nunca saio e não me relaciono com ninguém. Costumava ter algumas amigas, judias, claro, como eu, mas sempre conversávamos; elas não me entendiam, e eu não as entendia. No início, quando eu falava sobre milagres, elas pensavam que eu estava brincando e, quando perceberam o quanto eu falava sério, e que eu não entendia os milagres como os alemães descreviam com suas lentes de aumento: o crescimento normal da grama e coisas assim, mas, antes, ao contrário, elas, minhas amigas, preferiram achar que eu era louca; o que as atrapalhava é que sempre fui bastante articulada em meus pensamentos, havia aprendido hebraico e aramaico, conseguia ler os *targumim* e os *midrashim*^[6], e outras coisas mais que são banalidades. Por fim, encontraram uma palavra que não significa mais nada: me chamavam de “extravagante”.

“Quando quis explicar a elas que o importante, o essencial para mim na Bíblia e em outros escritos sagrados era o *milagre*, simplesmente o milagre e não as prescrições sobre moral e ética que apenas podiam ser caminhos ocultos para se alcançar o milagre, elas só sabiam retrucar com platitudes, pois se furtavam a admitir abertamente que, das escrituras religiosas, acreditavam apenas no que podia muito bem constar do código civil. Ficavam desconfortáveis assim que ouviam a palavra ‘milagre’. Diziam que perdiam o chão. Como se pudesse haver algo mais esplendoroso do que perder o chão!

“Certa vez, ouvi meu pai dizer que o mundo existia para ser destruído por nosso pensamento, e aí a vida começa. Não sei o que ele quis dizer com ‘vida’, mas às vezes sinto que um dia vou ‘ser

acordada'. Mesmo que eu não consiga imaginar em que estado. E sempre penso que milagres devem acontecer antes disso.

“Minhas amigas sempre me perguntavam: ‘Você já viveu isso que tanto espera?’, e quando eu dizia que não, elas de repente se alegravam e se sentiam vitoriosas. Diga, mestre Pernath, se o *senhor* consegue entender esses corações? Não quero lhes contar que *já* experimentei milagres, ainda que apenas pequenos... tão pequeninos, tão mínimos...”

Os olhos de Mirjam brilharam.

Ouvi como as lágrimas de alegria quase sufocavam a voz dela.

– Mas o senhor vai me entender: muitas vezes, por semanas, até por meses – Mirjam falava muito baixinho –, vivemos apenas de milagres. Quando não havia mais pão na casa, mas nem um bocado sequer, então eu sabia: agora é a hora! E então eu me sentava aqui e esperava e esperava até que mal conseguisse respirar de tão forte que meu coração palpitava. E então, quando de repente me via inspirada, corria e atravessava as ruas o mais rápido que podia para estar em casa a tempo, antes que meu pai chegasse. E todas as vezes encontrei dinheiro. Umas vezes mais, outras menos, mas sempre a quantia com que eu poderia comprar o mais necessário. Muitas vezes 1 florim estava caído no meio da rua; eu o via brilhar de longe, as pessoas pisavam nele, deslizavam sobre ele, mas ninguém percebia. Às vezes, isso me deixava tão convencida que eu nem saía, mas procurava no chão da cozinha como uma criança que esperava que o dinheiro ou o pão tivessem caído do céu.

Um pensamento me passou pela cabeça, e eu precisei sorrir com alegria.

Ela percebeu.

– Não ria, mestre Pernath – implorou ela. – Acredite, eu sei que esses milagres vão aumentar e que um dia...

Eu a tranquilizei:

– Não estou rindo de você, Mirjam! O que está achando? Estou infinitamente feliz, pois a senhorita não é como os outros, que

teimam em buscar a causa habitual por trás de cada acontecimento quando ele vem de forma diferente... e, nesses casos, *nós* dizemos “graças a Deus!”.

Ela estendeu a mão para mim:

– E não é verdade, mestre Pernath, que o senhor nunca mais dirá que quer ajudar a mim... ou a nós? Agora que o senhor sabe que me roubaria a oportunidade de vivenciar um milagre se o fizesse?

Eu prometi. Mas impus uma condição no meu coração.

Então a porta se abriu, e Hillel entrou.

Mirjam o abraçou, e ele me cumprimentou. Caloroso e cheio de amizade, mas novamente com o frio “senhor”.

Além disso, algo como uma leve fadiga ou incerteza parecia pesar sobre ele. Ou eu estava me enganando?

Talvez fosse apenas pelo crepúsculo que invadia a sala.

– Sem dúvida, o senhor está aqui para me pedir conselhos – começou quando Mirjam nos deixou a sós – sobre o assunto referente àquela dama?

Espantado, quis interrompê-lo, mas ele falou comigo:

– Soube de tudo pelo estudante Charousek. Conversei com ele na rua, pois me parecia estranhamente alterado. Contou-me tudo, com o coração transbordando. Além disso, comentou que... o senhor lhe deu dinheiro.

Ele olhou para mim de um jeito penetrante e pronunciou cada uma de suas palavras da forma mais estranha, mas eu não entendi o que ele queria com isso:

– Sem dúvida, isso fez com que chovessem algumas gotas de alegria do céu... e... e, nesse... caso, talvez não tenha feito nenhum mal, mas... – ele pensou por um tempo – mas às vezes as pessoas só causam sofrimento a si mesmas e aos outros com isso. Ajudar não é tão fácil quanto o senhor pensa, meu querido amigo! Se fosse, seria muito, muito fácil redimir o mundo. Não acha?

– O senhor mesmo não doa aos pobres? Muitas vezes tudo o que possui, Hillel? – perguntei.

Ele balançou a cabeça com um sorriso:

– Parece-me que o senhor se tornou um talmudista da noite para o dia, que responde a uma pergunta com outra pergunta. Assim fica bem difícil argumentar.

Ele hesitou como se quisesse responder, mas de novo não entendi o que ele estava esperando.

– A propósito, voltando ao assunto – continuou ele em um tom diferente –, não acredito que sua protegida, quero dizer, a dama, esteja em perigo imediato. Deixe as coisas se assentarem. Dizem que “o sábio constrói”, o mais inteligente, porém, ao que me parece, espera e está preparado para tudo. Talvez haja uma oportunidade de Aaron Wassertrum se encontrar comigo, mas isso terá de vir dele... Não darei um passo, *e/le* deve vir. Se até o senhor ou até mim, isso é indiferente... e então vou querer falar com ele. Caberá a ele decidir se deseja seguir meus conselhos ou não. A partir daí, lavo as minhas mãos.

Tentei ansiosamente ler seu rosto. Nunca tinha se expressado de forma tão fria e estranhamente ameaçadora. Mas por trás daqueles olhos pretos e profundos se abria um abismo.

As palavras de Mirjam voltaram à minha mente: “É como uma parede de vidro entre ele e nós”.

Só consegui apertar sua mão sem dizer uma palavra e partir.

Ele me acompanhou até a porta e, quando subi as escadas e me virei novamente, vi que ele havia parado e acenado para mim de um jeito amigável, mas como alguém que ainda gostaria de dizer algo e não pode.

Medo

Quis pegar o sobretudo e a bengala e seguir até a pequena estalagem Zum alten Ungelt, onde todas as noites Zwakh, Vrieslander e Prokop se reuniam até tarde para contar suas histórias loucas; mas, assim que entrei em meu quarto, a vontade se esvaneceu – como se mãos invisíveis tivessem arrancado um pano ou algo assim que eu levava sobre o corpo.

Havia uma tensão no ar que eu não conseguia explicar, mas que se impunha como algo palpável, me assolando de um modo tão violento no decorrer de poucos segundos que eu mal sabia o que fazer primeiro: acender a lamparina, trancar a porta atrás de mim, sentar-me ou andar de um lado para outro.

Alguém havia entrado ali na minha ausência e se escondido? Era o medo de uma pessoa de ser visto que me afetou? Talvez Wassertrum estivesse ali comigo?

Olhei atrás das cortinas, abri o armário e dei uma olhada no cômodo ao lado: ninguém.

O cofre também estava intocado em seu lugar.

Não seria melhor se eu queimasse as cartas naquele instante para me ver livre de uma vez por todas da preocupação com elas?

Eu já estava buscando a chave no meu bolso de meu colete, quando me dei conta de que não havia motivo de pressa: no dia seguinte pela manhã haveria tempo suficiente.

Primeiro, acender a luz!

Não conseguia encontrar os fósforos.

A porta estava trancada? Dei alguns passos atrás. Voltei a estacar.

Por que esse medo repentino?

Quis me repreender por ser covarde, mas meus pensamentos ficaram imóveis. No meio da frase.

Uma ideia maluca me ocorreu de repente: subir rápido, rápido para cima da mesa, levar uma poltrona comigo lá para cima e bater no crânio “da coisa” lá de cima que rastejava pelo chão... quando... quando a coisa se aproximasse.

– Não há ninguém aqui – gritei para mim mesmo, irritado –, você alguma vez já teve medo na vida?

Não adiantou. O ar que eu inspirava ficou rarefeito e cortante como éter.

Se eu tivesse *visto alguma coisa*, mesmo a coisa mais horrível que se pode imaginar, em um instante o temor teria se afastado de mim.

Nada vinha.

Eu lançava olhares para todos os cantos.

Nada.

Em todos os lugares, as coisas costumeiras: móveis, baús, a lamparina, o quadro, o relógio de parede – antigos e fiéis amigos inanimados.

Esperava que eles se transformassem diante dos meus olhos e me dessem motivos para descobrir que a causa daquela ansiedade sufocante era uma alucinação.

Nem isso acontecia. Eles permaneceram fiéis à sua forma estática. Rígidos demais para a penumbra dominante, como seria de esperar.

“Eles estão sob a mesma pressão que você”, era o que eu sentia. “Eles não se atrevem a se movimentar nem sequer minimamente.”

Por que o relógio de parede não está funcionando?

Aquela expectativa abafava qualquer ruído ao redor.

Sacudi a mesa e imaginei que poderia ouvir o ruído.

Se ao menos o vento assobiasse pela casa! Nem isso! Ou a madeira estalasse na fornalha. Mas o fogo estava apagado.

E sempre a mesma expectativa terrível no ar – ininterrupta, contínua, como o correr de um fio de água.

Aquela postura inútil de quem vai dar o bote em todos os meus sentidos! Quis deixá-la para trás desesperadamente. A sala cheia de olhos que eu não conseguia ver, cheia de mãos errantes que eu não conseguia agarrar.

Percebi, com embotamento: “É o pavor que se dá à luz, o horror paralisante do não ser incompreensível, que não tem forma e corrói as fronteiras de nossa mente”.

Permaneci rígido e aguardei.

Esperei por mais um quarto de hora: talvez “a coisa” se deixasse atrair e se esgueirasse por trás de mim – e eu poderia apanhá-la.

Com brusquidão, me virei: nada de novo.

O mesmo “nada” arrasador, que *não existia* e ainda assim preenchia o cômodo com sua presença sinistra.

E se eu corresse para fora? O que me impedia?

“A coisa iria comigo”, soube imediatamente com certeza inabalável. Soube também que seria inútil acender a luz, mas mesmo assim procurei o isqueiro até encontrá-lo.

Mas o pavio da vela não quis queimar e ficou por um bom tempo fumegando: a pequena chama não conseguia viver nem morrer e, quando finalmente lutou por uma existência cheia de estertores, permaneceu tão baça quanto metal amarelo e sujo. Não, a escuridão ainda era melhor que aquilo.

Apaguei-a e me joguei ainda vestido sobre a cama. Contei meus batimentos cardíacos: um, dois, três, quatro... até mil, e recomecei... por horas, dias, semanas, como me pareceu, até que meus lábios ficaram secos e meu cabelo se arrepiou: nem um segundo de alívio.

Nenhum sequer.

Comecei a recitar palavras do jeito que vinham à boca: “príncipe”, “árvore”, “criança”, “livro” – e a repeti-las convulsivamente até que de repente ficaram nuas à minha frente como sons assustadores e sem sentido do passado bárbaro, e tive de pensar com todas as forças para reencontrar seu significado: P-r-í-n-c-i-p-e? L-i-v-r-o?

Eu já estava louco? Ou morto? Apalpei meu corpo todo.

Levante-se!

Sente-se na poltrona!

Deixei meu corpo afundar na poltrona.

Se a morte por fim viesse!

Apenas para não mais sentir essa espreita terrível e exangue!

– Eu... não quero... eu... não quero... – gritei. – Vocês não me ouviram?!?

Fraco, me recostei.

Não conseguia entender por que ainda estava vivo.

Incapaz de pensar ou fazer qualquer coisa, fitei o vazio à minha frente.

*

“Por que ele me estende os grãos com tanta insistência?”, um pensamento resvalou em mim, recuou e voltou a resvalar. Recuou. Voltou a resvalar.

Aos poucos, percebi que uma criatura estranha estava diante de mim, talvez estivesse ali, em pé, desde que me sentara – e estendia a mão para mim: uma criatura cinza de ombros largos, da altura de um homem adulto troncado, apoiado em um cajado nodoso e espiralado de madeira branca.

Onde deveria estar a cabeça, pude apenas divisar uma bola de névoa feita de um vapor cinzento.

Um cheiro úmido de sândalo e ardósia molhada emanava da aparição.

Uma sensação de vulnerabilidade total quase me arrancou os sentidos. O que eu havia sentido por um longo tempo naquela tortura enervante se acumulava naquele momento em um pavor mortal e se coagulava para formar aquela criatura.

Meu instinto de autopreservação me dizia que eu ficaria louco de horror e medo se visse o rosto do fantasma – me alertou sobre isso, gritou em meus ouvidos –, e ainda assim aquela coisa me atraía como um ímã, de forma que eu não conseguia tirar os olhos daquela esfera pálida de névoa, buscando nela olhos, nariz e boca.

No entanto, por mais que eu me esforçasse, a névoa permanecia imóvel. Consegui encaixar cabeças de toda espécie sobre aqueles ombros, mas eu sabia que vinham apenas da minha imaginação.

Elas sempre desmoronavam, quase no mesmo segundo em que eu as criava.

Apenas a forma de uma cabeça egípcia de íbis permaneceu por mais tempo.

Os contornos do fantasma ocultavam-se na escuridão, como se ele fosse irreal, contraíam-se de modo quase imperceptível e voltavam a se expandir, como em lentas respirações que atravessavam a figura inteira, o único movimento que se notava. Em vez de pés, pontas de ossos tocavam o chão, dos quais a carne – cinza e sem sangue – erguia-se ao redor dos tornozelos como bordas inchadas.

Imóvel, a criatura estendia a mão para mim.

Havia pequenos grãos em sua palma. Do tamanho de feijões, de cor vermelha e com pontos pretos ao redor.

O que deveria fazer com aquilo?

Senti-me entorpecido: uma tremenda responsabilidade pesava sobre mim – uma responsabilidade muito além de qualquer coisa terrena –, se eu não fizesse o que era correto naquele momento.

Imaginei, no reino das causas primeiras, dois pratos de uma balança pairando, cada qual carregado com o peso de um hemisfério: afundaria aquele no qual eu jogasse um grão de poeira.

Entendi que *aquela* era a terrível espera! “Não mexa um dedo!”, dizia minha mente. “Nem mesmo se a morte nunca vier em toda a eternidade para me redimir desse tormento.”

Ainda assim, você teria feito sua escolha: teria *recusado* os grãos, veio um murmúrio dentro de mim. Não há como voltar.

Em busca de ajuda, olhei ao redor para saber se não haveria nenhum sinal do que eu deveria fazer.

Nada.

Dentro de mim também não havia nenhum conselho, nenhuma ideia: tudo estava morto, terminado.

Percebi que a vida de uma infinidade de pessoas era leve como uma pena naquele momento terrível...

Já devia ser tarde da noite, pois eu não conseguia mais divisar as paredes de meu quarto.

Passos no ateliê ao lado; ouvi que alguém arrastava armários, abria gavetas com vontade e as lançava ao chão; pensei reconhecer a voz de Wassertrum, como ele soltava imprecações selvagens com sua voz rouca e grave, mas não fiquei à espreita. Para mim, era irrelevante como o rascar de um rato. Fechei os olhos.

Semblantes humanos passavam por mim em longas filas. As pálpebras apertaram-se... máscaras mortuárias enrijecidas, minha linhagem, meus antepassados.

Ainda que parecessem diversos, todos tinham a mesma formação de crânio, ao erguer-se dos túmulos – com cabelos lisos e divididos, encaracolados e bem curtos, com perucas longas e topetes enrolados em argolas –, por séculos, até que os traços começaram a ficar cada vez mais conhecidos para mim e fluíram até o último rosto: o rosto do Golem, com o qual a corrente de meus ancestrais se rompeu.

Então a escuridão se espalhou e transformou meu quarto em um espaço vazio infinito, no meio do qual eu soube que estava sentado na minha poltrona, diante de mim a sombra cinza ainda com o braço estendido.

E quando abri os olhos havia seres estranhos ao nosso redor em dois círculos que se cruzavam e formaram um número oito: os do primeiro círculo usavam vestes com um brilho violeta, os do outro, vestes pretas avermelhadas. Pessoas de uma raça estranha, de grande estatura de fragilidade não natural, os rostos escondidos por trás de véus reluzentes.

A palpitação me dizia que havia chegado o momento da decisão. Meus dedos estremeceram na direção dos grãos e ali eu vi como um tremor atravessou as formas do círculo avermelhado.

Deveria rejeitar os grãos? O círculo violeta tremeluziu; olhei atentamente para o homem sem cabeça, e ele estava lá, na mesma posição, imóvel como antes.

Até sua respiração havia parado.

Ergui o braço, não sabia ainda o que fazer e bati na mão espalmada do fantasma, fazendo os grãos rolarem pelo chão.

Por um momento, tão repentinamente quanto um raio elétrico, minha consciência evanesceu, e achei que estava mergulhando em profundezas sem fim, mas em seguida fiquei em pé com firmeza.

A criatura cinza desapareceu. Bem como os seres do círculo avermelhado.

As figuras azuladas, por outro lado, formaram um círculo ao meu redor; levavam uma inscrição de hieróglifos dourados na altura do peito e permaneceram em silêncio, com a mão erguida, como num juramento, segurando entre os dedos indicador e polegar os grãos vermelhos que eu havia arrancado da mão do fantasma sem cabeça.

Lá fora, ouvi a tempestade de granizo batendo contra as janelas e trovões rugindo no ar: uma tempestade de inverno em toda a sua raiva inconsciente assolou a cidade. Do rio, através do berro do trovão, ressoavam, em intervalos rítmicos, os tiros de canhão abafados que anunciavam a quebra da cobertura de gelo do Rio Vltava. A sala se enchia com as luzes que cintilavam sem parar. De

repente, me senti tão fraco que meus joelhos tremeram e tive de me sentar.

“Fique tranquilo”, disse uma voz claramente ao meu lado, “fique muito calmo, hoje é o Lelschimurim: a Noite da Proteção...”.

*

Aos poucos, a tempestade diminuiu, e o barulho ensurdecido passou ao tamborilar monótono do granizo batendo nos telhados.

A lassidão nos meus membros aumentou tanto que só percebi com sentidos entorpecidos e em estado de sonho acordado o que estava acontecendo ao meu redor.

Alguém no círculo disse as palavras:

“Aquele que procurais não está aqui.”

Os outros responderam em uma língua estrangeira.

Então o primeiro voltou a dizer baixinho uma frase e nela continha o nome

“Enoque”,

mas não entendi o restante: lá do rio, o vento carregava o gemido muito alto do gelo estourando.

Então um deles saiu do círculo, parou diante de mim, apontou para os hieróglifos em seu peito – eram as mesmas letras dos outros – e me perguntou se eu sabia lê-los.

E quando eu disse que não, murmurando de cansaço, ele estendeu a palma da mão contra mim, e a escrita apareceu brilhante sobre meu peito em caracteres latinos:

CHABRAT ZEREH AUR BOCHER^[7]

e devagar se transformou naquelas letras desconhecidas para mim. E caí em um sono profundo e sem sonhos, como eu não tinha desde a noite em que Hillel havia soltado minha língua.

Impulso

As horas dos últimos dias passaram voando. Mal tive tempo de me alimentar.

Um desejo irresistível de viver o mundo externo me atou à mesa de trabalho da manhã até a noite.

A joia estava pronta, e Mirjam, ao vê-la, ficou alegre como uma criança.

A letra “I” no Livro de Ibbur também havia sido restaurada.

Recostei-me e permiti tranquilamente que os pequenos acontecimentos das horas de hoje passassem por mim: como a velha arrumadeira, que irrompeu no meu apartamento pela manhã após a tempestade, com a notícia de que a ponte de pedra havia desmoronado à noite...

Que estranho: desmoronou! Talvez quando afastei os grãos... Não, não, não pense nisso; seria possível dar um verniz de sobriedade ao que havia acontecido naquele momento, e eu me propus a deixá-lo enterrado em meu peito até que ele voltasse a acordar sozinho... Era só não mexer nisso!

Havia não muito tempo, eu atravessara a ponte, vira as estátuas de pedra – e agora ela jazia ali, a ponte, que permaneceu em pé por séculos, em ruínas.

Quase me senti triste por nunca mais poder pôr meus pés nela. Mesmo que reconstruída, jamais seria a mesma velha e misteriosa ponte de pedra.

Tive de pensar naquilo por horas, enquanto cortava a pedra, e assim, claro, como se eu nunca tivesse esquecido, ficou vívido dentro de mim: quantas vezes, quando criança e também nos anos

seguintes, olhei para a estátua de Santa Luitgarda e para todos os outros que estão enterrados nas águas turbulentas do rio.

Voltei a ver em meu íntimo as muitas pequenas coisas queridas que eu chamava de minhas em minha juventude – e meu pai, minha mãe e a multidão de colegas de escola. Só não conseguia mais me lembrar da casa onde eu havia morado.

De repente, tive a certeza de que um dia, quando eu menos esperasse, ela voltaria a estar diante de mim, e me alegrei com isso.

Foi bastante confortável a sensação de que, subitamente, tudo se desenvolvia em mim de forma natural e simples.

Dois dias antes, quando tirei o Livro de Ibbur do cofre, não havia nada de surpreendente nisso: parecia apenas um livro de pergaminho velho, enfeitado com iniciais valiosas; para mim, pareceu completamente normal.

Eu não conseguia entender por que antes ele me parecera tão assustador!

Estava escrito em hebraico, completamente incompreensível para mim.

Quando o desconhecido voltaria para buscá-lo?

A alegria da vida, que secretamente se apoderou de mim durante o trabalho, despertou novamente em todo o seu frescor revigorante e afugentou os pensamentos noturnos que desejavam me atacar pelas costas.

Rapidamente peguei a foto de Angelina – eu havia cortado a dedicatória que estava embaixo – e a beijei.

Era tudo tão tolo e absurdo, mas por que não... sonhar mais uma vez com a felicidade, se apegar ao presente reluzente e se alegrar por ele como quem se anima com uma bolha de sabão?

Seria possível realizar aquilo que eu desejava em meu coração? Era completamente impossível para mim me tornar um homem célebre da noite para o dia? Eu estaria à altura dela, então, ainda que não tivéssemos a mesma origem? Eu seria ao menos igual ao dr. Savioli? Pensei na joia de Mirjam: e se eu conseguisse fazer

outras como aquela... Sem dúvida, nem mesmo os principais artistas de todos os tempos conseguiram fazer algo melhor.

E, supondo apenas uma casualidade: e se o marido de Angelina morresse de repente?

Tive calores e calafrios: uma pequena casualidade – e minha esperança, a esperança mais ousada, ganharia forma. Em um fio diáfano, que podia se romper de uma hora para outra, pendia a felicidade que podia cair no meu colo.

Não aconteceram coisas maravilhosas comigo mil vezes? Coisas que a humanidade nem sequer imagina que existem?

Não foi *um milagre* que, dentro de poucas semanas, as habilidades artísticas tivessem despertado em mim, o que já me elevou para muito acima da média?

E eu estava ainda no *início* do caminho!

Não tenho *eu* direito à felicidade?

Misticismo seria um sinônimo de falta de desejo?

Eu reforçava em mim o pensamento positivo – sonhar apenas por mais uma hora – um minuto – uma curta existência humana!

E eu sonhava de olhos abertos: as pedras preciosas sobre a mesa cresciam, cresciam e me rodeavam por todos os lados como cachoeiras coloridas. Árvores de opala formavam um bosque e refletiam as ondas de luz que vinham do céu, o azul cintilando como a asa de uma borboleta tropical gigantesca, em meio a uma chuva de centelhas sobre prados imprevisíveis, cheios do aroma quente do verão.

Eu tinha sede e esfriei meus membros na espuma gélida dos riachos que deslizavam sobre rochedos feitos de madrepérola cintilante.

O hálito fresco acariciava as encostas cobertas de botões e flores e me embebedava com os aromas de jasmims, jacintos, narcisos, loureiros...

Insuportável! Insuportável! Apaguei a imagem. Eu estava com sede.

Eram os tormentos do paraíso.

Escancarei as janelas e deixei o vento morno soprar na minha testa.

Veio o cheiro da primavera vindoura...

Mirjam!

Impossível não pensar em Mirjam.

Tive de me segurar à parede pela agitação para não cair quando ela me contou de um milagre que havia acontecido, um verdadeiro milagre: ela havia encontrado uma moeda de ouro no filão de pão que o padeiro, de passagem por ali, havia deixado através da grade da janela da cozinha.

Peguei minha bolsa. Felizmente, ainda não era tarde demais naquele dia e consegui *fazer um encantamento para lhe dar mais 1 ducado!*

Ela me visitava todos os dias para me fazer companhia, como ela dizia, mas quase nunca falava, de tão realizada que ficava pelo “milagre”. A experiência perturbou-a muito profundamente, e quando imaginei como ela de súbito ficava lívida até os lábios sem motivo aparente, apenas sob a influência de sua lembrança, eu ficava zozinho com o simples pensamento de que eu poderia estar, na minha cegueira, operando coisas cujas consequências iam até o infinito.

E, quando me lembrei das últimas palavras sombrias de Hillel e relacionei com aquele fato, um frio percorreu meu corpo.

A pureza do motivo não era desculpa para mim – e eu compreendia que o fim *não* justificava os meios.

E se, além disso, o motivo “querer ajudar” fosse apenas *aparentemente* “puro”? Não havia uma mentira secreta escondida por trás disso? O desejo inconsciente e egoísta de se refestelar no papel de salvador?

Comecei a enlouquecer comigo mesmo.

Era claro que eu julgara Mirjam de uma forma superficial demais.

Justamente por ser filha de Hillel, ela devia ser diferente das outras garotas.

Como pude ter sido presunçoso a ponto de interferir de maneira tão tola em uma vida íntima que talvez fosse imensamente mais elevada que a minha!

Justamente os traços de seu rosto, que se encaixavam cem vezes mais na época da sexta dinastia egípcia – e mesmo para essa dinastia eram espiritualizados demais – do que na nossa, com seu tipo de ser humano racionalista, deveriam ter me alertado.

Tinha lido em algum lugar, certa vez: “Apenas os muito estúpidos desconfiam da aparência externa”. Como estava certo! Como estava certo!

Mirjam e eu éramos bons amigos agora; deveria eu admitir para ela que era eu quem contrabandeava os ducados dentro do pão, dia após dia?

O golpe viria muito de repente. Ela ficaria atordoada.

Eu não podia ousar fazer dessa forma, precisava agir com mais cuidado.

Enfraquecer de alguma forma o “milagre”? Em vez de enfiar o dinheiro no pão, deixá-lo no degrau da escada para que ela encontrasse quando abrisse a porta e assim por diante? Deveria pensar em algo novo, menos brusco; me contentaria com alguma maneira que paulatinamente a desviasse do milagroso de volta ao cotidiano.

Sim! Era o caminho correto.

Ou era melhor cortar o nó? Buscar seu pai e consultá-lo? Enrubesci de vergonha. Haveria tempo suficiente para fazê-lo se todos os outros meios falhassem.

Naquele momento era botar a mão na massa, sem perder tempo!

Uma boa ideia me ocorreu: precisava levar Mirjam a algo muito peculiar, tirá-la de seu ambiente familiar por algumas horas para que ela obtivesse outras impressões.

Pegaríamos uma carruagem de aluguel e daríamos um passeio. Quem nos conheceria se saíssemos do Bairro Judeu? Talvez ela se interessasse em visitar a ponte desmoronada?

Ou o velho Zwakh ou uma de suas amigas de infância deveria acompanhá-la se ela achasse escandaloso estarmos sozinhos.

Eu estava determinado a não aceitar uma recusa.

*

Na soleira da porta, dei de cara com um homem e quase o derrubei.

Wassertrum!

Devia estar espiando pelo buraco da fechadura, pois estava curvado quando trombei com ele.

– O senhor está me procurando? – perguntei de forma brusca.

Ele gaguejou algumas palavras de desculpa em seu palavreado impossível de compreender; então disse que sim.

Pedi que ele entrasse e se sentasse, mas ele parou à mesa, torcendo as abas do chapéu. Uma profunda hostilidade que, em vão, quis esconder de mim, emanava de seu rosto e de cada um de seus movimentos.

Nunca tinha visto o homem tão de perto. Não era sua feiura horrenda que repugnava (ela antes me inspirava bastante compaixão: ele parecia uma criatura que, quando nasceu, foi pisoteada com raiva e nojo pela própria natureza), mas sim o que emanava dele de diferente, de imponderável.

Era o “sangue”, como Charousek apropriadamente descrevia.

Involuntariamente, limpei a mão que havia lhe estendido quando ele entrou.

Por mais que eu tivesse feito isso discretamente, ele parecia ter notado, pois teve de se esforçar repentinamente para reprimir o surto de ódio em seus traços.

– Bonita aqui, sua casa – finalmente ele começou, hesitante, quando viu que eu não lhe fizera o favor de começar a conversa.

Contrariando suas palavras, ele fechou os olhos, talvez para não enfrentar meu olhar. Ou talvez ele tenha achado que aquilo emprestaria a seu rosto uma expressão mais inofensiva.

Dava para sentir claramente o esforço que ele estava fazendo para falar sem usar dialeto.

Não me senti obrigado a responder e esperei para ouvir o que ele diria.

Em seu constrangimento, ele estendeu a mão para a lima, que – sabe-se lá Deus por quê – continuava em cima da mesa desde a visita de Charousek, mas, involuntária e instantaneamente, retrocedeu como se tivesse sido mordido por uma cobra. Fiquei impressionado com sua sensibilidade mental subconsciente.

– Claro, obviamente, que é bom para os negócios ter a casa arrumada – ele se recompôs para dizer – quando se recebem... visitas tão elegantes. – Ele quis abrir os olhos para ver que impressão as palavras causaram em mim, mas achou que era prematuro e rapidamente voltou a fechá-los.

Eu quis pressioná-lo:

– O senhor está falando da dama que veio aqui outro dia? Diga-me abertamente aonde quer chegar!

Ele hesitou um momento, em seguida me agarrou pelo pulso e me arrastou até a janela.

A maneira estranha e desmotivada como fez isso me lembrou como havia arrastado o surdo-mudo Jaromir para dentro de seu covil alguns dias atrás.

Entre os dedos atrofiados ele me estendeu um objeto brilhante:

– O que acha, sr. Pernath, acha que dá para fazer alguma coisa com isso?

Era um relógio de ouro com as tampas da caixa tão tortas que quase parecia que o haviam amassado de propósito.

Peguei uma lupa: as dobradiças estavam quase arrancadas e por dentro... não havia nada gravado? Quase ilegível e, além disso, com uma porção de arranhões frescos. Devagar, decifrei:

K-rl Zott-mann.

Zottmann? Zottmann? Onde eu havia lido esse nome?
Zottmann? Não conseguia lembrar. Zottmann?

Wassertrum quase derrubou a lupa da minha mão:

– O mecanismo não tem nada, eu mesmo já vi. Mas a caixa está uma porcaria.

– Bastam umas batidas para desamassá-la... No máximo uma solda aqui e ali. Qualquer ourives pode fazer isso, sr. Wassertrum.

– Faço questão de um trabalho de confiança. Como se diz: artístico – ele me interrompeu apressadamente. Quase sôfrego.

– Muito bem, se o senhor faz tanta questão...

– Muita questão! – Sua voz falhou com a ansiedade. – Eu mesmo quero usar o relógio. E, se eu mostrar para qualquer um, vou querer dizer: olha, *este* é o trabalho do mestre Pernath.

Fiquei com nojo do camarada; ele realmente estava cuspidando na minha cara suas bajulações repugnantes.

– Se o senhor voltar em uma hora, vai estar pronto.

Wassertrum contorceu-se de um jeito convulsivo:

– Não precisa disso. Não quero assim. Três dias. Quatro dias. Na próxima semana, eu tenho tempo. Vou me culpar o resto da vida se eu o apressar.

O que ele tinha para ter ficado tão fora de si? Fui até a sala contígua e tranquei o relógio no cofre. A fotografia de Angelina estava ali. Voltei a fechar a tampa rapidamente caso Wassertrum estivesse de olho.

Quando me virei, notei que ele havia ficado lívido.

Olhei para ele com cuidado, mas imediatamente deixei minha desconfiança de lado: impossível! Ele não *poderia* ter visto nada.

– Bem, então, talvez na próxima semana – disse eu, para pôr um fim na visita.

De repente, de um minuto para outro, ele pareceu não ter mais pressa, pegou uma cadeira e sentou-se.

Ao contrário de antes, ele manteve seus olhos de peixe bem abertos enquanto falava, fitando com teimosia o botão superior do meu colete.

Silêncio.

– Claro que a madama disse para o senhor fingir que não sabia de nada, certo? – soltou ele de repente, sem nenhuma introdução, batendo com o punho na mesa.

Havia algo de estranhamente assustador na brusquidão com que passou de um modo de falar para outro – conseguiu saltar do tom bajulador para a brutalidade com a velocidade de um raio, e pensei que a maioria das pessoas, especialmente as mulheres, devia se ver de uma hora para outra em suas mãos, caso ele tivesse a menor das armas contra ela.

Meu primeiro pensamento foi me empertigar, agarrá-lo pelo pescoço e mandá-lo porta afora; em seguida, refleti se não seria mais sábio ouvi-lo com atenção antes de qualquer coisa.

– Realmente não entendo o que o senhor quer dizer, sr. Wassertrum. – Tentei fazer a cara mais idiota possível. – Madama? Que madama é essa?

– Vou ter de ensinar o senhor a falar? – retrucou ele, grosseiro. – O senhor vai ter de fazer juramentos no tribunal por causa daquela lá. O senhor me entende?! É disso que estou falando! – Ele começou a gritar: – O senhor não há de me negar que “aquela” lá – ele apontou com o dedão para o ateliê – desceu até aqui enrolada em um tapete e... nada mais!

A fúria subiu-me à cabeça; peguei o canalha pelos colarinhos e o sacudi:

– Se o senhor falar mais uma palavra nesse tom, vou lhe partir os ossos do corpo todo! Entendeu?

Ele despencou pálido como cera na cadeira e gaguejou:

– O que foi? O que foi isso? O que o senhor está dizendo? Só estou falando.

Andei para lá e para cá na sala algumas vezes para me acalmar, sem prestar atenção a todas as desculpas que ele gaguejava.

Então me sentei bem diante dele com a firme intenção de resolver as coisas de uma vez por todas no que dizia respeito a Angelina e, se não conseguisse de forma pacífica, faria com que ele finalmente revelasse suas hostilidades e disparasse oportunamente suas flechas fracas.

Sem prestar a mínima atenção a suas interrupções, falei sem rodeios que qualquer tipo de extorsão – enfatizando a palavra – teria fracassado, já que ele não podia fazer nenhuma acusação com provas, e *certamente* eu saberia como escapar a qualquer testemunho (supondo que estivesse no reino das possibilidades tal coisa acontecer). Angelina me era muito próxima para que eu não a salvasse na hora do sufoco, custasse o que custasse, *até mesmo um falso testemunho!*

Cada músculo em seu rosto se contraiu, seu lábio leporino retraiu-se até o nariz, ele arreganhou os dentes e gorgolejou como um peru várias vezes, tentando interromper minha fala:

– Eu lá quero fazer alguma coisa com a madama? Me ouça! – ele ficou fora de si com a impaciência por eu não permitir me intimidar. – Meu problema é com o Savioli, esse cão maldito.... Esse... esse... – de repente ele gritou.

Ele buscou ar. Logo eu me contive: finalmente ele estava ali, onde eu o queria, mas ele já havia se recomposto e fixou os olhos de novo em meu colete.

– Escute aqui, Pernath – ele se forçou a imitar a maneira fria e desconfiada de um comerciante –, o senhor continua aí falando da mad... da dama. Ótimo! Ela é casada. Ótimo: ela se envolveu com... aquele sacripanta. O que *eu* tenho a ver com isso? – ele movia as mãos para lá e para cá diante do meu rosto, as pontas dos

dedos unidas, como se estivesse segurando uma pitada de sal nelas. – Isso é assunto *dela*, da madama. Sou um homem do mundo, o senhor também é um homem do mundo. Nós dois sabemos disso. Não é? Só quero meu dinheiro. O senhor entende, Pernath?!?

Ouvi com espanto:

– Que dinheiro? O dr. Savioli deve alguma coisa ao senhor?

Wassertrum esquivou-se:

– Tenho contas a acertar com ele. Dá no mesmo.

– O senhor quer assassiná-lo! – gritei.

Ele teve um sobressalto. Gaguejou. Deu algumas risadinhas.

– Claro! Assassinar! Por quanto tempo o senhor vai continuar com essa farsa? – Apontei para a porta. – Faça o favor de se retirar.

Devagar, ele pegou o chapéu, vestiu-o e virou-se para partir. Então parou mais uma vez e disse com uma calma que eu não teria imaginado nele:

– Muito bem. Quis deixar o senhor de fora dessa. Ótimo. Se não quer, não quer. Barbeiros piedosos causam feridas das boas. Estou farto. Se você tivesse sido esperto... O Savioli está no caminho do senhor também!? *Agora, com o senhor, vou fazer* – ele fez um gesto de estrangular com os dedos, quando disse: – *picadinho com vocês três.*

Suas expressões apontavam uma crueldade tão satânica, e ele parecia tão seguro de si que o sangue congelou em minhas veias. Ele devia ter uma arma nas mãos da qual eu não tinha ideia, algo que Charousek não conhecia. Senti o chão sacudir embaixo de mim.

“*A lima! A lima!*”, ouvi uma voz sussurrando em meu cérebro. Avaliei a distância: um passo para a mesa – dois passos até Wassertrum. Eu quis pular – e lá estava Hillel, na soleira, como se houvesse brotado do chão.

O cômodo virou um borrão diante de meus olhos.

Vi apenas – como se através da névoa – que Hillel permaneceu imóvel, e Wassertrum recuou passo a passo até a parede.

Então ouvi Hillel dizer:

– Você conhece o ditado, Aaron: *Os judeus são fiadores uns dos outros*. Não dificulte demais as coisas. – Ele acrescentou algumas palavras em hebraico que não compreendi.

– O senhor não tinha nada que ficar espiando atrás da porta – rosnou o adeleiro com lábios trêmulos.

– Não precisa se preocupar se eu ouvi ou não! – novamente Hillel concluiu com uma frase em hebraico que, dessa vez, parecia uma ameaça. Eu esperava que virasse uma escaramuça, mas Wassertrum não respondeu sequer com uma sílaba, pensou por um momento e depois saiu pisando duro.

Tenso, olhei para Hillel. Ele acenou para que eu não dissesse nada. Obviamente estava esperando outra coisa, pois espreitou atentamente o corredor. Quis ir até a porta e fechá-la, mas ele me impediu com um gesto de impaciência.

Passou pouco mais de um minuto, então os passos arrastados do adeleiro voltaram a subir as escadas. Sem dizer uma palavra, Hillel saiu, abrindo caminho para ele.

Wassertrum esperou até que o outro estivesse distante e rosnou para mim, raivoso:

– Devolva meu relógio.

Mulher

Bem, onde estava Charousek?

Quase 24 horas haviam passado, e ele ainda não aparecera.

Teria ele se esquecido do sinal que havíamos combinado? Ou talvez não tenha visto?

Fui até a janela e posicionei o espelho de modo que o raio de sol que caía sobre ele refletisse exatamente sobre a portinhola gradeada de seu apartamento no porão.

A intervenção de Hillel – no dia anterior – me acalmara bastante. Certamente teria me avisado se houvesse um perigo iminente.

Além disso, Wassertrum não poderia ter feito nada de significativo; logo depois que foi embora, voltou à loja; olhei lá para baixo, ele estava inclinado e imóvel atrás de suas chapas de fogão, exatamente como eu o vira de manhãzinha.

Insuportável essa eterna espera!

O ar suave da primavera que entrava pela janela aberta do quarto ao lado aguçou o meu desejo.

As gotas do degelo caíam dos telhados. E como as finas correntes de água brilhavam à luz do sol!

Essa cena me atraía como se tivesse fios invisíveis. Cheio de impaciência, andei de um lado para outro no cômodo. Joguei-me em uma poltrona. Levantei-me novamente.

Essa semente ávida de uma paixão incerta no meu peito não queria ceder.

Ela me atormentara a noite toda. Uma vez tinha sido Angelina que se aninhara em mim; em seguida, ao que parecia, voltei a falar de forma totalmente inocente com Mirjam, e, mal eu me livrara da

imagem, de novo chegou Angelina e me beijou; senti o cheiro de seus cabelos, e sua macia pele de zibelina fez cócegas em meu pescoço, deslizando de seus ombros à mostra – e ela se transformou em Rosina, dançando com olhos bêbados, semicerrados... de fraque... nua; e tudo em um estado meio adormecido, mas que era exatamente como se eu estivesse acordado. Como uma vigília doce, desgastante, crepuscular.

De manhã, meu duplo estava ao meu lado da cama, o sombrio Habal Garmin, “o sopro dos ossos” do qual Hillel falara – e eu fitei seus olhos: ele estava em meu poder, *tinha* de responder a quaisquer perguntas que eu fizesse sobre coisas terrenas ou do além, e ele apenas *esperava* por isso, mas a sede pelo mistério nada podia contra a viscosidade de meu sangue e infiltrou-se na terra seca da minha mente. Mandei o fantasma embora, que deveria se tornar o reflexo de Angelina, e ele murchou até virar a letra *aleph*, cresceu mais uma vez, ficou ali como a mulher colossal, completamente nua como a vi antes no Livro de Ibbur, com pulsação de terremoto, e se curvou sobre mim, e eu inalei o cheiro inebriante de sua carne quente.

*

Charousek ainda não veio? Os sinos badalavam nas torres das igrejas.

Vou esperá-lo mais quinze minutos, depois sairei! Queria caminhar por ruas movimentadas, cheias de pessoas vestidas solenemente, misturar-me à multidão alegre nos bairros dos ricos, ver mulheres bonitas com rostos coquetes e mãos e pés elegantes.

Como desculpa, dizia a mim mesmo que talvez encontrasse Charousek por acaso.

Peguei na estante o antigo baralho de *tarok* para passar mais rápido o tempo.

Talvez as imagens trouxessem inspiração para o desenho de um camafeu.

Procurei o Louco.

Não o encontrei. Onde poderia estar?

Repassei as cartas e me perdi pensando no significado oculto delas. Especialmente no do “Enforcado” – o que poderia significar?

Um homem pendurado em uma corda entre o céu e a terra, de cabeça para baixo, os braços amarrados às costas, a perna direita cruzada sobre a esquerda, de forma que parecia uma cruz sobre um triângulo invertido?

Uma metáfora incompreensível.

Ah, enfim Charousek!

Ou não?

Uma alegre surpresa: era Mirjam.

– Sabe, Mirjam, eu estava pensando em descer até sua casa e chamá-la para dar um passeio de carruagem comigo. – Não era bem a verdade, mas nem me preocupei com isso. – Não vai recusar o meu convite, certo? Hoje meu coração está tão imensamente feliz que você, exatamente você, Mirjam, deve coroar minha alegria.

– Passeio de carruagem? – repetiu ela tão espantada que tive de rir alto.

– A proposta é assim tão espantosa?

– Não, não, mas... – ela procurou as palavras – incrivelmente estranha. Passeio de carruagem!

– Não há nada estranho se a senhorita pensar que centenas de milhares de pessoas estão fazendo isso... Na verdade, não fazem nada além disso a vida inteira.

– Sim, *outras* pessoas! – retrucou ela, ainda completamente surpresa.

Agarrei suas mãos:

– O que *outras* pessoas podem experimentar de alegria, Mirjam, eu gostaria que você desfrutasse em uma medida infinitamente maior.

De repente, ela ficou pálida, e vi, no atordoamento rígido de seus olhos, em que estava pensando.

Senti uma pontada.

– Não pode carregá-lo consigo o tempo todo, Mirjam – disse a ela. – Esse... esse milagre. Prometa-me que vai deixá-lo de lado por... por nossa amizade?

Ela ouviu a aflição em minhas palavras e me encarou com espanto.

– Eu poderia me alegrar por você se não a afligisse tanto, mas como? Sabe como fico profundamente preocupado com você, Mirjam? Por... por... Como posso dizer?... Por sua saúde mental! Não tome isso de forma literal, mas... eu gostaria que o milagre nunca tivesse acontecido.

Esperiei que ela fizesse objeções, mas ela apenas meneou a cabeça, pensativa.

– Ele a consome. Não tenho razão, Mirjam?

Ela se levantou:

– Às vezes, também quase desejo que ele não aconteça.

Aquelas palavras soaram como um raio de esperança para mim.

– Quando penso – falou ela bem devagar, perdida em devaneios – que poderia chegar um tempo em que eu precisasse viver sem esses milagres...

– Você pode ficar rica da noite para o dia, então não precisará mais dele – falei sem pensar, mas parei quando vi o horror em seu rosto. – Quer dizer: de repente, você pode ser naturalmente aliviada de suas preocupações, e os milagres que experimentará serão espirituais, experiências interiores.

Ela fez que não com a cabeça e disse com rispidez:

– Experiências interiores não são milagres. É bem surpreendente, mas parece haver pessoas que não experimentam nenhum milagre. Desde a infância, dia após dia, noite após noite, eu experimentei... – (Ela se interrompeu com um solavanco, e imaginei que havia nela algo que nunca havia falado comigo, talvez o

entremear de eventos invisíveis, semelhantes aos meus.) – Mas não é hora de falar disso. Mesmo que alguém se levantasse e curasse os doentes por imposição das mãos, eu não poderia chamar isso de milagre. Somente quando a matéria inerte... a terra... é animada pelo espírito, e as leis da natureza se rompem, é que acontece o milagre pelo qual anseio desde que me entendo por gente. Meu pai me disse certa vez que havia dois lados da cabala: um mágico e um abstrato, que nunca poderiam se sobrepor. Claro que o mágico pode atrair o abstrato, mas nunca o contrário. O mágico é um *presente*, o abstrato *pode* ser alcançado, mesmo que seja apenas com a ajuda de um mestre. – Ela voltou à primeira linha de pensamento: – Tenho sede desse *presente*; o que posso alcançar é indiferente para mim, e inútil como poeira. Se eu achasse que poderia chegar um tempo, como eu disse antes, em que eu precisasse voltar a viver sem esses milagres... – Vi os dedos dela se crisparem, e o arrependimento e a tristeza me destroçaram. – Acho que já morro diante dessa simples possibilidade.

– É por isso que você também desejou que o milagre nunca acontecesse? – eu quis saber.

– Apenas em parte. Tem outra coisa. Eu... eu... – ela pensou por um momento – ainda não estava pronta para experimentar um milagre dessa forma. É isso. Como vou lhe explicar? Suponha, por exemplo, que eu tenha tido o mesmíssimo sonho todas as noites durante anos, que sempre é retomado e no qual alguém... digamos, um habitante de outro mundo... não apenas me ensina e me mostra, em um reflexo de mim mesma e em suas mudanças graduais, o quanto estou distante da maturidade mágica para poder experimentar um “milagre”, mas também me traz o tipo de informação sobre as questões da razão, com as quais às vezes me ocupo durante todo o dia, que eu posso verificar a qualquer momento. O senhor vai me entender: esse ser substitui toda a felicidade que se pode imaginar na terra; para mim, é a ponte que me conecta com o “outro lado”, é a escada de Jacó, na qual posso

me erguer acima das trevas do cotidiano para a luz... É um mestre e um amigo para mim, e nele, que nunca me enganou, deposito toda a confiança de que não posso me perder em loucura e escuridão nos caminhos obscuros nos quais minha alma avança. De repente, ao contrário de tudo que ele me disse, um “milagre” atravessa minha vida! Em quem devo acreditar agora? Era isso que vinha me preenchendo continuamente havia tantos anos, uma ilusão? Se eu tivesse de duvidar dele, cairia de cabeça em um abismo sem fim. E ainda assim o milagre aconteceu! Eu choraria de alegria se...

– Se...? – eu a interrompi, sem fôlego. Talvez ela mesma pronunciasse a palavra salvadora naquele momento, e eu pudesse lhe confessar tudo.

– Se eu percebesse que me enganei, que não houve milagre algum! Mas para mim é tão claro quanto o fato de estar sentada aqui que eu pereceria. – (Meu coração parou por um instante.) – Será que seria puxada dessa terra de volta para o céu? Acha que um ser humano pode suportar uma coisa dessas?

– Peça ajuda a seu pai – disse eu, impotente de tanto medo.

– Ajuda? Ao meu pai? – Ela olhou para mim sem compreender. – Se há apenas dois caminhos para mim, poderá ele encontrar um terceiro? O senhor sabe qual seria a única salvação para mim? Se *me* acontecesse o que aconteceu com o senhor. Se eu pudesse esquecer meu passado inteiro neste minuto, toda a minha vida até hoje... Não é estranho: o que o senhor considera uma infelicidade seria para mim a felicidade máxima!

Ficamos em silêncio por um bom tempo. Então, de repente, ela tomou minha mão e sorriu. Quase feliz.

– Não quero que sofra por mim. – (Ela me confortou – logo a mim!) – Antes o senhor estava tão contente pela primavera lá fora, e agora o senhor está a própria tristeza. Não deveria ter lhe dito nada. Arranque isso de sua lembrança e volte aos pensamentos felizes de antes! Eu mesma estou muito feliz...

– Você? Feliz? Mirjam? – eu a interrompi com amargura.

Ela fez uma expressão confiante:

– Sim! De verdade! Feliz! Quando vim até aqui, estava indescritivelmente angustiada... não sei por quê: não conseguia me livrar da sensação de que o senhor estava em grande perigo – continuei a ouvi-la –, mas, em vez de ficar feliz em tê-lo encontrado saudável e contente, eu o deprimi e...

Forcei-me a me mostrar alegre:

– E só poderá compensar isso se der um passeio comigo. – (Tentei imprimir o máximo de exultação possível em minha voz.) – Gostaria de ver, Mirjam, se não consigo afastar seus pensamentos sombrios. Diga o que você quiser: você não é uma feiticeira egípcia, mas ainda é uma jovem a quem o vento quente da estação pode pregar muitas peças malvadas.

De repente, ela começou a se divertir:

– Ora, o que há com o senhor hoje, mestre Pernath? Nunca o vi assim antes! A propósito do “vento quente”: no nosso caso, o de garotas judias, sabe-se que os pais conduzem o vento quente, e nós só precisamos obedecer. E claro que obedecemos. Está no nosso sangue. Mas não no meu – acrescentou ela com mais seriedade. – Minha mãe recusou-se com veemência quando quiseram casá-la com o horrendo Aaron Wassertrum.

– Quê? Sua mãe? O adeleiro lá debaixo?

Mirjam assentiu com a cabeça.

– Graças a Deus isso não aconteceu. Claro que para o pobre homem foi um golpe devastador.

– Pobre homem, você diz? – retruquei. – O camarada é um criminoso.

Ela inclinou a cabeça, pensativa:

– Certamente ele é um criminoso. Mas quem vive dentro de uma pele como aquela e não se torna um criminoso só pode ser um profeta.

Curioso, aproximei-me mais:

– O que você sabe exatamente sobre ele? Estou interessado nisso, tenho bons motivos...

– Se alguma vez tivesse visto sua loja por dentro, mestre Pernath, saberia imediatamente como é a alma dele. Digo isso porque lá estive muitas vezes quando criança. Por que o senhor me olha com tanta surpresa? É tão estranho assim? Comigo ele sempre foi gentil e amistoso. Lembro-me de uma vez que ele me deu uma grande pedra reluzente da qual eu tinha gostado especialmente entre suas tralhas. Minha mãe disse que era um brilhante e, claro, precisei devolvê-lo de imediato.

“Por muito tempo ele não quis recebê-lo de volta, mas, quando aceitou, o arrancou de minha mão e, com raiva, o jogou longe. Mas vi como as lágrimas escorriam de seus olhos; eu já sabia falar hebraico o suficiente para entender o que ele murmurou: ‘Tudo que minha mão toca é amaldiçoado’. Foi a última vez que pude visitá-lo. Nunca mais ele me pediu que passasse na loja. Eu também sei o porquê: se eu não tivesse tentado consolá-lo, tudo teria continuado igual, mas como ele me dava uma pena infinita, e eu lhe confessei o que sentia, ele não quis me ver novamente... O senhor não entende isso, mestre Pernath? É bem simples: ele é possuído... Um homem que fica imediatamente desconfiado, incuravelmente desconfiado quando alguém toca seu coração. Ele se considera ainda mais feio do que realmente é, se é que isso é possível, e todos os seus pensamentos e ações estão enraizados nessa ideia.

“Dizem que a esposa gostava dele, talvez fosse mais compaixão que amor, mas ao menos muitas pessoas acreditavam nisso. O único que pensava totalmente o contrário era ele. Em todo lugar farejava traição e ódio.

“Somente com o filho abria uma exceção. Talvez fosse porque o viu crescer desde a tenra infância, ou seja, presenciou, por assim dizer, o germinar de cada qualidade na criança desde os primórdios e, por isso, nunca pôde localizar o ponto em que sua desconfiança começou; ou talvez fosse pelo sangue judeu: toda a capacidade de

amor que vivia nele era derramada em seu rebento, naquele temor instintivo de nossa raça: de que poderíamos morrer sem cumprir uma missão que já esquecemos, mas que continuará vivendo em sua obscuridade dentro de nós. Quem sabe?

“Com uma prudência que quase beirava a sabedoria, e sendo ele um homem inculto, é maravilhoso como conduziu a educação do filho. Com a astúcia de um psicólogo, afastou da criança qualquer experiência que pudesse ter contribuído para o desenvolvimento da consciência a fim de poupar-lhe futuros sofrimentos mentais.

“Conseguiu para o filho um estudioso excelente como professor, cuja visão era a de que os animais eram insensíveis e suas expressões de dor, um reflexo mecânico.

“Extraír o máximo de alegria e prazer para si de toda criatura que puder e jogar imediatamente a casca inútil fora: esse era o princípio de seu sistema educacional perspicaz.

“Consegue imaginar, mestre Pernath, que o dinheiro desempenhou aí um papel principal como estandarte e chave para o ‘poder’? E, da mesma forma como ele cuidadosamente guarda sua riqueza em segredo para encobrir os limites de sua influência nas trevas, também criou um meio para permitir que seu filho fizesse algo semelhante, mas, ao mesmo tempo, para poupá-lo do tormento de uma vida aparentemente miserável, ele o embebeu com a mentira infernal da ‘beleza’, ensinou-lhe o gesto externo e interno da estética, ensinou que *por fora* deveria se fingir de lírio no campo e *por dentro* ser um abutre.

“Claro que essa parte da ‘beleza’ dificilmente seria uma invenção própria dele – era possível que a ‘melhoria’ fosse um conselho que um estudioso lhe dera.

“Nunca se ressentira do fato de seu filho, mais tarde, sempre o renegar, onde e quando podia, muito pelo contrário: fez com que fosse um *dever* para ele, pois seu amor era altruísta e, como eu disse antes a respeito do meu próprio pai, do tipo que vai além do túmulo.”

Mirjam ficou em silêncio por um momento, e eu a observei, vi como seus pensamentos se expandiam em meio à mudez, então ouvi o tom alterado de sua voz quando disse:

– Na árvore do judaísmo crescem frutos estranhos.

– Diga-me, Mirjam: você nunca ouviu dizer que Wassertrum tem uma figura de cera em sua loja? Não lembro quem me disse... talvez tenha sido apenas um sonho...

– Não, não, tem razão, mestre Pernath: há uma figura de cera em tamanho natural que fica no canto, onde ele, em meio ao melhor que há de suas tralhas, dorme em seu colchão de palha. Dizem que ele conseguiu extorqui-la do dono de um teatro anos atrás, apenas porque parecia uma garota, uma cristã que supostamente fora sua amada.

– A mãe de Charousek! – falei de supetão. – Você não sabe o nome dela, Mirjam?

Mirjam fez que não com a cabeça.

– Se for importante para o senhor... posso perguntar.

– Ah, meu Deus, não, Mirjam, para mim é indiferente. – (Vi em seus olhos brilhantes que ela saíra do estado deprimido. E prometi a mim mesmo que ela não devia jamais voltar a ele.) – Mas o que me interessa muito mais é o assunto sobre o qual você falou antes de forma fugidia. Digo, o “vento quente”. Certamente seu pai não lhe diria com quem se casar.

Ela riu, divertindo-se:

– Meu pai? Que ideia é essa do senhor?

– Bem, para mim é uma grande felicidade.

– Por quê? – perguntou ela, inocente.

– Porque eu ainda tenho chances.

Era apenas uma piada, e ela não compreendeu de outra maneira, mas se levantou rapidamente e foi até a janela para não me deixar vê-la enrubescer.

Suavizei o tom para ajudá-la a sair do embaraço:

– Peço uma coisa como um velho amigo: você precisa me avisar quando chegar a hora. Ou pretende permanecer solteira?

– Não! Não! Não! – insistiu ela com tanta determinação que sorri involuntariamente. – Um dia eu devo me casar.

– Claro! Naturalmente!

Ela ficou tão nervosa quanto uma adolescente.

– O senhor não consegue ficar sério nem por um minuto, mestre Pernath?

Obediente, fez uma cara professoral, e ela voltou a se sentar.

– Bem, quando digo que preciso me casar um dia, quero dizer que até agora não quebrei a cabeça pensando nas circunstâncias, mas certamente não teria entendido o significado da vida se acreditasse que vim ao mundo como mulher para permanecer sem filhos.

Pela primeira vez desde que a conheci, vi a feminilidade em seus traços.

– Faz parte de meus sonhos – continuou ela, baixinho – imaginar que o objetivo final é fundir dois seres em um, naquilo que... o senhor nunca ouviu falar do antigo culto egípcio de Osíris? Fundir-se naquilo que talvez signifique o “hermafrodita” como símbolo.

Ouvi, atento:

– O hermafrodita...?

– Quer dizer, a união mágica de homem e mulher na raça humana com um semideus. Como objetivo final! Não, não como objetivo final, como o começo de um novo caminho que é eterno... que *não* tem fim.

– E você espera encontrar um dia – perguntei, abalado – quem você está procurando? Não é possível que ele viva em uma terra distante, talvez nem na Terra, certo?

– Disso nada sei – respondeu ela simplesmente –, só posso esperar. Se está separado de mim pelo tempo e pelo espaço... no que não acredito, pois o que estaria eu fazendo presa aqui no gueto?... ou pelas garras da ignorância mútua... e não consigo

encontrá-lo, então minha vida não teve propósito e foi a brincadeira insensata de um demônio idiota. Mas, por favor, por favor, não vamos mais falar sobre isso – implorou. – Quando se expressam apenas pensamentos, logo se recebe um gosto horrível e terrroso na boca, e não quero...

Ela parou de repente.

– O que você não quer, Mirjam?

Ela ergueu a mão, levantou-se rapidamente e disse:

– O senhor tem visita, mestre Pernath!

Um vestido de seda farfalhou pelo corredor.

Uma batida impetuosa à porta. Então:

Angelina!

Mirjam quis sair, mas eu a segurei:

– Deixe-me apresentar a filha de um amigo querido... A senhora condessa...

– Não se pode nem mais passear por aqui. O calçamento está todo quebrado. Quando o senhor mudará para uma área digna, mestre Pernath? Lá fora, a neve está derretendo, o céu está tão bonito que deixa as pessoas exultantes, e o senhor fica aqui, em sua gruta de calcário, como um sapo velho... A propósito, o senhor sabe que ontem eu passei no meu joalheiro e ele disse que o senhor é o melhor artista, o melhor lapidador de pedras preciosas da atualidade, se não um dos melhores que já viveu?! – tagarelou Angelina em uma torrente, e eu fiquei fascinado. Eu enxergava apenas seus olhos azuis brilhantes, os pés pequenos nas minúsculas botas de couro envernizado, enxergava o rosto caprichoso entre a pilha de peles e suas orelhinhas rosadas.

Ela mal parava para retomar o fôlego.

– Minha carruagem está parada na esquina. Tive medo de não encontrá-lo em casa. Espero que ainda não tenha almoçado. Vamos primeiro... sim, aonde vamos primeiro? Seguimos primeiro... espere... sim: talvez ao Jardim Botânico, ou logo para algum lugar ao ar livre, onde se pode sentir a germinação e o crescimento

secreto de brotos no ar. Vamos, vamos, pegue seu chapéu; e depois o senhor almoça comigo, e em seguida conversaremos até a noite. Pegue seu chapéu! O que está esperando? Uma manta quente e muito macia aguarda lá embaixo: nos enrolamos até as orelhas e nos aconchegamos até ficarmos quentinhos.

O que eu poderia dizer?

– Acabei de combinar um passeio aqui com a filha do meu amigo...

Antes que eu pudesse falar, Mirjam já tinha se despedido de Angelina.

Eu a acompanhei até a porta, embora ela tivesse querido me impedir de um jeito amistoso.

– Ouça, Mirjam, não posso lhe dizer aqui, na escada, como gosto de você... E que eu preferiria mil vezes passear com você...

– O senhor não deve deixar a dama esperando, mestre Pernath – insistiu –, adeus e divirta-se!

Ela disse isso com muito carinho, de um jeito normal e genuíno, mas vi que o brilho em seus olhos havia desaparecido.

Ela desceu a escada às pressas, e a dor criou um nó em minha garganta.

Senti como se tivesse perdido um mundo.

*

Como em um estado de embriaguez, sentei-me ao lado de Angelina. Seguimos em um trote frenético pelas ruas lotadas de pessoas.

Um vagalhão de vida me cercou de tal forma que eu, meio entorpecido, somente conseguia distinguir pequenas manchas de luz na imagem que passava por mim a toda velocidade: joias reluzentes em brincos e correntes nos colos, cartolas simples, luvas brancas de senhora, um poodle com um laço rosa no pescoço que batia os dentes, querendo morder as rodas das carruagens, puros-

sangues espumando, as pratarias, cujo tilintar pairava até nós, uma vitrine, e dentro dela conchas cintilantes cheias de cordões de pérolas e joias faiscantes – brilho sedoso ao redor dos esbeltos quadris das garotas.

O vento forte que batia em nosso rosto deixou o calor do corpo de Angelina duas vezes mais desconcertante.

Os guardas nos cruzamentos pularam respeitosamente para o lado quando passamos a toda por eles.

Então avançamos em um ritmo normal pelo cais, que tinha uma fila única de carroças, passamos ao largo da ponte de pedra desmoronada, cercada pela multidão de rostos boquiabertos.

Eu mal olhei: a menor palavra que saía da boca de Angelina, seus cílios, o modo apressado como ela articulava os lábios, tudo era infinitamente mais importante para mim do que ver as ruínas de pedra lá embaixo se chocarem contra os blocos de gelo flutuantes.

As alamedas do parque. Em seguida, terra pisada, fofa. Em seguida, o farfalhar das folhas sob os cascos dos cavalos, o ar úmido, as árvores gigantescas desfolhadas, cheias de ninhos de corvos, o verde mortiço do prado com ilhas esbranquiçadas de neve em degelo, tudo passava por mim como num sonho.

Com algumas breves palavras, quase indiferentes, Angelina começou a falar sobre o dr. Savioli.

– Agora que passou o perigo – disse ela com uma inocência encantadora e infantil –, e sei que ele melhorou, tudo do que participei me parece terrivelmente tedioso. Finalmente quero ser feliz de novo, fechar os olhos e mergulhar na espuma cintilante da vida. Acho que todas as mulheres são assim, só não admitem. Ou são tão tontas que nem sequer sabem disso? O senhor não concorda? – Ela não ouvira nada do que respondi. – Aliás, as mulheres são completamente desinteressantes para mim. Claro que o senhor não deve considerar isso uma lisonja, mas, na verdade, a mera proximidade de um homem simpático é mais cara para mim do que a conversa mais estimulante com uma mulher tão inteligente

quanto. Afinal, só tagarelamos sobre bobagens. No máximo, um pouco sobre vestimentas, joias... e então? A moda não muda com tanta frequência. Não acha que estou sendo frívola? – perguntou ela de repente, tão coquete que eu, encantado com seu charme, tive de me conter para não tomar sua cabecinha entre as mãos e beijá-la no pescoço. – Diga como sou frívola!

Ela aconchegou-se ainda mais perto e se encaixou em mim.

Saímos da alameda e passamos ao longo de bosques, nos quais os arbustos ornamentais ainda estavam envoltos em palha, parecendo troncos de monstros com membros e cabeças decepados.

Algumas pessoas sentadas em bancos ao sol nos olhavam passando atrás delas e recostavam a cabeça em seguida.

Ficamos em silêncio por um tempo e nos ativemos a nossos pensamentos. Como Angelina estava completamente diferente do modo como havia existido em minha imaginação! Como se, para mim, apenas hoje ela tivesse começado a existir!

Era essa a mesma mulher que eu consolara naquele dia na catedral?

Não conseguia desviar o olhar de sua boca entreaberta.

Ela ainda não havia falado nenhuma palavra. Parecia vislumbrar uma imagem na mente.

A carruagem virou em um prado úmido, que tinha o perfume da terra que desperta.

– Sabe, senhora...?

– Me chame de Angelina – interrompeu-me, falando baixinho.

– Sabe, Angelina, que sonhei com você a noite toda? – falei como se sufocasse.

Ela fez um movimento pequeno e rápido, como se fosse afastar o braço do meu, e me encarou, surpresa.

– Estranho! E eu com o senhor! E eu estava pensando nisso neste momento.

Mais uma vez a conversa cessou, e nós dois imaginamos se também havíamos tido o mesmo sonho.

Senti o fluir trêmulo de seu sangue. Era quase imperceptível o tremor de seu braço em meu peito. Ela desviou o olhar de mim desesperadamente, olhando para fora da carruagem.

Devagar, pousei a mão dela em meus lábios, puxando a luva branca e perfumada, ouvindo como sua respiração ficava ofegante, e mordisquei, inebriado de amor, a palma de sua mão.

*

Horas depois, passei como bêbado pela neblina da noite até a cidade. Escolhi as ruas ao sabor do acaso e, sem saber, andei por muito tempo em círculos.

Então parei curvado à beira do rio sobre um parapeito de ferro e encarei as ondas que rugiam.

Ainda sentia os braços de Angelina em torno de meu pescoço, vi a bacia de pedra da fonte, na qual havíamos nos despedido muitos anos antes, com as folhas apodrecidas do olmo dentro dela, e ela passeava novamente comigo, como pouco tempo antes, a cabeça recostada em meu ombro, emudecida, através do parque congelado e crepuscular de seu castelo.

Sentei-me em um banco e puxei meu chapéu ao rosto para sonhar.

A água rugia sobre a barragem, e seu ruído engolia os últimos sons murmurantes da cidade que começava a adormecer.

Quando, vez ou outra, eu puxava meu casaco para mais perto do corpo e abria os olhos, o rio estava cada vez mais afundado em sombras, até que, finalmente, pressionado pelo peso da noite, fluía cinza-escuro, e a espuma da barragem, como uma faixa branca e ofuscante, corria inclinada para a outra margem.

Ao pensar que eu precisava voltar à minha triste casa, tive um calafrio.

O esplendor de uma tarde breve tornou-me para sempre um estranho em minha própria residência.

Em algumas semanas, talvez apenas dias, a felicidade provavelmente passaria – e não restaria mais nada além de uma lembrança bela e dolorosa.

E então?

Então eu estaria sem lar, tanto aqui quanto lá, deste e daquele lado do rio.

Levantei-me! Antes de entrar no gueto sombrio, quis olhar mais uma vez o castelo através do portão do parque; ela dormia por trás daquelas janelas. Tomei a direção de onde viera, caminhei pelo denso nevoeiro ao longo de fileiras de casas e cruzei praças adormecidas, vi monumentos escuros que surgiam ameaçadores, as solitárias guaritas e os floreios das fachadas barrocas. O brilho fraco de uma lanterna cresceu da névoa em círculos enormes e fantásticos com as cores desbotadas do arco-íris, transformou-se em um olho amarelo pálido e penetrante e desapareceu no ar atrás de mim.

Meu pé bateu ao longo de largos degraus de pedra salpicados de cascalho. Onde eu estava? Uma ravina íngreme que levava para cima?

Muros lisos do jardim à esquerda e à direita? Os galhos nus de uma árvore pendiam sobre ela. Vinham do céu: o tronco se escondia por trás da muralha de névoa.

Alguns ramos podres e finos romperam-se aos estalos quando meu chapéu resvalou neles e caíram em meu casaco no abismo cinza e enevoadado que escondia meus pés.

Então, um ponto radiante: uma luz solitária à distância... em algum lugar... enigmático... entre o céu e a terra.

Eu devia ter errado o caminho. Isso só podia ser a “velha escadaria do castelo” ao lado das encostas dos jardins de Fürstenberg...

Em seguida, longos trechos de terra argilosa. Um caminho pavimentado.

Uma sombra gigantesca ergue-se nas alturas, a cabeça em um gorro pontudo, preto e rígido: a Daliborka, a “torre da fome”, na qual as pessoas pereciam, enquanto reis caçavam na “trincheira de cervos”.

Uma passagenzinha estreita e sinuosa com ameias, uma via em espiral larga o suficiente apenas para passarem os ombros – e eu estava em pé diante de uma fileira de casinhas, nenhuma mais alta que eu.

Se eu esticasse o braço, conseguiria alcançar os telhados.

Havia chegado à Ruela do Ouro, onde, na Idade Média, os adeptos da alquimia fundiam a pedra filosofal e envenenavam os raios da lua.

Não havia outro caminho para sair senão aquele pelo qual entrei.

Mas não encontrei mais o vão da parede que me deixara entrar – esbarrei em um portão de madeira.

Não posso fazer nada, é preciso acordar alguém para me mostrar o caminho, disse a mim mesmo. Estranho que aqui uma casa feche a viela – maior que as outras e aparentemente habitável? Não me lembro de tê-la notado.

Será que foi caiada para brilhar tão intensamente na neblina?

Atravesso o portão sobre a estreita faixa do jardim, aperto o rosto contra os vidros: está tudo escuro. Bato na janela. De lá vem um ancião com uma vela acesa na mão, passa por uma porta com passos senis oscilantes e para no meio da sala, virando devagar a cabeça para os destiladores e frascos alquímicos empoeirados na parede, contemplando as enormes teias de aranha nos cantos da parede, e em seguida seu olhar se fixa diretamente em mim.

A sombra de suas maçãs do rosto recai sobre as órbitas oculares, fazendo-as parecer vazias como as de uma múmia.

Claro que ele não me vê.

Bato no vidro.

Ele não me ouve. Sai em silêncio da sala como um sonâmbulo.
Espero em vão.

Bato à porta: ninguém abre...

Não havia mais nada a fazer senão procurar até finalmente encontrar a saída do beco.

Talvez fosse melhor se eu procurasse a companhia das pessoas, pensei, dos meus amigos Zwakh, Prokop e Vrieslander na velha taverna, onde sempre estavam – para abafar meu desejo pelo beijo de Angelina ao menos por algumas horas.

Rapidamente, me ponho a caminho.

*

Como uma tríade de cadáveres, estavam encurvados em volta da velha mesa gasta – todos os três com cachimbos de argila branca e haste fina entre os dentes, e o salão cheio de fumaça.

Era difícil distinguir os traços em cada rosto, pois as paredes marrom-escuras engoliam a esparsa luz do abajur antiquado.

No canto, a garçonete esquelética, taciturna e envelhecida, com sua eterna meia de malha, o olhar sem cor e o nariz amarelo como um bico de pato!

Cortinas de um vermelho opaco pendiam diante das portas fechadas, de modo que as vozes dos convivas da sala ao lado soavam como o zumbido de um enxame de abelhas.

Vrieslander, com seu chapéu em forma de cone e aba reta na cabeça, seu cavanhaque, a pele cinza e a cicatriz entre os olhos, parecia um holandês afogado de um século esquecido.

Josua Prokop, que enfiara um garfo nos seus cachos de músico, tamborilava sem parar com os dedos assustadores e ossudos e observava com admiração enquanto Zwakh se esforçava para vestir na garrafa bojuda de áraque o manto púrpura de uma marionete.

– Esta será Babinski – explicou-me Vrieslander com profunda seriedade. – Você não sabe quem foi Babinski? Zwakh, conte

rapidamente a Pernath quem foi Babinski!

Zwakh começou de imediato, sem sequer desviar o olhar de seu trabalho:

– Babinski foi um famoso bandido de Praga. Durante muitos anos, ele praticou suas atividades vergonhosas sem que ninguém percebesse. Aos poucos, no entanto, as melhores famílias notaram que ora esse, ora aquele membro do clã se ausentava às refeições e nunca mais aparecia. Mesmo que ninguém dissesse nada no começo, já que as coisas tinham um lado bom, ou seja, havia menos necessidade de cozinhar, não se pode esquecer que a reputação na sociedade era facilmente afetada e que se podia cair na boca do povo. Especialmente quando se tratava do desaparecimento de filhas casadoiras.

“Além disso, por respeito a si mesmo, se exigia que se desse ênfase à convivência burguesa na família para quem olhava de fora.

“Os anúncios de jornal com os dizeres ‘Volte, tudo está perdoado’ cresciam cada vez mais; uma circunstância que Babinski, de forma imprudente como a maioria dos assassinos profissionais, não havia incluído em seus cálculos e, finalmente, atraiu a atenção geral.

“Na pequena e encantadora vila de Krtsch, perto de Praga, Babinski, que por dentro era um personagem decididamente idílico, havia, com o tempo, criado um lar pequeno, mas confiável, por sua atividade ininterrupta. Uma cabana de limpeza impecável e um jardim à frente, com gerânios florescendo.

“Como sua renda não lhe permitia aumentar sua propriedade, ele se viu obrigado a enterrar discretamente os corpos de suas vítimas não em um canteiro de flores, como teria gostado de ver, mas em um outeiro coberto de grama, simples, mas adequado às circunstâncias e muito apropriado, já que era possível estender sem esforço quando as operações ou a temporada exigiam.

“Nesse santuário, Babinski costumava sentar-se todas as noites, após a carga e os esforços do dia, sob os raios do sol poente, e soprar através de sua flauta todo tipo de canção melancólica...”

– Pare! – interrompeu Josua Prokop bruscamente, pegou no bolso uma chave de casa, botou-a na boca como um clarinete e cantou:

– *Zimzerlim zambusla... deh.*

– Você estava lá para conhecer a melodia tão bem? – perguntou Vrieslander, espantado.

Prokop lançou-lhe um olhar amargo:

– Não. Babinski viveu pouco para tanto. Mas eu, na qualidade de compositor, preciso saber o que ele podia tocar. Vocês não têm uma opinião formada sobre isso, pois não são musicais. *Zimzerlim... zambusla... busla... deh.*

Zwakh ouviu com emoção até Prokop enfiar a chave de casa no bolso e prosseguiu:

– O crescimento constante da colina aos poucos despertou suspeitas entre os vizinhos, e um policial do subúrbio de Zizkov, que por acaso observou de longe como Babinski estrangulou uma velha senhora da sociedade, acabou merecendo o mérito de encerrar de uma vez por todas as atividades egomaníacas do monstro: Babinski foi preso em seu refúgio.

“Considerando a circunstância atenuante de uma excelente reputação, o tribunal condenou-o à morte por enforcamento e, ao mesmo tempo, encomendou à empresa Irmãos Leipen – cordas no atacado e no varejo – os utensílios necessários para a execução a preços módicos, desde que estivessem no ramo, entregando a fatura a um tesoureiro do Estado.

“Então aconteceu que a corda se partiu, e Babinski foi agraciado com a prisão perpétua.

“Por vinte anos, o ladrão assassino cumpriu pena atrás dos muros de St. Pankraz, sem nunca ter proferido nem uma queixa sequer; ainda hoje, a equipe do instituto é elogiada por seu desempenho exemplar; sim, até permitiram que ele tocasse flauta de vez em quando nos aniversários de nosso mais alto soberano...”

Prokop imediatamente procurou sua chave de casa de novo, mas Zwakh o impediu.

– Como resultado da anistia geral, Babinski teve o restante da pena perdoada e recebeu o cargo de porteiro no mosteiro das Irmãs da Misericórdia. O leve trabalho de jardinagem, que ele precisava exercer como ocupação secundária, lhe foi atribuído graças à grande habilidade adquirida no uso da pá, o que por acaso lhe deu tempo para purificar o coração e a alma com leituras boas e cuidadosamente selecionadas. As consequências daí resultantes foram muito agradáveis.

“Com frequência a madre superiora o enviava nos fins de tarde de domingo à taverna para que ele se distraísse um pouco, ele voltava pontualmente antes do cair da noite, observando que a decadência da moralidade geral o deixava chocado, e tantos eram os meliantes da pior cepa pelas ruas que um mandamento da prudência de todo amante da paz é pôr-se a caminho de casa na hora certa.

“Naquela época, em Praga, era hábito entre os fabricantes de cera talhar pequenas figuras com um mantinho vermelho pendurado, que representavam o ladrão assassino Babinski. Claro que nenhuma das famílias enlutadas deixou de possuir uma.

“Porém, em geral, elas ficavam nas lojas, sob redomas de vidro, e nada conseguia indignar mais Babinski quanto avistar uma dessas imagem de cera.

“É a maior das indignidades e mostra, na mesma medida, uma crueldade esfregar na cara de uma pessoa o tempo todo os seus erros dos tempos de juventude’, Babinski sempre dizia nesses casos, e é profundamente lamentável que as autoridades nada fizessem para controlar essas travessuras tão descaradas.

“Ainda no leito de morte, ele fez uma declaração semelhante. Não foi em vão, pois logo as autoridades ordenaram o fim do comércio das irritantes estatuetas babinskianas.”

Zwakh tomou um grande gole de seu copo de grogue, e os três sorriram como demônios. Depois, ele virou cuidadosamente a cabeça na direção da garçonete descorada, e eu vi como ela enxugava uma lágrima que escorria.

– Bem, e o senhor não nos contará nada? – perguntou Vrieslander após uma longa pausa melancólica. – A não ser, claro, que o senhor queira pagar a conta por gratidão pela apreciação da elevada arte, valoroso colega lapidador de joias.

Contei-lhes sobre a minha caminhada na neblina.

Quando cheguei à descrição do lugar onde eu tinha visto a casa branca, os três tiraram os cachimbos dos dentes com entusiasmo, e, quando terminei, Prokop bateu com o punho na mesa e gritou:

– Mas que coisa...! Pernath vivencia todas as lendas na própria pele. Aliás, o Golem de antes... o senhor sabe... a coisa foi esclarecida.

– Como assim, esclarecida? – perguntei, perplexo.

– Conhece aquele mendigo judeu e louco, o Haschile? Não? Bem, quer dizer, o tal Haschile era o Golem.

– Um mendigo era o Golem?

– Sim, Haschile era o Golem. Hoje à tarde o fantasma saiu todo tranquilo à luz do sol em seu infame traje antiquado do século XVII, andando pela Rua Salniter, e o esfolador conseguiu prendê-lo com uma coleira de cachorro.

– Como assim? Não estou entendendo nada – insisti.

– Eu digo ao senhor: foi o Haschile! Ouvi dizer que ele encontrou as roupas há muito tempo, detrás de um portão. A propósito, voltando para a casa branca: a questão é incrivelmente interessante. Uma lenda antiga diz que há uma casa lá em cima, no Beco dos Alquimistas, que fica visível só no nevoeiro, e mesmo assim apenas para os sortudos. É chamada de “muralha da última lanterna”. Qualquer um que subir lá durante o dia verá só uma pedra grande e cinza, mas por trás dela se cai fundo na trincheira dos

cervos. Foi sorte, Pernath, que você não tenha dado um passo a mais: sem dúvida, o senhor teria caído e quebrado todos os ossos.

“Dizem que debaixo da pedra há um tesouro enorme, e ele teria sido guardado ali pela Ordem dos Irmãos Asiáticos, que são os supostos fundadores de Praga, como a pedra fundamental de uma casa que um dia será habitada por um ser humano, ou, melhor dizendo, um hermafrodita, uma criatura que é ao mesmo tempo homem e mulher. E ele exibirá a imagem de uma lebre em seu brasão: a propósito, a lebre era o símbolo de Osíris, e *daí* provavelmente vem a tradição do coelho da Páscoa.

“Dizem que, até chegar esse momento, Matusalém manterá pessoalmente a guarda do local para que Satanás não passe pela pedra e faça um filho no hermafrodita, conhecido como Armilos. O senhor nunca ouviu falar de Armilos? Sabe-se até qual seria sua aparência, quer dizer, os velhos rabinos sabem... Se ele viesse ao mundo, teria cabelos dourados presos para trás, depois duas coroas, olhos em forma de foice e braços que chegariam até o chão.

– Deveriam desenhar esse dândi – resmungou Vrieslander, procurando um lápis.

– Então, Pernath, se o senhor tiver a sorte de se transformar em hermafrodita e por acaso encontrar o tesouro enterrado *en passant* – concluiu Prokop –, não esqueça que sempre fui seu melhor amigo!

Eu não estava muito para gracejos e senti uma leve pontada no coração.

Zwakh percebeu isso em mim, ainda que não soubesse o motivo, pois veio rapidamente em meu auxílio:

– De qualquer forma, é muito estranho, quase misterioso, que Pernath tivesse uma visão justamente em um local ligado de forma tão íntima a um mito antigo. Quando a alma de uma pessoa tem capacidade de ver formas que estão ocultas aos sentidos, existem relações de cujas garras ela aparentemente não consegue se libertar. Não consigo evitar dizer que o *sobrenatural* é a coisa mais empolgante! O que vocês acham?

Vrieslander e Prokop ficaram sérios, e cada um de nós achou que uma resposta era desnecessária.

– O que acha, Eulalia? – perguntou Zwakh, virando-se. – O sobrenatural não é o mais empolgante?

A velha garçonete coçou a cabeça com a agulha de tricô, suspirou, corou e disse:

– Ora, pode ir embora! Cada coisa que o senhor diz.

– Hoje senti um maldito ar de tensão o dia inteiro – começou a falar Vrieslander, depois que nosso rompante de risos se acalmou. – Não consegui terminar nenhuma pincelada. Fiquei pensando o tempo todo em Rosina dançando de fraque.

– Ela já foi encontrada? – perguntei.

– Foi bem “encontrada”. A polícia dos bons costumes fez um acordo de longo prazo com ela! Talvez o senhor delegado... naquela época tenha dado uma boa olhada nela no Loitschek. De qualquer forma, agora ela está... febrilmente ativa e contribui de modo significativo para o aumento do turismo no Bairro Judeu. Em pouco tempo, aliás, se transformou numa moça viçosa.

– Fico surpreso quando penso no que uma mulher consegue fazer de um homem simplesmente permitindo que ele se apaixone por ela – comentou Zwakh. – O pobre coitado do Jaromir virou artista da noite para o dia só para levantar dinheiro e ir ter com ela. Ele anda pelas tavernas cortando silhuetas para convivas que se deixam retratar.

Prokop, que havia perdido a conclusão, estalou os lábios:

– Sério? Ela ficou tão bonita assim, a Rosina? Você já roubou um beijinho dela, Vrieslander?

A garçonete imediatamente se empertigou e saiu da sala, indignada.

– Essa galinha velha! Realmente acha necessário demonstrar ataques de virtude! Ora! – resmungou Prokop com raiva às costas dela.

– O que o senhor quer? Ela partiu bem no momento mais impróprio. Além disso, a meia já estava pronta – tranquilizou-o Zwakh.

*

O taverneiro trouxe uma nova rodada de grogue, e as conversas começaram aos poucos a assumir um tom picante. Picante demais para não percorrer meu sangue naquele meu humor febril.

Resisti, mas, quanto mais me trancava dentro de mim mesmo e pensava em Angelina, mais quente essa onda atingia meus ouvidos.

Logo em seguida, me despedi.

O nevoeiro havia se dissipado um pouco, borrifando finas agulhas de gelo em mim, mas ainda tão denso que não consegui ler as placas de trânsito e me afastei um pouco do caminho de casa.

Eu havia chegado à outra rua e estava prestes a voltar quando ouvi chamarem meu nome:

– Mestre Pernath! Mestre Pernath!

Olhei ao redor: ninguém!

Ao meu lado havia um portão aberto. Sobre ele, discretamente, uma pequena lamparina vermelha estava acesa, e uma figura clara – ao que me pareceu – estava parada no fundo do corredor.

Mais uma vez, em um sussurro:

– Mestre Pernath! Mestre Pernath!

Espantado, entrei no corredor – braços quentes de mulher serpenteavam em volta do meu pescoço, e vi, pelo raio de luz que caía de uma fresta da porta que se abriu lentamente, que era Rosina quem se apertava contra mim, fervorosa.

Ardil

Um dia cinzento, opaco.

Dormi até o fim da manhã, sem sonhos, inconsciente, quase como um defunto.

A velha empregada havia faltado ou se esquecido de acender a fornalha.

Nela havia cinzas frias.

Os móveis estavam empoeirados.

O chão não havia sido varrido.

Congelando, andei de um lado para outro.

O cheiro repugnante de pavio soprado pairava no quarto. Meu casaco, minhas roupas cheiravam a fumaça de tabaco.

Abri a janela, voltei a fechá-la – o bafo frio e sujo da rua era insuportável.

Pardais com a plumagem ensopada estavam empoleirados e imóveis nas calhas dos telhados.

Onde quer que eu olhasse, um desencanto descolorido. Tudo em mim estava destruído, esfarrapado.

A almofada da poltrona – como estava desgastada! As crinas de cavalo saíam pelas laterais.

Era preciso mandá-la ao estofador – ah, ora, que assim ficasse – que a vida desolada continuasse até que tudo virasse lixo!

E ali, aqueles trastes de mau gosto, inúteis, esses trapos retorcidos nas janelas!

Por que não os transformava em uma corda e me enforcava?!?

Assim pelo menos eu não precisaria mais ver essas coisas que feriam os olhos, e toda a tristeza cinza e exaustiva terminaria – de

uma vez por todas.

Isso! Era o mais inteligente a fazer! Pôr um fim nisso.

Hoje ainda.

Agora mesmo – pela manhã. Nem sair para o desjejum. Um pensamento repulsivo era sair deste mundo com o estômago cheio! Deitar-se na terra molhada e ter comida não digerida e apodrecida dentro de si.

Se apenas o sol não quisesse brilhar de novo e seu atrevido engodo da alegria da existência quisesse faiscar no coração!

Não! Não me deixaria mais ludibriar, não queria mais ser o brinquedo de um destino tolo e sem propósito, que me elevava e depois me lançava de novo na lama apenas para que eu visse a impermanência de tudo o que é terreno, algo que eu já sabia havia tempos, o que toda criança, todo cachorro na rua sabe.

Coitada, coitada da Mirjam! Se ao menos eu pudesse *ajudá-la*.

É preciso tomar uma decisão, uma decisão séria e irreversível, antes que o maldito impulso de vida pudesse despertar novamente em mim e me enganar em novas ilusões.

De que me serviram todas essas mensagens do Reino da Imortalidade?

Para nada, para absolutamente nada.

Talvez apenas para que eu cambaleasse em círculos e agora sentisse a terra como uma tortura impossível.

Restava apenas uma coisa a fazer.

Calculei de cabeça quanto dinheiro eu tinha depositado no banco.

Sim, somente assim funcionaria. Era a única coisa, a coisa ínfima que podia ter algum valor entre os atos insignificantes da minha vida!

Enfiar tudo o que eu possuía – algumas joias na gaveta – em um pacote e enviar para Mirjam. Ao menos por alguns anos isso aliviaria a preocupação de seu cotidiano. E escrever uma carta a Hillel, na qual contaria para ele como ela via os tais “milagres”.

Somente ele poderia ajudá-la.

Eu sentia assim: claro, ele saberia aconselhá-la.

Procurei as gemas, enfiei-as no bolso e olhei para o relógio: se eu fosse ao banco naquele momento – em uma hora tudo poderia estar arranjado.

E depois comprar um buquê de rosas vermelhas para Angelina!... Dentro de mim ecoava um grito de dor e de desejo selvagem. Apenas mais um dia, gostaria de viver mais um único dia!

Para depois experimentar mais uma vez o mesmo desespero sufocante?

Não, nem mais um único minuto de espera! Fui tomado por uma espécie de satisfação por não ter cedido a mim mesmo.

Olhei ao redor. Tinha mais alguma coisa para fazer?

Claro: a lima. Deslizei-a para dentro do bolso – queria jogá-la em algum lugar na rua, como eu já planejava naqueles dias.

Eu odiava a lima! Faltou muito pouco para que ela me transformasse em um assassino.

Quem vinha me incomodar de novo?

Era o adeleiro.

– Só um instante, mestre Pernath – implorou ele, atordoado, quando lhe disse que não tinha tempo. – Só um instante. Quero apenas trocar umas palavras com o senhor.

O suor escorria por seu rosto, e ele tremia de agitação.

– É possível lhe falar aqui sem sermos perturbados, mestre Pernath? Eu não queria que ele, o Hillel, entrasse de novo. É bom trancar a porta ou, melhor, ir para a sala ao lado.

Ele me puxou da maneira habitual e firme atrás dele. Então olhou ao redor algumas vezes de um jeito temeroso e sussurrou com voz rouca:

– Eu pensei sobre aquilo, o senhor sabe, aquilo de que falamos há pouco. É melhor assim. Desse mato não sai coelho. Ótimo. O que passou, passou.

Tentei ler seus olhos.

Ele manteve seu olhar fixo no meu, mas apertou o espaldar da cadeira, e aquele esforço lhe custava muito.

– Fico feliz, sr. Wassertrum – disse eu da forma mais gentil possível. – A vida é muito sombria para amargá-la ainda mais com o ódio mútuo.

– É como se eu estivesse ouvindo palavras impressas em um livro – resmungou aliviado, remexendo nos bolsos das calças e puxando o relógio de ouro com a tampa amassada. – E para que o senhor veja que estou sendo sincero, aceite esta minha pequena oferta. É um presente.

– O que passa pela cabeça do senhor? – perguntei. – O senhor não acredita realmente que eu... – então as palavras de Mirjam sobre aquele homem me vieram à cabeça e eu lhe estendi minha mão para que não ficasse ofendido.

Mas ele não deu atenção; de repente, ficou pálido como a parede, espreitou e rouquejou:

– Ai! Ai! Eu sabia. De novo o Hillel! Está batendo à porta.

Ouvi, voltei ao outro cômodo, fechando a porta que ligava os dois aposentos para tranquilizá-lo.

Dessa vez não era Hillel. Charousek entrou, pousou o dedo sobre os lábios como se quisesse mostrar que sabia *quem* estava no cômodo ao lado e, no segundo seguinte, sem esperar o que eu diria, me assolou com uma torrente de palavras:

– Ah, meu estimado e amável mestre Pernath, mal consigo encontrar as palavras para expressar minha alegria por encontrá-lo sozinho e bem em casa.

Ele falava como um ator, e seu discurso pomposo e afetado mostrava um contraste tão acentuado com o rosto distorcido que senti um profundo horror diante dele.

– Mestre, eu nunca ousaria vir até você no estado desganhado em que o senhor já me viu na rua muitas vezes antes... mas, o que estou dizendo? O senhor com frequência me cumprimentou estendendo graciosamente a mão.

“O senhor sabe a quem devo agradecer por estar aqui com colarinho branco e terno limpo? Uma das pessoas mais nobres e infelizmente, ai, mais incompreendidas de nossa cidade. Sou acometido de emoção quando penso nele.

“Mesmo em circunstâncias modestas, ele ainda tem a mão aberta para os pobres e necessitados. Desde o início, quando o vi tristemente em frente à sua loja, tive um profundo desejo de ir até ele e, em silêncio, apertar sua mão.

“Alguns dias atrás, ele me chamou enquanto eu passava, entregou-me dinheiro e, assim, consegui comprar um terno em parcelas.

“E o senhor sabe, mestre Pernath, quem foi meu benfeitor? Digo com orgulho, pois sempre fui o único que soube que um coração de ouro bate em seu peito: foi... o sr. Aaron Wassertrum!”

Claro que entendi que Charousek estava dirigindo sua farsa ao adeleiro, que espreitava no quarto ao lado, embora não estivesse claro para mim o que ele pretendia com aquilo; de maneira alguma aquela bajulação tão descarada parecia enganar o desconfiado Wassertrum. Óbvio que Charousek adivinhou o que eu estava pensando pela minha expressão interrogativa e balançou a cabeça, com os dentes esgarçados em um sorrisinho, e suas palavras seguintes serviriam para esclarecer para mim que ele conhecia bem o homem e sabia o quanto ele podia ousar.

– Sim! O sr. Aaron Wassertrum! Pesa-me no coração que eu não possa lhe dizer o quanto sou imensamente grato a ele, e imploro, mestre, que nunca lhe diga que estive aqui e que lhe contei tudo isso. Sei que o egoísmo dos homens apenas o amargurou e, de um jeito profundo e incurável, ai, infelizmente, plantou a desconfiança em seu peito.

“Sou um médico de almas, mas meu sentimento me diz que é melhor que o sr. Wassertrum nunca saiba, nem mesmo pela minha boca, o quanto o tenho em alta estima. Isso somente aumentaria a

desconfiança em seu coração infeliz. Longe de mim uma coisa dessas. Melhor que ele me tome por um ingrato.

“Mestre Pernath! Sou um infeliz e sei desde a infância o que significa ficar sozinho e abandonado no mundo! Nem sei o nome de meu pai. Nunca fiquei frente a frente com minha mãe. Deve ter morrido prematuramente... – A voz de Charousek ficou estranhamente misteriosa e insistente – e foi, tenho certeza, uma daquelas personalidades profundas que nunca sabem dizer o quanto amam ao infinito, e entre essas pessoas também está o sr. Aaron Wassertrum.

“Tenho uma página rasgada do diário de minha mãe, que carrego sempre junto ao peito... E ela diz que amava meu pai, embora ele fosse um homem feio, como nunca nenhuma mulher mortal sobre a terra foi capaz de amar um homem.

“Ainda assim, parece que ela nunca disse isso a ele. Talvez por razões semelhantes às que não me deixam, por exemplo, expressar ao sr. Wassertrum a gratidão que eu sinto por ele, ainda que me parta o coração.

“Mas há mais uma coisa na página do diário, que é possível adivinhar, já que frases são quase ilegíveis pelos rastros das lágrimas: meu pai, quem quer que ele fosse, e que a lembrança dele desapareça no céu e na terra!, deve ter se portado de um jeito horrível com minha mãe.”

De repente, Charousek caiu de joelhos, o chão tremeu e rangeu em tons tão arrepiantes que eu não sabia se ele ainda estava levando sua farsa ou havia enlouquecido:

– Tu, Todo-Poderoso, cujo nome o homem não deve pronunciar, aqui, de joelhos, estou diante de ti: amaldiçoado, amaldiçoado, amaldiçoado seja meu pai por toda a eternidade!

Ele quase partiu a última palavra ao meio ao cerrar os dentes e espreitou um segundo com os olhos arregalados.

Então sorriu afetadamente como Satanás. Pareceu-me que Wassertrum havia gemido baixinho do outro lado.

– Perdoe-me, mestre – continuou Charousek depois de uma pausa, com voz baixa. – Perdoe-me por tal ânimo ter me dominado, mas rezo dia e noite para que o Todo-Poderoso conceda ao meu pai, seja quem for, o fim mais terrível que se possa imaginar.

Involuntariamente eu quis responder, mas Charousek me interrompeu logo:

– Mas agora, mestre Pernath, chego ao pedido que tenho de lhe fazer: o sr. Wassertrum tinha um protegido que ele adorava... devia ser um sobrinho dele. Dizem até que era seu filho, mas não acredito, pois se assim fosse teria o mesmo nome. Na realidade, ele se chamava Wassory, dr. Theodore Wassory.

“As lágrimas escorrem de meus olhos quando penso em sua imagem. Eu me dedicava a ele com toda a minha alma, como se um vínculo imediato de amor e parentesco me ligasse a esse homem.”

Charousek soluçou como se mal pudesse falar de tanta emoção.

– Oh, como esse ser tão nobre teve de deixar a terra! Ai! Ai de mim! Independente de qual tenha sido o motivo, que eu nunca soube, ele atentou contra a própria vida. E eu estava entre os que foram chamados para ajudar... ai, ai, tarde demais... tarde demais... tarde demais! E, quando fiquei sozinho diante do cadáver, cobri sua mão fria e pálida com beijos... por que não deveria admitir, mestre Pernath?... afinal, não foi roubo... tirei uma rosa do peito do cadáver e me apropriei do frasquinho cujo conteúdo o infeliz tomara para terminar com sua vicejante vida.

Charousek mostrou-me um frasco de remédio e continuou, trêmulo:

– Deixo... os dois... aqui... sobre sua mesa, a rosa murcha e o frasco; eram uma lembrança de meu amigo que partiu.

“Quantas vezes em horas de abandono íntimo, quando desejei a morte na solidão de meu coração e na saudade de minha mãe falecida, brinquei com esse frasco, e me trouxe um feliz conforto por saber o seguinte: *tudo o que eu precisava fazer era derramar o líquido em um pano e inalar*, e eu flutuaria sem dor até os campos

onde meu querido e bom Theodore repousa sobre as dificuldades de nosso vale de lágrimas.

“E agora peço ao senhor, querido mestre, e foi por isso que vim até aqui, que pegue os dois e leve-os ao sr. Wassertrum.

“Diga que o senhor recebeu de alguém que era próximo do dr. Wassory, cujo nome o senhor jurou nunca mencionar... talvez o de uma dama. Ele acreditará e será uma lembrança para ele, pois para mim foi uma lembrança querida.

“Esse deve ser o agradecimento secreto que lhe dou. Sou pobre e é tudo o que tenho, mas fico feliz em saber que esses dois objetos agora pertencerão a ele e ainda assim ele não suspeitará que sou *eu* o doador. Existe aí, ao mesmo tempo, algo de infinitamente doce para mim. E agora, caro mestre, passar muito bem, e eu lhe agradeço de antemão muitos milhares de vezes.”

Ele agarrou minha mão e piscou, sussurrando algo tão baixinho que eu mal pude ouvir.

– Espere, sr. Charousek, vou acompanhá-lo até a porta – eu disse mecanicamente as palavras que os lábios dele me transmitiam, e o acompanhei na saída.

No obscuro patamar do primeiro andar, tentei me despedir de Charousek.

– Consigo imaginar qual seu objetivo com aquela farsa. Você... você quer que Wassertrum se envenene com o frasquinho! – disse eu sem rodeios para ele.

– É claro – admitiu Charousek alegremente.

– E acha que vou oferecer minha ajuda *para isso*?

– Não é necessário.

– Mas era para eu levar o frasco a Wassertrum, você disse antes!

Charousek balançou a cabeça.

– Se o senhor voltar agora, verá que ele já terá pegado.

– Como pode simplesmente pensar numa coisa dessas? – perguntei, surpreso. – Uma pessoa como Wassertrum nunca vai se

matar... é covarde demais... nunca age por impulsos repentinos.

– O senhor não conhece o veneno da sugestão – interrompeu Charousek com seriedade. – Se eu tivesse falado em palavras comuns, talvez o senhor tivesse razão, mas calculei com antecedência até a menor inflexão. Somente o *páthos* mais repugnante age sobre um cão danado desses! Acredite em mim! Eu poderia até ter desenhado para o senhor a expressão dele em cada uma das minhas frases. Como dizem os pintores, não há *kitsch* infame o suficiente para não arrancar lágrimas da chusma embusteira e atingi-la bem no coração! Acha que já não teriam exterminado todos os teatros há muito tempo, com fogo e espadas, se fosse o contrário? No sentimentalismo é que se reconhece a canalha. Milhares de pobres-diabos podem morrer de fome e não há choro, mas, quando um pangaré trajado de camponesa sobe ao palco e falece, eles uivam a plenos pulmões. Talvez pela manhã o paizinho Wassertrum terá se esquecido do que lhe causou pontadas no coração: cada palavra minha voltará à vida nele à medida que as horas passarem, quando ele vai parecer infinitamente lamentável a si mesmo. Nesses momentos de grande miséria, ele vai precisar apenas de um empurrãozinho... e eu vou providenciá-lo... e eu mesmo cuidarei disso... e até a mais covarde das mãos se estenderá para agarrar o veneno. Precisa apenas estar à mão! O querido Theodore também não teria se agarrado ao frasco se eu não o tivesse deixado numa posição tão confortável.

– Charousek, você é um ser humano terrível – berrei, horrorizado. – Você não sente nenhum...

Ele rapidamente tapou minha boca e me empurrou para uma reentrância da parede.

– Silêncio! Lá vem ele!

Cambaleando, apoiado à parede, Wassertrum desceu as escadas e passou por nós aos tropeços.

Charousek apertou minha mão rapidamente e se esgueirou atrás dele.

Quando voltei ao meu quarto, vi que a rosa e o frasco haviam desaparecido, e que o relógio dourado e torto do adeleiro estava sobre a mesa em seu lugar.

*

Informaram-me no banco que eu teria de esperar oito dias até conseguir meu dinheiro, pois esse era o período habitual de carência.

Pedi que buscassem o gerente, pois eu estava com muita pressa, sairia de viagem.

Disseram-me que ele não estava disponível e, de qualquer maneira, nada podia fazer para alterar os procedimentos do banco, e um camarada com olho de vidro, que chegara ao mesmo tempo no balcão, deu uma gargalhada.

Então eu deveria esperar oito terríveis e cinzentos dias pela morte!

Parecia um tempo sem fim.

Fiquei tão deprimido que nem sequer me dei conta de por quanto tempo eu estava andando de um lado para outro na porta de uma cafeteria.

Por fim, entrei apenas para me livrar do camarada repugnante com olho de vidro que me seguira desde o banco e se mantinha sempre perto de mim, mas, quando eu olhava para ele, ele logo olhava para o chão, como se tivesse perdido alguma coisa.

Vestia um casacão xadrez muito justo e uma calça preta brilhante como um pedaço de gordura, que pendia ao redor das pernas como bolsas. Na bota esquerda, havia um pedaço de couro em forma de ovo acolchoado e parecia que ele estava usando um anel de sinete no dedo do pé.

Assim que me sentei, ele entrou e se sentou na mesa ao lado.

Pensei que ele quisesse me pedir algum dinheiro e logo procurei minha carteira, quando vi um grande anel de brilhantes reluzindo em

seu dedo nodoso de açougueiro.

Por horas e horas fiquei sentado no café e pensei que enlouqueceria de nervosismo, mas aonde eu iria? Para casa? Ficaria vagando? Uma coisa parecia mais assustadora que a outra.

O ar abafado, o perpétuo e tolo estalar das bolas de bilhar, o som seco e incessante de um leitor de jornais ávido e meio cego à minha frente, um funcionário da alfândega com pernas de cegonha, que alternadamente cutucava o nariz ou penteava o bigode com dedos amarelos de cigarro diante de um espelho de bolso, uma turba nojenta de italianos suarentos de pele marrom aveludada tagarelava ao redor da mesa de cartas no canto, que ora batiam seus trunfos com os punhos sobre a mesa em meio a gritos estridentes, ora cuspiam no chão como se vomitassem. E ainda tive de ver essas cenas duplicadas e triplicadas nos espelhos das paredes! Aquilo regelava lentamente o sangue nas minhas veias.

Estava escurecendo, e um garçom de pés chatos e joelhos fracos tocava com uma vareta as lamparinas a gás para finalmente se convencer de que elas não queriam queimar.

Sempre que eu virava o rosto, via o olhar de lobo vesgo do homem de olho de vidro, que se ocultava rapidamente atrás de um jornal, ou enfiava o bigode sujo na xícara de café já terminada havia muito tempo.

Usava um chapéu rígido e redondo afundado na cabeça, que mantinha suas orelhas quase na horizontal, mas ele não fazia nenhuma menção de ir embora.

Tudo aquilo ficou insuportável.

Paguei a conta e saí.

Quando quis fechar a porta de vidro, alguém tirou a maçaneta da minha mão. Eu me virei: era o sujeito de novo!

Com irritação, quis virar à esquerda, na direção do Bairro Judeu, quando ele se espremeu do meu lado e me impediu de fazê-lo.

– Ora essa, pode parar com isso! – gritei para ele.

– Vire à direita – disse ele apenas.

– O que significa isso?

Ele me encarou, descarado:

– Você é Pernath!

– Provavelmente o senhor quis dizer sr. Pernath?

Ele apenas deu uma gargalhada sarcástica:

– Chega de besteira agora! O senhor vem comigo!

– Ora, o senhor enlouqueceu? Quem é o senhor?

Ele não respondeu, jogando o casaco para trás e apontando cautelosamente para uma águia gasta que estava pregada no forro.

Percebi então que aquele sacripanta era um policial à paisana e estava me prendendo.

– Então me diga, pelo amor de Deus, o que está havendo?

– O senhor mesmo vai descobrir. Para a delegacia – retrucou ele bruscamente. – A todo vapor!

Sugeri a ele que queria pegar um carro de aluguel.

– Nada disso!

Seguimos para a delegacia de polícia a pé.

*

Um guarda levou-me a uma porta, na qual havia uma placa de porcelana:

ALOIS OTSCHIN
Delegado de polícia

– Pode entrar – disse o guarda.

Duas escrivaninhas ensebadas, com uma pilha de pastas de 1 metro de altura cada, ficavam uma diante da outra.

Entre elas, algumas cadeiras surradas.

Um retrato do imperador na parede.

Um aquário com peixes dourados no peitoril da janela.

E não havia mais nada no escritório.

Por trás da escrivaninha, à esquerda, saía um pé torto e, ao lado dele, uma pantufa de feltro sob uma calça cinza esfarrapada.

Ouvi um suspiro. Alguém murmurou algumas palavras em dialeto boêmio e imediatamente depois o delegado saiu da mesa à direita, aproximando-se de mim.

Era um homem baixote, com cavanhaque grisalho, e tinha a estranha mania de, antes de começar a falar, arreganhar os dentes como alguém que encara a luz do sol.

Estreitou os olhos atrás dos óculos, o que lhe deu a aparência de uma perfídia assustadora.

– O nome do senhor é Athanasius Pernath e o senhor é – ele olhou para um pedaço de papel no qual não havia nada – lapidador de pedras preciosas.

Imediatamente, o pé torto embaixo da outra mesa criou vida: roçou a perna da cadeira, e eu ouvi o rascar de uma pena.

Confirmei:

– Pernath. Lapidador de pedras preciosas.

– Ora, já nos conhecemos, senhor... Pernath... isso, Pernath.

Sim, de fato.

De súbito, o delegado ficou surpreendentemente amável, como se tivesse recebido as notícias mais gratificantes do mundo, e me estendeu as duas mãos de um jeito ridículo, esforçando-se para parecer simpático.

– Então, sr. Pernath, me diga, o que o senhor esteve fazendo o dia todo?

– Acho que não é da sua conta, sr. Otschin – respondi com frieza.

Ele estreitou os olhos, esperou um momento e depois continuou a falar, rápido como um raio:

– Desde quando a condessa tem um relacionamento com Savioli?

Eu estava preparado para algo semelhante e não vacilei nem por um instante.

Com habilidade, ele tentou me envolver em contradições por meio de perguntas cruzadas e confirmações, mas, por mais que eu sentisse o coração na boca tamanho o horror daquela situação, não me trai e sempre voltava ao fato de nunca ter ouvido o nome de Savioli, de que Angelina era amiga de meu pai e de que já encomendara camafeus comigo.

Ainda assim, senti que o delegado me encarava enquanto eu mentia para ele e, interiormente, espuma de raiva por não conseguir tirar nada de mim.

Ele pensou por um tempo, depois me puxou pelo casaco até bem perto dele, apontando um polegar de aviso para a mesa à esquerda e sussurrando em meu ouvido:

– Athanasius! Seu abençoado pai era meu melhor amigo. Quero salvá-lo, sr. Athanasius! Mas o senhor precisa me contar tudo sobre a condessa. Ouça bem: tudo.

Eu não entendi o que aquilo significava.

– O que o senhor quer dizer com isso de me salvar? – perguntei em voz alta.

O pé torto bateu furiosamente no chão. O delegado ficou pálido de ódio. Esgarçou o lábio. Esperou. Eu sabia que logo ele recommençaria o ataque. (Seu jeito de ficar espantado me lembrava Wassertrum.) Então esperei... Vi um rosto caprino, o dono do pé torto, espreitando atrás da escrivaninha. Então o delegado de repente gritou comigo:

– *Assassino.*

Fiquei sem palavras de puro espanto.

Mal-humorado, o rosto caprino se escondeu de novo atrás de sua mesa.

O delegado também parecia um pouco incomodado pela minha calma, mas disfarçou com inteligência, puxando uma cadeira e pedindo que eu me sentasse.

– Então o senhor se recusa a me dar as informações desejadas sobre a condessa, sr. Pernath?

– Não posso dar essas informações, senhor delegado, ao menos não como o senhor espera. Para começar, não conheço ninguém chamado Savioli e, em segundo, estou firmemente convencido de que é uma calúnia dizer que a condessa está traindo seu marido.

– O senhor pode testemunhar nesse sentido?

Perdi o fôlego por um instante.

– Sim! A qualquer momento.

– Ótimo. Hum...

Houve um longo intervalo, no qual o delegado parecia estar se debatendo com reflexões.

Quando voltou a me olhar, havia um traço de dor farsesca em seu sorriso forçado. Involuntariamente, tive de pensar em Charousek, quando ele começou com voz estridente:

– Você consegue dizer, Athanasius, para mim, o velho amigo de seu pai, para mim, que carreguei você nos braços... – eu mal consegui segurar o riso: ele tinha no máximo dez anos mais que eu.

– Não é verdade, Athanasius, que foi legítima defesa?

O rosto caprino apareceu novamente.

– O que foi legítima defesa? – perguntei sem entender.

– Aquilo com o... *Zottmann!* – o delegado gritou o nome na minha cara.

A palavra atingiu-me como uma estocada de adaga: *Zottmann!* *Zottmann!* O relógio! O nome *Zottmann* estava gravado no relógio.

Senti todo o sangue escoando de meu coração: o horrível *Wassertrum* me deu o relógio para apontar uma suspeita de assassinato para mim!

Imediatamente, o delegado abandonou qualquer disfarce, arreganhou os dentes e estreitou os olhos:

– Então está confessando o assassinato, sr. *Pernath*?

– Tudo isso é um erro, um erro terrível. Pelo amor de Deus, me escute. Eu posso explicar, delegado...! – gritei.

– O senhor vai me contar tudo sobre a condessa – interrompeu ele no mesmo instante. – Quero que me ouça: com isso o senhor vai

melhorar sua situação.

– Só posso repetir o que já disse: a condessa é inocente.

Ele cerrou os dentes e virou-se para o rosto caprino:

– Escreva aí: Pernath admite o assassinato do oficial de seguros

Karl Zottmann.

Fui tomado por uma raiva insensata.

– Seu policial canalha! – gritei. – O que você está fazendo?

Comecei a procurar algum objeto pesado.

No momento seguinte, dois policiais me agarraram e me algemaram.

O delegado estufou o peito como um galo:

– E esse relógio? – ele repentinamente ergueu o relógio amassado na mão. – O infeliz Zottmann ainda estava vivo quando você o roubou, não foi?

Fiquei completamente calmo de novo e afirmei para registro com voz clara:

– Quem me deu esse relógio hoje pela manhã foi o adeleiro Aaron Wassertrum.

Uma risada irrompeu como um relincho, e vi o pé torto e os chinelos de feltro juntos fazerem uma dancinha alegre embaixo da mesa.

Tormento

Com as mãos algemadas atrás das costas, escoltado por um guarda com uma baioneta em riste, tive de andar pelas ruas iluminadas para a noite.

Bandos de garotos de rua berravam à esquerda e à direita, e as mulheres abriam as janelas, ameaçando com grandes colheres de pau e xingando às minhas costas.

De longe, vi o enorme cubo de pedra do prédio do tribunal com a inscrição no frontão:

A justiça severa é a proteção das pessoas honestas

Então um portão enorme me levou até um saguão impregnado pelos odores da cozinha.

Um homem barbudo com um sabre, paletó e quepe oficiais, com os pés descalços e as pernas enfiadas em longas ceroulas amarradas nos tornozelos, levantou-se, largou o moedor de café que segurava entre os joelhos e ordenou que eu me despisse.

Em seguida, ele verificou meus bolsos, tirou tudo o que encontrou neles e me perguntou se eu tinha piolhos.

Quando disse que não, ele puxou os anéis de meus dedos e disse que estava tudo bem, eu podia voltar a me vestir.

Fui conduzido por vários andares e corredores nos quais caixas isoladas, grandes, cinzentas e trancadas ficavam nos nichos das janelas.

Portas de ferro fechadas com trincos e pequenos entalhes, uma lamparina a gás acima de cada uma, espalhavam-se ao longo da parede em uma fileira ininterrupta. Um carcereiro imenso com

aparência de soldado – o primeiro rosto honesto em horas – abriu uma das portas, empurrou-me para uma abertura escura, parecida com um armário, fedorenta e pestilenta, e a trancou atrás de mim.

Fiquei na escuridão completa e tateei ao redor.

Meu joelho chocou-se contra um balde de lata.

O espaço era tão estreito que eu mal conseguia me virar. Por fim, toquei uma tranca e ficou óbvio que eu estava em uma cela.

Havia dois beliches cujos catres eram cobertos por sacos de palha, ao longo da parede.

O espaço entre eles era apenas de um passo de largura.

Uma janela quadrada gradeada no alto da antepara deixava entrar a fraca luz do céu noturno.

Naquele calor insuportável, o ar empestado com cheiro de roupa velha preencheu o recinto.

Quando meus olhos se acostumaram à escuridão, vi que em três dos catres – o quarto estava vazio – as pessoas estavam sentadas, vestindo camisolas cinza de condenados; os braços apoiados nos joelhos e o rosto enterrado nas mãos.

Ninguém disse uma palavra.

Sentei-me no catre vazio e esperei. Esperei. Esperei.

Uma hora.

Duas... três horas!

Quando julgava ouvir um passo lá fora, pensava que alguém devia ter vindo me buscar para me apresentar ao juiz de instrução.

Mas sempre que isso acontecia era um engano. Várias vezes os passos se evanesciam pelo corredor.

Puxei meu colarinho, pois pensei que sufocaria.

Ouvi um prisioneiro após o outro se espreguiçar, gemendo.

– Ninguém pode abrir a janela lá em cima? – perguntei, desesperado, na escuridão. Quase tomei um susto com minha voz.

– Não dá – respondeu alguém de mau humor em um dos sacos de palha.

No entanto, tateei ao longo da parede estreita: uma bancada ao nível do peito corria por ela – sobre ela dois jarros de água, pedaços de casca de pão.

Com dificuldade, subi nela, agarrei-me nas grades e encaixei o rosto nas fendas da janela para ao menos respirar um pouco de ar fresco.

Então fiquei de pé até meus joelhos tremerem. A névoa noturna cinza-escura e monótona diante de meus olhos.

As barras de ferro frias suavam.

Logo seria meia-noite.

Atrás de mim, ouvi roncos. Apenas um deles parecia incapaz de dormir: virava de um lado para outro sobre o saco de palha e às vezes gemia em voz baixa.

A manhã não chegaria nunca? Sim! Os sinos dobraram de novo.

Contei com lábios trêmulos: um, dois, três! Graças a Deus, apenas algumas horas, então o amanhecer chegaria. Os sinos continuaram a dobrar: quatro? cinco? O suor descia pela minha testa. Seis? Sete... eram *onze* horas.

Havia passado apenas uma hora desde a última vez que tinha ouvido as badaladas.

*

Aos poucos, meus pensamentos se ordenavam.

Wassertrum deixou o relógio perdido de Zottmann para me incriminar por ter cometido um assassinato. Ou seja, ele devia ser o assassino; de que outra forma ele poderia ter se apossado do relógio? Se tivesse encontrado o corpo em algum lugar e depois o roubado, teria recebido os mil florins de recompensa que foram publicamente anunciados pela descoberta do desaparecido. Mas não podia ser: os cartazes ainda estavam afixados nas esquinas, como eu tinha visto claramente no caminho para a prisão. Ficou evidente que o adeleiro devia ter me denunciado.

Era claro também que ele estava mancomunado com o delegado de polícia, pelo menos no que dizia respeito a Angelina. Por que mais fizera o interrogatório por causa de Savioli?

Por outro lado, ficou evidente que Wassertrum ainda não tinha em mãos as cartas de Angelina.

Ponderei...

De repente, tudo assumiu uma clareza terrível diante de mim, como se sempre tivesse estado lá.

Sim, só podia ter sido deste jeito: Wassertrum abriu secretamente meu cofre, no qual ele suspeitava estarem as provas, enquanto vasculhava meu apartamento com seus cúmplices da polícia – não conseguiu abri-lo imediatamente, pois a chave estava comigo. Talvez, naquele exato momento, ele estivesse tentando arrombar o cofre.

Em desespero insano, sacudi as barras da grade, vi Wassertrum diante de mim em pensamento enquanto ele remexia nas cartas de Angelina.

Se ao menos eu conseguisse avisar Charousek para que ele alertasse Savioli a tempo!

Por um momento, me agarrei à esperança de que minha prisão já fosse conhecida como um incêndio se alastrando no Bairro Judeu e confiei em Charousek como se confia em um anjo salvador. O adeleiro não tinha como combater sua astúcia infernal. “Vou pegá-lo pela garganta exatamente na hora em que ele quiser pular no pescoço do dr. Savioli”, disse Charousek certa vez.

No minuto seguinte, rejeitei tudo, e um medo selvagem se apoderou de mim: e se Charousek chegasse tarde demais?

Então Angelina estaria perdida.

Mordi os lábios até sentir o gosto do sangue e agarrei meu colarinho pelo arrependimento de não ter queimado as cartas antes; jurei que acabaria com a raça de Wassertrum assim que estivesse livre novamente.

Não importava se eu morresse por minhas mãos ou na forca, era meu destino!

Em nenhum momento duvidei de que o juiz de instrução acreditaria em minhas palavras se eu tornasse a história plausível para ele, contando-lhe as ameaças de Wassertrum.

Certamente na manhã seguinte eu estaria livre; pelo menos a corte também mandaria prender Wassertrum por suspeita de assassinato.

Contei as horas, rezando para que passassem mais rápido; olhava lá fora para a névoa obscura.

Depois de um tempo indescritivelmente longo, finalmente o dia começou a clarear; um rosto enorme e acobreado surgiu da névoa, a princípio como uma mancha escura, e logo cada vez mais nítido: era o mostrador de um velho relógio na torre. Mas faltavam os ponteiros, o que era um novo tormento.

Então bateram cinco horas.

Ouvi os prisioneiros acordarem, bocejando e falando dialeto boêmio.

Uma voz soou familiar para mim; virei-me, desci da bancada e vi Loisa, o rapaz marcado pela varíola, no beliche em frente ao meu, sentado e me encarando, estupefato.

Os outros dois tinham rostos ousados e me olhavam com desprezo.

– Vigarista, não é? – perguntou um deles ao companheiro em tom baixo, cutucando-o com o cotovelo.

Aquele que recebeu a pergunta grunhiu alguma coisa, remexeu no saco de palha e pegou um papel preto, que depositou no chão.

Em seguida, derramou um pouco de água do jarro, ajoelhou-se, ficou diante dele como se diante de um espelho e penteou os cabelos da testa com os dedos.

Depois, secou com cuidado o papel e escondeu-o novamente embaixo da cama.

– *Pan*^[8] Pernath, *Pan* Pernath – murmurou Loisa, com os olhos arregalados, como alguém que vê um fantasma.

– Tô vendo que os cavalheiros se conhecem – disse o despenteado, que falava em um forte dialeto de vienense tcheco, e fez uma reverência zombeteira para mim: – Permitam que me apresente: Vóssatka é o meu nome. Vóssatka, o preto. Incêndio criminoso – acrescentou, com muito orgulho, baixando o tom da voz.

O homem penteado cuspiu entre os dentes, olhou para mim com desdém por um tempo, depois apontou para o peito e disse laconicamente:

– Arrombamento.

Continuei mudo.

– Ora, e por qual acusação o senhor veio parar aqui, senhor conde? – perguntou o vienense depois de uma pausa.

Pensei por um momento e disse calmamente:

– Latrocínio.

Os dois ficaram espantados no início, a expressão zombeteira no rosto deles dando lugar a um ar de respeito ilimitado, e quase exclamaram em uníssono:

– Nossos respeitos, nossos respeitos.

Quando viram que eu não me importava com eles, se retiraram para o canto e começaram a conversar aos sussurros.

Apenas uma vez o penteado se levantou, veio até mim, examinou silenciosamente os músculos de meu braço e depois, balançando a cabeça, voltou ao amigo.

– O senhor também veio parar aqui como suspeito de assassinar Zottmann? – perguntei a Loisa com discrição.

Ele assentiu com a cabeça.

– Sim, já faz tempo.

De novo, várias horas se passaram.

Fechei os olhos e fingi estar dormindo. De repente, ouvi a voz de Loisa muito baixa.

– Sr. Pernath. Sr. Pernath!

– Sim? – Fingi acordar.

– Sr. Pernath? Por favor, com licença... por favor... por favor, o senhor sabe o que Rosina está fazendo? Ela está em casa? – gaguejou o pobre rapaz. Ele me dava uma pena infinita, o jeito como aguardava minhas palavras com olhos inflamados e apertava as mãos com agitação.

– Ela está bem. Ela... ela agora é garçoneiro na taverna Zum alten Ungelt – menti.

Eu o vi suspirar aliviado.

*

Calados, dois detentos trouxeram panelas de estanho com sopa de salsicha quente sobre um tabuleiro e deixaram três na cela. Depois de algumas horas, as trancas se abaixaram de novo, e o carcereiro me levou ao juiz de instrução.

Meus joelhos tremiam de ansiedade enquanto subíamos as escadas.

– Acha que é possível que eu seja libertado hoje? – perguntei ao carcereiro, cheio de inquietação.

Eu o vi reprimindo um sorriso compassivo.

– Hoje ainda? Hum... Só Deus sabe... Tudo é possível.

Senti um frio imenso.

Ali também havia uma placa de porcelana na porta e um nome:

BARÃO KARL VON LEISETRETER
Juiz de instrução

Outra sala sem adornos e duas escrivaninhas com pastas empilhadas com 1 metro de altura.

Veio um velho com barba branca, bata preta, lábios grossos e vermelhos, botas rangendo.

– Sr. Pernath?

– Sim.

- Lapidador de joias?
- Sim.
- Cella número 70?
- Sim.
- Suspeito do assassinato de Zottmann?
- Eu peço, senhor juiz de instrução...
- *Suspeito do assassinato de Zottmann?*
- Provavelmente. Ao menos eu desconfio. Mas...
- Confessa?
- O que posso confessar, senhor juiz de instrução, é que sou inocente!
- *Confessa?*
- Não.
- Então peço prisão preventiva do senhor. Guarda, leve este homem daqui.
- Por favor, me escute, senhor juiz de instrução... Eu preciso, de qualquer maneira, estar em casa hoje. Tenho coisas importantes a fazer...
- Alguém soltou uma risada atrás da segunda mesa.
- O senhor barão abriu um sorriso malicioso.
- Guarda, leve este homem daqui.

*

Dia após dia, semana após semana, permaneci encarcerado. Ao meio-dia, podíamos descer ao pátio da prisão e, com outros reclusos e condenados, caminhar por quarenta minutos, em círculos, na terra molhada.

Era proibido conversar.

No meio do pátio havia uma árvore nua e moribunda, em cuja casca haviam encrustado uma imagem oval vítrea da Mãe de Deus.

Fracos arbustos de ligustros cresciam nas paredes, as folhas quase pretas da fuligem que caía.

Nas grades das celas ao redor, às vezes um rosto cinza vidrado com lábios exangues olhava para baixo.

Depois subíamos novamente para nossas jaulas habituais para receber pão, água e sopa de salsicha e, aos domingos, lentilhas passadas.

Somente uma vez voltei a ser interrogado: perguntaram-me se eu teria alguma testemunha de que o “senhor” Wassertrum supostamente havia me dado o relógio.

– Sim. O sr. Schemajah Hillel... quer dizer... não (lembrei-me de que ele não estava lá), mas o sr. Charousek... não, ele também não estava lá.

– Resumindo, ninguém estava lá?

– Não, não havia ninguém, senhor juiz de instrução.

Mais uma vez a risadinha atrás da mesa e de novo:

– Guarda, leve este homem daqui!

Minha preocupação com Angelina deu lugar a uma resignação embotada: o tempo em que eu tremia perto dela havia passado. Disse a mim mesmo: ou o plano de vingança de Wassertrum teve sucesso muito tempo antes, ou Charousek interveio.

Mas a preocupação com Mirjam quase me deixava louco.

Imaginei-a esperando, hora após hora, para que o milagre fosse renovado – ela saindo de manhã, quando o padeiro passava, e, com mãos trêmulas, examinando o pão; talvez ela estivesse preocupada comigo.

Muitas vezes, à noite, eu despertava subitamente e subia na bancada da parede, olhando para o mostrador de cobre da torre do relógio, e me consumia no desejo. Meus pensamentos queriam invadir Hillel e gritar em seu ouvido que ele deveria ajudar Mirjam e libertá-la da agonia de esperar por um milagre.

Em seguida, eu voltava a me jogar sobre o saco de palha e prendia a respiração até meu peito quase estourar – eu queria obrigar meu duplo a aparecer diante de mim, de modo que eu pudesse enviá-lo até ela como um consolo.

Quando ele realmente apareceu ao lado do meu catre com as palavras *Chabrat Zereh Aur Bocher* em escrita espelhada, marcada no peito, eu quis gritar de alegria, pois pensei que tudo ficaria bem, mas logo ele se afundou no chão, antes mesmo que eu lhe desse ordem de aparecer para Mirjam.

Não recebi nenhuma notícia de meus amigos!

Era proibido enviar uma carta?, perguntei aos meus colegas de cela.

Ninguém soube responder.

Disseram que nunca haviam recebido cartas, e também não havia ninguém que pudesse lhes escrever.

O carcereiro prometeu-me verificar. Minhas unhas estavam quebradiças de tanto que eu as roía, e meu cabelo estava desgrenhado, pois não havia tesoura, pente ou escova ali.

Também não havia água para se lavar.

Quase o tempo todo, eu lutava contra náuseas, pois o caldo de salsicha era aromatizado com salitre, em vez de sal. Essa era uma prescrição da cadeia para evitar “os rompantes do desejo sexual”.

O tempo passava em uma monotonia cinza e terrível.

Girava em círculo como uma roda de tormentos.

Todos nós conhecíamos alguns momentos em que um ou outro se levantava de repente e andava para lá e para cá como um animal selvagem para novamente se deixar cair sobre o catre e, entorpecido, continuar a esperar – esperar – esperar.

Quando a noite vinha, os percevejos corriam em bando como formigas através das paredes, e eu me perguntava, espantado, por que o camarada com sabre e ceroula perguntou de forma tão escrupulosa se eu não tinha piolhos.

Talvez alguém temesse, no tribunal regional, que pudesse haver um cruzamento de raças de insetos *diferentes*?

Nas manhãs de quarta-feira, um homem com cabeça de porco costumava entrar de chapéu de aba mole e as pernas da calça

balançando: era o médico da prisão, dr. Rosenblatt, que vinha garantir que todo mundo estava cheio de saúde.

E se alguém reclamasse, não importava de quê, prescrevia pomada de zinco para esfregar no peito.

Certa vez, fomos visitados pelo presidente do tribunal regional – um canalha alto e perfumado da “alta sociedade”, que tinha os piores vícios estampados no rosto e vinha verificar se estava tudo bem, “se ninguém havia passado uma corda no pescoço”, como dizia o camarada penteado.

Aproximei-me dele para fazer um pedido, e ele deu um pulo para trás do carcereiro e apontou um revólver para mim.

– O que você quer? – gritou comigo.

Perguntei educadamente se havia cartas para mim. Em vez da resposta, recebi do dr. Rosenblatt um empurrão no peito, que imediatamente abriu distância entre nós. O presidente também se retirou e zombou através da fresta da porta, dizendo que eu deveria confessar o assassinato, pois caso contrário eu nunca mais receberia nenhuma carta na vida.

*

Eu já havia me acostumado com o ar empestado e com o calor, e sentia um frio constante, mesmo quando o sol brilhava.

Dois dos prisioneiros eram substituídos esporadicamente, mas eu não prestava atenção. Em uma semana, trouxeram um batedor de carteiras e um ladrão de estrada; na seguinte, um falsificador ou receptor de produtos roubados.

O que eu vivia no dia anterior era esquecido no dia seguinte.

Todos os eventos externos desapareceram diante das ondas de preocupação com Mirjam.

Somente *um* evento me impressionou mais profundamente – e às vezes me assombrava como uma figura distorcida até dentro dos sonhos.

Eu estava em pé na bancada da parede para olhar o céu quando de repente senti um objeto pontiagudo cutucar meu quadril e, quando olhei, notei que era a lima que me perfurava através do bolso, entre o casaco e o forro. Ela devia estar enfiada ali havia muito tempo, do contrário o homem no corredor certamente a teria notado.

Puxei-a para fora e joguei-a de forma desatenta sobre meu saco de palha.

Quando desci, ela havia desaparecido, e não tive dúvida de que somente Loisa poderia tê-la pegado.

Alguns dias depois, ele foi retirado da cela para ser mandado para o andar de baixo.

O carcereiro comentou que dois presos em preventiva acusados do mesmo crime, como ele e eu, não deveriam estar na mesma cela.

De todo o coração desejei que, com ajuda da lima, o pobre rapaz pudesse se libertar.

Maio

O sol estava tão quente quanto no alto verão, e a árvore cansada no pátio soltava alguns brotos. Quando perguntei ao carcereiro que dia era, ele, depois de ter ficado em silêncio, sussurrou para mim que era 15 de maio. Na verdade, não deveria dizer isso, porque é proibido falar com os prisioneiros, especialmente aqueles que ainda não confessaram e precisavam ser mantidos sem informações com relação ao tempo.

Então eu estava preso havia três meses e ainda não tinha nenhuma notícia do mundo lá fora.

Ao anoitecer, sons suaves de um piano penetraram pela janela gradeada, que agora ficava aberta em dias quentes.

A filha do mordomo estava brincando lá embaixo, um condenado havia me dito.

Dia e noite, eu sonhava com Mirjam.

Será que estava bem?

Às vezes, eu tinha a sensação reconfortante de que meus pensamentos a alcançaram e ficaram ao lado de sua cama enquanto ela dormia, pousando a mão de alívio sobre sua testa.

Então, de novo, em momentos de desesperança, quando um após o outro meus colegas de cela eram levados à audiência – menos eu –, um medo opressivo de que talvez ela tivesse morrido muito tempo antes me sufocava.

Então eu interrogava a sorte: se ela ainda estava viva ou não, doente ou saudável. Arrancava um punhado de palha do colchão e o número de talos que eu contava me dava as respostas.

A resposta era quase todas as vezes negativa. Eu então vasculhava meu íntimo para lançar um olhar ao futuro; tentava enganar minha alma, que escondia o segredo de mim mesmo, por meio da pergunta aparentemente remota de saber se chegaria o dia em que eu poderia ser alegre e rir de novo.

O oráculo sempre respondia afirmativamente nesses casos, e então eu ficava feliz, exultante por uma hora.

Como uma planta que brota e cresce secretamente, um profundo e incompreensível amor por Mirjam despertou aos poucos dentro de mim, e eu não conseguia acreditar que tantas vezes havia me sentado com ela e lhe falado sem ter clareza sobre isso.

O desejo trêmulo de que ela também pensasse em mim com os mesmos sentimentos muitas vezes vinha à tona nesses momentos, com frequência às raias da certeza, e, quando ouvia um passo no corredor, quase tinha medo de que alguém pudesse me buscar, me libertar, e meu sonho se desfizesse em nada na realidade grosseira do mundo exterior.

Meu ouvido ficou tão aguçado no longo período de detenção que eu ouvia até o mínimo som.

Todos os dias, ao anoitecer ouvia um carro passando ao longe e ficava intrigado sobre quem estaria nele.

Havia algo peculiarmente estranho na ideia de que havia pessoas lá fora que tinham permissão para fazer o que quisessem, que podiam se mover livremente e ir para lá e para cá, e ainda assim não sentiam uma alegria indescritível.

Também não conseguia mais imaginar que também ficaria tão feliz por poder passear de novo ao sol pelas ruas.

O dia em que segurei Angelina em meus braços me parecia ter ficado em um passado distante; lembrei-me daquela melancolia silenciosa, de como ela persegue a pessoa quando esta abre um livro e encontra nele flores murchas que a amada usava nos anos de juventude.

Será que o velho Zwakh ainda ficava sentado, noite após noite, com Vrieslander e Prokop na taverna, deixando confuso o cérebro da seca Eulalia?

Não, era maio – quando ele perambulava com sua caixa de marionetes pelos recônditos da província, apresentando o Cavaleiro da Barba Azul em campos verdes.

*

Estava sozinho na cela. Vóssatka, o incendiário, meu único companheiro durante uma semana, havia sido convocado pelo juiz de instrução algumas horas antes.

Seu interrogatório foi estranhamento longo.

Finalmente! A barra de ferro rangeu na porta. E, com expressão alegre, Vóssatka entrou, jogou uma trouxa de roupas na cama e começou a trocar-se na velocidade do vento.

Jogou o uniforme da prisão peça por peça no chão, amaldiçoando cada uma delas.

– Não conseguiram provar nada, os patifes. Incêndio criminoso! Uma ova. – Ele puxou a pálpebra inferior para baixo com o dedo. – Vóssatka, o preto, é esperto. Eu disse que foi o vento. E insisti. Se quiserem, agora eles que vão prender o sr. Vento. Boa noite, já vou! Vou dançar no Loisitschek. – Ele abriu os braços e fez um sapateado. – “O mês de maio floresce uma vez na vida.” – Com estardalhaço, pôs na cabeça um chapéu duro com uma pena de quebra-nozes manchada de azul. – Sim, certo, isso vai interessar o senhor, senhor conde: sabe qual é a nova? Seu amigo, o Loisa, deu no pé! Acabei de saber lá em cima, com os meganhas. No mês passado, ganhou estrada lá pra Uldimoh, e faz tempo que se escafedeu... puff. – Ele bateu com os dedos nas costas da mão. – Deve ter subido as montanhas.

Pensei na lima e sorri.

– Então se prepare também, senhor conde – o incendiário estendeu a mão para mim de um jeito amigável. – Para se ver livre daqui o mais rápido possível. E se o senhor não tiver nenhuma grana, pergunte no Loitschek sobre Vóssatka, o preto. Todas as meninas me conhecem. Então, até mais, senhor conde. Foi um prazer.

Ele mal havia saído da cela quando o guarda empurrou um novo preso para dentro.

À primeira vista, reconheci nele o rapaz com quepe do soldado que estivera ao meu lado embaixo dos arcos do Beco do Galo, naquele dia de tempestade. Uma surpresa feliz! Será que ele sabia alguma coisa sobre Hillel, Zwakh e todos os outros?

Quis começar a interrogá-lo imediatamente, mas, para minha surpresa, ele levou o dedo à boca com um ar misterioso e gesticulou para eu ficar calado.

Somente quando a porta foi trancada do lado de fora e os passos do carcereiro desapareceram no corredor, ele voltou à vida.

Meu coração palpitava de emoção.

O que significava aquilo?

Ele me conhecia? E o que queria?

A primeira coisa que o rapaz fez foi sentar-se e tirar a bota esquerda.

Então puxou um pino do salto com os dentes, retirou uma pequena chapa de ferro dobrada da cavidade que existia ali, arrancou a sola do sapato, que, ao que parecia, estava presa frouxamente, e me entregou as duas coisas com uma expressão orgulhosa.

Tudo a toda velocidade e sem dar a mínima atenção às minhas perguntas alvoroçadas.

– Pronto! Saudações do sr. Charousek.

Fiquei tão atordoado que não consegui dizer uma palavra.

– Basta pegar a chapa de ferro e partir a sola durante a noite. Ou quando ninguém estiver olhando. É oca por dentro – disse o rapaz

com uma expressão de superioridade –, e o senhor vai encontrar aí uma carta do sr. Charousek.

Em um rompante de felicidade, pulei no pescoço do rapazola e as lágrimas escorreram de meus olhos.

Com todo o cuidado ele se afastou de mim e disse em tom reprovador:

– Precisa se controlar mais, sr. Pernath! Não tenho nem um minuto a perder. Pode até ser que descubram agora mesmo que estou na cela errada. O Franzl e eu trocamos os números lá embaixo, na portaria.

Devo ter feito uma expressão muito estúpida, pois o rapazola continuou:

– Se o senhor também não entendeu, não importa. Resumindo: estou aqui, e basta!

– Me diga – eu o interrompi –, me diga, senhor... senhor...

– Wenzel – me ajudou o rapaz –, eu me chamo Wenzel, o belo.

– Me conte, Wenzel, o que o arquivista Hillel está fazendo e como está a filha dele?

– Não há tempo para isso – interrompeu Wenzel, o belo, com impaciência. – Posso ser expulso daqui a qualquer momento. Quer dizer, estou aqui porque confessei um roubo a mais...

– O quê? O senhor, apenas em meu favor, para vir até mim, cometeu um roubo, Wenzel? – perguntei, abalado.

O rapaz fez que não com a cabeça, cheio de desdém:

– Se eu tivesse mesmo *cometido* um roubo, não teria *confessado* ao senhor. Por quem me toma?

Aos poucos, compreendi: o camarada corajoso precisou de um ardil para contrabandear a carta de Charousek para dentro da prisão.

– Então, para começar – ele tinha ares de extrema importância –, devo lhe dar lições de epilepsia.

– De quê?

– De epilepsia! Preste muita atenção e observe tudo com muito cuidado! Então olhe bem: primeiro junte muita saliva na boca – ele inflou as bochechas e as moveu de um lado para outro como se enxaguasse a boca. – Então deixa a espuma escorrer da boca – ele fez isso também, com uma naturalidade asquerosa. – Depois, torça os polegares dentro do punho. Então esbugalhe os olhos – ele mostrou como se fazia de um jeito horrível –, e em seguida... isso é um pouquinho difícil... solte gritos sufocados. Veja, deste jeito: Bã... bã... bã... e, ao mesmo tempo, caia no chão. – Ele se deixou despencar no chão de tal forma que as paredes tremeram e disse ao se levantar: – Essa é a epilepsia natural, como o dr. Hulbert aprendeu no “batalhão”.

– Sim, sim, a semelhança é espantosa – admiti –, mas para que serve isso tudo?

– Porque isso vai botar o senhor para fora da cela! – explicou Wenzel, o belo. – O dr. Rosenblatt é um charlatão! Mesmo que a cabeça tenha caído do pescoço de um camarada, o Rosenblatt sempre diz: o homem está vendendo saúde! Só tem muito respeito pela epilepsia. Se fizer bem, logo vai estar na cela dos doentes, lá adiante. E daí para a fuga é brincadeira de criança – ele ficou profundamente misterioso. – A grade da janela na cela dos doentes já está serrada, e qualquer um a derruba facilmente com um empurrão. É um segredo de batalhão! Tudo o que o senhor precisa fazer é ficar atento por algumas noites e, quando vir uma corda caindo do telhado na frente da janela, é só levantar a grade em silêncio para que ninguém acorde, encaixe os ombros no laço, e eu peço que puxem o senhor para cima até o telhado, e dali o senhor vai poder descer até as ruas. E pronto.

– Por que eu deveria fugir da prisão? – perguntei com timidez. – Sou inocente.

– Mas não existe motivo para não fugir! – retrucou Wenzel, o belo, e arregalou os olhos, espantado.

Tive de usar toda a minha eloquência para dissuadi-lo do esquema ousado que, segundo ele, era o resultado de uma decisão do “batalhão”, e para ele era incompreensível que eu rejeitasse “o presente de Deus” e preferisse esperar até ser libertado por conta própria.

– De qualquer forma, agradeço de todo o coração ao senhor e a seus bravos camaradas – disse eu, tocado, apertando sua mão. – Quando as dificuldades terminarem para mim, meu primeiro ato fora daqui será prestar toda a minha gratidão ao senhor.

– Não é necessário – comentou Wenzel amigavelmente. – Ficaremos agradecidos se o senhor pagar uns copos de cerveja, nada mais que isso. *Pan* Charousek, que hoje é o tesoureiro do batalhão, já nos disse que o senhor é um benfeitor secreto. Devo dar algum recado a ele quando eu voltar daqui a alguns dias?

– Sim, por favor – interrompi rapidamente –, peça que ele vá até Hillel e lhe diga que estou muito receoso com a saúde de sua filha, Mirjam. O sr. Hillel não deve tirar os olhos dela. O senhor vai se lembrar do nome? *Hillel!*

– Hirrel?

– Não: Hillel.

– Híller?

– Não: Hil-lel.

Wenzel quase deu um nó na língua com esse nome impossível para um tcheco, mas finalmente conseguiu em meio a caretas horríveis.

– E mais uma coisa: o sr. Charousek poderia... queria pedir gentilmente que ele... também cuidasse, na medida do possível, da “nobre senhora”... Ele já sabe de quem se trata.

– Provavelmente o senhor quer dizer a garota nobre que teve um caso com o *niemetz*^[9]... o alemão... o dr. Sapoli?... Não, ela se separou e está com a filha e o Sapoli.

– O senhor tem certeza?

Senti minha voz tremer. Por mais que eu estivesse feliz pelo bem de Angelina, ainda assim aquilo deixou meu coração apertado.

Quanta preocupação tive com ela e... fui esquecido.

Talvez ela pensasse que eu realmente era um ladrão assassino.

Um gosto amargo subiu-me pela garganta.

O rapaz pareceu adivinhar, com aquela sensibilidade que estranhamente tem o ser humano degenerado a todas as coisas que giram em torno do amor, pois desviou o olhar com timidez e não respondeu.

– Talvez o senhor tenha alguma notícia de como está a filha do sr. Hillel, a srta. Mirjam? O senhor a conhece? – perguntei com firmeza.

– Mirjam? Mirjam? – Wenzel estampou no rosto rugas pensativas. – Mirjam? Ela costuma ir ao Loitschek à noite?

Involuntariamente, tive de sorrir.

– Não. Certamente não.

– Então não a conheço – disse Wenzel secamente.

Ficamos em silêncio por um tempo. Esperava que houvesse algo sobre ela na cartinha.

De repente, Wenzel recomeçou a falar:

– Mas o senhor já ficou sabendo que o diabo carregou o Wassertrum?

Tive um sobressalto, horrorizado.

– Ah, sim – Wenzel apontou para a garganta. – *Zaac!* Eu lhe digo, foi um horror. Quando arrombaram a loja, pois ele não aparecia já fazia uns dias, claro que fui o primeiro a entrar, como não? E lá estava ele sentado, o Wassertrum, em uma poltrona imunda, o peito cheio de sangue e os olhos como se fossem de vidro. Sabe, sou um cara forte, mas senti tudo girar, estou dizendo para o senhor, parecia que eu ia desmaiar ali mesmo. Pouco a pouco fui dizendo para mim mesmo: Wenzel, falei para mim mesmo, Wenzel, não precisa ficar agitado, é só um judeu morto. Ele tinha

uma lima enfiada na garganta e a loja estava todinha revirada. Latrocínio, claro.

A lima! A lima! Senti minha respiração ficar gélida de horror. A lima! Então ela encontrou seu caminho!

– E eu sei também quem foi – continuou Wenzel depois de uma pausa. – Isso eu digo ao senhor: ninguém mais que o perebento do Loisa. Isso porque descobri o canivete dele no chão da loja e enfiei rapidinho no bolso para que a polícia não descobrisse. Entrou na loja por uma passagem subterrânea... – ele interrompeu sua fala com uma sacudidela, espreitou com atenção por alguns segundos, em seguida se jogou sobre o catre e começou a roncar de um jeito horrendo.

Momentos depois, o cadeado balançou, o carcereiro entrou e me olhou com desconfiança.

Fiz uma expressão impassível, e era impossível acordar Wenzel.

Somente depois de alguns chacoalhões ele se ergueu, bocejando, e saiu cambaleando de sono, seguido pelo carcereiro.

Febril de tanta tensão, desdobrei a carta de Charousek e comecei a ler:

12 de maio

Meu pobre e querido amigo e benfeitor!

Semana após semana, esperei que o senhor fosse finalmente libertado – em vão –, tentei todos os passos possíveis para coletar provas materiais em seu favor, mas não encontrei nenhuma.

Pedi ao juiz que acelerasse o processo, mas toda vez diziam que ele não podia fazer nada, pois a questão cabia ao promotor, não a ele.

Besteiras burocráticas!

No entanto, uma hora atrás, consegui algo com que espero ter mais sucesso: soube que Jaromir vendera a Wassertrum um relógio de bolso de ouro, que havia encontrado na cama de seu irmão Loisa depois de sua prisão.

No Loisitschek, onde, como o senhor sabe, os detetives transitam, há rumores de que o relógio do supostamente assassinado Zottmann – cujo cadáver ainda não foi descoberto – foi encontrado na casa do senhor como *corpus delicti*. Liguei os pontos sozinho quanto ao restante: Wassertrum *et cetera!*

Mandei buscar Jaromir imediatamente, dei-lhe mil florins...

Larguei a carta, e lágrimas de alegria escorreram de meus olhos: apenas Angelina poderia ter dado essa quantia a Charousek. Nem Zwakh, nem Prokop, tampouco Vrieslander tinham tanto dinheiro. Então ela não havia me esquecido! Continuei a leitura:

... mil florins e lhe prometi outros 2 mil se ele fosse comigo imediatamente à polícia e concordasse em confessar ter subtraído o relógio do irmão em casa e vendido.

Porém, tudo isso pode acontecer apenas quando esta carta estiver a caminho do senhor por meio de Wenzel. O tempo é curto demais.

Mas esteja certo de uma coisa: vai acontecer. Hoje ainda. Eu lhe garanto.

Não tenho dúvida de que Loisa cometeu o assassinato e que o relógio é de Zottmann.

Se, ao contrário das expectativas, isso não for suficiente, então Jaromir saberá o que deve fazer: de qualquer forma, ele se identificará como aquele que encontrou o relógio na casa do senhor.

Então aguarde e não se desespere! O dia em que o senhor terá liberdade talvez esteja muito próximo.

Será que, ainda assim, virá o dia em que nos reencontraremos?

Não sei.

Quase gostaria de dizer que não acredito, pois o fim se aproxima rapidamente para mim e preciso estar atento para que a última hora não me surpreenda.

Mas uma coisa é certa: nós nos veremos novamente.

Se não nesta vida nem quando mortos no além-vida, mas no dia em que o tempo ruir, no qual, como está na Bíblia, o Senhor vomitará aqueles que eram mornos, nem frios nem quentes. Não se surpreenda por eu falar dessa forma!

Nunca falei com o senhor sobre essas coisas e certa vez, quando o senhor tocou na palavra “cabala”, evitei falar ao senhor, mas eu sei o que sei.

Talvez o senhor entenda o que quero dizer e, se não, esqueça, peço que tire de sua lembrança o que eu disse. Uma vez, em meu delírio, acreditei ter visto um sinal em seu peito. Pode ser que eu tenha sonhado acordado.

Acreditei, se realmente não me entendeu, que eu tivesse certo conhecimento... interior! Quase desde a infância, o que me levou a um caminho estranho; conhecimentos que não coincidem com o que a medicina ensina ou, graças a Deus, ainda não sabe; espero que nunca saibam.

Mas não me deixei embotado pela ciência, cujo objetivo final é decorar uma “sala de espera” para que a destruam melhor.

Mas chega disso.

Prefiro contar o que aconteceu nesse meio-tempo: no fim de abril, Wassertrum estava no ponto para minha sugestão começar a funcionar.

Pude notar que ele gesticulava o tempo todo na rua, falando alto consigo mesmo.

Isso é um sinal claro de que os pensamentos de um homem estão em franca decadência até dar o bote em seu mestre.

Então ele comprou uma caderneta e tomou notas.

Escrevia!

Escrevia! Como eu me divirto! Ele escrevia!

E então foi até um tabelião. Lá embaixo, diante do prédio, eu sabia o que ele estava fazendo lá em cima: seu testamento.

Contudo, eu não tinha a menor ideia de que me faria seu herdeiro. Provavelmente teria feito a dança de São Vito de tanto prazer se tivesse me ocorrido.

Ele me fez seu herdeiro, pois sou o único na terra a quem ele ainda poderia compensar alguma coisa, como ele acreditava. A consciência o superou.

Talvez fosse também a esperança de que eu o abençoasse se, como resultado de sua generosidade, de repente eu me visse como um milionário e, assim, combater a maldição que teve de ouvir de minha boca no quarto do senhor.

Três vezes minha sugestão funcionou a contento.

Era extremamente hilário que ele acreditasse secretamente em uma retaliação na vida após a morte, considerando que se esforçara a vida inteira em dissuadir-se dessa ideia.

Mas é assim que acontece com todos os espertos; vê-se logo na raiva insana na qual embarcam quando se lhes diz na cara o que acontece. Sentem-se pegos no flagra.

Desde o momento em que Wassertrum foi ao tabelião, nunca mais tirei os olhos dele.

À noite, espreitava através das paredes de tábua de sua loja, pois a qualquer minuto podia tomar a decisão. Acho que teria ouvido o tão esperado som de estalo através das paredes se tivesse puxado a tampinha da garrafa de veneno.

Talvez faltasse apenas uma hora, e a obra de minha vida estaria terminada.

Então um intruso interveio e o matou. Com uma lima.

Permita que Wenzel lhe conte os detalhes, para mim será muito amargo ter de escrever tudo.

O senhor pode chamar de superstição, mas, da forma que vi esse sangue sendo vertido – as coisas da loja estavam manchadas com ele –, era como se sua alma tivesse fugido de mim.

Algo dentro de mim, um instinto afinado e infalível, me diz que não é a mesma coisa quando uma pessoa morre por mão alheia ou pela própria mão: minha missão só teria sido cumprida se o próprio Wassertrum tivesse levado seu sangue consigo para dentro da terra. Agora que as coisas saíram de outro jeito, me sinto um pária, uma ferramenta que foi considerada indigna na mão do Anjo da Morte.

Mas não quero me revoltar. Meu ódio é da cepa que vai além da sepultura e ainda tenho meu sangue que posso derramar, como eu quiser, para que possa perseguir o dele a todo momento no Reino das Sombras. Todos os dias, desde que enterraram Wassertrum, me sento ao lado dele no cemitério e ouço dentro do peito o que devo fazer.

Acho que já sei, mas ainda quero esperar até que a palavra interior que fala comigo se torne clara como água de uma fonte. Nós, seres humanos, somos impuros, e muitas vezes é necessário muito tempo de jejum e vigília para entender o sussurro de nossa alma.

Na semana passada fui oficialmente informado pelo tribunal que Wassertrum me designou como herdeiro universal.

Não preciso garantir ao senhor que não tocarei em 1 *kreuzer*^[10] dessa herança, sr. Pernath. Vou evitar dar para “ele” uma mãozinha lá do “outro lado”.

As casas que ele possuía vou mandar leiloar, os objetos que tocou serão queimados, e um terço do que resultar de dinheiro e outros valores será entregue ao senhor depois da minha morte. Imagino que agora o senhor tem um sobressalto e protesta, mas posso tranquilizá-lo.

O que o senhor receberá é de sua propriedade legítima com juro e juro sobre juro. Durante muito tempo eu soube que Wassertrum arruinara o seu pai e a sua família anos atrás – só que agora sou capaz de provar isso com documentos.

Um segundo terço será distribuído entre os doze membros do “batalhão”, que o dr. Hulbert conheceu pessoalmente. Quero que cada um deles fique rico e tenha acesso à “boa sociedade” de Praga.

O último terço pertencerá, em partes iguais, aos próximos sete ladrões e assassinos do país que precisam ser libertados por falta de provas suficientes.

Devo isso para a vexação pública.

Então isso seria tudo.

E agora, meu caro, caro amigo, fique bem e lembre-se às vezes de seu sincero e agradecido amigo,

Innocenz Charousek

Profundamente abalado, deixei a carta cair de minha mão. Nem sequer consegui ficar alegre com a notícia de minha libertação iminente.

Charousek! Coitado! Cuidou de meu destino como um irmão. Só porque uma vez lhe dei 100 florins. Se eu pudesse apertar sua mão apenas mais uma vez!

Eu senti: sim, ele tinha razão, o dia nunca chegaria.

Eu o vi diante de mim: seus olhos piscando, os ombros de tísico, a testa alta e nobre.

Talvez tudo tivesse sido diferente se uma mão útil tivesse intervindo a tempo nessa vida ressequida.

Li a carta mais uma vez.

Quanto método havia na loucura de Charousek! Será que ele era louco mesmo?

Fiquei quase com vergonha de ter tolerado esse pensamento por um momento sequer.

Suas alusões não contavam o suficiente? Ele era um ser como Hillel, como Mirjam, como eu mesmo; um ser sobre quem a própria alma ganhou poder, que ela impeliu através dos desfiladeiros e fendas selvagens da vida até o entorno nevado de uma terra intocada.

Ele, que havia passado a vida inteira pensando em assassinato, não era mais puro do que qualquer um daqueles que andavam gritando e fingindo obedecer aos mandamentos de um profeta mítico desconhecido?

Manteve o mandamento que lhe ditava um impulso descomunal sem sequer pensar em uma “recompensa”, aqui ou no além.

O que fizera era outra coisa senão o cumprimento de um dever mais piedoso do significado mais oculto da palavra?

“Covarde, enganoso, assassino, doente, uma natureza problemática, criminosa”: ouvi literalmente como deveria ser o julgamento da multidão sobre ele, se ela viesse iluminar com suas opacas lanternas de estábulo sua alma – aquela multidão que baba e que nunca, jamais entenderá que o venenoso cólquico é mil vezes mais bonito e nobre do que a útil cebolinha.

Mais uma vez a fechadura da porta se abriu, e ouvi como empurravam alguém para dentro.

Nem me virei de tão dominado que estava pela impressão da carta.

Não havia nela uma única palavra sobre Angelina, nada sobre Hillel.

Claro: a caligrafia de Charousek me revelou que ele devia estar com muita pressa.

Será que eu ainda receberia secretamente outra carta dele?

Esperei pelo dia seguinte, pela caminhada conjunta dos prisioneiros no pátio. Era a situação mais tranquila caso alguém do “batalhão” quisesse me entregar alguma coisa.

Uma voz suave me assustou, arrancando-me de minhas ruminções:

– Permitiria, meu senhor, que eu me apresentasse? Meu nome é Laponder. Amadeus Laponder.

Virei-me.

Um homem pequeno, esbelto, ainda bastante jovem, com roupas sofisticadas, apenas sem chapéu, como todos os prisioneiros em preventiva, fez uma mesura decente diante de mim.

Estava barbeado como um ator, e seus grandes olhos verdes e amendoados tinham a peculiaridade de que, por mais diretamente que estivessem direcionados a mim, não pareciam me enxergar. Havia algo como uma falta de atenção de sua parte.

Murmurei meu nome e me inclinei também, e quis me virar novamente, mas por um longo tempo não consegui dar as costas ao olhar do homem, tão estranho era seu sorriso, como um telhado de templo chinês, com as curvas dos lábios finos para cima estampadas o tempo todo no rosto.

Quase parecia uma estátua chinesa de Buda feita de quartzo rosa, com a pele transparente e sem rugas, o nariz de estreiteza feminina e narinas delicadas.

– Amadeus Laponder, Amadeus Laponder – repeti para mim mesmo.

O que ele pode ter feito?

Lua

– O senhor já passou pelo interrogatório? – perguntei depois de um tempo.

– Acabei de chegar de lá. Espero não ter de incomodá-lo aqui por muito tempo – respondeu o sr. Laponder de forma amável.

“Pobre-diabo”, pensei comigo mesmo, “ele não tem ideia do que espera um prisioneiro em prisão preventiva”.

Quis prepará-lo aos poucos:

– O senhor vai se acostumar paulatinamente a ficar sem fazer nada quando os primeiros e piores dias tiverem passado.

Olhou-me com uma expressão firme.

Fez uma pausa.

– O interrogatório demorou muito tempo, sr. Laponder?

Ele sorriu distraidamente:

– Não. Só me perguntaram se admitia a culpa e tive de assinar a confissão.

– O senhor assinou a confissão? – perguntei, sem me controlar.

– Obviamente.

Ele disse isso como fosse evidente.

Não pode ser nada muito ruim, justifiquei a mim mesmo, pois ele não demonstrava nenhuma emoção. Provavelmente um desafio de duelo ou algo semelhante.

– Infelizmente, estou aqui há tanto tempo que me parece uma vida inteira – suspirei involuntariamente, e de imediato ele mostrou uma expressão de simpatia. – Gostaria que o senhor não tivesse de me acompanhar, sr. Laponder. Afinal, vejo que em breve o senhor estará livre mais uma vez.

– Depende do que se chama livre – respondeu ele com calma, mas parecia ter um duplo sentido oculto.

– O senhor não acredita? – perguntei, sorrindo.

Ele fez que não com a cabeça.

– Como devo entender isso? O que o senhor fez de tão terrível? Desculpe, sr. Laponder, não é por curiosidade que pergunto, apenas por preocupação.

Ele hesitou por um momento, depois disse, sem pestanejar:

– Estupro e assassinato.

Senti como se ele tivesse me atingido com um porrete na cabeça.

Não consegui emitir nenhum som de desgosto e horror.

Ele pareceu notar e olhou discretamente para o lado, mas nem a menor expressão em seu rosto sorridente de autômato indicou que houvesse se magoado pela minha repentina mudança de comportamento.

Não dissemos nada e nos entreolhamos silenciosamente.

Quando a noite chegou e me deitei, ele logo seguiu meu exemplo, despiu-se, pendurou as roupas com cuidado no prego da parede, esticou-se e pareceu, por sua respiração tranquila e profunda, que acabou adormecendo imediatamente.

Não consegui me acalmar durante a noite toda.

A sensação constante de ter um monstro assim tão próximo e ter de respirar o mesmo ar que ele era tão terrível e inquietante para mim que as impressões do dia, a carta de Charousek e todas as novas experiências vividas em profundidade ficaram em segundo plano.

Deitei-me de tal forma que consegui ficar de olho no assassino, pois não poderia suportar saber que ele estava às minhas costas.

A cela estava fracamente iluminada pelo luar, e consegui ver que Laponder estava lá deitado imóvel, quase rígido.

Suas feições eram como as de um defunto, e a boca entreaberta aumentava essa impressão.

Não mudou de posição nenhuma vez por muitas horas.

Só depois da meia-noite, quando um fino raio de luar caiu sobre seu rosto, uma leve inquietação tomou conta dele, e ele moveu os lábios de maneira inaudível, como alguém que fala dormindo. Parecia ser sempre a mesma palavra, talvez uma frase de três sílabas como:

“Deixe-me. Deixe-me. Deixe-me.”

*

Os dias seguintes se passaram sem que eu o notasse, e ele também nunca rompeu o silêncio.

Como sempre, seu comportamento permaneceu bem amigável. Sempre que eu queria andar de um lado para outro, ele imediatamente olhava para mim, quando estava sentado na cama, e, com gentileza, retirava os pés para se manter fora do meu caminho.

Comecei a me culpar pela minha rispidez, mas não conseguia me livrar, mesmo que quisesse, do ódio que sentia por ele.

Por mais que eu esperasse me acostumar com a proximidade dele, era impossível.

Mesmo durante a noite eu me mantinha acordado. Mal dormia quinze minutos.

O mesmo processo era repetido escrupulosamente todas as noites: com todo o respeito, esperava que eu me esticasse, depois se despia, ajeitava as roupas de um jeito pedante, pendurava-as e assim por diante.

Certa noite – talvez por volta da segunda hora –, bêbado de sono pelo cansaço, subi de novo na bancada da parede, encarei a lua cheia, cujos raios refletiam como óleo cintilante sobre o mostrador de cobre do relógio da torre, e pensava, cheio de tristeza, em Mirjam.

Então, de repente, ouvi a voz dela suavemente atrás de mim.

Despertei de imediato, olhei ao redor e espreitei.

Um minuto passou.

Já estava pensando que havia me enganado, e a voz veio de novo. Eu não conseguia compreender as palavras exatamente, mas parecia:

“Pergunte-me. Pergunte-me.”

Definitivamente era a voz de Mirjam.

Trêmulo de emoção, desci o mais silenciosamente que pude e fui até a cama de Laponder.

A luz da lua brilhava em seu rosto, e eu podia ver claramente que suas pálpebras estavam abertas, mas apenas o branco dos globos oculares era visível.

Enxerguei, pela rigidez dos músculos da bochecha, que ele dormia profundamente.

Somente os lábios moviam-se como no outro dia.

E aos poucos entendi as palavras que vinham por trás de seus dentes:

“Pergunte-me. Pergunte-me.”

A voz tinha uma semelhança enganadora com a de Mirjam.

– Mirjam? Mirjam? – chamei involuntariamente, mas de pronto abafei o som para não acordar o homem que dormia.

Esperiei até que o rosto dele ficasse rígido de novo e repeti, baixinho:

– Mirjam? Mirjam?

Sua boca formava um som quase inaudível, mas ainda assim claro:

– Sim.

Aproximei minha orelha de seus lábios.

Depois de um tempo, ouvi a *voz de Mirjam* sussurrar de um jeito tão inconfundível que calafrios percorreram a minha pele.

Sorvi as palavras com tanto afã que só compreendi seu sentido. Ela falou de seu amor por mim e da indescritível felicidade por finalmente termos nos encontrado – e que nunca mais nos

separaríamos – às pressas, sem parar, como alguém que teme ser interrompido e quer aproveitar cada segundo.

Então a voz vacilou e, por um tempo, se extinguiu por completo.

– Mirjam? – perguntei, tremendo de medo e sem fôlego: –

Mirjam, você morreu?

Não veio resposta por um longo tempo.

Então, quase incompreensível:

– Não. Estou viva. Dormindo.

E nada mais.

Fiquei à espreita por um bom tempo.

Em vão.

E nada mais.

Com emoção e tremor, tive de me apoiar na borda do beliche para não cair sobre Laponder.

A semelhança era tão completa que, por um momento, pensei ter visto Mirjam diante de mim e tive de reunir todas as forças para não beijar os lábios do assassino.

– Enoque! Enoque! – De repente, ouvi-o num grito e, em seguida, de maneira cada vez mais clara e articulada: – Enoque! Enoque!

Imediatamente reconheci Hillel.

– É você, Hillel?

Sem resposta.

Lembrei-me de ter lido que não se devia direcionar perguntas aos ouvidos de pessoas que estejam dormindo para fazê-las falar, mas sim aos nervos da boca do estômago.

Foi o que fiz:

– Hillel?

– Sim, estou ouvindo!

– Mirjam está bem? Você sabe de tudo? – perguntei rapidamente.

– Sim. Eu sei de tudo. Já sabia faz muito tempo. Não se preocupe, Enoque, e não tenha medo!

– Você consegue me perdoar, Hillel?

– Eu lhe digo: não se preocupe.

– Vamos nos encontrar novamente em breve? – Tive medo de não conseguir mais compreender a resposta; até a última frase tinha sido apenas sussurrada.

– Espero que sim. Quero esperar... por você... se eu puder... então preciso ir... à terra...

– Aonde? Para qual terra? – Quase caí sobre Laponder. – Para qual terra? Qual terra?

– ... à terra... Gad... ao sul... Palestina...

A voz morreu.

Centenas de perguntas passaram por minha cabeça em confusão: por que me chama de Enoque? Zwakh, Jaromir, o relógio, Vrieslander, Angelina, *Charousek*.

– Adeus e lembre-se de mim às vezes – veio de repente alto e claro dos lábios do assassino. Dessa vez, a voz era de Charousek, mas a forma de pronunciar as palavras era minha.

Lembrei: era literalmente a frase final da carta de Charousek.

O rosto de Laponder já estava na escuridão. O luar caiu sobre a ponta de cima do saco de palha. Em quinze minutos, os raios teriam desaparecido da cela.

Fiz pergunta após pergunta, mas não obtive mais resposta: o assassino ficou imóvel como um cadáver e fechou as pálpebras.

Eu me culpei imensamente por ter visto todos esses dias em Laponder apenas o criminoso, e nunca o ser humano.

Segundo aquilo que havia acabado de vivenciar, ele era claramente um sonâmbulo, uma criatura que estava sob a influência da lua cheia.

Talvez tivesse cometido o estupro e o assassinato em uma espécie de estado crepuscular de consciência. Isso era até bem claro.

Nesse momento, quando a aurora se fez, a rigidez havia deixado seu rosto, dando lugar à expressão de paz abençoada.

É impossível um ser humano que tivesse um assassinato em sua consciência conseguir dormir de forma tão tranquila.

Eu estava ansioso pelo momento em que ele acordaria.

Será que ele sabia o que havia acontecido?

Por fim, ele abriu os olhos, encontrou meu olhar e se desviou dele.

Imediatamente me aproximei e tomei sua mão:

– Desculpe-me, sr. Laponder, por ter sido tão rude com o senhor até agora. Foi a falta de costume que...

– Saiba, meu senhor, que entendo perfeitamente – ele me interrompeu com vivacidade – que deve ser uma sensação terrível conviver com um estuprador assassino.

– Não fale mais sobre isso – pedi. – Tantas coisas passaram pela minha cabeça hoje à noite, e não consigo me livrar do pensamento de que o senhor talvez pudesse... – Eu estava procurando por palavras.

– O senhor acha que sou doente – ele me ajudou.

Confirmei:

– Acho que se pode depreender isso por certos sinais. Eu... eu... posso lhe fazer uma pergunta direta, sr. Laponder?

– Por favor.

– Parece um pouco estranho, mas... o senhor poderia me dizer com que sonhou hoje?

Ele fez que não com a cabeça com um sorriso:

– Eu nunca sonho.

– Mas o senhor falou durante o sono.

Ele ergueu os olhos, surpreso. Pensou por um tempo, então disse, determinado:

– Só pode ter acontecido se o senhor me perguntou alguma coisa.

Eu admiti ter perguntado.

– Porque, como eu disse, nunca sonho. Eu... perambulo – acrescentou após uma pausa.

– O senhor perambula? Como deveria entender isso?

Ele não parecia querer falar com todas as letras, e achei adequado contar-lhe as razões que me levaram a instá-lo, e expliquei, em termos gerais, o que havia acontecido à noite.

– O senhor pode confiar na exatidão de tudo o que eu disse enquanto dormia – disse ele com seriedade quando terminei. – Quando observei anteriormente que não sonho, mas “perambulo”, quero dizer que a vida dos meus sonhos é diferente do que é para... digamos... pessoas *normais*. Chame de saída do corpo, se quiser. Então, por exemplo, eu estava hoje à noite em um cômodo muito estranho cuja entrada se dava de baixo para cima por um alçapão.

– Como era? – perguntei rapidamente. – Estava desabitado? Vazio?

– Não, havia móveis nele, mas não muitos. E uma cama em que uma jovem estava dormindo... ou estava deitada como se estivesse morta... e um homem estava sentado ao lado dela com a mão pousada sobre a testa da moça. – Laponder descreveu os rostos dos dois. Sem dúvida, eram Hillel e Mirjam.

Eu quase não respirava de tanta tensão.

– Por favor, continue a contar. O que mais havia no cômodo?

– Mais alguém? Espere... Não, não havia mais ninguém no cômodo. Um castiçal de sete velas ardia sobre a mesa. Então desci uma escada em espiral.

– Ela estava quebrada? – interrompi.

– Quebrada? Não, não, ela estava em ordem. E ela se ramificava para uma câmara ao lado, na qual havia um homem com fivelas de prata nos sapatos e de um tipo estranho, como nunca vira antes: de pele amarelada e olhos puxados; ele estava inclinado para a frente e parecia esperar alguma coisa. Talvez um pedido.

– Um livro... o senhor viu um livro grande e velho em algum lugar? – questionei.

Ele esfregou a testa.

– Um livro, o senhor diz? Sim. Claro, havia um livro no chão. Estava aberto, era todo feito de pergaminho, e a página começava com um grande “A” dourado.

– Com um “I”, o senhor quer dizer?

– Não, com um “A”.

– O senhor tem certeza? Não era um “I”?

– Não, tenho certeza de que era um “A”.

Balancei a cabeça e comecei a duvidar. Obviamente, em minha imaginação, Laponder havia lido em meio ao sono e confundido tudo: Hillel, Mirjam, o Golem, o Livro de Ibbur e a passagem subterrânea.

– Faz muito tempo que o senhor tem o dom de “perambular”, como diz? – perguntei.

– Desde os meus 21 anos. – Ele fez uma pausa, parecia incomodado de falar sobre isso; de repente, seu rosto assumiu uma expressão de espanto sem limites, e ele olhou para meu peito como se visse algo ali.

Sem prestar atenção à minha surpresa, ele rapidamente agarrou minha mão e pediu, quase implorando:

– Pelo amor de Deus, me diga *tudo*. Hoje é o último dia que poderei passar com o senhor. Talvez venham me buscar em uma hora para eu ouvir minha sentença de morte...

Eu o interrompi, horrorizado:

– Então o senhor precisa me levar como testemunha! Vou jurar que o senhor está doente. O senhor é sonâmbulo. Não deve ser executado sem que se examine seu estado mental. Por isso, seja razoável!

Ele me interrompeu com nervosismo:

– Mas isso não tem importância. Por favor, me conte tudo!

– Mas o que devo dizer ao senhor? É melhor conversarmos sobre *o senhor* e...

– Agora eu sei que o senhor deve ter vivido coisas estranhas que me dizem respeito... Mais do que o senhor pode imaginar... Por

isso, eu peço, me conte tudo! – implorou ele.

Eu não podia aceitar que minha vida o interessasse mais que suas próprias questões, realmente mais urgentes. Para tranquilizá-lo, contei tudo de incompreensível que havia acontecido comigo.

Ele assentia com satisfação em cada parte, como alguém que enxerga uma questão a fundo.

Quando cheguei à parte em que a aparição sem cabeça estava diante de mim e me estendeu os grãos vermelhos e pretos, ele mal conseguia esperar para descobrir o que havia acontecido.

– Então o senhor arrancou os grãos da mão dele – murmurou ele, pensativo. – Nunca teria pensado que pudesse haver uma *terceira* via.

– Não existia uma terceira via – disse eu. – Daria no mesmo se eu tivesse rejeitado os grãos.

Ele sorriu.

– O senhor não acredita, sr. Lponder?

– Se o senhor os tivesse rejeitado, provavelmente teria seguido a “via da vida”, mas os grãos, que significam poderes mágicos, não seriam deixados para trás. Então eles rolaram no chão, como o senhor diz. Ou seja, ficaram aqui e são protegidos por seus ancestrais até o momento da germinação. Por isso, as forças que ainda estão adormecidas no senhor ganharão vida.

Não compreendi:

– Meus grãos estão protegidos por meus ancestrais?

– A experiência do senhor deve ser entendida, ao menos em parte, simbolicamente – respondeu Lponder. – O círculo das pessoas que irradiavam luz azul que estava ao redor era a corrente do “Eu” herdado, que todos que nasceram de uma mãe carregam consigo. A alma não é uma coisa “individual”... Deve se tornar, e é isso que chamam de “imortalidade”; sua alma ainda é composta por muitos “eus”, como uma colônia de formigas com muitas formigas; eles carregam os restos espirituais de muitos milhares de ancestrais: os chefes de sua linhagem. É assim com todos os seres.

Como poderia uma galinha, nascida artificialmente de um ovo, buscar imediatamente a comida certa se não houvesse milhões de anos de experiência nela? A presença do “instinto” revela a presença dos antepassados no corpo e na alma. Mas, perdoe-me, não pretendia interrompê-lo.

Terminei de contar. Tudo. Inclusive aquilo que Mirjam havia dito a respeito do “hermafrodita”.

Quando parei e ergui a cabeça, notei que Laponder havia ficado branco como a cal na parede, e lágrimas escorriam por suas bochechas.

Levantei-me rapidamente, fingindo não ter visto, e andei de um lado para outro na cela esperando que ele se acalmasse.

Em seguida, me sentei diante dele e ofereci toda a minha eloquência para convencê-lo de como seria urgentemente necessário apontar aos juízes seu estado mental doentio.

– Se ao menos o senhor não tivesse admitido o assassinato! – concluí.

– Mas precisei! Apelaram à minha consciência – disse ele com ingenuidade.

– O senhor acha que uma mentira é pior que... que estupro e assassinato? – questionei, espantado.

– Em geral, talvez não; mas no meu caso certamente. Veja: quando o juiz de instrução me perguntou se eu confessava, tive forças para dizer a verdade. Assim, foi minha escolha mentir ou não mentir. Quando cometi o estupro com assassinato... por favor, não me faça dar detalhes, pois foi tão horrível que eu não gostaria de trazer à tona essa lembrança... quando cometi o estupro com assassinato, *não* tive escolha. Mesmo se eu agisse com consciência perfeitamente clara, *ainda assim* não teria escolha: algo cuja existência eu nunca havia imaginado em mim despertou e foi mais forte que eu. Acha que se eu tivesse escolha, teria cometido esse assassinato? Nunca matei, nem mesmo o menor animal, e agora não teria a menor condição. Imagine se fosse uma lei humana

assassinar e, quem não matasse, teria morte certa, como ocorre na guerra; instantaneamente eu mereceria morrer. Porque não me restava escolha. Eu não conseguiria simplesmente matar. Quando cometi assassinato, as coisas estavam invertidas.

– Ainda mais assim, com o senhor se sentindo outra pessoa, vai precisar envidar todos os esforços para escapar da sentença do juiz!
– retorqui.

Laponder fez um gesto defensivo com a mão:

– O senhor está errado! De seu ponto de vista, os juízes estão totalmente corretos. Será que deveriam deixar alguém como eu andar por aí livremente? Para que amanhã ou depois aconteça mais uma tragédia?

– Não, mas o senhor deveria ser internado em um hospital psiquiátrico. É o que estou dizendo!

– Se eu fosse louco, o senhor teria razão – retrucou Laponder, imperturbável. – Mas não sou louco. Tenho uma coisa completamente diferente, que se parece muito com loucura, mas é exatamente o oposto. Por favor, ouça. O senhor vai me entender de imediato. O que o senhor me contou antes sobre o fantasma sem cabeça... um símbolo, é claro: esse fantasma, cuja chave o senhor poderá encontrar facilmente, se pensar sobre isso, uma vez aconteceu comigo do mesmo jeito. Só que eu *peguei* os grãos. Ou seja, segui o “caminho da morte”! Para mim, a coisa mais santa em que consigo pensar é deixar meus passos serem guiados pelo que há de espiritual em mim. Cego, confiante, aonde quer que o caminho me leve: seja à força ou ao trono, seja à pobreza ou à riqueza. Nunca hesitei quando a escolha estava em minhas mãos. Por isso, não menti quando a escolha estava em minhas mãos. O senhor conhece as palavras do profeta Miqueias? “Foi-te dito, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige de ti”? Se eu tivesse mentido, teria criado um motivo, porque tive escolha; quando cometi o assassinato, não criei nenhum motivo, apenas foi libertado o efeito de um *motivo* dormente, há muito existente dentro de mim, sobre o

qual não tenho mais nenhum poder. Então minhas mãos estão limpas. Porque o que há de espiritual em mim me tornou um assassino, realizou uma execução por mim; se as pessoas me levarem à forca, meu destino estará livre do delas. Chegarei à liberdade.

Senti que ele era um santo, e meus cabelos se arrepiaram de reverência diante de minha pequenez.

– O senhor me contou que há muito se esqueceu das lembranças de sua juventude por meio de uma intervenção hipnótica de um médico em sua consciência – continuou ele. – É a marca, o estigma, de todos aqueles mordidos pela serpente do reino espiritual. Quase parece que duas vidas precisam ser enxertadas, uma sobre a outra, como uma planta nobre sobre a árvore selvagem antes que o *milagre do avivamento* possa acontecer; o que em geral se separa pela morte acontece aqui pela extinção da lembrança... Às vezes, apenas por uma repentina inversão interna. Foi comigo que, aparentemente sem causa externa, em uma manhã do meu 21º aniversário, acordei como se tivesse mudado. As coisas de que eu gostava até aquele momento de repente me pareceram indiferentes: a vida me pareceu estúpida como uma história de índios e perdeu sua realidade; os sonhos se transformaram em certeza, uma certeza apodítica e conclusiva, o senhor entende bem: uma certeza *conclusiva demais, real demais*, e a vida do dia se tornou sonho.

“Todos os seres humanos poderiam fazer isso se tivessem a chave. E a chave está em única e exclusivamente se conscientizar, durante o sono, de sua ‘forma do eu’, por assim dizer, de sua *pele*, encontrar a fenda estreita através da qual a consciência penetra entre a vigília e o sono profundo. Por isso, eu disse antes: eu ‘perambulo’, e não ‘sonho’. A luta pela imortalidade é uma batalha pelo cetro contra os sons e fantasmas inerentes a nós; e esperar que se torne o rei do próprio eu é a espera do Messias.

“O fantasma Habal Garmin que o senhor viu, o ‘sopro dos ossos’ da cabala, era o rei. Quando é coroado, partem-se ao meio o cordão que liga o senhor ao mundo pelos sentidos e o canal da razão. O senhor me pergunta como aconteceu de eu, apesar da minha separação da vida, da noite para o dia me tornar um estuprador assassino. O homem é como um tubo de vidro pelo qual correm bolas coloridas: na maioria das vezes, apenas uma bola. Se a bola for vermelha, a pessoa é chamada de ‘má’. Se for amarela, a pessoa é ‘boa’. Se as duas correrem uma atrás da outra, uma vermelha e uma amarela, então a pessoa tem um caráter ‘instável’. Nós, os ‘mordidos pela serpente’, fazemos em uma vida o que acontece com toda a raça humana em uma era: as bolas coloridas correm sucessivamente pelo tubo de vidro e, quando chegam ao fim, então viramos profetas, nos tornamos o espelho de Deus.”

Laponder calou-se.

Durante muito tempo não consegui falar uma palavra. Seu discurso me atordoara.

– Por que antes o senhor me perguntou de forma tão ansiosa por *minhas* experiências, quando o senhor está muito, muito mais elevado que eu? – finalmente recomecei a falar.

– O senhor se engana – disse Laponder –, pois estou muito *abaixo* do senhor. Perguntei porque senti que o senhor tinha a chave que ainda me faltava.

– Eu? Uma chave? Ai, meu Deus!

– Sim, *o senhor!* E o senhor me deu essa chave. Não acho que exista uma pessoa mais feliz na terra hoje do que eu.

Lá de fora veio um barulho; as barras foram empurradas para trás – Laponder mal prestou atenção nele:

– A história do hermafrodita era a chave. Agora eu tenho a certeza. Só por esse motivo fico feliz por eles me buscarem, porque em breve chegarei ao meu objetivo.

Aos prantos, não consegui ver o rosto de Laponder, apenas *ouvi* o sorriso em sua voz.

– E agora, adeus, sr. Pernath, e pense: aquilo que amanhã vão enforcar são apenas as minhas roupas; o senhor me revelou o mais belo, a última coisa que eu ainda não sabia. Agora vamos ao casamento... – Ele se levantou e seguiu o carcereiro. – ... que tem uma relação estreita com o assassinato por motivos sexuais.

Foram as últimas palavras que ouvi, e as compreendi apenas vagamente.

*

Desde aquela noite, sempre que a lua cheia estava no céu, eu tinha a impressão de que podia ver o rosto adormecido de Laponder no lençol cinza do catre.

Nos dias seguintes, depois que ele foi levado, ouvi um som de martelos batendo e pessoas arrumando o pátio de execução, ruídos que duravam às vezes até o amanhecer.

Imaginei o que significava e mantive os ouvidos abertos de desespero por horas a fio.

Passaram-se meses. Vi como o verão desapareceu, o amarelecer das escassas folhagens do pátio; um sopro rançoso brotava das paredes.

Quando meu olhar, durante as caminhadas, se voltava para a árvore moribunda e a cúpula encravada da santa em sua casca, involuntariamente fazia uma comparação do quanto o rosto de Laponder havia se entranhado em mim. Eu o carregava constantemente em minha mente, o rosto de Buda com a pele sem rugas e o sorriso estranho e sempiterno.

Certa vez, em setembro, o juiz de instrução me convocou e, desconfiado, perguntou como eu poderia explicar o fato de ter dito no caixa do banco que precisava viajar com urgência, e por que eu ficara tão inquieto nas horas que antecederam minha prisão, enfiando todas as minhas joias nos bolsos.

Quando respondi que pretendia tirar minha vida, alguém soltou um resmungo por trás da escrivaninha.

Desde então, fiquei sozinho na minha cela e podia me concentrar em meus pensamentos, em minha tristeza por Charousek, que, como eu sentia, já devia estar morto, em Laponder e em meu desejo por Mirjam.

Então vieram novos prisioneiros: caixeiros-viajantes com rostos cansados, caixas bancários gorduchos, “órfãos”, como Vóssatka, o preto, os chamaria, e eles empestevam o ar e os humores.

Um dia, um deles se indignou com o fato de, algum tempo atrás, ter ocorrido um estupro com assassinato na cidade. Felizmente alguém teria pegado o agressor logo e seu processo correu depressa.

– Chamava-se Laponder, o canalha, o amaldiçoado – gritou um camarada com focinho de predador, condenado a catorze dias de prisão por maus-tratos a crianças. – Foi pego com a boca na botija. O lampião caiu na hora do ato, incendiando o quarto. O corpo da garotinha ficou tão carbonizado que até hoje não se sabe ao certo quem ela era. Tinha cabelo preto e um rostinho magro, é tudo o que se sabe. E o Laponder não disse o nome dela nem pela própria vida. Se fosse comigo, eu teria esfolado a pele dele e jogado pimenta em cima. Assim são os senhores da alta sociedade! Todos assassinos, todos eles. Como se não houvesse nenhum outro meio para se deitar com uma garota – acrescentou ele com um sorriso cínico.

A raiva ferveu em mim, e minha vontade era bater no sacripanta até ele ir ao chão.

Noite após noite, ele roncava na cama em que Laponder dormira. Respirei aliviado quando finalmente ele foi libertado.

Mas mesmo assim não me livraria dele tão fácil. Suas palavras perfuraram-me como uma flecha farpada.

Quase o tempo todo, principalmente na escuridão, me incomodava a terrível suspeita de que Mirjam poderia ter sido a

vítima de Laponder.

Quanto mais eu lutava contra essa suspeita, mais eu me envolvia com esse pensamento, até que se tornou uma ideia fixa.

Às vezes, especialmente quando a lua brilhava intensamente através das barras, tudo ficava melhor: eu conseguia dar vida às horas que passei com Laponder, e o sentimento profundo que tinha por ele espantava meu tormento, mas, com muita frequência, vinham minutos terríveis em que eu via Mirjam morta e carbonizada em meu pensamento e acreditava que perderia a razão de tanto pavor.

As pistas insuficientes que eu tinha para minha suspeita se condensavam em um todo coerente nesses momentos, em uma pintura cheia de detalhes indescritivelmente apavorantes.

No início de novembro, por volta das dez horas da noite, já estava escuro, e o desespero em mim havia atingido um nível tão alto que, para evitar gritar, mordi meu saco de palha como um animal sedento, quando o carcereiro abriu a cela de repente e me convocou para acompanhá-lo até o juiz de instrução. Eu me senti tão fraco que mais cambaleava que caminhava.

A esperança de sair daquele lugar terrível já tinha morrido havia muito tempo em mim.

Eu me preparei para receber novamente uma pergunta fria, ouvir os resmungos estereotipados por trás da mesa e depois voltar para a escuridão.

O barão Leisetreter já havia voltado para casa, e apenas um funcionário velho e corcunda com dedos de aranha estava na sala.

Atordoado, esperei para ver o que aconteceria comigo.

Ocorreu-me que o carcereiro havia entrado e piscado para mim, bem-humorado, mas eu estava arrasado demais para perceber o significado de tudo aquilo.

– A investigação demonstrou... – começou o escrivão, com uma risadinha, ao subir em uma poltrona para procurar por muito tempo em uma prateleira os documentos, antes de continuar: –

demonstrou que o Karl Zottmann em questão, antes de sua morte, por ocasião de um encontro secreto com a ex-prostituta Rosina Metzeles, na época apelidada de “ruiva Rosina”, mais tarde resgatada pelo cortador de silhuetas mudo, agora sob custódia policial, chamado Jaromir Kwáßnitschka, da vinhateria Kautsky, e que há alguns meses vive com Sua Alteza Sereníssima, o príncipe Ferri Athenstädt, em concubinato flagrante como preferida da majestade, por mão sorradeira fora atraído até um porão abandonado do edifício número *conscriptio* 21873, sob número romano III, no Beco do Galo, número corrente 7, ali encerrado e deixado à própria sorte até morrer de fome ou congelamento. O supracitado Zottmann – disse o escrivão, olhando por cima dos óculos e virando as páginas algumas vezes. – A investigação demonstrou ainda que o supracitado Karl Zottmann, aparentemente depois que o falecimento ocorreu, foi subtraído de todos os seus pertences, especialmente seu relógio de tampa dupla, que consta do subfascículo romano P, seção “Bäh” – o escrivão levantou o relógio pela corrente. – A declaração juramentada do cortador de silhuetas Jaromir Kwáßnitschka, órfão do padeiro de hóstias de mesmo nome, que morreu há dezessete anos: o relógio foi encontrado na cama de seu irmão Loisa, atualmente fugitivo, e alienado em troca do recebimento de valores monetários a Aaron Wassertrum, revendedor de bens de segunda mão e proprietário de diversos imóveis, nesse meio-tempo assassinado, o que não pôde ser anexado aos autos por falta de credibilidade. A investigação mostrou ainda que o corpo do supracitado Karl Zottmann carregava uma caderneta no bolso de trás no momento de sua descoberta, na qual supostamente constavam diversas anotações feitas alguns dias antes, esclarecedoras para os fatos e facilitadoras para a captura do assassino pelas autoridades reais e imperiais. Portanto, a atenção do Ministério Público, em virtude das últimas anotações de últimas vontades feitas por Zottmann, se voltou urgentemente ao suspeito Loisa Kwáßnitschka, atualmente fugitivo, e ordena assim a

suspensão da prisão preventiva de Athanasius Pernath, lapidador de pedras preciosas, até então sem antecedentes, e o encerramento do processo contra ele.

“Praga, assinado em julho pelo dr. barão Von Leisetreter.”

O chão parecia desabar sob meus pés, e perdi a consciência por um minuto.

Quando voltei a mim, estava sentado em uma cadeira, e o carcereiro batia levemente no meu ombro.

O escrivão continuou completamente calmo, fungou, assoou o nariz e me disse:

– A leitura da decisão demorou até hoje, pois o nome do senhor começa com a letra “P” e, naturalmente, só pode constar do fim do alfabeto. – Então ele continuou a leitura: – Além disso, Athanasius Pernath, lapidador de pedras preciosas, deve ser informado de que, de acordo com o decreto testamentário do estudante de medicina Innocenz Charousek, falecido em maio, herdou um terço de todos os bens deixados e, por isso, neste ato fica obrigado a assinar o presente instrumento.

Na última palavra, o escrivão mergulhou a pena no tinteiro e começou a rabiscar.

Como de costume, esperei que ele resmungasse, mas ele não o fez.

– Innocenz Charousek – murmurei, distraído.

O carcereiro inclinou-se sobre mim e sussurrou em meu ouvido:

– Ele esteve comigo pouco antes de sua morte, o dr. Charousek, e perguntou sobre o senhor. Pediu que eu enviasse ao senhor os melhores cumprimentos, mas, claro, eu não tinha permissão para fazê-lo à época. É estritamente proibido. Aliás, ele teve um fim terrível, o dr. Charousek. Tirou a própria vida. Foi encontrado morto, de bruços, sobre o túmulo de Aaron Wassertrum. Havia cavado dois buracos profundos na terra, cortou os pulsos e enfiou os braços nos buracos. Então sangrou até a morte. Provavelmente havia enlouquecido, o dr. Char...

O escrivão empurrou a cadeira para trás ruidosamente e me entregou a pena para assinar.

Em seguida, endireitou-se com orgulho e disse, no tom de seus superiores baronais:

– Guarda, leve este homem para fora daqui.

Como muito, muito tempo antes, o homem com sabre e ceroulas havia tirado seu moedor de café do colo; dessa vez, porém, ele não me inquiriu e me entregou minhas joias, a carteira com 10 florins, meu casaco e todo o resto.

Então eu estava na rua.

“Mirjam! Mirjam! Agora, finalmente, o reencontro se aproxima.”
Reprimi um grito da mais louca alegria.

Devia ser meia-noite. A lua cheia pairava opaca como uma placa de latão pálido por trás da névoa.

O asfalto estava coberto com uma camada dura de terra.

Cambaleei até uma carruagem de aluguel, que, na névoa, parecia um monstro antediluviano encolhido. Minhas pernas quase não aguentaram; eu havia esquecido como andar e tropecei com as plantas dos pés dormentes, como um doente da medula.

– Cocheiro, leve-me o mais rápido possível para o Beco do Galo, número 7! O senhor me entendeu? Beco do Galo 7.

Livre

Depois de alguns metros, a carruagem estacou.

– Beco do Galo, meu senhor?

– Sim, sim, mas depressa.

De novo a carruagem avançou um pouco. De novo ele parou.

– Pelo amor de Deus, o que houve?

– Beco do Galo, meu senhor?

– Sim, sim. Sim, isso mesmo.

– Não posso levar o senhor até o Beco do Galo!

– Por que não?

– O asfalto está arreventado para todo lado, os esgotos do Bairro Judeu estão sendo reparados.

– Então chegue o mais próximo que puder, mas agora rápido, por favor.

A carruagem deu um pinote e em seguida continuou mais tranquilamente.

Abaixei as janelas que caíam aos pedaços e inalei o ar noturno com avidez.

Tudo havia se tornado tão estranho para mim, tão incompreensivelmente novo: os prédios, as ruas, as lojas fechadas.

Um cachorro branco trotava sozinho e mal-humorado pela calçada molhada. Eu o acompanhei. Que estranho! Um cachorro! Tinha esquecido que havia cachorros. Alegre, gritei para ele como uma criança:

– Ora, ora! Como você pode ser tão rabugento?

O que diria Hillel?! E Mirjam?

Somente mais alguns minutos e eu estaria com eles. Não pararia de bater em sua porta até tirá-los da cama.

Agora tudo estava bem – toda a miséria daquele ano havia terminado! Seria um belo Natal!

Dessa vez eu não poderia dormir demais como da última vez.

Por um momento, o antigo horror voltou a me paralisar: as palavras do condenado com focinho de predador vieram à mente. O rosto queimado, o estupro com assassinato, mas não, não! Sacudi a cabeça com violência: não, não, não poderia, não poderia ser. Mirjam estava viva! Tinha ouvido a voz dela vindo da boca de Laponder.

Somente mais um minuto... meio minuto... e então...

A carruagem parou diante de uma pilha de entulho. Barricadas de pedras de calçamento em toda parte!

Lamparinas vermelhas queimavam sobre elas.

À luz das tochas, um exército de trabalhadores cavava.

Montes de escombros e pedaços de parede bloqueavam o caminho. Subi até lá, afundei até os joelhos.

Aquilo ali devia ser o Beco do Galo.

Com esforço, me orientei. Não havia nada além de ruínas ao redor.

O prédio onde eu morava não ficava bem ali?

A fachada estava derrubada.

Escalei um monte; lá embaixo, um corredor preto murado passava no lugar da antiga rua. Olhei para cima: como enormes favos de abelhas, os cômodos pendiam abertos para a rua, meio iluminados pela luz das tochas, meio iluminados pelo luar.

Lá em cima devia ser meu quarto, que reconheci pela pintura das paredes.

Apenas uma faixa dele havia restado.

E, ao lado dele, o ateliê de Savioli. De repente, senti meu coração completamente vazio. Que estranho! O ateliê! Angelina! Até agora, tudo havia ficado para trás, em um passado tão remoto!

Eu me virei: do apartamento onde Wassertrum morava não havia mais pedra sobre pedra. Tudo estava no chão: a loja do adeleiro, o apartamento no porão de Charousek... tudo, tudo.

“O homem avança como uma sombra”, me veio à mente uma frase que certa vez li em algum lugar.

Perguntei a um trabalhador se ele sabia onde estavam os moradores daquele prédio; se ele conhecia o arquivista Schemajah Hillel.

– Não falo alemão – foi a resposta.

Dei 1 florim ao homem, e logo ele começou a entender alemão, mas não conseguia me responder.

Tampouco nenhum de seus camaradas.

Talvez fosse o caso de saber alguma coisa no Loisitschek?

O Loisitschek estava fechado. Dizia-se que o lugar seria reformado.

Então o jeito seria acordar alguém na vizinhança! Não era possível!

– Nem gatos morando aqui – disse o trabalhador – porque proibido pelas autoridades. Por causa do tifo.

– E o Ungelt? Está aberto?

– Ungelt fechado.

– Certeza?

– Certeza!

Mencionei aleatoriamente alguns nomes de vendedores ambulantes e traficantes de tabaco que moravam nas cercanias; então os nomes Zwakh, Vrieslander, Prokop...

O homem fez que não com a cabeça.

– Talvez você conheça Jaromir Kwáßnitschka?

O trabalhador ouviu com atenção.

– Jaromir? Surdo-mudo?

Comemorei. Graças a Deus. Ao menos um conhecido.

– Sim, ele é surdo-mudo. Onde está morando?

– Que corta figura? De papelzinho preto?

– Isso. É ele mesmo. Onde posso encontrá-lo?

Da forma mais complicada possível, o homem descreveu o caminho até um café no centro da cidade e voltou a cavar com a pá.

Caminhei pelos campos de entulho por mais de uma hora, equilibrando-me sobre tábuas sacolejantes e rastejando embaixo das vigas que bloqueavam as ruas. O Bairro Judeu inteiro era um deserto de pedras, como se um terremoto tivesse destruído a cidade.

Sem fôlego de emoção, coberto de sujeira e com sapatos acabados, finalmente me vi fora do labirinto.

Depois de algumas fileiras de casas, estava diante da espelunca que buscava.

Café Chaos – dizia a placa sobre a entrada.

Um lugar pequeno e vazio, que mal tinha espaço para as poucas mesas que haviam sido encostadas nas paredes.

No meio dele, sobre um bilhar de três pernas, um garçom dormia e roncava.

Uma verdureira, com uma cesta de legumes à sua frente, estava sentada em um canto e meneava a cabeça sobre uma xícara de chá.

Por fim, o garçom se levantou e me perguntou o que eu queria. O olhar atrevido com o qual ele me examinou dos pés à cabeça me fez perceber o quanto eu devia parecer arrasado.

Olhei no espelho e fiquei horrorizado: um rosto estranho, exangue, enrugado, cinza como massa de vidraceiro, com uma barba desgrenhada e cabelos emaranhados e longos olhava para mim.

Perguntei se Jaromir, o cortador de silhuetas, não estaria ali, enquanto pedia uma xícara de café puro.

– Não sei por que ele ainda não está aqui – foi a resposta bocejada.

Então o garçom se deitou novamente sobre a mesa de bilhar e dormiu.

Peguei o jornal *Prage Tagblatt* da parede e aguardei.

As letras corriam como formigas pelas páginas, e eu não apreendi nenhuma palavra do que estava lendo.

As horas passaram e, por trás das janelas, já surgia o fatídico azul-escuro que indicava o amanhecer para um estabelecimento com iluminação a gás.

De vez em quando, dois policiais com plumas esverdeadas iridescentes nos quepes espiavam para dentro do local e seguiam a passo lento e pesado.

Três soldados de aparência maldormida entraram.

Um varredor de rua tomou uma aguardente.

Finalmente: Jaromir.

Havia mudado tanto que, a princípio, não o reconheci: olhos opacos, os dentes da frente haviam caído, o cabelo estava mais fino e havia depressões profundas atrás das orelhas.

Fiquei tão feliz por rever um rosto familiar depois de tanto tempo que me ergui de pronto, fui até ele e agarrei sua mão.

Ele se portou com timidez extrema e não parava de olhar em direção das portas. Por meio de todos os tipos de gestos, tentei fazê-lo entender que estava feliz por tê-lo encontrado. Por um bom tempo ele pareceu não acreditar.

Mas, a qualquer coisa que eu perguntasse, ele fazia com as mãos o mesmo gesto impotente de quem não estava compreendendo nada.

Como fazê-lo compreender?

Espere! Uma ideia!

Peguei um lápis e desenhei, um após o outro, os rostos de Zwakh, Vrieslander e Prokop.

– O quê? Não estão mais em Praga?

Brandiu o braço vigorosamente, em seguida imitou o gesto de quem contava dinheiro, fez os dedos marcharem sobre a mesa e depois bateu nas costas da mão. Adivinhei: os três provavelmente conseguiram dinheiro com Charousek e agora estão viajando pelo

mundo como uma companhia comercial com o teatro de bonecos ampliado.

– E Hillel? Onde ele está morando agora? – desenhei seu rosto, uma casa e um ponto de interrogação.

Jaromir não compreendeu o ponto de interrogação, pois não sabia ler, mas entendeu o que eu queria: pegou um fósforo, fingiu que o jogaria no ar e o fez desaparecer inteligentemente como um prestidigitador.

O que aquilo significava? Hillel também havia viajado?

Desenhei a Prefeitura Judaica.

O surdo-mudo fez que não violentamente com a cabeça.

– Hillel não está mais lá?

– Não! – (Negação com a cabeça.)

– Onde ele está?

De novo, a brincadeira com o fósforo.

– Ele quer dizer que o cavalheiro se foi e ninguém sabe para onde – interveio de forma professoral o varredor de rua, que vinha nos observando com interesse o tempo todo.

Meu coração apertou-se pelo horror: Hillel tinha ido embora! Agora eu estava sozinho no mundo. Os objetos na sala começaram a tremeluzir diante de meus olhos.

– E Mirjam?

Minha mão tremia tanto que não consegui desenhar o rosto dela durante um bom tempo.

– Mirjam também se foi?

– Sim. Também desapareceu. Sem deixar rastros.

Gemi alto, andando de um lado para outro do salão de tal forma que os três soldados se entreolharam, perplexos.

Jaromir quis me tranquilizar, tentando me dizer outra coisa: pousou a cabeça no braço como se estivesse dormindo.

Equilibrei-me segurando a mesa:

– Pelo amor de Jesus Cristo, Mirjam morreu?

Negação com a cabeça. Jaromir repetiu o gesto de dormir.

– Mirjam estava doente? – desenhei um frasco de remédio.

Negação com a cabeça. Jaromir descansou novamente a testa sobre o braço.

Veio a aurora, e uma chama de gás após a outra foram sendo apagadas. Ainda assim eu não conseguia adivinhar o que o gesto devia significar.

Desisti. Refleti sobre o gesto.

A única coisa que me restava a fazer era ir à Prefeitura Judaica de manhãzinha para perguntar aonde Hillel poderia ter ido com Mirjam.

Eu precisava ir atrás dele.

Sem dizer nada, me sentei ao lado de Jaromir. Surdo e mudo como ele.

Quando ergui os olhos, vi que estava recortando uma silhueta com uma tesoura.

Reconheci o perfil de Rosina. Ele deslizou o papel sobre a mesa até mim, pousou a mão sobre os olhos e chorou em silêncio. De repente, ele se levantou subitamente e saiu cambaleando pela porta sem se despedir.

*

Tudo o que souberam me dizer na Prefeitura Judaica é que, certo dia, o arquivista Schemajah Hillel se ausentou sem motivo e nunca mais voltou; de qualquer forma, devia ter levado a filha com ele, pois ninguém mais a vira desde essa época. Foi tudo o que consegui saber.

Nenhum vestígio do lugar aonde foram.

No banco, disseram que meu dinheiro ainda estava bloqueado por uma decisão judicial, mas que esperavam diariamente a liberação para que pudessem me pagar.

Do mesmo modo, também a herança de Charousek ainda precisava cumprir o caminho burocrático, e esperei com impaciência

ardente pelo dinheiro: estava decidido a empenhar tudo em minha busca por algum vestígio de Hillel e Mirjam.

*

Depois de ter vendido as últimas joias que ainda tinha no bolso, aluguei duas pequenas águas-furtadas mobiliadas na Rua da Escola Velha – a única via que havia escapado das obras de saneamento do Bairro Judeu.

Por uma estranha coincidência, era o mesmo prédio no qual, segundo a lenda, o Golem havia desaparecido uma vez.

Eu havia perguntado aos moradores – principalmente aos pequenos comerciantes ou artesãos – o que era verdade sobre o boato do “aposento sem acesso”, e eles riram de mim. Como se podia acreditar em tal absurdo!

Minhas experiências relacionadas a ele assumiram a palidez de uma imagem de sonho, desaparecida na prisão muito tempo antes, e eu via nelas apenas símbolos sem sangue e vida – riscadas de meu livro de lembranças.

As palavras de Laponder, que às vezes eu ouvia tão claramente dentro de mim, como se ele estivesse sentado na cela à minha frente, como se estivesse falando comigo, e confirmavam que eu devia ter olhado apenas para dentro de mim e visto interiormente coisas que antes me pareciam uma realidade tangível.

Tudo o que eu possuía antes não havia passado e desaparecido? O Livro de Ibbur, o fantástico jogo de *tarok*, Angelina e até meus velhos amigos Zwakh, Vrieslander e Prokop!

Era noite da véspera de Natal, e eu havia trazido uma pequena árvore com velas vermelhas para casa. Queria ser jovem novamente e ter o brilho das luzes ao meu redor e o cheiro de agulhas de pinheiro e cera queimando.

Antes que o ano chegasse ao fim, talvez eu estivesse em trânsito, procurando Hillel e Mirjam nas cidades, vilas ou aonde quer

meu íntimo me levasse.

Toda a impaciência e toda a espera aos poucos se acalmaram em mim, além de todo o medo de que Mirjam pudesse ter sido assassinada, e eu sabia, de coração, que acabaria encontrando os dois.

Havia um sorriso constante e feliz dentro de mim, e, quando punha a mão em algo, era como se a cura emanasse dela. A satisfação de um homem que volta para casa depois de uma longa viagem e vê as torres de sua cidade natal brilhando ao longe me invadia de uma maneira muito estranha.

Eu voltara ao pequeno café para convidar Jaromir a passar a noite de Natal comigo. Soube que nunca mais foi visto, e já estava saindo com tristeza quando um velho vendedor ambulante entrou e ofereceu pequenas antiguidades sem valor para vender.

Vasculhei em sua caixa todas as correntes de relógio, pequenos crucifixos, pentes e broches, quando notei um coração de pedra vermelha envolto em uma fita de seda desbotada na mão e o reconheci, cheio de espanto, como o presentinho que Angelina me dera quando ainda era uma garotinha, ao lado das fontes em seu castelo.

E de repente minha juventude estava diante de mim, como se eu estivesse olhando a fundo uma imagem infantil pintada dentro de uma caixa de surpresas.

Por um longo, longo tempo, fiquei ali, abalado, olhando para o pequeno coração vermelho na minha mão.

Sentei-me no meu sótão e ouvi o crepitar das agulhas do pinheiro quando, aqui e ali, um pequeno galho começava a incandescer sobre as velas de cera.

“Talvez, a esta hora, o velho Zwakh esteja apresentando seu ‘Natal das Marionetes’ em algum lugar do mundo”, pensei comigo mesmo, “e esteja declamando com voz misteriosa o verso de seu poeta favorito, Oscar Wiener”:

Onde está o coração de rubra pedra!
Ele pende de uma fita de seda.
Ó tu, que não entregas o coração;
Eu lhe era leal e o amava
E por sete anos servi com emoção
Por esse coração, e o amava!

De repente, me senti estranhamente alegre.
As velas haviam queimado até o fim. Apenas uma ainda
tremulava. A fumaça rodopiava no quarto.

Como se uma mão me puxasse, me virei de repente e:
Ali, na soleira, havia uma cópia de mim. Meu duplo.
De jaleco branco. Uma coroa na cabeça.
Apenas por um momento.

Então chamas irromperam pela madeira da porta, e uma nuvem
de fumaça quente e sufocante entrou porta adentro: incêndio no
prédio! Fogo! Fogo!

Abro a janela de uma vez. Escalo até o telhado.
De longe, o alarme estridente da brigada de incêndio já se
aproximava.

Capacetes reluzentes e gritos de comandos entrecortados.
Então a respiração fantasmagórica, rítmica e batida das bombas,
enquanto os demônios da água saltavam sobre seu inimigo mortal:
o fogo.

Vidros estalando e as chamas vermelhas voando de todas as
janelas.

Colchões são jogados no chão, a rua toda está cheia de gente,
as pessoas saltam do prédio, são carregadas, cheias de ferimentos.

Dentro de mim, porém, algo se anima com êxtase frenético que
não sei explicar. Sinto meus cabelos arrepiarem-se.

Corro até a chaminé para não ficar chamuscado, porque as
chamas estão me alcançando.

A corda de um limpador de chaminés está ali, enrolada.

Eu a desenrolo, prendo-a no pulso e na perna, como aprendi na
ginástica quando jovenzinho, e calmamente me deixo descer pela

fachada do prédio. Passo por uma janela.

Olho para dentro:

Tudo lá tem um brilho ofuscante.

E então eu vejo... então eu vejo... meu corpo todo transformou-se em um único grito de alegria:

– Hillel! Mirjam! Hillel!

Quero saltar nas grades da janela, estendo o braço para alcançá-las, perco o equilíbrio na corda.

Por um momento, fico pendurado de cabeça para baixo, as pernas cruzadas entre o céu e a terra.

A corda range com a tensão. As fibras esticam-se, estalando.

Eu caio.

Minha consciência se apaga.

Ainda durante a queda, tento agarrar o peitoril da janela, mas minha mão escorrega para longe. Não há apoio: a pedra é lisa.

Lisa como um pedaço de toucinho.

Fim

... como um pedaço de toucinho!

Essa é a pedra que parece um pedaço de toucinho.

As palavras ainda ecoam em meus ouvidos. Então me levanto e preciso lembrar onde estou.

Estou deitado na cama de um hotel.

Mas não me chamo Pernath.

Será que tudo isso foi apenas um sonho?

Não! Ninguém sonha dessa maneira.

Olho para o relógio: mal dormi uma hora. São três e meia da manhã.

E lá está o chapéu estranho que peguei hoje por engano na catedral de Hradschin, depois de assistir à missa.

Tem um nome dentro dele?

Pego-o e leio o nome estranho e ao mesmo tempo tão familiar em letras douradas sobre o forro de seda branca que o reveste:

ATHANASIUS PERNATH

Agora isso não vai me deixar mais em paz. Visto-me às pressas e desço correndo as escadas.

– Porteiro! Abra a porta! Vou dar um passeio.

– Aonde o senhor deseja ir?

– Ao Bairro Judeu. Ao Beco do Galo. Existe uma rua que se chama assim, certo?

– Claro, claro – sorri o porteiro com malícia –, mas aviso ao senhor que no Bairro Judeu não há muita coisa acontecendo. Tudo foi reconstruído lá.

- Não importa. Onde fica o Beco do Galo?
- O dedo grande do porteiro aponta para o mapa:
- Está aqui.
- E a taberna Zum Loisitschek?
- Está aqui.
- Pode me dar um pedaço grande de papel?
- Aqui está.

Embrulho o chapéu de Pernath. Estranho que ele é quase novo, perfeitamente limpo e, no entanto, tão frágil como se fosse antiquíssimo.

Enquanto caminho, reflito: tudo o que esse Athanasius Pernath viveu eu acompanhei em sonho, vi, ouvi, senti em *uma* noite, como se eu fosse ele.

No entanto, por que não sei o que ele viu no momento em que a corda arrebentou e ele gritou “Hillel, Hillel!”, olhando para dentro da janela gradeada?

Percebo que, naquele momento, ele se separou de mim.

Eu *preciso* encontrar esse tal Athanasius Pernath, ainda que eu tenha de caminhar por três dias e três noites.

*

Então este é o Beco do Galo?

Não se parece nada com aquele que vi em sonho! Todos os prédios são novos em folha.

Um minuto depois, estou sentado no Café Loisitschek. Um restaurante sem estilo algum e muito limpo.

Ao fundo, no entanto, havia um estrado com um corrimão de madeira; é inegável certa semelhança com o Loisitschek sonhado.

– O senhor gostaria de pedir? – pergunta a garçonete, uma garota rechonchuda literalmente enfiada em um fraque justo de seda vermelha.

– Um conhaque, senhorita... Obrigado. Hum... senhorita!

– Pois não?

– Quem é o dono da cafeteria?

– O senhor conselheiro comercial Loitschek. O prédio inteiro lhe pertence. Um homem rico muito elegante.

Ah, lembrei que era o sujeito com os dentes de porco na corrente do relógio! Uma ideia ótima que vai me orientar me ocorre:

– Senhorita!

– Pois não?

– Quando a ponte de pedra desmoronou?

– Faz 33 anos.

– Hum. Faz 33 anos! – Reflito: o ourives Pernath deve ter agora quase 90 anos. – Senhorita!

– Pois não?

– Não há ninguém aqui entre os clientes que possa se lembrar de como era o Bairro Judeu no passado? Sou escritor e tenho interesse em saber.

A garçonete pensa um pouco:

– Entre os clientes? Não. Mas espere um pouco: o sujeito que marca os pontos do bilhar que está ali, jogando carambola com um estudante... O senhor está vendo? Aquele com nariz adunco, o velho... ele sempre viveu aqui e vai poder contar tudo ao senhor. Devo chamá-lo quando terminar a jogada?

Eu segui o olhar da garota: um senhor esbelto, de cabelos brancos, está debruçado sobre a mesa de bilhar, passando giz no taco.

Um rosto envelhecido, mas estranhamente aristocrático. Ele me lembra alguma coisa, mas o quê?

– Senhorita, qual é o nome do marcador?

A garçonete apoia-se com os cotovelos na mesa enquanto está em pé, lambe a ponta de um lápis, escreve rapidamente seu nome inúmeras vezes no tampo de mármore de um jeito aleatório e, a cada vez, apaga com o dedo úmido. Entre um nome e outro, ela me lança olhares mais ou menos fogosos, na medida de suas

possibilidades. Claro que é indispensável o levantar simultâneo das sobancelhas, pois isso aumenta o fascínio do olhar.

– Senhorita, qual é o nome do marcador? – repito a pergunta. Olho para ela e percebo que ela preferiria ter ouvido: “Senhorita, por que não usa apenas esse casaco e nada mais?”, ou algo semelhante, mas não pergunto; meu sonho ocupa demais minha cabeça.

– Bem, como é o nome dele? – Ela faz um beicinho. – Ele se chama Ferri. Ferri Athenstädt.

– Ora, ora, Ferri Athenstädt! – Hum... de novo um velho conhecido. – Então, senhorita, me conte tudo, tudo o que sabe dele – peço com suavidade, me fortalecendo imediatamente com mais um conhaque. – A senhorita fala de um jeito encantador.

(Sinto nojo de mim mesmo.)

Ela inclina-se misteriosamente para perto de mim até que seus cabelos me façam cócegas e sussurra:

– No passado, Ferri era um belo dum espertinho. Dizem que era de uma família nobre das antigas... Claro que é apenas um boato, pois nem é uma figura carimbada... e já teve uma dinheirama. Uma judia ruiva que, desde a juventude, nunca prestou – ela escreveu de novo seu nome algumas vezes com rapidez – o deixou com uma mão na frente e a outra atrás. Claro que estou falando de dinheiro. Então, como não tinha mais dinheiro, ela se mandou e acabou casando-se com um senhor de alta classe... com o... – e ela sussurra no meu ouvido o nome dele, que não entendo. – O senhor de alta classe, claro, teve de renunciar a todas as honras e, a partir daí, só podia ser chamado de Cavaleiro de Dämmerich. Pois bem. Mas, como ela antes já não prestava, ele não conseguiu limpar o nome dela. Eu sempre digo...

– Fritzi! A conta! – grita alguém lá do estrado.

Deixei meus olhos vagarem pelo local, quando de repente ouço um chilrear metálico suave atrás de mim, como se fosse de um grilo.

Curioso, me viro. Não acredito no que meus olhos veem: o rosto virado para a parede, velho como Matusalém, uma caixinha de música tão pequena quanto um maço de cigarros, as mãos esqueléticas trêmulas, ensimesmado – *o cego ancião Nephtali Schaffranek* está ali sentado no canto, girando uma manivela minúscula.

Vou até ele.

Em um sussurro, confuso, ele canta:

Dona Pick,
Dona Hock.
E estrela vermelha, azul
não param de falar.
De dinheiro, de cigarro e de dominar
a língua dos gatunos.

– O senhor sabe o nome daquele velho? – pergunto a um garçom que passa.

– Não, senhor, ninguém o conhece nem sabe seu nome. Ele mesmo esqueceu. Está sozinho no mundo. Ora, ele tem uns 110 anos! Toda noite recebe de nós o conhecido café da caridade.

Eu me inclino sobre o velho e grito uma palavra em seu ouvido:

– Schaffranek!

A palavra atinge-o como um raio. Ele murmura alguma coisa e, pensativo, acaricia a testa.

– Está me ouvindo, sr. Schaffranek?

Ele assente com a cabeça.

– Preste bem atenção! Gostaria de lhe perguntar uma coisa sobre os velhos tempos. Se me responder tudo direito, receberá o florim que deixei sobre a mesa.

– Florim – repete o velho, e imediatamente começa a girar como um louco a manivela de sua caixinha de música chilreante.

Seguro a mão dele:

– Pense direito! O senhor não conheceu, há mais ou menos 33 anos, um ourives chamado Pernath?

– Hadrbolletz! O calceiro! – balbucia ele, asmático, e abre um sorriso largo, como se eu tivesse lhe contado uma piada divertida.

– Não, Hadrbolletz não: *Pernath!*

– Pereles?! – comemora ele de verdade.

– Não, nem Pereles. *Per-nath!*

– Pascheles?!? – crocita ele, cheio de alegria.

Decepcionado, desisto da minha tentativa.

*

– O senhor queria falar comigo? – O marcador Ferri Athenstädt para na minha frente e se inclina com frieza.

– Sim, isso mesmo. Podemos jogar uma partida de bilhar.

– O senhor joga a dinheiro? Posso dar ao senhor de noventa a cem de vantagem.

– Muito bem: 1 florim. Pode começar, marcador.

Sua Alteza Sereníssima pega o taco, mira, erra, faz uma cara de raiva. Conheço esta tática: ele me deixa chegar aos 99 e então termina tudo em *uma* tacada.

Fico ainda mais curioso. Vou direto ao ponto:

– O senhor se lembra, marcador, que há muito tempo, nos anos em que a ponte de pedra desabou, no antigo Bairro Judeu, de ter conhecido *um certo... Athanasius Pernath?*

Um homem de jaqueta de lona de listras vermelhas e brancas, vesgo e com pequenos brincos de ouro, sentado num banco recostado à parede e lendo um jornal, levanta-se, olha para mim e se benze, fazendo o sinal da cruz.

– Pernath? Pernath? – repete o marcador, fazendo esforço para se lembrar. – Pernath? Ele não era alto, magro? Cabelo castanho, barbicha curta e grisalha?

– Isso. Exatamente.

– Mais ou menos com 40 anos naquela época? Ele parecia... – Sua Alteza Sereníssima de repente me olha, surpreso. – O senhor é

parente dele?

O vesgo benze-se.

– Eu? Parente? Que ideia engraçada. Só estou interessado nele. O senhor sabe de mais alguma coisa? – perguntei com tranquilidade, mas senti que meu coração estava gélido.

Ferri Athenstädt volta a refletir.

– Se não me engano, à época ele estava louco. Certa vez, disse que seu nome era... espere... sim, Laponder! E, então, de novo começou a se apresentar como um tal de... Charousek.

– Nada disso é verdade! – intervém o vesgo. – Charousek existiu de verdade. Meu pai herdou vários milhares de florins dele.

– Quem é esse homem? – pergunto baixinho ao marcador do bilhar.

– Ele é um barqueiro chamado Tschamrda. Quanto a Pernath, só me lembro, ou pelo menos acredito que lembro que, já mais velho, ele se casou com uma judia muito bonita de pele morena.

– Mirjam! – digo a mim mesmo e fico tão entusiasmado que minhas mãos tremem e não consigo continuar o jogo.

O barqueiro faz o sinal da cruz.

– Ora, o que há com o senhor hoje, sr. Tschamrda? – pergunta o atendente, espantado.

– Impossível que Pernath tenha vivido – grita o vesgo. – Eu não acredito que tenha.

Imediatamente sirvo um conhaque ao homem para deixá-lo mais tagarela.

– Até existem pessoas que dizem que Pernath ainda está vivo. – O barqueiro finalmente solta a língua. – Pelo que ouvi dizer, ele é ourives e vive no Hradschin.

– Onde no Hradschin?

O barqueiro benze-se:

– É isso aí! Ele vive onde nenhuma pessoa viva pode morar: *próximo da muralha no último lampião.*

– Conhece a casa dele, senhor... senhor... Tschamrda?

– Por nada no mundo eu gostaria de ir até lá! – protesta o vesgo.
– Quem o senhor pensa que sou? Jesus, Maria, José!
– Mas poderia ao menos me mostrar o caminho de longe, sr. Tschamrda?
– Isso sim – murmura o barqueiro. – Se o senhor quiser esperar até as seis da manhã, é a hora em que desço para o Vltava. Mas eu lhe dou um conselho! O senhor vai despencar na trincheira dos cervos e quebrar o pescoço e os ossos! Santa Mãe de Deus!

*

Seguimos juntos pela manhã com o vento fresco soprando do rio. Mal sinto o chão sob meus pés, tamanha a expectativa.

De repente, a casa na Rua da Escola Velha surge diante de mim.

Reconheço cada janela: a calha inclinada, o gesso, os peitoris de pedra brilhantes e escorregadios – tudo, tudo!

– Quando esse prédio pegou fogo? – pergunto ao vesgo. A tensão é tanta que sinto um zumbido nos ouvidos.

– Pegou fogo? Nunca, jamais!

– Pegou! Tenho certeza.

– Não.

– Mas eu sei que pegou! O senhor quer apostar?

– Quanto?

– Um florim.

– Fechado! – E Tschamrda chamou o zelador. – Esse prédio alguma vez foi incendiado?

– E por que deveria? – o homem ri. Não consigo acreditar. – Já faz setenta anos que moro aqui – garante o zelador –, eu realmente saberia.

Que estranho, que estranho!

*

O barqueiro me leva com remadas enérgicas em sua barça, que consiste em oito pranchas não lixadas, até o outro lado do Rio Vltava. A água amarela espuma contra a madeira. Os telhados de Hradschin brilham vermelhos ao sol da manhã. Um sentimento indescritivelmente alegre toma conta de mim. Um sentimento que alvorece com suavidade, como se vindo de uma existência anterior, como se o mundo ao redor tivesse me encantado – um reconhecimento onírico, como se às vezes eu vivesse em vários lugares ao mesmo tempo.

Desço da barça.

– Quanto lhe devo, sr. Tschamrda?

– Um *kreuzer*. Se o senhor tivesse me ajudado a remar, teria custado dois.

*

Perambulo pelo mesmo caminho que percorri hoje à noite durante o sono: a pequena e solitária escada do castelo. Meu coração palpita e, de antemão, eu já sei: agora vai passar a árvore desfolhada cujos galhos se estendem por cima do muro.

Não: ela está coalhada de flores brancas.

O ar está saturado do doce aroma dos lilases.

A meus pés, à primeira luz do dia, a cidade se estende como uma visão da terra prometida.

Sem ruídos. Apenas perfume e brilho.

Com olhos fechados, eu poderia estar no pequeno e curioso Beco dos Alquimistas, de tão familiar que me é a cada passo.

No entanto, onde a treliça de madeira ficava diante da casa branca cintilante agora fica uma grade dourada, magnífica e abaulada fechando o beco.

Dois teixos crescem dos arbustos baixos em flor e flanqueiam o portal da muralha que corre ao longo da grade.

Estico-me para olhar por cima dos arbustos e fico ofuscado pelo novo esplendor: o muro do jardim está completamente coberto por um mosaico. Azul-turquesa com afrescos dourados especialmente discretos, representando o culto ao deus egípcio Osíris.

O portão duplo é o próprio deus: um hermafrodita com duas metades que formam o portão – feminino à direita, masculino à esquerda. Está sentado em um precioso trono plano de madrepérola – em médio-relevo – e sua cabeça dourada é a de uma lebre. As orelhas estão erguidas e tão juntas uma da outra que parecem as páginas de um livro aberto. Há um cheiro de orvalho, e a fragrância do jacinto sopra por sobre o muro. Durante muito tempo fico ali, petrificado e maravilhado.

Sinto como se um mundo estranho estivesse se abrindo diante de mim, e um velho jardineiro ou criado com sapatos de fivelas prateadas e casaco com um corte esquisito chega à minha esquerda, por trás da grade, e me pergunta por entre as barras o que eu desejava.

Em silêncio, estendo para ele o chapéu embrulhado de Athanasius Pernath.

Ele apanha o embrulho e passa pelo portão duplo.

Quando o portão se abre, vejo por trás dele uma casa de mármore, semelhante a um templo, e sobre seus degraus:

ATHANASIVS PERNATH

E, recostada a ele:

MIRJAM.

Os dois estão olhando para a cidade.

Por um momento, Mirjam se vira, olha para mim, sorri e sussurra algo para Athanasius Pernath.

Fico encantado com sua beleza.

Está tão jovem quanto quando a vi em um sonho à noite.

Athanasius Pernath vira-se lentamente para mim, e meu coração estaca: sinto como se me olhasse no espelho tamanha a semelhança entre nossos rostos.

Então as folhas do portão se fecham, e eu reconheço apenas o hermafrodita cintilante.

O velho criado entrega-me meu chapéu e sua voz parece vir das profundezas da terra:

“O SR. ATHANASIVS PERNATH AGRADECE MUITO E PEDE QUE NÃO O CONSIDERE INDELICADO POR NÃO CONVIDÁ-LO A ENTRAR NOS JARDINS, MAS É UMA LEI RIGOROSA DA CASA DESDE TEMPOS IMEMORIAIS. DEVO INFORMAR QUE ELE NÃO USOU O CHAPÉU DO SENHOR, POIS PERCEBEU DE IMEDIATO A TROCA. ELE ESPERA APENAS QUE O CHAPÉU DELE NÃO TENHA CAUSADO AO SENHOR NENHUMA DOR DE CABEÇA”.